



SARAH HENNING

THE SEA WITCH

Before she took the mermaid's voice,
she gave up her own heart.



AVISOS

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs, páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras, digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

**NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?
LEIA NO IDIOMA ORIGINAL.**

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Queens of Shadows (QOS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

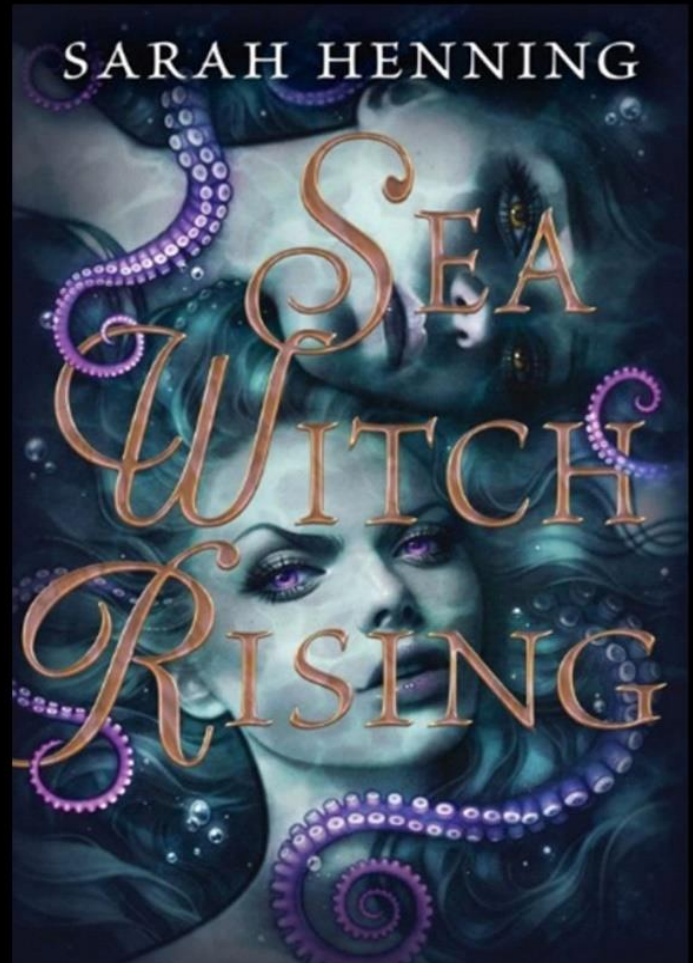
Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo QUEENS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo QUEENS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



Distribuído ✓

Próximo Lançamento:



Moderadoras

*Lilly Draconi, Meghan Williams
Kamylee Bennett & Kendra Blu Notte*

Staff

Tradução

Kendra Blu Notte

Revisão Inicial

Kendra Blu Notte

Revisão Final

Mara

Leitura Final

G. Herondale

Formatação

Kendra Blu Notte

Disponibilização

Equipe Queens of Shadows Fantasy

Sinopse



Todo mundo sabe o que acontece no final. Uma sereia, um príncipe, um beijo do amor verdadeiro. Mas antes do conto da jovem sereia, havia três amigos: Uma temida, um nobre, e outra já morta.

Desde que sua melhor amiga, Anna, se afogou, Evie tem sido uma pária em sua pequena cidade de pescadores. Uma maldição. Uma bruxa.

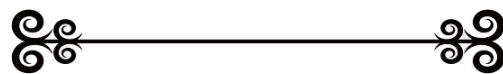
Uma menina com uma estranha semelhança com Anna aparece no mar e, embora a garota negue, Evie está convencida de que sua melhor amiga realmente sobreviveu. Que sua própria magia não era tão impotente depois de tudo. E, enquanto as duas garotas captam os olhos - e os corações - de dois príncipes charmosos, Evie acredita que ela poderia finalmente ter uma chance de viver seu feliz para sempre.

Mas a nova amiga dela tem segredos próprios. Ela não pode ficar em Havnestad, ou em duas pernas, a menos que Evie encontre uma maneira de ajudá-la. Agora Evie fará qualquer coisa para salvar a humanidade de sua amiga, junto com o coração de seu príncipe - aproveitando o poder de sua magia, seu oceano e seu amor até descobrir, tarde demais, a verdade de sua barganha.



Eu tenho espuma em minhas veias, eu entendo a linguagem das
ondas.

- Jean Cocteau, *Le Testament d'Orphée*



Prólogo



Dois pequenos pares de botas ecoaram nos paralelepípedos escuros ao entardecer - um par andando, o outro aos tropeços. Uma menina loira, com menos de cinco anos, arrastou uma garota de cabelos negros um centímetro mais alta e um ano mais velha pela praia em direção a um pequeno chalé.

Os pulmões da garota de cabelos escuros estavam cuspidos, cada um inalando uma falha.

Ela estava se afogando em terra seca.

Quando a casa apareceu, a menina loira abriu a boca para gritar por socorro, mas antes que qualquer som pudesse sair, a mãe da outra garota irrompeu pela porta. Como ela sabia o que tinha acontecido? Ela sempre parecia saber o que elas tinham feito.

- Evie! - A mãe chorou, embalando sua filha em seu peito e correndo em direção ao chalé. - Anna. — Disse ela para a pequena loira, que estava ofegante de levar sua amiga até agora.

— Busque o médico real.

— Mas...

— Vai!

A garota não protestou novamente, botas finas batendo contra o chão enquanto ela recuperava a velocidade.

Quando sua mãe fechou a porta da cabana atrás deles, a menina de cabeça de corvo sabia que o remédio do médico não a curaria.

Apenas uma coisa.

— Gianni! — A mãe chamou, e o pai da garota colocou a cabeça para fora do quarto, o rosto frouxo com o sono que ele não tinha tido em sua última viagem de caça as baleias.

— Evie... que —

— Uma costela quebrada. Talvez um pulmão perfurado. — Ela colocou a menina em sua cama e rasgou o corpete da menina até o umbigo. Sangue sob a pele mostrava um pretume através da extensão das costelas da menina, fissuras como teias de aranha cruzadas da espinha ao esterno. A mãe tentou ler os olhos escuros da filha.

— O que aconteceu?

A garota lambeu os lábios antes de inalar apenas o ar suficiente para falar.

— Eu salvei Nik.

Isso era verdade. E a garotinha estava orgulhosa. Ousava sorrir, apesar da dor.

Eles passaram a manhã juntos — a loira, a garota de cabelos negros, e o garoto correndo pelas ondas, escalando pedras, dançando na areia. Mas então a tarde chegou, e chegou a hora de eles se separarem. O menino retornou ao seu castelo, as meninas para casa — a mais nova em sua mansão: dez vezes o tamanho da pequena cabana da outra garota.

Travessos e queimados pelo sol, eles correram em protesto, o garoto liderando o caminho, segurando as mãos das garotas enquanto corriam pelas rochas de pedra que levavam à enseada. Eles riram e gritaram enquanto saltavam de rocha em rocha, o guarda do menino os repreendendo da costa.

Mas uma pedra estava escorregadia de musgo. O menino escorregou — caindo para trás, a base do crânio apontada diretamente para uma curva de pedra sólida.

Em um piscar de olhos, a menina fez sua escolha.

Ela jogou seu corpo entre o menino e a borda irregular da rocha. Suas costas tomaram o golpe com uma enorme rachadura. Sua cabeça estalou para trás, seu crânio perdendo o impacto por um fio de cabelo. Assim que ela bateu, a cabeça do garoto saltou sobre o algodão de seu corpete em vez de se chocar contra a rocha.

Foi uma coisa mágica que ela fez a tempo.

Eles foram pegos então. O guarda do garoto puxou — os de volta para a praia e disse a eles em tom severo que nunca mais fizessem isso. Então o velho levou o menino embora sem se despedir, deixando as meninas na areia.

Quando se voltaram para casa, a garotinha de cabelos negros tropeçou, o choque se dissipou e a dor começou. Irradiava pelas costas, ao redor das costelas, até a frente do vestido. Ela não conseguia recuperar o fôlego, cada inalação parando brevemente. A loirinha disse que levaria a amiga para casa, mas quando chegaram à rota do mar, a menina de cabeça de corvo não conseguia ficar de pé, todo o seu peso nos ombros da loira.

— Oh, Evie. — Disse a mãe da menina. Como se ela tivesse visto tudo. Imediatamente, ela enviou o marido para suas garrafas. Tintas dela. — Não aquela. Esta. — Ela colocou a menina em sua cama e acendeu um fogo com um estalo de seus dedos.

E tentou todos os feitiços de cura que ela conhecia.

Levou apenas alguns segundos para saber que nenhum deles funcionaria. A respiração da garota desapareceu até que não era quase nada.

A mãe chorou, desejando a irmã — a bruxa mais forte. Curandeira dos reis, revivendo aqueles no poder, que fecham os olhos para a magia quando suas vidas dependem disso, mas banem quando isso não acontece.

Ela era a razão pela qual o médico poderia chegar — embora ele fosse tarde demais. Como Hansa, a um dia de distância, curava ainda outro nobre.

O pai da garota pressionou a mão no ombro da esposa e enxugou as lágrimas. Então ele apertou a mão da filha, já ficando fria, sua circulação falhando.

— Eu vou buscar o ministro.

— Ainda não. — Disse a mãe, determinação em sua voz. A mãe da menina estava na beira da cama, os ombros agora empertigados, a voz calma e direta. — Há mais um feitiço que posso tentar.

Com dedos gentis, pintou tinta de polvo nas bochechas da menina, no pescoço e no peito. Então sua mãe colocou as mãos suavemente sobre o peito da menina.

— Não se preocupe, Evie.

As palavras que ela disse em seguida eram velhas e sombrias, e a menininha não as entendia. Elas fizeram o sangue dela crepitar como o fogo do outro lado da sala. Roubando o ar da cabana. Fez a mãe tremer violentamente, enquanto segurava as mãos na pele da filha.

A garotinha não podia fazer nada além de observar sua mãe, suas veias cantando. Logo, as palmas de sua mãe em sua pele ficaram mais do que úmidas. Elas começaram a queimar.

E então a dor parou. O ar entrou nos pulmões da menina e seu peito se elevou. Ela exalou, longa e profundamente.

Com isso a mãe da garota sorriu — pouco antes de seu próprio corpo começar a se agarrar, seus olhos revirando em sua cabeça.

Era demais. O peito da mãe se comprimiu, um longo suspiro escapando — mas sem inalar o seguinte.

— Greta! Greta! — O pai da garota colocou as mãos no rosto de sua esposa, as palmas das mãos queimando e voando para longe, de repente vermelhas.

O formigamento no sangue da menina aumentou de medo. Ela lutou para se sentar, as mãos de sua mãe se afastando enquanto sua forma caía e sua bochecha pálida se esmagava no lençol. A garotinha não hesitou, pegando as poções de sua mãe. Ela virou a cabeça da mãe com rosto para cima antes de espalhar tinta sobre as bochechas pálidas, os pequenos dedos empolando com o toque. Sua própria pele era rosa, quente e cheia de vida, enquanto a pele de sua mãe se tornava branca como a neve, tão fria quanto as cinzas.

A garota era inteligente, no entanto. Ela observou a mãe o suficiente. Ela sabia como esses feitiços funcionavam. Magia era permuta — as palavras certas, ações, poções para o resultado certo.

Ela colocou as mãos no rosto da mãe e começou a repetir aquelas palavras estranhas.

Palavras de vida.

— Evelyn, não! — Seu pai não se mexeu, apenas gritou, o medo congelando — o ao seu lugar ao pé da cama.

Mas a menininha tinha se atrapalhado com as palavras o suficiente para que sua própria pele começasse a ficar quente. A

dor voltou. Sua respiração se tornou superficial. Então os olhos de sua mãe se abriram, mostrando lindos avelãs em vez dos brancos.

Estava funcionando.

Seu pai olhou da esposa para a filha. Essas palavras eram sombrias. Velhas. Poderosas. Ele sabia disso tanto quanto conhecia sua língua nativa.

Os lábios de sua mãe começaram a se mover. Ela respirou fundo.

— *Gefa!* — Com este único comando, ela roubou as palavras da boca da menina. Palavras negras e magia negra e todo o som da língua poderosa da garota.

Ainda assim, a criança continuou, o peito arfando — ela estava gritando, mas não pôde ser ouvida. Lágrimas tão escuras quanto a noite corriam por suas pequenas bochechas. Cobrindo sua visão, a garota começou a chorar sem som, todo o corpo tremendo.

E, com a última gota de energia, a mãe da menina olhou para o pai.

— Traga Hansa para casa. E diga a ela. Prometa.

Enquanto ele balançava a cabeça, sua mãe sussurrou um último feitiço, e os gritos da garotinha encheram o ar, lágrimas negras pingando em seu vestido arruinado.

— Não, mamãe, não!

A garotinha agarrou a mão da mãe, ainda queimando ao toque, e viu a luz fugir de seus olhos cor de avelã.



O mar é uma bruxa instável.

Ela tem a mesma probabilidade de dar um beijo, e roubar a respiração dos seus lábios. Bela e cruel, e todas as rugas brilhantes no meio. Enchendo nossas barrigas e nossos cofres, quando ela é generosa. Friamente vendo como nós vestimos preto e adicionamos lágrimas às suas águas quando ela é má.

Apenas a maré segue seu humor — dando e tomando ao mesmo ritmo salgado.

Ainda assim, ela é mais do que nossa bruxa — ela é nossa rainha.

Em todos os seus feitiços e birras, ela é uma de nós. A jóia da coroa de Havnestad, encostada em nossas costas — para melhor ou para pior.

Esta noite, vestida com seu melhor traje de festa, ela parece calma, a raiva enterrada bem abaixo de sua superfície brilhante. Ainda assim, há uma cobrança no ar, enquanto as estrelas piscam com o próximo solstício de verão e o encerramento do décimo sexto aniversário de Nik.

Formalmente: Príncipe herdeiro Asger Niklas Bryniulf Øldenburg III, primeiro na linha do trono do reino soberano de Havnestad.

Informalmente: apenas Nik.

Mas — apenas Nik — não está certo também. Ele não é nada para mim. Ele é meu melhor amigo. Meu único amigo, na verdade.

E agora ele está dançando com Malvina do outro lado do convés do grande navio a vapor de seu pai. Isto é, se você pode chamar isso de violenta agitação e — dança — giratória. Meu estômago se agita quando Nik chega a centímetros de se virar sobre o corrimão depois que ela força um giro excessivamente entusiasmado. Eu gostaria que ela desistisse.

Malvina, formalmente Condessa Malvina Christensen, é uma perpétua pretendente real. Ela e seu pai vêm disputando a atenção do rei Asger há anos, esperando que ele faça a partida. No entanto, apesar da paciência bem — humorada de Nik para ela dançar, tenho minhas dúvidas de que haverá um casamento real em seu futuro.

Eu quero desviar o olhar do borrão de seda rosa de Malvina, mas os olhos de Nik estão me implorando para resgatá — lo. Suplicando. Silenciosamente chamando meu nome através da distância — *Evvvvvieee*.

Eu sou a única que pode salvá — lo. Todos os jovens da cidade estão aqui, mas ninguém mais pode interromper uma garota como Malvina. Para os outros, haveria consequências — convites perdidos para as galas, o cavalo mais velho na caçada do fim de semana, um assento na mesa ao lado da grandiosa senil em vez da Condessa. Para mim, não há nenhuma dessas coisas. Você não pode cair longe na sociedade se você não faz parte dela para começar.

Depois de outro giro agressivo, eu finalmente passo para a pista de dança improvisada, ignorando um coro de sorrisos enquanto eu vou — eles já viram essa peça antes. Malvina será a vítima, eu serei a vilã e Nik deixará isso acontecer. Pode ser um negócio confuso, sendo confidente do príncipe herdeiro; suportar pequenas humilhações é apenas uma fração do custo. Mas eu não vou me desculpar por ajudá — lo. Todos nós fazemos concessões em amizades, e ter a lealdade de Nik quando ninguém mais me olha nos olhos vale cada crítica que eu enfrento.

Eu bato no ombro da garota um pouco forte, coloco em meu rosto um pânico exagerado e aponto para a monstruosidade de oito camadas de açúcar azul que ela insistiu em fazer.

— Oh, anjos, Evie! O que é isso? — Malvina late.

— A cobertura do bolo...

— Fondant. — ela corrige, como se eu tivesse cuspidido no túmulo de seu oma.

— O *fondant*, está inchado. —

O verdadeiro pânico colore suas face enquanto seus pés se recusam a se mover. Dividida entre dançar com Nik e resgatar sua obra — primo de um destino bulboso, seus olhos saltam para o meu rosto por um momento, incrédulos. Ela teme que eu tenha roubado propositalmente a vez dela. É exatamente o tipo de coisa que as garotas de Havnestad pensam que eu faria — as que sussurram nas sombras sobre nós agora. Exceto neste caso, elas estão certos.

— Faça o seu dever, Malvina. Foi adorável dançar com você. — Nik se inclina em uma ligeira reverência, modos reais à mostra, sem uma insinuação de desagrado em suas feições.

Quando seus olhos se desviam, Malvina olha para mim, seu desdém por mim tão claro quanto a preocupação dela de que estou realmente dizendo a verdade. Ela não precisa dizer o que está pensando, e não, se ela quiser dançar com Nik novamente. Então, quando Nik completa seu arco, ela simplesmente coloca um sorriso treinado e o deixa com a reverência mais perfeita antes de correr em uma onda de cabelos dourados.

Agora Nik se curva profundamente para mim como se eu fosse sua mais nova pretendente, seu cabelo preto obscurecendo brevemente seus olhos escuros de carvão.

— Posso ter o restante desta dança, minha dama?

Meus lábios se curvam em um sorriso enquanto minhas pernas mergulham automaticamente em uma reverência educada. *Minha dama*. Apesar de como essas palavras são bobas, elas são o suficiente para ganhar a ira de todos neste barco. Para eles, sou apenas a filha do pescador real abusando da gentileza do príncipe, usando — o pela sua posição. Eles não acreditam que somos apenas amigos, como sempre fomos, desde que usávamos fraldas. Antes que eu soubesse o que eu era e ele sabia quem ele deveria ser.

— Mas é claro, príncipe herdeiro Niklas. — Eu respondo.

Ele encontra meus olhos e nós dois desatamos a rir. A formalidade nunca passou bem entre nós, independentemente do treinamento de Nik.

Nós nos acomodamos e começamos a valsar pelo convés. Ele tem uns bons centímetros a mais que eu, mas ele é levado a inclinar — se — sussurros são muitas vezes a nossa linguagem mais conveniente.

— Você levou tempo. — Diz ele, girando — me através dos últimos compassos da música.

— Eu queria ver quanto tempo você ficaria esgotado. —

Ele ofega com falso horror no meu ouvido, um sorriso tingindo — o.

— Você deixaria seu melhor amigo nadando com as sereias no aniversário dele?

— Ouvi dizer que elas são lindas, não é um presente ruim para um adolescente.

— Elas também preferem que seus presentes não respirem.

Meus olhos atiram nos dele. Eu posso sentir o menor tremor no meu queixo. Hoje seria o aniversário da nossa amiga Anna também. Ainda é, embora ela não esteja mais aqui para celebrá — lo. Ela era exatamente um ano mais nova que Nik. Cada um de nós tinha uma participação de perto nesses dias, a grande e poderosa deusa Urda parecia querer a todos nós para si mesma. Mas nós perdemos a Anna. Eu olho para baixo, sentindo as lágrimas quentes contra a linha dos meus cílios, mesmo depois de quatro anos. Nik suspira e puxa um cacho do meu rosto. Ele espera até que eu finalmente olhe para cima. Há um sorriso suave em seus lábios, e sei que ele se arrepende de nos levar de um lugar de alegria para um tão carregado. — Bem, obrigada por me salvar, Evie. Como sempre. —

É uma mudança de assunto tão boa quanto qualquer outra, mas não é suficiente — e nós dois sabemos disso. Eu respiro fundo e olho por cima do ombro de Nik, não confiando em mim mesma para dizer mais. Eu engulo e tento me concentrar na festa. Tudo aqui foi emprestado para a celebração de Nik — o navio, a banda, dois criados e um homem de carvão — e é lindo. Eu me concentro nas lanternas em miniatura tocando o convés, o fio de ouro do meu único vestido extravagante pegando seu brilho.

De repente, Malvina se ergue na mesa de sobremesas, ainda tentando freneticamente controlar a protuberância crescente do bolo. Espero que Nik ria ou pelo menos abata um bufo real, mas em vez disso ele está olhando por cima do meu ombro, no cais, no mar. Eu sigo seus olhos e meu coração dispara quando percebo uma escuna rápida, a linha familiar de um menino — um homem — ajustando a vela.

— Iker... — Seu nome cai dos meus lábios em um suspiro antes que eu possa pegá-lo. Eu encontro os olhos de Nik, um rubor subindo pelas minhas bochechas. — Eu não sabia que ele estava vindo.

— Nem eu — Ele encolhe os ombros e levanta uma sobrancelha.

— Mas Iker não é exatamente uma pessoa para confirmar um convite. Perdeu aquele dia na escola do príncipe. A palestra sobre estar na hora também.

— Eu acredito que é chamado de elegantemente tarde —, eu digo.

— Sim, bem, eu suponho que eu não saberia. — Diz Nik com uma risada.

A pequena escuna se aproxima, e vejo que é apenas Iker — ele não trouxe uma equipe com ele de Rigeby Bay, não que eu esperasse que ele trouxesse. Ele é um pescador desgastado pelo tempo preso em uma vida projetada para seda e caviar. Ele redireciona a serra principal perfeitamente, seus músculos se contraem fortemente enquanto ele aponta diretamente para a forma de seu primo.

Nik se inclina para o meu ouvido. — Lá se vai minha parceira de dança.

Eu soco ele no braço.

— Você não sabe de nada.

— É verdade, mas eu sei como você olha para ele desde que o meu bolo tinha cerca de dez velas a menos nele.

Eu rolo meus olhos, mas não consigo evitar que um sorriso venha aos meus lábios. Ele está certo, mas agora não é a melhor hora para argumentar que a maneira como eu olhava para Iker mudou de fraternal para algo completamente diferente há quatro anos, não dez.

Eu limpo minha garganta. — Tenho certeza de que Malvina não se importa — ela está quase terminando seu bolo. — Eu digo, acenando na direção da monstruosidade azul, mas nunca tirando os olhos de Iker enquanto ele se prepara para vomitar uma linha no vapor.

Nik me abraça e fala no meu ouvido. — Você é uma amiga incrivelmente leal.

— Sempre fui. Sempre serei.

— É verdade. — Nik sorri antes de acenar um longo braço acima da cabeça. — Bem, se não é o príncipe herdeiro de Rigeby Bay!

— E eu aqui esperando surpreendê-lo. — diz Iker, rindo. — Não posso surpreender um farol de um homem em seu próprio barco, eu suponho.

Nik ri, ficando ainda mais alto. — Não se eu for o caminho certo.

Iker ri ainda mais fundo. Há sal em seus cabelos e alguns dias de barba forrando seu queixo forte, mas ele caminha pelo convés com a elegância de um príncipe. Ele olha para mim, seus olhos brevemente revelam uma sugestão de dúvida sobre a robustez do meu corpo, mas joga a linha para mim de qualquer maneira. Eu pego, prendendo com um nó que aprendi com meu pai.

Iker se pendura na corda e entra no navio. Ele consegue pousar no pequeno trecho do convés apenas entre Nik e eu. Atrás de nós uma multidão se reuniu.

— Feliz aniversário, primo. — Com os olhos risonhos, Iker bate nas costas de Nik e o leva para um abraço, seus braços fortes envolvendo totalmente a forma fina e ainda assim forte de Nik.

Quando eles soltam, os olhos de Iker vão direto para mim. Eles são os mais claros dos azuis — como gelo antigo nos fiordes do norte.

— Evelyn —, diz ele, ainda mantendo um ar de formalidade de sua educação, mas então ele chocantemente me puxa para um abraço.

Eu congelo, olhos em Nik enquanto ele e todos os outros no navio olham. Iker não parece notar ou se importar e me puxa com mais força, seus braços em volta da minha cintura. Quente do trabalho do navio, ele cheira a sal e limão. Sua camisa é sardenta com

gotículas de água, ônix no tecido cinza engomado — o mar deixando sua marca.

Quando o momento acaba e ele me deixa ir, um braço permanece nos meus ombros. Eu tento ignorar a pergunta me incomodando, aquela que tenho certeza que todo mundo também está perguntando. Por que eu? Nós nos conhecemos desde que éramos crianças, mas ele nunca me mostrou esse tipo de afeto antes. Eu não sou o tipo dele. Eu não sou o tipo de ninguém. No entanto, Iker continua a agir como se tudo fosse completamente normal. Ele se vira para Nik, para a multidão, e sorri aquele sorriso perfeito.

— Boas pessoas de Havnestad. — Diz ele, sua voz ainda sincera. Então o sorriso cresce mais.

— Vamos dar ao príncipe uma celebração tão calorosa, que ele nunca vai esquecer.



Eu me sinto como se estivesse vivendo em um sonho.
Ainda quente do forte abraço de Iker, giro pela pista de dança em seus braços.

Eu tentei dizer a Iker que não devíamos, mas ele não ouvia.

— Deixe — os falar. — Disse Iker. Se ele soubesse o quanto eles já falavam.

Eu posso sentir os olhos de Malvina me seguindo. *Sim, Malvina, isso é o que parece quando alguém dança sem temer por sua vida.* Mas eu tento não pensar nela. Eu quero lembrar desse momento, até dos menores detalhes. Tudo sobre ele se parece com couro oleado e a adorada musselina. Suas mãos são ásperas e desgastadas do mar, e ainda assim são gentis, seu polegar delicadamente acariciando o meu.

Minhas fantasias de doze anos de idade nunca foram tão detalhadas — quase nada além de mim em um grande vestido roxo, e Iker em sua elegância real de mãos dadas comigo em um passeio pelos jardins do palácio. A realidade é tão diferente, tão intensa, e eu não tenho certeza se estou lidando bem com isso. Eu sei que não estou. Ele pode sentir minhas palmas suando? Meu coração batendo alto contra o peito dele?

— Eu vi você no meu deck, você sabe. — Ele sussurra no meu ouvido. — Antes de embarcar. Você nunca pareceu mais bonita, Evie. E eu nunca implorei aos deuses que manobrassem meu navio mais rápido.

Eu não sei o que dizer, minha voz se apoderando da minha garganta. Eu olho em volta, tentando organizar meus pensamentos. O sol já se pôs completamente, os últimos fios de luz se foram com nossos pratos, em uma corrida e barulho de minúsculos ossos de codorna, caudas de bacalhau, vagens de ervilha e casca de morango. E apesar de todo o convés do navio ainda está iluminado por um anel de lanternas em miniatura, a sombra restante é suficiente para que pareça que estamos sozinhos.

Apenas um menino, uma menina e o mar.

A música termina e ele me abraça forte. Quando ele puxa de volta, ele corre os dedos ao longo do meu maxilar. — Eu não deveria ter ficado longe de Havnestad por tanto tempo. — Diz ele, capturando um dos meus cachos entre os dedos. — Você tem o mesmo cabelo que você tinha quando criança. — Seu olhar se eleva para o meu. — Os mesmos olhos de noite estrelada.

Eu me esforço para não olhar para baixo — até onde ele ainda está enrolando uma mecha do meu cabelo levemente entre os dedos. Eu mordo meu lábio para silenciar o suspiro lá. Seus dedos se enroscam ao redor da onda. Quase parece que ele não sabe que está fazendo isso — esse garoto feito de sorrisos e grandes gestos fazendo algo tão pequeno que escapou dele.

Os olhos de Iker se dirigem para os membros da banda que circularam em torno de um banco onde alguém começou a tocar violão. Embora não possamos vê-lo, os arranjos brilhantes e precisos são uma prova inoperante de que o músico é Nik. Ele sempre foi do tipo que pegava qualquer instrumento e imediatamente saberia exatamente como tocar, desde que éramos crianças. Ele está dedilhando a música que eu costumava cantar no cais quando menina, para desejar que meu pai viajasse em segurança em suas viagens de pesca. Nik disse que sempre ficou presa em sua cabeça.

Iker solta a onda.

Limpa a garganta dele.

Ajusta o corpo dele para que não toquemos em tantos lugares.

Acabou. Eu sei isso. Talvez as fantasias só devam se tornar realidade por um momento. Certamente um truque dos deuses.

Seus olhos permanecem na banda quando ele finalmente fala, mas seu tom mudou. — Evie, eu amo visitar Havnestad, mas eu não gosto de pisar nos dedos dos meus primos.

Agora minha voz não está certa. Por que Nik teve que tocar essa música? Eu engulo. — Mas você não está. — Eu digo, esperando que ele não possa ouvir o pedido no meu tom. — Além disso, não acho que Nik se importaria de ver mais você, e há o festival Lithasblot chegando em poucos dias.

— Ah, sim, quando as pessoas ficam loucas por Urda, jogue pão em alguém sem queixo duplo e corra em círculos até desmaiar.

— Vocês pessoas. — Eu digo e dou — lhe um soco. Iker podia ser do outro lado do estreito, mas ele é tanto um Oldenburg quanto Nik. Sua família governou a Dinamarca e a Suécia por quatrocentos anos. Eles sabem melhor do que ninguém para não descontar a colheita que a deusa nos concedeu. — Não zombe dos jogos. Nós os levamos muito a sério.

— Oh sim, um jogo de vida ou morte de transportar coisas ao redor com a rocha mais pesada.

— Ou correndo com um torra. Todas as habilidades úteis. — Eu rio, feliz por ter aliviado o clima de novo.

Iker se vira para mim. — Se eu ficar por esta extravagância de Lithasblot, você deve prometer que vai se deparar com alguma árvore recentemente assassinada para o meu entretenimento.

— Se é o que é preciso, então eu prometo. — Eu digo, mergulhando em uma reverência falsa.

Uma risada escapa dos meus lábios, mas a atenção de Iker está trancada no meu rosto. Quase como se ele não pudesse se controlar, seu polegar roçou minha bochecha novamente, minha mandíbula e minha boca. O toque de seu dedo nos meus lábios envia cor subindo em minhas bochechas quando encontro a geleira azul de seus olhos.

— Iker, eu —

— Beeeeeeeeeeeeem pessoas de Havnestad! — Nossas cabeças chicotearam ao redor com a voz de Nik crescendo ao longo do comprimento do navio. Ele ainda está segurando o violão, mas agora ele tem uma coroa feita de fatias de limão esmagadas em seu cabelo ondulado. Há um enorme sorriso puxando suas bochechas, e

seus longos braços estão erguidos no ar. Ele está fazendo a impressão não intencional de Iker, apesar de apenas algumas canecas da bebida especial do rei Asger. — Como seu príncipe herdeiro, eu por meio deste decreto real, decreto que cantem para mim neste décimo sexto ano da minha vida.

— Ouçam, ouçam. — grita Iker, seguido pelo resto da multidão, que subitamente voltou aos cantos da minha visão.

— Excelente. Ruyven envie o sinal de fogos de artifício. Mas primeiro... — a voz de Nik corta quando a mão forte de Malvina o puxa para baixo, para que seus lábios possam encontrar sua orelha. A outra mão está gesticulando atrás deles, em direção ao bolo. Nik se levanta devagar e redefine o violão. — A adorável senhora Malvina me informou que estamos perdendo velas. — Nik aponta o pescoço do instrumento para mim, fingindo formalidade ainda grossa em sua garganta. — Evelyn? — Ele levanta uma sobrancelha.

Eu levanto em uma volta.

— Venha, eu sei que você sabe onde elas estão.

E eu sei. Exatamente onde Nik as deixou quando ele “emprestou” o barco do rei para o primeiro dia quente depois de um inverno longo e cheio de gelo.

— Sim, eu sei, bom príncipe. —

Por mais que eu não queira deixar o lado de Iker, eu me afasto, o calor dele se agarra à minha pele por um fantasma de segundo quando nos separamos. Eu pego uma lanterna que está na linha de baixo do ringue e me afasto da multidão.

Botas batendo nas escadas, eu desaparecendo abaixo dos quartos do capitão. O espaço é muito maior do que algo que deveria ser de algum capitão — o lugar todo é quase maior do que a casa que compartilho com o pai e Tante Hansa. A lanterna em miniatura se esforça para acompanhar a vastidão, iluminando um halo mal além da bainha do meu vestido de festa. Isso é totalmente irritante.

Olhando para as escadas, confirmo que estou sozinha; ninguém me seguiu abaixo. De costas para a porta, enfio a mão na lanterna. Palavras velhas suavemente murmuradas caem dos meus lábios enquanto meus dedos apertam a ponta da vela. — *Brenna bjartr aldrnari. Brenna bjartr aldrari. Pakka Glöð.*

A vela começa a brilhar com a força total de um triplo do seu tamanho.

É um ato pequeno — algo tão sutil que eu provavelmente poderia ter feito isso à vista de todos acima. Mas até mesmo algo tão comum como um feitiço de fortalecimento é perigoso aqui.

As mulheres queimaram muito menos sob os Øldenburgs do passado.

Meus parentes queimaram por muito menos.

O que significa que há coisas sobre mim que Nik e Iker nunca podem saber.

Além disso, eu já arrisquei esta noite quando silenciosamente pedi ao bolo de Malvina para tirar sua pele açucarada. Eu não tinha tentado algo assim desde que eu era criança, mas funcionou bem o suficiente. Fortalecer a vela a céu aberto, no entanto, teria empurrado a minha sorte, e eu nunca tive muito disso para começar.

Agora essa luz é mais que suficiente. Abro caminho através do vasto espaço e em direção ao par de cadeiras sob uma das vigias de estibordo, um tabuleiro de xadrez pintado na mesa de carvalho entre elas.

Eu observei Nik encher a nave de velas extras na gaveta da mesa enquanto o ajudava a limpar as evidências de sua “reunião”. Não que seu pai não soubesse sobre nossa pequena comemoração — a desonestidade nunca se encaixou bem na mente real de Nik — ele simplesmente não queria deixar a equipe do porto do castelo com mais trabalho.

Com velas resgatadas e fósforos na mão, eu pego a lanterna e giro em direção à porta. Mas, de repente, na minha visão periférica, vejo dois lampejos de branco e azul chocantes. Eu giro de volta para onde uma pequena auréola de luz atravessa a vigia.

Meu coração dispara quando percebo que não conheço nenhum peixe com marcas como essas.

Como olhos humanos.

Meus doem pulmões doem até eu lembrar de como respirar, eu levanto a lanterna para a vigia, minha mente se agitando para explicar todos a bordo do navio. Sim, todo mundo estava lá quando eu desci as escadas.

No entanto, quando o halo de luz atinge o vidro grosso, os olhos de uma amiga estão lá, de um azul profundo e emoldurados por pele luminosa, ondas louras escurecidas pela água e uma expressão de surpresa nos lábios entreabertos.

— Anna?

Mas no instante em que eu digo o nome dela na cabine úmida, o rosto desaparece e fico olhando para o fundo do anil.

Meus pulmões se soltam e puxam um grande gole de ar enquanto eu corro para a próxima vigia, minha respiração vem em jorros rápidos enquanto repito seu nome. Mas não há sinal de seu belo rosto naquela vigia ou nas próximas duas.

Eu estou no meio da grande cabana do rei, o coração batendo forte, a respiração queimando em meus pulmões, enquanto um soluço pesado escapa dos meus lábios. Lágrimas ardem nos meus olhos quando percebo que, mesmo com a amizade fraternal de Nik e o novo afeto de Iker, ainda sou apenas uma filha solitária de pescador.

A filha de um pescador solitário desejando que eu pudesse ter minha doce amiga de volta. Desejando bastante que eu esteja vendo fantasmas.

Desejando muito.

Eu estou perdendo a cabeça.



Eu limpo meus olhos com meu pulso, as velas e fósforos ainda apertados em meus dedos. Um par de respirações profundas, e eu vou até a porta e subo as escadas, minhas pernas cheias de chumbo.

— A boa senhorita voltou com as velas! — Nik grita quando ele me vê, sua voz meio cantando em sintonia com o violão.

— E os fósforos, meu príncipe — Eu me ouço dizer com uma voz muito mais firme do que eu pensava ser possível.

— Minha querida Evie, sempre resgatando seu príncipe de sua própria falta de premeditação.

— Alguém tem que ter, primo. — Ri Iker, levantando — se enquanto Malvina arrebatava as mercadorias de meus braços. Imediatamente, ela corre atrás de Nik, espetando as belas camadas de *fondant* com as pontas gordas das velas. Nenhum agradecimento dela, mesmo que para qualquer outra pessoa, suas maneiras treinadas exigiriam isso.

Nik começa a música antes que elas estejam todas acesas. Sua voz acima de todos nós, até mesmo sobre o barítono de Iker. Como de costume, apenas falo com as palavras — minha voz cantada foi arruinada no dia em que perdi Anna. Tante Hansa diz que eu tenho sorte que é tudo que o mar levou. Nik está de olhos fechados e nem mesmo está de frente para o bolo, as chamas tremeluzindo atrás dele, manipuladas por um forte vento do fundo do Estreito de Oresund.

Meu olhar segue o vento na distância escura. Logo após a beira do nosso rastro, o céu índigo ficando pretos como breu, as

bordas enrugadas de uma fila de nuvens se movendo em um ritmo furioso.

— Iker. — Eu respiro.

— . . . *Hun skal leve højt hurra...* — Nik atinge a última linha da tradicional música de aniversário e se vira para apagar as velas, abrindo os olhos assim que o primeiro dos fogos de artifício sai da praia. Explosões de branco e vermelho atravessam o céu em rápida sucessão, iluminando Havnestad abaixo e o anel de montanhas que circunda a cidade propriamente dita.

— Iker. — Eu repito, meus olhos ainda sobre as nuvens se aproximando. Ele se vira, a mão ainda pesadamente sobre minha cintura, e eu aponto para a linha da tempestade quando uma mecha de raio atinge a água um pouco além dos confins do porto.

Um flash de reconhecimento atinge seus olhos enquanto eles leem a distância entre a chuva e o navio. — Tempestade! — Ele grita, um trovão cortando o fim da palavra. — Todo mundo para baixo! Agora!

Mas, é claro, nosso grupo se volta para a tempestade e não para longe, a curiosidade humana está em perigo. Iker, Nik e eu corremos em movimento quando as primeiras gotas de chuva caem no convés.

Nik começa a direcionar a multidão para baixo. Iker está ao leme, trabalhando para endireitar o navio em direção ao porto depois de enviar seu capitão anterior — o homem do carvão — abaixo para alimentar o motor a vapor.

Com a chuva já caindo o barco bate enquanto subo as escadas para a popa. Eu me agarro ao corrimão. Não há magia que eu possa fazer ao ar livre para impedir isso, o que me faz grata por ser o sal do mar e a filha de um pescador. Eu não estou desamparada no mínimo.

O trovão ressoa profundo e rico diretamente acima. As velas do bolo e as lanternas que tocam o navio foram sopradas pelo vento tempestuoso, e eu sou grata quando um raio relâmpago cruza o céu apenas o tempo suficiente para me mostrar a cena.

Iker — colocando o barco na direção certa, com os pés plantados e os músculos tensos.

Nik, subindo as escadas depois de bloquear a porta abaixo, sua coroa de limões se alimentou do vento pelo mar.

O bolo — tombou e encalhou em seu lado maciço enquanto o barco balançava a estibordo.

Outro trovão soa quando eu alcanço Iker e o ajudo a segurar o volante. Iker é forte o suficiente para dirigir sozinho, mas a linha do barco se endireita quando eu o ajudo a manter o controle.

— Um cruzeiro de prazer de aniversário! — Iker grita pelos céus enquanto eu sorrio para ele através dos dentes cerrados. Seus olhos dançam enquanto todo tendão em seu pescoço se esforça para manter nosso curso. — Todos os céus claros e bebidas extravagantes. Não é isso que Nik prometeu?

Músculos já gritando, nós dois nos concentramos no farol na beira do porto, ainda a alguns minutos de distância. Uma onda pesada cai ao longo do convés, levando o restante do bolo com ele. Nik consegue segurar firme no parapeito da escada, sua camisa branca estampada contra a pele.

— Estamos muito lentos — Iker grita no meu ouvido entre trovões.

Eu aceno e cerro meus dentes ainda mais quando uma rajada de vento puxa o navio para o lado, puxando a roda com ele.

— Eu tenho isso. — Eu digo. — Mas nós não vamos mais rápido a menos que — Eu aceno para sua embarcação premiada, um presente de seu pai.

Iker acena com a cabeça, atendendo a minha sugestão.

— Nik! — Ele grita sobre o vento forte e as ondas furiosas.

— Minha escuna! Me ajude a soltar — lá!

De alguma forma, Nik o ouve e imediatamente se puxa para o lado da ponte, onde o barquinho de Iker está acrescentando muito peso.

Outra onda sobe o navio, enviando — nos a estibordo.

Mesmo com minhas botas deslizando, eu consigo manter — me firme, prendendo a roda no lugar com todo o meu peso. No convés principal, Nik seguiu para o trilho à beira do porto. Ele prende um longo braço ao redor do trilho para se firmar e depois trabalha furiosamente com a mão livre no meu nó. Iker está a caminho de lá.

O barco balança de novo e fecho os olhos, querendo que a terra se aproxime. Quando meus olhos se abrem, podemos estar mais

perto das docas de Havnestad, mas apenas por alguns metros. Eu torço minha cabeça para o lado e vejo que Nik quase desata o nó.

Água espirra para lado, encharcando Nik. Ele balança a cabeça, o cabelo ondulado estendido para o lado. O corrimão escorregadio e as novas tábuas do assoalho não lhe fazem nenhum favor em tração ou alavancagem. Com um puxão final, a corda está completamente solta e desliza sobre a lateral do navio. Nik, muito mais forte do que parece, aguenta enquanto o equilíbrio do vapor muda com a perda da escuna de Iker.

— Trezentos metros da doca real! — Iker grita, indo até a roda. Eu olho de Nik de volta para a terra. O farol está de fato finalmente se aproximando, o fogo no alto da torre logo abaixo da palha de aço.

Mas não tão rápido quanto a maior onda que já vimos.

Preta como o céu acima, a parede de água espirra forte na beira da ponte, deixando Nik de joelhos. Chamo a atenção para que ele fique em baixo — um centro de gravidade mais baixo é mais seguro —, mas minha pequena voz é engolida pela tempestade.

Ele fica de pé.

Uma carga de raios se espalha pelo céu.

As pontas do navio, puxadas para baixo com o peso da onda, balançando Nik de cabeça no chão.



—Nik!

Eu grito seu nome tão alto quanto posso. O barco se endireita, mas não há sinal dele ao lado do porto. Apenas madeira molhada e espuma do mar onde ele esteve uma vez.

—Nik! — Eu lamento novamente e solto o leme, passando por Iker e correndo em direção às escadas para o convés principal.

Minha mente se move mais rápido do que o meu corpo machucado pelo vento, uma série de pensamentos correndo juntos na escuridão enquanto eu corro para frente, sem me importar ou prestando atenção ao vento, à chuva, ao curso ou até mesmo a Iker.

Não.

Você não pode tê-lo, seu mar perverso.

Suas sereias terão que levar outra pessoa.

Nik pertence a mim.

—Evie! — Iker grita. —Não! Volte! Não é—

—Nik! — Eu desço as escadas. As tábuas do convés estão escorregadias sob minhas botas, mas corro para o local onde Nik caiu. O vento sopra meus cachos no meu rosto enquanto eu olho através da chuva e da noite no mar agitado abaixo.

—Nik! —

Eu grito seu nome várias vezes, minha voz se tornando crua e fraca, a ponto de ser quase um sussurro. Finalmente, chegamos ao cais real. Eu caio na madeira antes que Iker e o homem do carvão tenham tempo de ancorar. Eu examino o horizonte em busca de

qualquer sinal de um braço longo, um maço de cabelo ou um pedaço de bota.

Iker se ergue sobre o corrimão e pisa no dique ao meu lado, deixando o homem do carvão libertar o resto dos passageiros dos aposentos do capitão.

— Evie — Diz ele, sua voz muito mais calma do que deveria ser, o capitão do mar nele anulando sua linhagem. — Olhe lá. — Ele aponta para este lado do horizonte, onde as estrelas retornaram, expostas pelas nuvens. — A tempestade está quase acabando. Nik é um nadador forte.

Eu aceno, minhas esperanças fixadas na razão em seus olhos.

— Mas ainda precisamos encontrá-lo. — Eu digo. Tudo o que meu pai me ensinou sobre o mar entra em ação e aponto para um ponto nas ondas agitadas.

— Nós estávamos lá. — Eu movo meus dedos esticados em uma linha inclinada na direção do vento, seguindo a linha até que ela cai no lado da enseada de Havnestad Beach. — O que significa que ele provavelmente estará... lá.

Não procuro por Iker me dar uma confirmação — simplesmente desço do cais, caio na areia e atravesso a costa naquela direção.

— Nik! — Eu engasgo, minha voz ainda rouca e sem esperança contra o vento. Iker está atrás de mim por alguns passos e depois à minha frente em mais alguns.

Havnestad Cove é parte rochas salientes, parte praia arenosa. Há uma forma ondulante em W e algumas pedras grandes formam ilhas em direção ao seu centro, antes que as águas se tornem muito profundas. Com bom tempo, é uma bela fuga do resto do porto. Com mau tempo, é um furacão em um banho de passarinho.

Iker aponta para a maior ilha, Picnic Rock. — Eu vou lá para ver o que posso ver.

O vento já está se acalmando, a chuva diminuindo. Até o raio parece estar atrás de nós, desaparecendo com a tempestade nas montanhas. A rapidez de uma tempestade tão poderosa me confunde. A magia em meu sangue se espessa com a estranheza, mas não tenho tempo para pensar em coisas além deste mundo.

Eu inclino meu queixo em direção a uma massa de rochas mais ao longo da costa, o ponto que faz o W se projetar profundamente no meio da enseada. É tão alto que nos cega do resto da praia.

— Eu vou subir lá e dar uma olhada no outro lado.

— Espere! — Iker diz, seu rosto cansado. Pela primeira vez, ele parece não saber o que dizer. Ele passa a mão pelo meu cabelo e me puxa para perto. Meu coração está batendo.

— Iker, nós não po — As palavras são sussurros na minha língua, que não podemos atrasar, que ele não deveria me atrasar, quando ele inclina meu queixo para cima e seus lábios estão nos meus.

Eu respiro ele, longa e profundamente, e por um momento não estamos em uma praia arenosa, encharcada até os ossos, procurando por Nik. Estamos em algum lugar longe daqui. Um lugar onde classe, título — nada disso importa. Em algum lugar que certamente não existe fora deste instante. Outro truque dos deuses.

Ele se afasta e eu ainda estou atordoada, olhando em seus olhos frios.

— Tenha cuidado —, diz ele.

Sacudida de volta à realidade, pego minhas saias encharcadas e corro ao longo da costa até a parede de pedra. As nuvens rápidas quase chegaram ao fim, a cauda quase diretamente acima da entrada da enseada. A noite estrelada reina acima do enorme mar, águas calmas com ele. Meus olhos estão constantemente examinando as ondas, procurando por qualquer sinal de Nik.

Mas não há nada.

Eu roubo um olhar de volta para Iker. Ele já chegou a Picnic Rock, elevando — se. Suspiro de alívio porque a agitada tempestade não o lavou e voltou para a pedra que se aproximava a poucos passos à frente.

Eu escalei essa pedra gigante centenas de vezes desde a infância, assim como a maioria dos jovens de Havnestad. Eu conheço onde coloco meus dedos com meus olhos fechados; minhas botas voam automaticamente para os lugares perfeitos para se trancarem antes de dar mais um passo. A chuva quase parou agora, e o penhasco de pedra é na maior parte úmido, não escorregadio.

Eu me arrasto para cima e escaneio as águas novamente, olhando para todas as irregularidades, lutando para usar o luar limitado para entender o que é mais uma rocha costeira e o que pode ser Nik. Fecho os olhos, com medo de empilhar meus pés enquanto me movo em direção à parte oculta da enseada. Quando meus olhos se abrem, eu tenho que piscar novamente para ter certeza de que minha mente não está brincando. Um flash de tecido branco brilhante nada na linha de areia distante.

Meu coração se enche de esperança. Eu descii a rocha e fui para o outro lado da praia. Meus pés fazem um esforço descomunal para impulsionar meu corpo para frente enquanto a areia molhada engole minhas botas a cada passo.

Raios irradiam sobre as montanhas, iluminando o céu por um flash — tempo suficiente para o meu cérebro registrar o contorno do corpo de Nik contra a areia.

E a forma de uma garota pairando sobre ele.

— Nik! — Eu grito, minha voz voltando para mim.

Em resposta, vem o barítono de Iker por trás.

— Evie!

Mas eu não espero por ele. Eu nem mesmo me volto na direção de Iker, mantendo meus olhos apenas em Nik e a garota inclinada sobre ele, seu corpo ainda submerso. Sem outro golpe de relâmpago, não consigo distinguir muito mais do que o longo e comprido cabelo dela — tanto que cobre o branco da camisa de Nik.

A cabeça da garota se inclina ao luar, como se agora ela tivesse me notado correndo em sua direção a toda velocidade. O relâmpago retorna em uma explosão, e embora minhas pernas continuem se movendo, meu coração escorrega até parar.

Grandes olhos azuis. Cachos loiro — manteiga. Pele pele.

É a garota. O da vigia.

Anna?

Não, não pode ser.

O reconhecimento parece encher os olhos da garota, e seus traços saltam de calma para uma pura onda de pânico. Pânico que a deixa rapidamente em movimento. Uma rajada de vento empurra seu cabelo sobre a curva de seu ombro enquanto ela dá uma rápida e

última olhada no rosto de Nik antes de se enfiar completamente na água.

— Espere! — Eu grito o melhor que posso, mas é inútil com suas orelhas sob as ondas.

Em menos de uma respiração, eu chego a Nik e vou para a areia ao lado dele, puxando seu peito para o meu, minha orelha para sua boca. Um jato de ar de seus lábios toca minha bochecha enquanto Iker grita nossos nomes por trás.

Os pulmões de Nik funcionam muito bem, mas funcionam. Seus olhos estão fechados, mas ele parece estar consciente.

— Evie...

— Estou aqui, Nik. Estou aqui.

O fantasma de um sorriso toca seus lábios.

— Evie. . . continue cantando, Evie.

Confusa, começo a corrigi — lo. — Nik, eu não estou, eu não...

Minha boca fica seca. Eu examino as águas em busca de qualquer sinal da garota. A garota que se parece com Anna mais velha. A garota que gostava de cantar do jeito que minha amiga fazia quando criança.

No começo, ainda não há nada. Apenas ondas calmas e noite estrelada, iluminada pela lua do solstício de verão.

Mas então, apenas na borda da enseada, eu vejo.

O cabelo loiro ficou prateado sob a lua clara, espreitando por um momento rápido antes que a menina mergulhasse de novo debaixo d'água. Uma trilha de maresia voa em seu rastro — e com ela vem algo mais.

O contorno perfeito de uma cauda.

Cinco anos atrás



O sol estava tão feroz e tão quente quanto possível em Havnestad. Não era tão feroz ou quente como em outros lugares, mas memorável para aqueles nos reinos de Oresund de modos amenos, muito mais acostumados ao ombro frio da Mãe Natureza do que seu sorriso fumegante, embora fosse o auge do verão.

Duas garotas, uma com ondas loiras, uma com cachos negros, saltitavam ao longo da costa. Suas vozes se elevavam em direção ao sol de junho, carregado por um vento profundo vindo do estreito.

Um menino, já tão alto quanto um homem, arrastou – as, flautitando pelos lábios, escrevendo uma música para as letras alegres das garotas.

Apesar do sol, a praia principal era clara, a maioria das pessoas de Havnestad transportando peixes e caçando baleias no mar, a agitação de uma economia moderna resistindo a uma transformação. Eles iriam inundar as praias com pegadas e contos em breve, voltando naquela noite para o festival Lithasblot de um dia inteiro e a lua cheia do meio do verão. Por enquanto, toda a extensão de areia pertencia às duas garotas e a ao garoto.

As ondas, pesadas e exuberantes, agitavam – se com o vento forte, atirando – se nos tornozelos das meninas – nus sem ninguém para corrigi – las. As botas do menino estavam em seus pés, por que eram desajeitados e peludos de uma maneira que não tinham sido no verão passado, e ele não queria que as meninas vissem. Ele ficou na areia seca, um pouco além do alcance das ondas, os olhos

escuros de carvão presos nos dedos delicados das garotas, que também pareciam ter mudado em um ano, mas apenas na forma como ele não conseguia desviar o olhar do flash de pele abaixo de suas saias.

Eles continuaram assim até que as meninas de repente pararam – cantando – tão de repente que o garoto esbarrou nas costas da garota de cabelos negros. Ela riu, mas os olhos de ambas as meninas estavam trancados no mar. Observando os calombos com maravilha, aventura piscando em seus olhos.

Aquela com as ondas louras e os olhos azul–oceano falou primeiro.

– Ela está com raiva, espumando pela boca.

– Você está chamando o mar de cachorro raivoso? Perguntou a morena. – Ela não gostaria muito disso.

– Suponho que não.

Uma sobrancelha negra erguia – se acima dos olhos azuis como a meia – noite. – Toque no banco de areia e volte para a praia? – Ela sorriu, os lábios presos em uma ligeira torção. – Atreva – se.

A garota loira considerou isso, mastigando o lábio, lendo as ondas. Finalmente, em resposta, ela começou a desamarrar o corpete do vestido.

O garoto sentou na areia atrás das garotas, tocando flautim para que elas achessem que ele estava distraído, não prestando muita atenção a elas enquanto se despiam de suas anáguas. Mesmo em olhares, seus ombros e braços eram coisas de beleza, suaves como as estátuas de mármore que sua mãe encomendara para o jardim de tulipas. Tão lindas que fizeram suas bochechas quentes. Ele sabia que não deveria olhar – não estava certo, não na idade em que estavam chegando – mas ainda assim, ele assistiu.

A menina loira olhou para trás, seus olhos o encontrando, bochechas rosadas quando suas roupas caíram na areia. A garota de cabelos negros a bateu no ombro, olhos escuros grandes e cheios de conhecimento. Não há segredos entre amigos, exceto os que estão à vista.

Quando as meninas estavam prontas, elas ficaram de pé, vestidos bem dobrados e apontaram dedos esguios em direção ao mar.

Na contagem de três, elas foram embora.



Eu não acredito em sereias. Eu não. Elas são apenas seres abomináveis antigas como Tante Hansa diz para impedir que as crianças façam coisas especialmente idiotas. Se você tocar nesse pote quente... Se você comer aquele bolo inteiro... Se você pegar esse doce... As sereias vão te roubar. Somos supersticiosos, filhos do mar, mas não somos ingênuos.

Sereias não existem.

Mas eu sei o que vi. Eu sei quem eu vi.

Nik, por sua vez, parece não se lembrar muito. Ele acha que eu o resgatei. Ele acha que eu cantei para ele.

Já faz mais de um dia, e eu ainda não lhe disse que ele perdeu a cabeça se ele acha que foi o que aconteceu. Principalmente porque eu não tenho uma resposta para o que realmente aconteceu. Nada disso faz sentido.

Não, eu não acredito em sereias.

Mas eu tenho uma forte crença na amizade — mais do que qualquer outra coisa neste mundo.

Eu acreditei em Anna.

E eu acredito nisso com o Nik.

Iker — Eu não sei o que pensar de Iker, embora ele esteja bem diante de mim na doca real, uma equipe emprestada arrumando um navio emprestado atrás dele.

— Venha, o mar chama. — Iker afasta alguns dos meus cachos e coloca sua mão sobre minha orelha, como se quisesse

amplificar a voz antiga do mar. Ele se inclina, sua bochecha roçando a minha, seus lábios quentes ao lado da minha pele enquanto ele sussurra meu nome.

Seu entusiasmo faz meu coração pular, e eu gostaria de poder ir, mas meu pai está indo embora esta manhã também, e ele odeia a ideia de eu estar a bordo de um navio diferente enquanto ele estiver no mar também. Ele é supersticioso, mesmo que seja apenas para uma rápida viagem pela Jutlândia e de volta antes de Sankt Hans Aften e a abertura do festival Lithasblot. Iker se encantou com os avistamentos de uma grande baleia — que alimentaria Rigeby Bay durante semanas, tanto nas refeições quanto no comércio. Eu odeio isso, mas sei que Iker deve ir — a temporada de navegação não espera por ninguém, nem mesmo um príncipe.

— Eu sinto muito por desapontar. — Eu digo. E eu estou sendo sincera. Desta vez com ele foi estranhamente mágico, mesmo que tudo o que fizemos foi sentar — se com Nik, contando histórias para fazê-lo sorrir enquanto se recupera.

— Tarde demais, o mar já está desapontado, suas habilidades durante a tempestade foram de primeira. Você é uma marinheira que ela precisa sobre suas ondas. — Seus olhos brilham, a curva de sua boca séria. Vulnerável, por mais estranho que isso seja. Mas eu não, não posso, pensar que é ele quem precisa de mim e não do mar. A realidade não funciona dessa maneira.

— O mar terá que esperar.

— E eu também. — Ele se inclina para me beijar e, embora seja a segunda vez, ainda é um choque — um mergulho profundo nas águas cobertas de gelo.

— Você não tem que ir. — Eu digo quando nos separamos, minha voz pequena e arrastada.

— O que é isso? — Ele diz, fingindo não ter ouvido. — Você não tem que ficar?

Ele pega minha mão na sua e começa a me puxar em direção ao navio, cheio de tripulantes à espera de sua instrução.

— Esplêndido, vamos indo, você fica no leme, vou beber vinho e ficar de olho na baleia.

Eu rio e deixo ele me puxar um pouco mais para cima da prancha do que deveria. No meu coração, eu não acredito nas superstições do meu pai. E ainda tenho superstições minhas. Nik ainda está se recuperando. Eu não posso sair. E se ele tiver piorado enquanto eu estivesse fora?

Não, devo ficar.

Iker vai voltar. Ele diz que vai.

Eu sei que ele vai.

Algo mudou naquela noite no navio. Mais durante a tempestade do que nos momentos difíceis antes — nós nos víamos em nosso elemento. O sal do mar, nós dois. E apesar de escolher ficar, é a última coisa que eu quero que Nik saiba. Mais especialmente o beijo. Mas não deve ser muito difícil manter um segredo do meu melhor amigo — afinal de contas, tenho mantido minha magia de Nik por toda a sua vida.

Desço da prancha. Com um aceno e um grito para sua tripulação, Iker está fora, levando nossos segredos para longe enquanto eu os mantenho dentro de mim. Eu vejo quando ele sai do porto, parado ali apenas o tempo suficiente para vislumbrá — lo voltando, minha mão pronta para acenar. E então eu parti para mais um adeus e meus deveres diários, a ametista de Tante Hansa pesada no meu bolso.

Não, eu não acredito em sereias. Mas estou disposta a acreditar em tudo o que acontece quando beijo a ametista na proa do navio do meu pai antes de uma expedição. O que acontece quando eu conjuro o feitiço que criei usando sabedoria mágica de séculos.

Faz apenas algumas semanas, mas já funcionou, trazendo muito mais capturas do que no ano passado. Eu sorrio quando vejo os pescadores comemorando nas docas agora. Depois de quatro anos de sofrimento no Tørhed, uma aridez tão grave que a frota pesqueira da cidade diminuiu pela metade, esses aplausos calorosos são sons bem — vindos. Eu não os ouço desde antes da morte de Anna; os resmungos de pescadores cansados que vêm à praia para reabastecer com carne salgada e limas encheu nossos ouvidos.

Depois de três anos dos Tørhed, o rei Asger sabia que rezar para os deuses não era mais suficiente. Havnestad tinha que

encontrar uma nova maneira de se manter à tona. O navio a vapor real foi ordenado, e qualquer homem que não estivesse no mar foi encarregado de construir o barco do final do verão até a primeira geada, moldando madeira e colocando folhas de metal na chaminé.

Mas mesmo aquele navio, martelado pela força desta bela cidade, não era suficiente para manter todos os ventres de Havnestad alimentados. O vapor era uma medida única. Até a coroa não pode pagar um novo navio todos os anos.

Eu tive que fazer algo.

Então, como eu fiz desde o verão da morte de Anna, eu roubei no quarto de Tante Hansa enquanto ela estava tocando sua vez semanal na cabana de Fru Agnata. O quarto do Hansa é um lugar sufocante, com o fogo aceso todas as noites, mesmo no verão. Rosas secas alinham as paredes em um anel tão alto quanto ela pode alcançar — as centenas delas um testemunho de sua crença de que seu perfume e beleza são superiores às tulipas tão populares em todo o Reinos Øresund.

Por baixo da linha de rosas, num canto em frente à chaminé, há uma caixa do mar envolta em sombras e uma antiga pele de alce. O interior é tudo o que os Øldenburgs temem, todos eles baniram por lei: pedras preciosas, livros manchados por idade, garrafas de cobalto seladas com pitadas de cortiça e cera. Os mesmos itens que Tante Hansa usou em mim quando reapareci nos braços de Nik, quatro anos atrás, enquanto não encontravam Anna em lugar algum.

Quando eu estava na cama, quase morta, assistida por Hansa e elixires alimentados com colher, com gosto de perfume e idade. E com idade eles certamente estão, passados em gerações sombrias por séculos. Algum dia eles pertencerão a mim, suponho.

Naquele dia eu peguei uma pedra roxa — uma tão pequena que eu esperava que ela escapasse do conhecimento de Hansa, mas grande o suficiente para causar um impacto. Eu peguei um dos livros esfarrapados com espinhos em ruínas, também, pescando — o de onde estava embaixo de um bolo de cera de abelha e um almofariz e pilão de mármore.

Horas depois de apagar as luzes, desci até a praia, mas bem além de Havnestad Cove. À medida que a linha costeira se afina,

tornando — se uma com a montanha rochosa, rochas pontiagudas projetam — se do mar. A água é mais profunda lá e as ondas agitadas, mas entre a sombra de duas grandes rochas há uma faixa de areia. Acima, a pedra da borda de Havnestad se formou em um arco perfeito, o resultado de Urda persuadindo o mar nesta fenda por milhares de anos.

Este lugar não tem nome, até onde eu sei. Eu nunca vi ninguém vir aqui, e está escondido da vista na praia e pelos pedregulhos do mar. Eu chamei de Greta's Lagoon, depois da minha mãe. Ela teria gostado de um lugar como este. Nas profundezas das sombras da lagoa há uma pequena caverna grande o suficiente para caber duas, mas é muito grande para guardar as poucas tinturas e tintas que Tante Hansa me confiou.

Afastei — me das poucas pedrinhas que usei para esconder a entrada e acendi uma vela. Com a pedra ametista apoiada em uma mão, deslizei o livro sob a luz fraca. As palavras eram antigas e familiares, recordando a nossa grande deusa, Urda, e o poder que ela confere à terra e ao mar. Enquanto as ondas espirravam contra as pedras do lado de fora, eu li os rabiscos repetidamente, girando os feitiços em toda a minha língua. Demorou até quase a luz do dia, mas finalmente pude sentir o formigamento mágico no meu sangue.

Depois de quase três meses de prática, soletrei o barco do pai pela primeira vez.

Três dias depois, ele voltou para casa com sua primeira baleia em mais de dois anos. Era magro, mas bastante gordo para toda a alegria que veio com isto.

Agora o feitiço é obrigatório.

A necessidade de manter o pai seguro e próspero é espessa em minhas veias todas as manhãs quando acordo, enlouquecendo meu coração com ansiedade até que possa fazer meu trabalho. Minha parte.

Mesmo quando cumpro meu dever e ele está ausente há dias, chego ao porto e soletro qualquer navio atracado e parado. Os pescadores estão acostumados a me ver diariamente agora. Eles não parecem achar estranho que eu esteja sempre lá, deixando minha

palma fechada ao longo dos corpos de navios, velhos e confiáveis.

E hoje é o dia em que começo a fazer mais. Junto com o que *não posso* afirmar, tenho trabalhado em algo que posso. Algo que toda Havnestad reconhecerá como útil e não algum destino de Urda.

— Evie, minha garota! — Papai está puxando uma caixa até o convés de seu baleeiro — *Pequena Greta*, também chamado por minha mãe. Não há uma única caixa de suprimentos deixada no cais ao lado do navio. Eu só o peguei. — Eu não tinha certeza se você viria. —

Eu rio levemente, os dedos apertados sobre a gema na palma da minha mão. — Só porque eu quero que você fique não significa que eu vou sentir sua falta. —

A boca do pai se encaixa em uma linha de torta, as manchas do sol estragando a testa enrugada até o cabelo preto — ele é italiano de nascimento, embora seja dinamarquês de um lado para o outro.

Nós caminhamos juntos pela prancha. Ele deixa cair o engradado a dois metros da inovação que eu sei que tornará esses mares desolados muito mais fáceis de pescar — uma cura permanente que minha magia não pode fornecer. Montada orgulhosamente no mastro principal, meio arpão, meio rifle, minha arma de dardo parece tão brilhante e perfeita quanto eu esperava.

Pai me abraça perto. — Minha Evelyn, a inventora. —

— Não foi nada —, eu digo, embora ambos saibamos que isso não é verdade. Levei todo o inverno para criar uma a partir de um velho rifle e arpão modificado, mas se meus cálculos estiverem corretos, a engenhoca enviará uma lança — bomba e um arpão de corda, reduzindo as chances de uma baleia escapar. Se tudo correr bem com a viagem inaugural do Pai, poderemos transformar a maneira como Havnestad atrai suas baleias.

— Não é nada. Será uma revolução. —

Eu inclino meu rosto para ele, a sobrancelha levantada. — Ainda será uma revolução se você esperar uma semana. —

O pai eriça — se no ponto dolorido entre nós. Ele não é o único pescador que saiu durante o festival, apesar de muito mais ficarem do que ir embora, amparados pela recente sorte — minha ajuda recente. Mas ele é o único com quem me importo. E, como o pescador real, ele é o único com quem King Asger se preocupa também.

— Haverá outros festivais Lithasblot, Evelyn. Se você já foi bombardeado com pão uma vez, você foi bombardeado com pão mil vezes. —

— Mas — —

Ele me corta com dedos ásperos na ponta do meu queixo.

— Mas nada. Eu tenho que aproveitar a minha sorte enquanto ela estiver lá. — O velho polegar grisalho do papai pousa no meu lábio inferior. — Eu voltarei para o encerramento do festival — a bola.

—
Apesar da minha decepção em mais um adeus, eu formo um sorriso firme depois de suas palavras. — Se você me viu uma vez no meu único vestido bonito, você me viu mil vezes. —

Ele se inclina e me dá um beijo rápido na bochecha, sua barba suave e áspera contra a minha pele.

— Cuide de Hansa, minha querida. —

Eu o abraço no meu peito, o cheiro enjoativo de cachimbo de tabaco em meus pulmões.

— Se ao menos ela permitisse tal coisa, eu faria. —

Ele me libera com um único aperto do meu antebraço. Eu me viro para a prancha, um último olhar para ele e minha primeira tentativa de inovação baleeira. Quando estou de volta à madeira arruinada pelo sol do cais, o pai grita para os homens dele içarem a prancha e a âncora.

Antes que ele vá embora, e com os marinheiros distraídos pelos deveres de partida, aproveito minha chance e pressiono minha pequena pedra no navio, logo abaixo do nome da minha mãe, pintado em letras maiúsculas na popa. Meus olhos se fecham e eu sussurro meu feitiço na brisa vinda do Estreito de Oresund.



É uma noite perfeita para bruxas queimarem.

Isso é o que Sankt Hans Aften¹ é, afinal. Uma comemoração em nome de livrar pessoas como eu desta terra através de chamas, afogamentos, banimento — o que parecia certo na época.

Hoje, felizmente, as bruxas só são queimadas em efígie. É a abertura tradicional da versão de Havnestad do Lithasblot. A nossa é a mais antiga do Estreito de Oresund, mas também somos o festival mais longo, cinco dias inteiros, atraindo pessoas de todos os lugares para assistir aos jogos, cantar canções em comemoração a Urda e provar pratos de carne: carne de baleia preta, gordura rosa e batatas. Mesmo através dos Torhed, o povo de Havnestad sempre esteve disposto a sacrificar seu suprimento limitado de comida para honrar a deusa.

À medida que a fogueira se torna quente, disparando filamentos de chamas para o céu em tons de salmão, o festival está pronto para começar. O primeiro é o discurso do rei Asger sobre amor e capacidade de jogo.

Agora o discurso de amor e jogabilidade de Nik.

¹ Véspera de São João, comemorada em 23 de junho. Embora o feriado seja nominalmente cristão, ele é construído sobre tradições pagãs. Segundo a lenda, o solstício de verão é uma noite imbuída de mal, uma noite em que as bruxas se dirigem ao Brocken, o pico mais alto das montanhas Herz no norte da Alemanha. A fim de afastar as bruxas montadas em vassouras e seus cúmplices trolls, os dinamarqueses acendem uma fogueira para manter as forças assustadoras à distância.

Pois na noite daquela tempestade traiçoeira, Nik, felizmente, amadureceu. E, como exige a tradição, ele precisa tomar as rédeas do festival — o afogamento próximo não é uma desculpa.

Assim, desde que recuperou a maior parte de sua força, ele foi desligado, andando pelos corredores do palácio com as palavras do pai nos lábios. Eu o ouvi falar aquelas palavras duas vezes — antes do aniversário dele e depois, e nas duas vezes ele foi excelente, se não um pouco rápido. Ainda assim, é só porque isso é novo para ele. Eu sei que ele será incrível.

Mas o príncipe Asger Niklas Bryniulf Øldenburg III, primeiro na linha do trono do reino soberano de Havnestad, não compartilha minha avaliação.

Nik está quase branco de nervosismo. Seus longos dedos tremem quando ele puxa o cabelo para baixo. Este dia já é difícil para nós dois — o quarto aniversário do afogamento de Anna — e com a pressão do discurso somada, Nik parece que vai cair.

Eu não hesito em pegar uma de suas mãos e apertar meus dedos ao redor dela. De alguma forma, vê-lo tão nervoso acalma minhas próprias reservas — sobre o meu teste de inovação com o meu pai, sobre o fato de Iker ainda não ter chegado. Eu aperto os dedos de Nik. — Você não fez nada além de praticar na semana passada. Você vai ficar bem.

— Mas eu não estou fazendo isso, Evie.

— Claro que você está! Você tem que fazer isso por Øldenburg. Como os reis fizeram por mil anos. — Eu me inclino, meu rosto consumindo sua visão. — Este discurso está em seu sangue.

Nik fica vermelho e evita meu olhar. — Eu acho que sangue em particular derramou — se de mim quando bati minha perna na rocha às dez.

Eu quase rio, pensando em Nik desmaiar com a visão de seu próprio sangue. Bem no meio de uma trilha que leva até a passagem de Lille Bjerg. Anna e eu tiramos nossas meias e as amarramos bem acima da ferida em sua canela antes de apoiá-lo entre nós e mancarmos pela montanha.

— Pense no seu aniversário. Você não parecia nada nervoso enquanto cantava em um banco com limões no cabelo.

— Esse não foi todo o reino. Isso é...

— Assim? O que são mais alguns rostos?

Ele solta um bufo muito real. — Desde quando um 'poucos' significa cem vezes mais? E talvez meu aniversário desastroso não seja a melhor imagem para acalmar meus nervos.

— Oh, não seja dramático. —

Nik ergue uma sobrancelha. — Ah, mas você não é muito dramática quando fica olhando para o porto, procurando por um certo marinheiro de Rigeby Bay?

Eu não digo nada, minha inteligência ligada a uma pedra na boca do meu estômago. Apesar de tudo, eu olho para a água, meu coração querendo que o barco de Iker apareça. Mas o mar além do porto é claro, todos os navios visitantes e baleeiros de folga já estão no porto.

Nik suspira, e eu sei que ele está se dando bem por causa de uma piada — e, novamente, eu agradeço que ele não saiba nada sobre os beijos que Iker e eu compartilhamos. Ele me aperta perto de novo, com a tremedeira do nervosismo. — Ele estará aqui. Iker faz suas próprias regras, mas nunca quebra sua palavra.

Essa foi a última coisa que ele me disse antes que a rainha Charlotte o afastasse para seus preparativos finais para o discurso. Eu afundo na areia e me sento, com uma bonequinha no colo vestida de preto e branco. Pronta para as cinzas. Eu mal posso me forçar a jogar junto. E sem Nik ao meu lado, este ano eu jogo sozinha.

Eu suponho que eu poderia me juntar aos trabalhadores do castelo — eu os conheço desde que eu era uma criança pequena. Mas eu não sou verdadeiramente uma deles. E as outras garotas da minha idade? Bem, elas nunca são realmente uma opção — elas deixaram isso claro ao longo dos anos.

Talvez o banimento não fosse uma coisa tão ruim — eu poderia apenas quebrar minha mágica enquanto queimamos nossas pequenas bonecas de bruxa e deixamos este lugar para sempre. Mas então eu deixaria Nik também. E implica minha família inteira.

Então, eu sento sozinha — a bruxa secreta, a amiga do príncipe que não conhece o lugar dela.

Estou bem à vista de Nik quando ele se prepara para falar — no caso de sua coragem ter recuado até a passagem de Lille Bjerg —, mas longe o suficiente para que eu tenha uma visão clara do mar em minha periferia.

Ele virá.

Ele disse que faria.

Você não deveria se importar de qualquer maneira.

Volto minha atenção para a família real. E para as chamadas que devo enfrentar antes do grande momento de Nik.

Há um discurso tradicional honrando essa — celebração — também. E embora o rei possa ter cedido seus deveres a Nik, a rainha Charlotte nunca desistiria de sua chance de falar contra os horrores da feitiçaria.

A rainha é uma beleza por qualquer medida, toda estrutura óssea fina e graça semelhante a um cisne. Seu cabelo está enrolado em cima da cabeça, um halo loiro profundo em torno de uma coroa de safiras e diamantes. Quando ela pisa em frente na areia, ela parece um pouco como uma pintura à luz do fogo.

Em suas mãos está sua primeira boneca cerimonial — vestida de vermelho sangue.

Como se a morte de todo dinamarquês nos últimos seiscentos anos fosse culpa de uma bruxa.

Como se os Øldenburg não tivessem queimado centenas de mulheres com provas frágeis.

Como se — o rei dos caçadores de bruxas — o rei Christian IV, não tivesse orgulho do nome que ele ganhou e das vidas que ele arruinou.

— Boa noite, queridos. — A rainha Charlotte sorri para a multidão, e é como se o gelo estalasse sob pressão. — Nesta noite, não apenas comemoramos o início do Lithasblot de Havnestad, mas também nos lembramos das dificuldades enfrentadas por nossos ancestrais.

Nas sombras, meus dedos ficam brancos enquanto eu aperto a boneca no meu colo. Esta parte é quase pior do que jogar uma réplica de mim mesma no fogo.

— Vivemos em segurança e harmonia nos reinos de Øresund por causa da coragem do rei Christian IV. Vivemos em segurança e harmonia por causa das leis que ele colocou em prática. A bruxaria não tem lugar exceto nas profundezas do inferno.

A rainha ergue a boneca vermelha acima da cabeça com tanta força que seu chapéu de bruxinha cai, o fogo sugando — a nas chamas.

— Haverá demônios em nossas costas, sei que não pertence aqui nem neste mundo. — Eu juro que seus olhos me encontram neste momento. — A luz vai ganhar, e você será engolida pelas chamas e retornará ao seu fabricante de chifres.

A multidão entra em erupção, e a rainha Charlotte gira no local, jogando a bruxa na fogueira — nos desalojando, porque nosso poder é uma ameaça para ela.

Devemos formar uma linha ordenada circulando o fogo, mas não posso fazer isso. Eu não farei isso. Em vez disso, eu me levanto e jogo minha boneca sobre as cabeças daqueles que avançam, ansiosos para matar modelos de madeira de mim. Minha mãe. Minha tia. A família do meu pai.

Eu procuro Nik então, que segue o exemplo com um sorriso no rosto. Em algum lugar Tante Hansa está rindo, sua risada distinta batendo no meu ouvido. Eu sei que é um artifício nos proteger, mas eu não sei como ela pode fingir gostar tanto disso. Ela chega a ponto de ter a boneca mais colorida, se intrometendo com pastas e tintas até que possa garantir que sua pequena roupa seja a mais brilhante na praia. Este ano, a dela é uma laranja deslumbrante, graças a uma cliente que, sem saber, acrescentou à sua diversão, pagando — a no açafraão.

É irônico: as mesmas pessoas da cidade que vêm até ela quando queimam a pele, gratas por seus tratamentos medicinais antigos, transformam pequenas réplicas de madeira de nossos ancestrais em cinzas a cada ano nesta data. E ela apenas ri na cara deles como se não fosse nada. Enquanto centenas apressam o fogo, eu afundo de volta para a areia e limpo minhas mãos nas minhas saias. É só suor, mas quase parece sangue.

Quando toda a última bruxa foi jogada, a multidão recua. Nik pisa uma medida na frente de seus pais para o ponto mais proeminente na areia, a fogueira em suas costas. Mesmo sob a luz ocre, sua pele é estranhamente pálida. Eu faço o meu olhar tão pesado e focado quanto possível, nem sequer como piscar até que ele me chame a atenção. Eu dou — lhe um sorriso e um aceno de cabeça.

Você será esplêndido.

Seus lábios se curvam e ele limpa a garganta com uma respiração profunda.

— Bom povo de Havnestad, seja bem — vindo à noite de abertura de Lithasblot, quando honraremos Urda e agradeceremos por suas bênçãos e generosidade, seja do mar ou da terra.

O fogo crepita feliz atrás dele, as chamas mais altas lambendo as estrelas. Apesar do esmagamento de pessoas, apenas aquele crepitar e o bater do mar preenchem a pausa praticada no discurso tradicional. Todos nós sabemos disso de cor — e poderíamos nos juntar a Nik em seu recital, se fosse apropriado. Na maioria dos dias, ele é um de nós. Apenas Nik. Mas esta noite ele é nosso príncipe herdeiro e nosso dever como sujeitos supera nossa familiaridade.

Então estamos quietos.

Nik entre a pausa encontra meu olhar novamente. Eu aceno para ele, apesar de sua cor ter retornado de repente.

— Esses próximos quatro dias são uma celebração. Jogos, corridas, músicas e festas em nome da nossa deusa. Não nos esqueçamos de que tudo é para ela. É divertido. É feliz. Mas tem um utilitário — um motivo. Urda.

Há um suspiro audível na multidão — Nik saiu do roteiro. Ele está falando do coração e eu não poderia estar mais orgulhosa.

— No ano passado, fizemos o mesmo que faremos esta semana.

— Continua Nik, sua voz se fortalecendo. — Nós nos comeremos com o pão mais fino. Nós cantaremos para Urda. Nós observaremos enquanto carregam a rocha mais pesada pela praia.

Com isso, ele flexiona um bíceps e exhibe um sorriso — todos os nervos substituídos por bravatas. Algumas risadas atravessam a multidão, mas só há uma gargalhada pesada — emitida por Tante

Hansa, do canto dela na mesa reservada aos anciãos.

Nik a ronda com um sorriso pronunciado e depois aproxima as sobancelhas. Seu tom voltando a ser sério. — Sim, estou ciente de que minhas façanhas de força são bastante históricas. Mas essas estão em exibição diariamente — ele sorri de novo — e não são por isso que fazemos isso ano após ano. Nós fazemos isso por Urda. E alguns anos ela nos ensina uma lição e nos lembra de seu poder.

Nik faz uma pausa, o ar pesado e silencioso. Nem mesmo a fogueira se atreve a crepitar.

— Meu pai estava neste exato lugar há um ano e recitou exatamente o mesmo discurso que ele disse durante trinta anos. Que seu pai antes dele recitou por trinta anos antes disso. No entanto, estávamos no meio do Torhed — o terceiro ano consecutivo. E isso melhorou quando nos reunimos para cantar canções sobre Urda até que nossas vozes ficassem ásperas e dedos sangrando em nossos violões? Não. Melhorou quando eu derrotei todos os seus pontos fracos nas pedras? Não.

Apenas Tante Hansa é corajosa o suficiente para rir desta vez. Mas ninguém se volta para ela. Todos os olhos estão no nosso príncipe herdeiro. Até o rei e a rainha estão pendurados em cada palavra sua.

Lembre-mo — nos que, embora a celebremos, Urda não nos deve um bocado. Assim como a maré que domina nossas costas — sua maré, suas costas — ela pode tomar o mais rápido que puder.

Nik faz uma pausa, seus olhos escuros de carvão no porto acima de nossas cabeças. Eu percebo que ele está fazendo referência a Anna também. Honrando — a como algo que Urda reivindicou para ela própria, o mar fazendo as ordens da deusa.

— Então, vamos homenagear Urda esta semana, não apenas celebrar o nome dela, mas realmente honrá-la. Ela é nossa rainha — me perdoe, mãe. A terra que nos dá recompensa. O mar que nos traz tanto o jantar quanto moedas no bolso. Ela é mais que uma deusa — ela é nós. Havnestad. E todas as pessoas dentro dele. Sem ela, não somos nada. Nenhuma mágica pode enganá-la. Nenhuma palavra pode exercê-la. Nenhuma vontade pode influenciá-la. Ela é rainha e nós somos simplesmente seus súditos.

Ele chega a um ponto final, olhos nas ondas além da multidão, postura firme e real.

Talvez atordoados por sua originalidade e honestidade, leva o conjunto de Havnestad a alguns instantes para processar que ele está acabado. Eu me levanto e começo a aplaudir e bater palmas. Os olhos de Nik me encontram, e há uma piscadela de alívio que percorre suas feições antes que minha visão dele esteja bloqueada — cada última pessoa saltando aos seus pés, gritos em seus lábios e aplausos enlouquecidos. E de alguma forma parece que ele está a muitos passos de mim.



É impossível vê-lo depois disso.

Todas as pessoas querem apertar sua mão. Dizendo a ele como estão impressionados com sua consideração. Sobre como ele estava equilibrado. Quão real ele parecia. Como eles ficaram impressionados e ele estava impressionante.

Nik é engolido por suas afeições.

E embora eu espere na praia para ele ressurgir, ele não o faz. Saiu para a noite em meio a uma multidão de seus súditos. Todas as outras criaturas eventualmente acabam a noite também. Um multirão, depois poucas pessoas, até que sou apenas eu, uma pilha quente de gravetos, e algumas pobres almas que perderam a batalha de alerta para libertar o hvidtøl e um pedaço de areia fofa.

Eu fico de pé, as pernas rígidas em minhas botas, os olhos voltados para o porto, respirando o ar forte e salgado. Minha garganta apertada e lágrimas ameaçam meus olhos.

Ele vai ser rei, Evie.

Eu quero rir da minha tolice por pensar que eu sempre o tenho. Claro que tudo vai mudar.

A lua é tão brilhante que eu posso ver o comprimento da praia sem qualquer outro auxílio. Muito brilhante para o meu humor sombrio, mas talvez uma caminhada me faça bem. Limpar minha cabeça. Eu deveria estar feliz por ele, afinal.

Eu faço meu caminho pelas docas primeiro, pegando as tábuas gastas em passos cuidadosos enquanto navios grandes e pequenos batem à discricção do mar.

Naturalmente, a doca real é a maior do porto — com espaço para o vapor gigante do rei, o ofício de meu pai e uma dúzia de outros navios reais, barcos, escunas e barcos. Há um poste no final que está vazio, no lugar onde o navio a vapor do rei deveria estar.

Eu olho para a água lá por um momento, desejando pela segunda vez esta noite que seu barco se materialize entre as suaves ondas. Apenas de repente para aparecer com Iker a bordo, um brilho nos olhos e risos nos lábios. Que ele pularia do arco antes de ancorar, incapaz de se conter um pouco mais. Que ele me puxaria profundamente em seus braços para outro beijo.

Eu pisco e o pensamento desaparece.

O mastro ainda está solto.

Não há um único navio no horizonte.

Eu saio do cais, de costas para as ondas que levaram Anna, minha cabeça e coração latejando com o desejo de que ela voltasse também. Que eu teria minha amiga de volta.

Que eu não sentiria a necessidade de depositar minhas esperanças em garotos que eu deveria saber o tempo todo que só se importariam comigo até que eles atingissem aquela linha invisível na areia — sangue — e então me decepcionariam. Embora talvez, sendo real, Anna se sentisse do mesmo jeito.

Estou muito inquieta para correr para casa para dormir. Acenar com a cabeça e sorrir para a história bêbada de Hansa sobre sua noite grandiosa com suas grandes amigas — como se esses amigos não tivessem queimado milhares de pessoas. Então eu ando ao longo da água até o lado da enseada, a luz da lua guiando meus passos, pegando as manchas brilhantes de areia para criar um caminho brilhante ao longo da costa.

Eu não tenho um plano e não preciso de um. Eu só preciso de uma chance de me cansar o suficiente para que eu adormeça livre da tristeza arrastando meu coração até os meus tornozelos.

Eu tenho amigos que não são da realeza. Eu tenho.

Eu tenho as crianças da escola que me toleram pelo bem de Nik, mas apenas quando seu príncipe está por perto. Mas, na maioria das vezes, tudo que vejo quando saúdo seus rostos é a desaprovação refletida em seus olhos.

Aquela garota – não pode salvar sua mãe.

Aquela garota – vive enquanto sua melhor amiga se afogava.

Aquela garota – acha que o trabalho de seu pai lhe dá as chaves do castelo.

Aquela garota – se considera mais do que uma fantasia passageira para o príncipe dos playboys.

Eu conheço as primeiras pedras da enseada e fico ali, deixando o ar salgado enrolar meus cachos no meu rosto. O vento aqui sempre parece tão limpo, como se varresse a sujeira física e mental com uma expiração do Estreito de Oresund.

Esta noite a enseada está calma. As ondas lambem suavemente a praia, beijando a areia e as formações rochosas com a mesma precisão delicada. Não há mais ninguém à vista, e este vestido não é nada de especial – nada que eu tenha é especial – então eu tiro minhas botas e meias e coloco – as cuidadosamente em um trecho de praia que provavelmente não será tocado pela maré. Com a areia grudando nos dedos dos pés, eu pulo para a primeira ilha e pulo de pedra em pedra até chegar a Picnic Rock.

Embora esteja úmida desde a recente maré alta, a laje não está tão molhada que é desconfortável. Eu recolho minhas saias, puxo meus joelhos para o meu peito, e sento lá com os olhos fechados, deixando a carga do mar passar por mim.

Finalmente, meu batimento cardíaco diminui, e eu posso sentir a exaustão entrando. Mas eu não consigo dormir aqui. Eu me forço a ficar em pé e segurar minhas coisas. Há apenas uma brisa, mas um formigamento corre pela minha espinha. Eu cruzo meus braços sobre o peito, mas não consigo me livrar do frio. Eu olho para a noite, para a sombra onde o mar encontra a formação rochosa que divide a enseada, quando juro que vejo um flash de pele branca.

—Olá? — Eu chamo, meu corpo tremendo.

Apenas o vento responde, ganhando força a partir do porto e no fundo do mar.

De repente estou acordada e volto minha atenção para a parede de pedra. Mas não há nada para ver além de sombra e ondas.

Talvez tenha sido o polvo que fez da enseada sua casa, insultando – me da mesma forma que insulta Tante Hansa, que gostaria de engolir até a última gota de tinta.

Mas provavelmente não. Meus olhos estão brincando comigo novamente.

Assim como eles devem ter brincado no aniversário de Nik.

– Talvez você precise evitar a enseada quando a luz da lua é forte, Evelyn. – Murmuro. A lua pode fazer coisas engraçadas para uma bruxa.

Eu posso ouvir isso agora, outra tensão no coro de pena: *Aquela garota – vendo aparições ao luar.*

Quatro anos antes



O menino ouviu os salpicos, um após o outro, e ficou de pé, flautim esquecido, olhos só no mar. Prendeu a respiração, esperando que a primeira aparecesse. Ambas eram fortes nadadoras, mas a garota de cabelos negros tinha o hábito de ganhar.

Estava a cem metros do banco de areia. Um mergulho digno em qualquer dia, mas quando o menino inspecionou o mar novamente, ele sabia que não se tratava de nenhum mar. Estas não eram apenas ondas.

O mar estava zangado.

O menino prendeu a respiração e deu um passo em direção à água, tomando o cuidado de não se aproximar muito – sua mãe costumava dar-lhe palestras sobre os danos que a água salgada poderia causar às suas finas botas de couro.

A garota loira apareceu primeiro. Ela respirou fundo e depois voltou para baixo, a barra de areia em sua mira, ainda a setenta e cinco metros de distância.

O menino examinou a água em busca de cabelos escuros. Tomou um fôlego. Apertou bem no local onde ela deveria ter aparecido. Nada ainda.

O loiro se levantou novamente. Agora, a dez metros mais perto do banco de areia e sem olhar para trás.

Nenhum cabelo escuro para ser visto.

Ele deu outro passo à frente. Uma onda aproveitou e marcou seu pé. No reflexo, ele olhou para baixo. Sim, o couro estava

completamente encharcado. Mas ele não se importou. Olhos imediatamente de volta ao mar. Coração batendo. A bota molhada já está saindo.

Lá. À distância, a trinta metros de distância. Não a coroa de uma cabeça de cabelos negros.

Uma única mão, procurando ar.

O menino mergulhou, com a respiração completa apertada em seus pulmões e abriu os olhos. Nada além do fundo escuro e da picada do sal.

Pensando nas garotas, na mão, ele emergiu cedo. Ele manteria seu golpe acima das ondas, sua cabeça perto da superfície. Ele era um forte nadador e sua nova estatura não diminuía sua força natural, mas a água era mais feroz do que ele jamais havia sentido, constantemente puxando as pernas da calça. Uma força das profundezas puxando — o para o harém das sereias, todas as crianças de Havnestad foram contadas vivendo no fundo do mar.

Na superfície, ele não viu nada. Nem um fio de cabelo nem um lampejo de mão. Mas ele sabia onde elas estavam. Ele sabia onde ele deveria ir.

Mais vinte jardas e ele abriu os olhos para o mar novamente. Olhou para baixo. Onde a água o puxou.

Cabelos negros se enrolavam como uma nuvem de tinta, dedos pálidos se estendiam em sua direção. Seu rosto escondido. Ele mergulhou, esperando que não fosse tarde demais.

Pulmões queimando por ar, ele emergiu, um braço enganchado sob seus ombros. A força da natação empurrou os cachos de seu rosto. Seus traços beiravam o azul e ele não sabia se estava respirando.

Tudo o que ele sabia era que ele a tinha.

—Vamos, Evie. Venha. — Ele rezou para os antigos deuses, assim como o luterano, quando teve a respiração, seu corpo lutando contra o cabo por ambos, a costa distante, mas em sua mira.

Avançando, ele virou a cabeça tanto quanto o peso e a luta permitiam, esperando um flash de loiro em segurança no banco de areia.

Ele não viu nada.

Na praia, ele chamou o mais alto que pôde para ajudar. Ele colocou Evie na areia, escovando os cachos, ouvindo a boca.

Sem respiração.

Ele a rolou e bateu nas costas dela. Água salgada jorrava de seus lábios e nariz, pingando na praia.

As pessoas vieram então. Homens das docas, mulheres da pista do mar. Eles se aglomeraram ao redor, falando em tons sussurrados sobre a garota. Eles nunca tiveram coisas boas para dizer sobre ela, mesmo com ela desse jeito.

O menino disse aos homens que havia mais uma. Apontou – os para o banco de areia e as ondas vazias. Ordens latentes de resgate. Os homens escutaram. Por causa do nome do garoto.

O garoto soprou ar nos pulmões da menina e bateu nas costas dela novamente, tirando o cabelo do caminho para causar mais impacto. Mais água saiu, desta vez em um grande jorro, junto com a respiração ofegante.

Seus olhos piscaram abertos, escuros e desgastados.

– Nik?

– Sim! Evie, sim!

Sorrindo brevemente, ele a abraçou perto, mesmo que fosse inadequado, com os ombros nus em sua anágua e ele um príncipe. Mas ele não se importava porque ela estava viva. Evie estava viva.

– Anna? – Ela perguntou.

Eles viraram – se para olhar o mar.



Havnestad tamborilava com energia.

O brilho do verão e a emoção do festival de Urda se combinavam para criar o tipo de carga que uma pessoa costuma testemunhar com uma tempestade que se aproxima. Fico acordada cedo, sentindo — me leve e livre depois de uma noite tão negra.

Enquanto ando até o porto, com uma ametista no bolso, vejo a carruagem de Nik passar. Eu aceno minha mão, mas não sei dizer se ele me viu. Ele certamente se dirigiu ao vale para visitar os fazendeiros no lugar de seu pai, uma tradição do Lithasblot. Agradecemos a Urda, mas também àqueles que trabalham em nossos campos.

Os navios no porto estão vazios, mas eu corro minha palma fechada ao longo de seus cumprimentos, gravando — os, embora eles não estejam indo para qualquer lugar neste dia ou no seguinte. Em uma manhã tão gloriosa como esta, não é difícil conjurar as palavras para Urda, mas não posso deixar de pensar no discurso de Nik. Nenhuma magia pode enganá — la. Nenhuma palavra pode exercê — la. Nenhuma vontade pode influenciá — la. Meu feitiço é um truque? Um pânico de repente me pega. Meu coração bate rápido e meus pés parecem chumbo. A doca começa a girar diante dos meus olhos. Essa é minha punição? Eu fecho meus olhos para acertar meu equilíbrio.

Eu estou sendo boba. Minha magia não é para enganar. Minhas palavras pretendem honrar Urda, honrar seu mar. Trazer a

vida. Certamente ela sabe disso. Meu ritmo cardíaco começa a diminuir e eu saio das docas. Eu preciso de uma distração.

Nik não deve voltar das fazendas até o meio da tarde, e enquanto as ruas logo estarão vivas com os visitantes do festival, a verdadeira festa não começa até a hora do jantar, quando Nik terá que julgar o gado. Então eu ando pela rua do mercado e pego um café da manhã tardio, deixo na conta do meu pai — morangos gordos, uma fatia fedida de samsø, um pote de arenque em conserva que chamamos, e um pão crocante de pão de centeio tão denso que poderia passar como uma pedra do mar — e volto para a enseada de Havnestad.

Está quieto aqui, apenas alguns casais se arrastando ao longo das rochas, nenhum tomando conhecimento de mim. Eu removo meus sapatos e meias e os coloco no mesmo lugar de ontem, e eu pulo entre as ilhas menores para a grande, Picnic Rock ganhando seu nome mais uma vez. O sol forte e a maré calma deixaram a rocha quase completamente seca, então deito de costas, olho para o céu e fecho os olhos.

Embora eu não queira, minha mente muda para Iker. Ele ainda não voltou. Já estou ansiosa e a mesma sensação de pânico retorna rapidamente.

E se algo der errado?

E se a pilha de vapor explodisse?

E se a baleia colidisse com o casco do navio após a captura?

Eu tenho culpa?

Eu sei que estou sendo ridícula, mas o pior de tudo é que nunca saberíamos. Todos nós estamos aqui, com nossos olhos voltados para dentro, em vez de virados para o mar.

Isso deixa minha mente para uma espiral descendente sobre o Pai, e então de repente uma sombra cai nas costas das minhas pálpebras, o sol direto apagado por uma nuvem passageira. É como se o tempo também se preocupasse

— Com licença senhorita?

Aquela voz.

Meus olhos se abrem, procurando pelo rosto de uma amiga que eu conheço no meu coração há muito tempo.

Mas lá, inclinando — se sobre mim, está a garota.

A garota da vigia.

Aquela que salvou Nik.

Mas isso também não pode estar certo. Eu realmente estou perdendo meus sentidos hoje.

Eu me sento e rapidamente pisco meus olhos no sol, mas quando eles mudam o foco, a mesma garota permanece. Ela se desloca para trás, longos cabelos loiros balançando.

O rosto dela é como o cantar de sua voz — muito parecida com a de Anna, mas mais madura. O punhado de sardas ao redor do nariz também é familiar. Ela usa um vestido mais bonito do que o meu, e os sapatos dela brilham com couro novo.

Sapatos. Pés. Não tem barbatana, ela não pode ser o que eu vi. Meu estômago se afunda, mas não sei por quê.

— Isso é bastante embaraçoso, mas... — Os olhos da garota caem no morango na minha mão. — Eu não como em mais de um dia.

Estou tão atordoada que acabei de entregar o morango. Ela não está pronta para isso e balança na ponta dos dedos antes de dar uma mordida. Eu empurro toda a minha refeição para ela.

Anna adorava queijo e frutas.

— Oh, não, você não precisa, eu —

— Eu insisto —, eu digo, e estou surpresa que é o que sai porque há tantas outras palavras na minha língua. Tantas perguntas. Mas estou quase com medo de perguntar porque sei que palavra vai cair — Anna.

A garota come e eu tento descobrir o que dizer em seguida.

Você salvou o Nik?

Você era uma sereia?

Você é Anna?

Você não se lembra de mim?

Tudo me faria correr se eu fosse ela. Então, enquanto mastiga um pedaço de pão de centeio, abro o pote de escorregador.

— Você se sente melhor? Pergunto.

— Sim muito. Obrigada. Eu sinto muito. Terminei.

Eu balancei minha cabeça e inclinei o frasco aberto em direção a ela, o pequeno arenque balançando em sua salmoura.

— Coma, por favor.

Ela vê o peixe e recua, acenando com as mãos na frente do rosto. Pego um arenque e como ele mesmo, puxando os ossos pela cauda antes de descartá-los na enseada. Ela olha para mim como se eu tivesse acabado de morder sua orelha.

Eu costumava fazer o mesmo com Anna. Ela também não gostava disso. Eu sorrio, mas por dentro, a tristeza é sufocante. Eu tenho que parar de procurar pelos mortos nos vivos.

— Tem certeza de que você ainda não está com fome? — Eu tento. — Há mais queijo

— Não. Eu vou ficar bem. — Um soluço engole a palavra bem. Sua testa franze e a pele sob os cílios avermelha; não há lágrimas, mas ela parece exatamente como se estivesse chorando.

Minha mão voa para o ombro dela para confortá-la. Quando a garota recupera o fôlego, ela começa a falar novamente, sua voz quase um sussurro. Ela não parece se importar em eu tocá-la. — Eu fugi de casa.

— Oh, Anna...

Os olhos da garota voam para os meus. — Annemette. Como você ...

— Eu não... Eu só... você me lembra de alguém que eu costumava conhecer. —

Ela solta uma gargalhada. — Eu queria ser aquela garota.

— Não, você não —, eu digo rapidamente quando esta menina — Annemette — limpa o nariz.

— O pai dela era mentiroso? Contando histórias sobre onde ele esteve e o que ele fez, vendendo todo o nosso gado e não trazendo uma moeda para casa?

Eu balancei minha cabeça porque eu não sei o que dizer.

— Eu tive que vender metade das nossas coisas boas para pagar sua dívida e colocar comida na mesa. Eu não aguentava mais. Eu saí correndo para Lille Bjerg um dia atrás.

Suas palavras estão desligadas. Eles parecem forçados. Eu não posso evitar — eu olho para o rosto dela. Eu já vi milhares de rostos desde que Anna não apareceu, mas eu nunca vi um tão parecido. Nunca ouvi uma voz com o mesmo timbre. Se eu não a tivesse

tocado, se essa menina não fosse claramente feita de carne e osso, eu pensaria que ela era um fantasma.

Ela esfrega o rosto com as mãos, unhas limpas e moldadas. Seus olhos se abrem e então ela pega minhas mãos.

— Eu sou terrível. Aqui estou eu, invadindo seu café da manhã, roubando sua comida, despejando meus problemas em seu colo, e ainda não perguntei seu nome.

— É Evie — Eu respondo.

— Evie —, ela repete, testando meu nome em sua língua. — Britânico?

— Evelyn, sim. Minha mãe se apaixonou pelo nome em Brighton.

— Eu posso ver o porquê. — Annemette sorri, seus dentes limpos e retos, como o de uma princesa.

Eu digo a mim mesma novamente que ela não é Anna. Ela nem é a garota da vigia ou da praia ou em qualquer outro lugar. Ela é uma garota de fazenda do outro lado do desfiladeiro. Minhas bochechas ficam quentes. Annemette aperta minhas mãos. — Obrigada pela sua generosidade, Evie — é um presente. Verdadeiramente. — Seus olhos ardem de novo em vermelho e seu lábio treme. — Eu duvido que terei muita sorte novamente.

Eu não sei o que fazer com essa abertura. Esse sentimento estranho floresceu no meu estômago. — Você realmente não tem nada e nenhum lugar para ir?

Annemette passa as mãos pelo corpo. — Só minhas roupas e meu orgulho.

Eu não posso explicar essa garota ou meus sentimentos ou porque eu tenho a necessidade de acreditar nela, mas eu sinto. E eu quero ajudar. — Venha comigo.



A pequena casa que meu pai construiu não é tão longe de Havnestad Cove — é praticamente à beira — mar, a casa no final de uma pista na sombra do Castelo de Øldenburg. Ele faz a reserva de uma palha de árvores que o protege de um penhasco rochoso que se projeta no mar.

— É tão pitoresco. — diz Annemette.

— Está em casa. — Respondo, e empurro a porta da frente. Faz muito tempo desde que eu apresentei alguém ao nosso pequeno chalé. Quando eu era pequena, muitas vezes recebíamos crianças enquanto seus pais estavam no mar. Mas isso parou depois que minha mãe morreu.

Na lareira, Tante Hansa está mexendo alguma coisa — pelo cheiro, provavelmente a mistura de fiambre e ervilha que ela traz para cada Lithasblot para colocar ao lado do porco assado que temos no segundo dia do festival. Porque — nunca pode haver suínos suficientes neste mercado de peixe encharcado. — Hansa está de costas, e eu sinto a necessidade de anunciar que temos companhia — nunca é seguro para uma bruxa não ter nenhum aviso.

— Tante Hansa, gostaria que você conhecesse minha nova amiga.

Hansa enxuga as mãos e eu sei que, pelo conjunto de seus ombros, ela estava mexendo a sopa sem colher. Feitiços domésticos não são espetaculares, mas eles são os favoritos dela porque ela

nunca planejou ter uma família própria — e papai e eu temos mais trabalho do que ela gostaria de admitir.

Quando ela se vira, seu rosto é puxado para cima em um sorriso, claros olhos azuis brilhando com o prazer de me pegar em algo remotamente incomum. Hansa é a irmã mais velha da minha mãe há quase duas décadas, o tempo entre eles cheio de irmãos que perderam a vida para o humor do mar jovem demais. Ela é tão velha quanto a tristeza de enterrar todos os seus irmãos sugere. Mas eu nunca consegui colocar nada além dela.

O que significa que a reação dela a Annemette é a mesma que a minha. Só ela realmente diz o que está pensando.

— Por que, Anna, voltou do fundo, não é?

A boca de Annemette se abre como se ela tivesse perdido a língua, sua atitude jovial se foi também.

— Annemette, Tante —, eu corrijo. — Ela é do vale. Uma fazenda.

Hansa dá um passo à frente e levanta uma sobrancelha — o bastante, dado o aperto de sangue em seu penteado.

— É isso mesmo? — Hansa a olha de cima a baixo. — Essas mãos não viram um dia de trabalho duro em todos os seus anos. Aquele rosto bonito não viu o sol. E esse vestido vale mais do que a melhor vaca do vale. Ela dá um passo à frente e agarra a mão suave de Annemette.

— Quem é você realmente?

— Tante, por favor, deixe ela em paz, ela teve uma viagem difícil.

— Silêncio. Você só vê o que quer ver. — Ela se volta para Annemette, olhando para a garota como se ela pudesse dobrar sua vontade com a mesma facilidade com que ela dobrava a sopa.

— Então, mais uma vez eu pergunto, quem é você realmente?

Os olhos de Annemette ficaram vermelhos ao redor dos aros novamente, mas ela não chora. Se há alguma coisa, há uma margem de desafio no corte deles. Como se ela aceitasse o desafio de Hansa pelo que é. Mas quando ela fala, ela diz a última coisa que eu esperava.

— Sua sopa está fervendo.

Mas a sopa está mais do que fervendo. O líquido verde — ervilha chia ao rolar em violentas ondas sobrenaturais sobre a borda da panela de ferro.

— Ah! — Hansa gargalha. — Eu já vi o seu tipo antes.

Estou atordoada. O tipo dela? Annemette é uma bruxa?

Eu olho para ela.

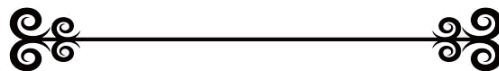
Outra bruxa. Minha idade. Próxima a mim.

De todas as coisas em que não posso acreditar em Annemette, isso pode ser o mais insondável.

Algo se abre no meu peito enquanto o segredo que seguramos tão firmemente como uma família voa para o ar quente. Eu olho para este rosto tão familiar e ainda assim tão estranho, e minha mente gira. Anna não era uma bruxa, mas Annemette certamente é.

Annemette acena com a cabeça e o líquido retorna a uma suave fervura.

As mãos manchadas da minha tia seguram Annemette novamente, mas desta vez há uma luz engraçada nos olhos dela, todo o ceticismo desaparecido. — Evie, criança, você fez realmente uma amiga muito interessante.



Leva muito tempo até que Tante Hansa nos permita escapar, tendo questionado Annemette sobre sua família. De maneira engraçada, ambos reivindicamos a linhagem para a cidade de Ribe e a bruxa mais famosa da Dinamarca, Maren Spliid. Amarrada a uma escada e atirada em um incêndio pelo rei Christian IV há 220 anos, ela se tornou lenda. Seu talento era inspirador, mas no final sua audácia foi sua ruína. Sua morte e tantos outros sob o rei caçador de bruxas espalharam as bruxas da Dinamarca como cinzas ao vento. E nosso tipo nunca se recuperou — nossos clãs fraturaram, magia mantida para as famílias e nunca compartilhada.

Dado o tempo e a distância, não deveria ser uma surpresa que haja mais de uma família com magia em Havnestad

relacionada a Ribe e Maren, mas eu ainda não consigo acreditar. Nós estamos sozinhas há tanto tempo.

Depois que Hansa finalmente está satisfeita com sua árvore genealógica, Annemette e eu saímos. Entramos na floresta atrás da casa de campo, onde estamos com sombra em todos os ângulos, inclusive do Castelo de Øldenburg e suas vistas arrebatadoras, e começamos a descer em direção ao mar.

O chão está coberto de raízes e galhos retorcidos, um perigo para quem não está olhando para onde está indo. Mas conheço esse caminho íngreme melhor do que qualquer um, e aproveito esse momento para dar mais uma olhada em Annemette. Sua família pode ser de outro lugar, mas seu rosto ainda pertence aqui.

Anna não tinha nenhuma magia em seu sangue, pelo menos até onde eu sei. Ela tinha dois pais “comuns” e uma avó que a amava mais do que o sol. Seus pais saíram logo após o funeral de Anna. Pegaram seus títulos e mudaram — se para a Jutlândia — a quilômetros e quilômetros desse lugar e da filha que perderam. Sua avó ainda está aqui, mas ela ficou senil com pesar, a perda de sua família muito para sua mente. Eu a vejo no bakeshop às vezes, e ela chama toda pessoa lá de Anna. Até eu.

— O que? — Annemette diz, me pegando olhando quando passamos entre árvores gêmeas, escorregadio com seiva.

Eu não posso dizer a ela o que estou pensando, mas tenho perguntas para ela. — É apenas... Como você sabia que éramos bruxas? Se você estivesse errada, poderíamos denunciá-la. Você poderia ter sido banida.

Ela mergulha a cabeça para evitar um galho. — Eu posso sentir isso.

Como Tante Hansa fazia.

— Eu não devo ser muito de uma bruxa. — Eu digo. — Eu não sabia dizer. Quero dizer, agora meu sangue não para de cantar, mas uma hora atrás? Não. — Há tanta coisa que eu não sei sobre a magia em meus ossos.

— Tenho certeza que você é uma ótima bruxa, Evie. —

É uma coisa boa de se dizer, suponho, mas não necessariamente verdadeira. Tante Hansa me ensina apenas os mais mundanos

dos feitiços. Mas eu leio seus livros e os livros da minha mãe, e sei que há muito mais.

Com algumas palavras e sua vontade, Annemette revelou toda essa possibilidade ao público.

— Como você fez isso? A sopa, quero dizer.

Annemette apenas encolhe os ombros e engancha a mão em uma árvore, girando em torno dela como uma fita de um mastro. — Foi apenas um feitiço de animação. — Diz ela, como se impressionar Tante Hansa não fosse nada.

A facilidade, o conforto, o entendimento que ela tem sobre sua magia faz meu sangue formigar com inveja. É muito do que eu quero. Levei meses estudando e brincando para criar o feitiço para combater o Tørhed e, mesmo assim, não tenho certeza se realmente funciona. Minha evidência é apenas anedótica, e Fru Seraphine me ensinou melhor do que usar anedotas como verdadeiras medidas de sucesso.

Em mais alguns degraus, chegamos à pequena faixa de praia rochosa que leva a Havnestad Cove, meu próprio atalho para a caverna Greta. Eu tento acalmar meu coração batendo tão alto, mas eu nunca fui para a lagoa à luz do dia e estou nervosa. Eu roubo um olhar até a praia. Está deserta até onde eu posso ver, todos se preparando para as festividades desta noite.

— Cuidado. — Eu digo quando chegamos ao final da praia e as duas grandes rochas. — A água é profunda aqui.

Eu tiro minhas meias e sapatos e entro. Quando chego à areia, eu me viro, mas ela ainda está de pé perto das rochas.

— Aqui. — Eu digo, voltando para fora e estendendo meu braço.

— Pegue minha mão. Vou te ajudar.

Com passos hesitantes, ela se aproxima e agarra minha mão com força. Eu sorrio para ela. — Vamos. Está tudo bem.

Uma vez que estamos no lugar certo, eu coloco de lado as pequenas pedras que obscurecem a entrada e conduzo — a para dentro. Embora seja dia, a caverna ainda está mergulhada em sombras. Eu acendo uma vela. Várias ferramentas comuns estão penduradas na parede e, no chão, ostras suam em um balde — meu mais recente fracasso. Em uma saliência na parede de pedra estão

minhas tinturas, garrafas cheias de tinta de polvo e lula, veneno de água — viva e conchas de caranguejo em pó.

— Você fez um covil.

Eu ri. — Oficina secreta pode ser um termo mais precisa.

— Oh não, isso é um covil. — As mãos de Annemette se movem automaticamente para a borda. Ela segura cada garrafa até a luz, admirando o chapinhar ou o swoosh do conteúdo.

Sua bota cutuca o balde de ostras. — E quais são os seus planos para esses garotinhos? — Ela pega uma e segura em sua mão como se fosse um filhote de passarinho e não uma fonte infinita de frustração para mim.

— Eles são estéreis, mas eu esperava usá-los na produção de pérolas para serem esmagadas por... — Annemette me deixa fria com um aceno de mão. Ela murmura algo que eu não entendo em voz baixa, os olhos fixos na ostra em suas palmas.

Em instantes, a ostra incha a um rosa tão vibrante quanto o pôr do sol e se abre. No interior é a pérola mais linda, perfeitamente redonda com um brilho opalescente.

— É lindo. — Eu digo, embora a palavra não faça justiça. É de outro mundo, não natural. Eu quero tocar, mas estou com medo disso tudo. Parece... Vivo.

O sorriso de Annemette se torna malicioso. — Lindo demais para esmagar, eu acho. — Com um simples comando nórdico antigo “*Fljóta*” ela coloca a pérola flutuando sobre a palma da mão. Então, sem dizer uma palavra, ela comanda alguns comprimentos de fio — reaproveitados e, portanto, desenrolados — dos pregos na parede. Em seguida, ela cobre o fio e a pérola com as duas mãos, protegendo de mim a magia que ela está claramente trabalhando com sua mente, seus olhos fixos em seu trabalho. Segundos depois, as mãos dela partem para revelar um colar de pérolas perfeito.

— Vire — se e puxe o cabelo para cima. — Diz ela.

Eu faço o que ela diz e ela coloca o fio em volta do meu pescoço, colocando — o de forma que a pérola fique na base da minha garganta. Eu não tenho nenhuma jóia de verdade e nunca experimentei nenhuma, exceto a aliança de casamento da minha mãe

— o Pai a mantém guardada em um pequeno baú, junto com cartas, desenhos e outras fichas de sua vida juntos.

Eu toco a pérola e olho para ela, mas ela está ocupada trabalhando em outra ostra e mais fios. Depois de alguns momentos, Annemette amarra seu próprio colar de pérolas ao redor de sua garganta.

— E agora nós combinamos. — Diz ela.

Minha garganta pega. Eu me lembro de Anna dizendo aquelas palavras para mim naquela vez em que fizemos colares de contas de madeira que o alfaiate estava dando. Elas eram rudes e infantis, mas ainda assim especiais. Nós prometemos nunca tirá-los, mas eu não suportaria olhar para os meus uma vez que Anna tinha ido embora. Agora está em uma pequena caixa debaixo da minha cama.

Eu forço um sorriso para Annemette. Minha pérola está em repouso frio no meu pescoço, pulsando com vigor. É um sentimento curioso que não é totalmente agradável, e eu me pergunto se a pérola sempre vai bater assim. Estranhamente, eu me vejo esperando que isso aconteça.

— Você pode me ensinar? — Eu pergunto, as palavras saindo dos meus lábios.

— O que há para ensinar? Você é uma bruxa, não é?

— Eu... Tante Hansa não me ensinou nada disso. Tudo o que sei é como uma receita para fazer queijo — falhe um segmento e a coisa toda cai para coalho.

Annemette aperta o nariz. — Não deve ser tão difícil. — Ela pega uma ostra. — Aqui. Experimente. *Fljóta*.

Annemette vê a relutância atravessar meu rosto e inclina a cabeça. — É apenas um comando. Diga com confiança e você terá a mágica para fazer o trabalho.

Com dedos hesitantes, pego a ostra na minha mão. É tão cinza e estéril como sempre, e fedida, também, um pouco de podridão.

— *Fljóta*.

A ostra treme nos meus dedos, mas não levanta. Eu não consigo fazer essa conexão como faço quando com o navio do meu pai. Há algo faltando.

— Você controla a magia, Evie. É sua. Pegue.

Há uma nota em sua voz que é como uma sacudida — como me empurrar da doca para a água.

Eu endireito meus ombros e olho para a pequena coisa frustrante e apodrecendo. Eu sinto o sangue da minha mãe dentro de mim. O sangue de Maren Spliid. O sangue do stregha escondido dentro da fachada — comum — do meu pai. Eu sinto o espírito de Urda, do lado de fora, por dentro, ao meu redor, criando a energia natural que nós extraímos. Eu giro esses sentimentos com todo o desejo dentro de mim — o desejo de ter o tipo de poder que poderia ter salvado Anna e minha mãe. O tipo que pode realmente acabar com o Tørhed para sempre, não apenas mascará-lo com um feitiço diário. O tipo que Annemette parece ter.

— *Fljóta* — Eu digo com tudo o que quero. Com a ferida que vive no fundo da minha barriga desde o dia em que perdi a Anna. O dia em que quase perdi Nik também. Quando eu queria mais do que tudo, usar minha magia para melhorar.

A ostra paira.

— *Líf* — Sussurra Annemette. Vida. Eu deveria dar a vida.

— *Líf* — eu comando. A ostra começa a mudar de cor, sua casca cinzenta se aquece para rosa e depois para o laranja queimado do amanhecer.

A ostra fica quente. Quente o suficiente para combinar com sua nova cor viva. Seu calor lambe minha palma.

Em um momento, a ostra se abre, a pérola mais perfeita em seu centro.

É linda. Novamente, é quase bonita demais para esmagar o cataplasma mágico que planejei, mas há muita mágica que eu quero fazer agora.

Annemette ri. — E isso, minha amiga, é como você comanda a magia.

Embora o feitiço tenha acabado, ainda posso sentir a magia pulsando em minhas veias, um fogo azul tão quente que está frio. É diferente de tudo que eu já senti antes. Eu não quero que isso pare, mas eu sei que há um perigo em aproveitar esse sentimento por muito tempo.

Eu coloco a ostra na mesa que uso para minhas invenções, feita de um pedaço de madeira flutuante que encontrei na praia. Está cheio de mais frascos e frascos, mas limpo algum espaço e seguro a pérola nos meus dedos. Ao contrário da pérola Annemette feita, esta ainda é quente ao toque, não muito quente. A magia responde de maneira diferente a nós duas, suponho — não sei. Mas eu quero aprender.

É hora de eu realmente abraçar quem eu sou. Tante Hansa me manteve no escuro por muito tempo. Minha mãe era uma curandeira estabelecida pela minha idade.

— Annemette, você vai ficar e me ensinar? — Eu pergunto.

— Eu não posso — Ela responde rapidamente, com a boca apertada, mas trêmula. Ela se vira e apoia os braços contra a abertura da caverna, observando a maré entrar e sair.

Mas eu não entendo. Por que Annemette está tão chateada? Por que ela deve sair de repente?

— Você pode ficar. — Insisto. — Você está segura aqui do seu pai e nós temos mais do que espaço suficiente. E você estará conosco. Com uma família que cuida de você e entende você. Você não precisa fugir para descobrir isso. Ser você mesma.

Annemette encontra meus olhos com um olhar que eu conheço, e com cada força de um feitiço Viking, ela diz de novo.

— Eu não posso.

Ela se abaixa e passa as mãos pela areia, deixando — a cair entre os dedos. — Eu não posso ficar aqui.

É ela. Eu não posso negar agora. Ela não está tentando negar isso também. O olhar que ela me deu é o que eu vi na praia. Aquele que eu vi no rosto da garota enquanto ela se aproximava de Nik. Antes de mergulhar na água e desaparecer, apenas uma cauda surgindo das ondas.

— Você não pode ficar — Eu digo.

Ela balança a cabeça, os olhos nervosos.

— Você não é uma bruxa, não é?

Ela balança a cabeça negativamente.

— Você é uma sereia.



— Como está o menino? — Ela engole duro e dá um passo em minha direção.

Eu instintivamente dou um passo para trás, batendo na mesa atrás de mim e derrubando um frasco de tinta de polvo de lado. Não tenho certeza se as histórias das antigas de Tante Hansa estão me dizendo para fugir ou o fato de que Annemette é claramente mais poderosa do que qualquer conto popular poderia descrever. Minha e agarra o frasco antes de rolar e se chocar contra o chão. A pérola no meu pescoço lateja. Eu quero sair, mas o rosto dela parece triste, e eu posso ver agora que ela está segurando essa questão desde que ela chegou.

Eu percebo que ela não está aqui por mim ou minha magia. Ela está aqui por Nik.

No meu silêncio atordoado, Annemette continua.

— Ele está bem? Ele estava respirando quando eu o trouxe para terra, mas eu não tive tempo para... você veio e então aquele homem, e eu tive que ir. Eu preciso que ele esteja vivo, Evie. Por favor, diga alguma coisa!

Eu concordo.

— Ele está bem. Você o salvou.

Minha garganta aperta e as lágrimas ardem nas minhas bochechas. Se não fosse por Annemette, eu estaria vestida em roupas de luto.

— Ele está totalmente saudável. Forte. Provavelmente ordenhando uma cabra neste exato momento!

Annemette praticamente cai nos meus braços. — Oh, graças a Deus! Quando ele caiu no mar, eu o peguei, mas a maré e a tempestade eram tão fortes que eu...

— Pare. Eu não deveria saber. — Eu digo. — Você não deveria dizer mais nada. É muito perigoso para mim...

— Mas você não é mais bem — vinda aqui do que eu. — Diz ela, puxando — se para cima. — Sua magia é tão proibida quanto a minha. — E quando meus olhos se encontram com os dela são claros e duros, percebo que fizemos uma troca. Uma perigosa.

Eu conheço seu segredo e ela conhece o meu. Quebrar essa confiança garantiria nossa morte mútua. Eu escorrego o frasco de tinta que eu estava segurando no bolso do meu vestido.

Nós só vamos sobreviver aos nossos segredos juntas.

— Eu prometo que não vou dizer nada. — ,Asseguro a ela, uma sugestão de pesar na minha voz.

— Obrigada. — Diz ela. — Meus lábios estão selados também. — Ela passa um dedo magro através de seu cabelo loiro, torcendo uma longa onda em um cacho. — Qual é o nome dele, o menino?

— Nik. Seu nome é Nik. E ele é meu melhor amigo. Estou tão feliz por você ter estado lá. Eu vi a onda tarde demais, e ele se foi.

Eu percebo pela primeira vez que depois de salvar Nik repetidas vezes, mesmo que fosse apenas na pista de dança, não havia nada que eu pudesse ter feito naquela noite. Que ele teria me salvado do mar, mas eu teria falhado com ele. Meu sorriso vacila e olho para as ostras cinzentas aos nossos pés. — Eu gostaria de poder recompensá — la com mais do que alguns restos de comida e um colar de pérolas.

Annemette passa um dedo no meu. Parece estranho, perto demais, mas eu não quero afastá — la.

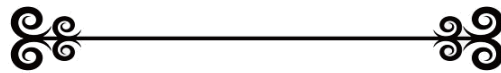
— Eu não fiz nada de especial. — Diz ela. — Sereias não são os monstros que vocês humanos pensam que somos. Eu não podia simplesmente deixá — lo se afogar.

Afogar. Como a Anna. Como eu pensei que Anna tinha sido.

Neste momento, Annemette parece tão bonita. Tão inocente. Ela levanta os olhos para encontrar os meus.

— Você gostaria de conhecê — lo? — Eu pergunto.

— Por favor. — Diz ela.



Deixamos minha caverna e fazemos o caminho de volta através das rochas, Annemette ainda nervosa enquanto ela sai primeiro. Tão estranho e triste ver uma sereia com medo do mar. Enquanto vou, paro na água por um momento — quero dar uma última olhada na caverna para ter certeza de que tudo está escondido — e é quando os sinto. Aos meus pés, três peixinhos mortos saltam entre meu tornozelo e a pedra — certamente saíram do mar por uma onda selvagem e bateram nas pedras. Balanço a cabeça, lembrando — me da última vez que esses peixes flutuaram aos meus pés, mas não consigo pensar naquele dia. Agora não.

Na praia, Annemette e eu secamos e colocamos nossos sapatos. Então voltamos pela trilha da floresta. Uma vez que as árvores se espalham o suficiente e temos espaço para caminhar lado a lado, sinto como se finalmente pudesse perguntar mais a ela.

— Então, você sempre foi uma sereia?

Annemette me dá uma olhada. — Você sempre foi uma menina?

— Sim — Eu respondo. — Mas você não é mais uma sereia. Pelo menos eu não vejo a cauda. Talvez você não tenha sido desde o começo.

Ela ri e eu quase recuo porque ela soa como Anna novamente.

Nossos cotovelos batem quando eu me controlo, desejando ter perguntado diretamente a ela o que eu queria saber.

— Desculpe desapontá-la. — Diz ela. — Nasci uma sereia, espero que não seja para sempre uma. — Ela dança graciosamente em uma pose de arabesco.

Eu paro de andar. Minhas sobrancelhas se juntam. Minha coragem aumenta. — Mas é possível que um humano se afogue e se torne um ser marinho?

Ela balança a cabeça e eu reajusto.

— Quanto tempo você pode ficar assim?

Annemette olha para baixo por um momento e depois seus olhos estão para cima e trancados com os meus.

— Alguns minutos. — Diz ela, com a perna de trás ainda alta no ar.

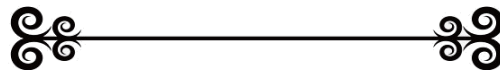
— Não, eu quero dizer, quanto tempo você pode ficar *humana*? Seus olhos mudam para a palavra. Ela se levanta e se alonga.

— Não muito tempo. — Diz ela depois de uma pausa. — Pelo menos não como eu sou. Mas isso depende.

— Depende de quê? — Eu empurro de volta.

— Eu prometo dizer a você. — Diz ela, embora eu possa ver em sua hesitação que ela não confia em mim. Seu rosto fica pálido e ela quase parece assustada — perdida, mesmo. — É só que eu tenho que ver Nik primeiro, ou nada disso vai importar.

A pequena pérola pulsa no meu pescoço — *líf*. Sua magia é forte, mas é boa. Ela salvou a vida dele. O mínimo que posso fazer é fazer uma coisa em troca. Eu olho rapidamente para o sol em sua descida em direção às montanhas. — Nós devemos ir. As festividades do Lithasblot começarão em breve. — Eu digo. — É o nosso festival da colheita. As pessoas vêm de todo lugar. Eles até ouviram falar de nós em Copenhague, eu juro.



Quando chegamos à praia onde as festividades de hoje estão, os funcionários do palácio e alguns moradores locais ainda estão se preparando. Estamos um pouco adiantados. O gado está sendo

pregado em conjunto, e cerca de cem pessoas estão se preparando para colocar decorações, colocar comida e cuidar da fogueira, onde logo um porco gigante será amarrado em um espeto.

— Não é Copenhague, mas é um reino, suponho. Quando o sol se põe, a praia fica tão cheia que mal se vê um grão de areia.

— Nós temos algumas boas festas na areia de onde eu venho também.

Eu ri. — Eu tenho certeza que você tem.

De repente, Annemette vai até o fogo e estende as mãos. Eu esqueço que ela nunca viu fogo assim antes.

— Whoa lá, mocinha — Diz Herre Olsen, o alfaiate, empurrando Annemette antes que eu possa chegar até ela. — Chegue mais perto e você logo estará assando com o porco.

— Obrigada — Diz Annemette com uma reverência. — Eu sinto Muito.

Com quem você está aqui? — Pergunta ele.

— Eu estou visitando o festival com —

— Eu — Eu interrompo, afastando — a da carranca no rosto do alfaiate. — Obrigado, Herre Olsen.

— Precisamos dar — lhe uma história de fundo melhor — Eu sussurro, guiando — a para os jardins do castelo.

As pessoas da cidade gostam de falar, especialmente sobre mim, mas o rei e a rainha precisarão de algo substancial se o filho deles for visto falando com ela. Uma garota humilde sem nome de casa não é boa o suficiente; Eu saberia.

Nós decidimos dar a ela o título de filha de um barão, o mesmo título que Anna tinha: *Baronesa*. Um frade de longe — Odense — vem ver nosso incomum Lithasblot. Sua acompanhante ficou doente e Tante Hansa está cuidando dela. Eu estou preenchendo como seu acompanhante e guia. Sim. Vai funcionar. Outra mentira adicionada à lista. Eu suponho que há alguma verdade por trás das fofocas da cidade sussurrando que eu espalhei falsidades, dizendo que o príncipe não deveria confiar em mim. Mas dizer a verdade para obter sua aprovação não é um risco que estou disposta a aceitar.

— Quando vamos ver Nik? — Annemette pergunta, cansada de contar sua história para mim.

— Não se preocupe. — Eu aponto para a monstruosidade de pedra gigante na colina. — Ele está esperando por mim lá em cima. Annemette segue meu dedo.

— Castelo Øldenburg — Eu digo. — Quinhentos anos de idade e tão arrojado quanto um veleiro.

Eu a guio até o jardim da rainha, que é rico em tulipas de todas as cores. Annemette proclama cada uma a coisa mais linda que ela já viu até chegar à próxima. E a próxima.

— Eu adoro jardins — Diz ela.

Sua boca cai com um suspiro quando chegamos ao orgulho e alegria da rainha — estatuas de sua família, cada uma mais alta que um cavalo, circulavam entre as tulipas. O rei e a rainha são moldados como estavam no dia do casamento, o mármore liso e brilhante dos anos. E ali, ao lado deles, está a versão mais recente de Nik — com quase um metro e meio de altura e esculpida como se estivesse se arremessando na proa de um grande navio marítimo.

— É aquele... ele?

Ela fica em pé, com as pontas dos dedos nem chegando tão longe como o colarinho desabotoado com bom gosto.

— Sim, sim, é ele.

— Ele parece diferente do que eu me lembro. Mais seco, eu acho. — Ela ri.

Nós andamos até lá, já esperando e assistindo Havnestad Harbour, é Nik. Ele está recém lavado depois de sua viagem para as fazendas, a coroa leve que ele é forçado a usar nos dias de festa pressionados sobre o cabelo molhado. Eu sempre acho que ele parece ridículo todo chique no terno azul e dourado de Havnestad, mas a rainha Charlotte é dos fiordes do norte e muito tradicional. Ela insiste em imitar seu retrato oficial para as férias altas do nórdico antigo.

— Evie, aí está você. — Diz ele, pegando — me primeiro em sua linha de visão quando ele se vira da vista. Quando seus olhos pousam em Annemette, seu rosto congela suas feições. Todos, exceto seus lábios, que ainda estão se movendo levemente. — E você trouxe uma amiga...

Eu sorrio e guio ela em direção a ele. — Sua Alteza Real, esta é Baronesa Annemette. Annemette, este é o príncipe herdeiro Niklas.

Uma luz passa pelos olhos de Nik quando ele encontra o olhar de Annemette. No começo eu acho que ele a reconhece — que ele instantaneamente percebe que ela é a única que o salvou. Ou que ele vê a velha amiga que perdemos, a primeira metade do nome dessa garota soando em seus ouvidos.

Mas quase imediatamente fica claro que ele não está pensando em nenhum dos dois, porque ele faz algo que eu nunca vi antes. Ele cora com força. O calor de Honda para Urda está subindo em suas bochechas, e é tão intenso que ele tem que olhar para mim antes de olhar para baixo.

Ele acha que ela é linda.

E ela é — ela é linda — mas isso... isso é sem precedentes.

Tenho vergonha de admitir a pontada de inveja irradiando no meu peito. Muitas vezes, sou a única que tem a atenção de Nik, e ele nunca me olhou assim. Mas eu suponho que se ele tivesse, nós não seríamos amigos. É assim que ele se sente quando estou com o Iker? Ugh, eu não quero pensar em Iker. Eu sorrio para os dois, de pé desajeitadamente entre eles, querendo fugir, mas com medo do que poderia acontecer se eu fizesse isso.

— Encantado. — Ele diz quando as palavras finalmente entram em ação, o rubor ainda ao longo de suas bochechas. — Como você conhece a Evie? Eu pensei que conhecia todas as suas amigas.

Eu cortei para responder a ele. — Sua acompanhante ficou doente em sua viagem de Odense. Tante Hansa está cuidando dela. Annemette queria muito participar de um festival Lithasblot, então eu me tornei sua guia. — Eu toco seu braço. — E conhecer o príncipe herdeiro é o melhor caminho para começar, não é, Annemette?

Ela sorri. — Sim, certamente é.

A cor de Nik começa a se normalizar, seu treinamento correndo em um cavalo branco para resgatá-lo. Seu humor também. — Bem, eu sou o show do festival. Mais de um metro e oitenta de altura e músculos sólidos. — Ele levanta um braço magro e dá um tapinha no bíceps. — Eu tenho um bando de seguidores atrás de mim como patinhos, só para poder abrir potes de conservas.

Eu pisco para Annemette. — É verdade; Eu não terei mais ninguém abrindo meus frascos problemáticos. — Eu estou sendo uma boa amiga. Para os dois. Estou bem com isso. Realmente estou.

Annemette continua a sorrir, mas parece um pouco confusa. Ela sabe muito sobre este mundo, mas não tanto que ela possa conhecer um pote de conserva. Eu sorrio para Nik e faço o meu melhor para salvá-la. — Então, há frascos na agenda no momento, príncipe herdeiro Niklas, ou vamos ficar boquiabertos com algum gado?

— Você realmente não precisa me chamar de príncipe herdeiro Niklas, apenas Nik. — Diz ele, com os olhos em Annemette. — Evie está apenas brincando. Eu não me importo muito com títulos. — Ele toca sua coroa e então cora novamente. — Coroas também...

Annemette acena com a cabeça. — O que você gosta?

— Música, principalmente.

— Eu amo cantar. — Eu engulo quando ela diz isso, meus olhos incapazes de ver outra coisa senão a amiga que ela insiste que não é. A garota que tinha a voz de um anjo — pergunte a qualquer um em Havnestad.

Mas, em vez de parecer triste, Nik começa a corar de novo. Um sorriso tímido se espalha em seu rosto. — Então, usarei meu poder principesco para pegar um instrumento mais tarde e acompanhá-la.

Meu estômago se agita. Isto é perfeito. Simplesmente perfeito.

Descemos os degraus e entramos no jardim. Eu o vejo se afastar por um momento e arrancar uma tulipa rosa do fim da fila, onde a rainha não vai notar. Annemette mergulha para sentir o cheiro de suas favoritas.

Eu me afasto e vejo como ele caminha até sua forma baixa, com a flor atrás das costas. Quando ela se levanta e vira, ele puxa a tulipa rosa de onde ela está escondida e se abaixa em uma pequena e principesca proa.

A boca de Annemette se abre num sorriso largo e seus olhos se voltam para os dele.

— Mesmo? Eu posso tê-la?

— O que é bom de ser um príncipe se eu não posso arrancar uma tulipa do meu próprio jardim?

— Oh, obrigada! Esta é a minha favorita.

— Você é muito bem — vinda, Annemette. — Seus dedos a pegam, e ela a levanta para o nariz, inalando profundamente. Quando seus olhos se abrem, eu os pego e sorrio. — Para o festival, devemos ir?



Nick se engasga no que deve ser seu décimo Spandauer².

A massa doce escamosa grudada nos lábios dele. À medida que caminhamos pelo festival, Nik é interrompido praticamente a cada turno para provar as ofertas de cada mesa. Quer se trate de queijos velhos e fedorentos, bagas e frutas dos pomares do vale, pães crocantes de centeio e cevada, iguarias de ervilhas que tentam rivalizar com a famosa sopa de Hansa, ou as mesas e mesas de sobremesas, Nik é obrigado a experimentar todas. Ele garante aos vendedores que o que quer que ele tenha acabado de empurrar para baixo na garganta é o melhor em Havnestad, possivelmente em todos os reinos de Øresund.

—Salve— me, Evie. —Ele resmunga depois de sua última mordida.

Por que você não pergunta a ela? Quero dizer enquanto Annemette caminha ao meu lado, mas em vez disso lhe entrego o lenço da minha mãe. — Tome pequenas mordidas e use isso.

Meu humor não melhorou muito, embora eu esteja tentando. Isso ajuda que o rosto de porcelana de Annemette ficou cinza, os frutos do mar que nossa cidade tem é conhecida por agitar seu estômago. Passamos por mesas vendendo carne de baleia negra e gordura rosa —pálida, lagosta vermelha brilhante e ainda morna,

² Pastel Dinamarquês.

caranguejo de carne macia, ovas salgadas de salmão, até mesmo fatias de enguia assada lentamente.

Na mesa ao lado, Annemette agarra minha mão e se inclina em meu ouvido. — Por que você mata toda a vida marinha se as outras opções são tão vastas?

Eu dou de ombros. — É o nosso modo de vida. Havnestad vive e morre por suas redes e arpões. — Eu suponho que eu deveria ser compreensiva, mas é quente, e toda essa parada e ida me deixou ainda mais azeda.

Sua testa franze. — Mas há muito mais para comer.

Ela se inclina, seu sussurro se torna mais suave enquanto Nik tenta se livrar de outro bruxo da culinária local. — Meu pai sempre nos diz para ficar longe da superfície, nos assusta com histórias de nossa espécie sendo divididas em dois por arpões, conversas sobre humanos como o flagelo dos mares, sempre caçando e matando. Mas isso...

— É assim que é, Annemette. — Eu digo tão gentilmente quanto faria com uma criança. De certa forma, é isso que ela é, mesmo que ela tenha a minha idade. O tempo que ela esteve no meu mundo pode ser facilmente medida em horas. — Estamos todos sobrevivendo da melhor forma possível. Não queremos prejudicar a vida marinha, o porco ou qualquer outra coisa.

— Eu estava despreparada.

— Eu estava despreparada para encontrar uma sereia hoje. — Eu sussurro, minhas palavras apenas a uma polegada de sua orelha. — Mas eu encontrei.

Ela ri na noite. Nik olha para nós e eu levanto uma sobrancelha para ele e arrumo meus lábios. Ele sorri para Annemette, mas chama minha atenção de novo e eu sei que ele suspeita que eu estou alimentando sua conversa com garotas. E vou deixar ele ir em frente e pensar isso.

Nik se afasta do último assalto, um prato enfiado em sua mão, uma torta frita com gordura fresca, o calor saindo de seu corpo, a cabeça ainda em pé, pequenos olhos de peixe olhando vagamente para o espaço.

— Fru Ulla insiste que esta é a melhor torsk de toda a Havnestad — possivelmente toda a Dinamarca, para ouvi — la contar. Se você procura uma verdadeira experiência de Lithasblot, Annemette, é por onde começar.

Eu toco o prato e o pressiono em direção ao seu peito, onde ele está seguramente fora do caminho. — Ela não come peixe.

Nik ri. — Quem não come peixe? Somos dinamarqueses...

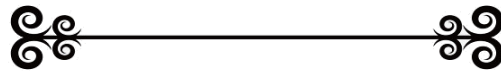
— Alergia. — Eu digo. — Se ela comer peixe, ela explodirá como um daqueles balões voadores franceses.

— É terrível. — Diz Annemette, voltando à vida e estufando as bochechas.

O questionamento morre nos lábios de Nik. Sem hesitar, ele deixa cair o prato nas mãos abertas de um menino gordinho, que sorri de olhos arregalados e depois corre atrás de sua família.

— Então, será meu dever jurado protegê-la da afinidade de Havnestad com a vida marinha.

Os olhos de Annemette saltam para os meus e depois voltam para o de Nik em um movimento rápido. — O corajoso príncipe herdeiro que você é, de fato.



Muito tempo depois de o fogo ter acabado e o maior touro da fazenda de Aleksander Jessen ter sido coroado como o vencedor deste ano, Nik, Annemette e eu sentamos no final da doca real, olhos no oceano e música no ar.

Nik toca um ritmo básico no violão e Annemette escolhe as palavras — escolhendo músicas antigas de marinheiros que eles aparentemente conhecem debaixo do mar, assim como nós fazemos em terra. Ela está cantando Come, All Ye Sailors Bold.

— *O rei confia a seus marinheiros corajosos e nós os encontraremos como antigamente — pai, mãe, irmãs, esposas, estamos prontos agora para arriscar nossas vidas...*

Sento — me ao lado deles com os olhos nas ondas, surpreendentemente apreciando a qualidade clara da voz de Annemette. É tão linda quanto a de Anna, rica e alta, com um ar encantador de inocência embutido na base de cada nota.

— Para meninas dinamarquesas com olhos tão azuis, faremos tudo o que os marinheiros fizerem. E Dannébrog em nossos mastros, flutuará enquanto este mundo durar...

Eles estão sentados tão juntos que a dobra da saia dela está tocando as calças dele. Nem parece se importar, e se alguma coisa, eles se aproximam com o passar dos minutos. Eu estou do outro lado de Nik, e com cada música, risada e trecho de conversa, a lacuna do cais acidentado cresce entre nós.

Embora eu esteja feliz que Nik esteja feliz e que Annemette tenha encontrado o que ela estava procurando, não consigo me livrar dessa nuvem cinzenta de autopiedade, me envolvendo como uma névoa que desce no porto. Era tão fácil para Annemette fazer essa conexão com Nik, e ninguém pensou em nada disso. Havia sorrisos ao redor enquanto eles andavam de braços dados, cada cidade comentando sobre sua beleza, o quão legal eles pareciam juntos. Eu segui ao lado deles. A acompanhante.

Eu sei que neste momento eu nunca encontrarei o que eles têm se eu ficar em Havnestad. Eu apenas falo com alguém fora da minha estação e há ligações para me prender no calabouço. Eu gostaria que Iker estivesse aqui, mas está claro que mesmo que ele esteja ao meu lado, será sempre apenas uma fantasia de infância. Ele pode não se importar com o que os outros pensam quando ele está comigo, mas quando se trata disso, ele vai se casar com uma filha de alto nascimento, e será isso. Eu estarei sozinha novamente.

Se apenas Anna estivesse aqui. A verdadeira Anna. Talvez as coisas fossem diferentes.

A música chega a um final natural, Nik e Annemette caem em uma gargalhada.

— Você tem a voz mais linda, Mette. — Diz ele, usando uma versão abreviada do nome dela que eu não sabia que ela preferia. Eu me pergunto quando ela disse a ele para chamá-la assim. Ou talvez ele tenha feito isso, sentindo uma familiaridade instantânea com ela que eu não tenho.

— Muito obrigada, Nik. — Ela se inclina na cintura. Uma sessão de reverência. Isso é novo.

— Devemos fazer isso de novo amanhã, Mette. Por favor, me diga que você estará aqui amanhã.

— Sim, sim, é claro que estarei. — O rosto de Annemette se ilumina ao luar.

— Excelente. Devo enviar uma carruagem para o seu quarto pela manhã? Onde você está ficando?

— Comigo. — Eu digo, a mentira que planejamos pronta. — Seu acompanhante está muito doente.

As sobranceiras de Nik franzem com preocupação, ou talvez seja dúvida. Ele fica quieto por um momento, e eu gostaria que ele falasse.

— Mas então Mette pode ficar doente. — Diz ele finalmente, e eu libero a respiração que eu não sabia que estava segurando. — E você também, Evie. Vocês duas podem ficar no palácio. Eu insisto. — Ele se vira para mim, sorrindo no lugar, embora meu rosto deva refletir puro choque. Somos melhores amigos, mas a linha na areia entre nós sempre foi o palácio. Eu nunca fiquei lá — a rainha Charlotte até me mandou para casa na noite em que ele quase se afogou. — Vou mandar uma mensagem para Hansa e mandar trazer seus baús.

Não. Isso não vai funcionar. Porque então ele saberá que Annemette não tem baú, ela não tem nada além das roupas nas costas. — Não se preocupe, eu vou pegá-los! — Eu falo. — Hansa está muito ocupada para arrumar suas coisas.

Nik acena, tendo conseguido o que queria, os baús uma mera formalidade.

Annemette agarra minhas mãos e me olha nos olhos.

— Obrigada. — Diz ela. Há uma sinceridade em sua voz, tingida de desespero que não ouvi desde que ela perguntou se Nik estava vivo.

Certo. Ela o salvou, e ela veio aqui para vê-lo. Ela tinha suas razões.

Eu poderia me chutar por ser tão petulante e amarga a noite toda, mesmo que só eu percebesse. Mas pelo menos eu também alcancei meu objetivo. Reembolsando sua boa ação com a

introdução deles. E parece valer muito para ela. Para os dois. Ainda assim meu estômago se agita, a doca se movendo como se eu estivesse à deriva além do estreito, sozinha no mar aberto



Não quero perguntas. Eu só quero subir para o castelo antes que a rainha descubra o convite de Nik. Nossa mentira sobre a nobre herança de Annemette passou pelo escrutínio de Nik, mas ele queria acreditar em nós. Sua mãe, bem, eu não passaria por ela para saber o nome de todos os nobres deste lado da Prússia.

Na cabana, eu atravesso a entrada como se eu fosse arremessar pela janela traseira, através das árvores e do penhasco, mas no último momento, eu desço o corredor e entro no meu quarto.

Minha grande entrada não escapa de Tante Hansa, apesar do fato de que ela estava profundamente envolvida em seus pensamentos enquanto destilava tinta de polvo à luz de velas.

— Isso foi uma tempestade ou a filha da minha irmã correndo pela casa? — Ela pergunta, descendo o corredor.

Eu a ignoro, fechando a porta antes de vasculhar minha cômoda em busca de todas as peças adequadas de um guarda — roupa — roupas de baixo, meias, botas, vestido. Eu enfio também o último livro de magia que eu roubei da biblioteca de Hansa — *Mitos do Mar* — também. Pode haver algo lá sobre sereias que valeria a pena dar uma olhada.

Dentro de um minuto, Hansa abre a porta. Imediatamente, seus braços se cruzam e suas sobrancelhas se juntam. — Você não vai contrabandear todo o seu armário naquele baú, minha querida.

— Quem disse que eu estava contrabandeando isso? —

Tante Hansa dá um passo à frente, lábios desenhados em uma linha perturbada.

— Os fracassos cutucando a frente.

Com certeza, o tornozelo de uma roupa de baixo está saindo do meu baú como a língua de um homem morto.

Hansa inclina a cabeça um pouco, uma sobrançelha impossivelmente erguida. — Você vai me dizer por que está entrando e saindo daqui com roupas suficientes para uma semana inteira no mar? Não teria a ver com a sua nova amiga, seria?

O pensamento salta para a frente da minha mente para dizer a ela. Se alguém acreditasse que Annemette é uma sereia, seria Tante Hansa. Mas eu não sei dizer.

— Bem, criança? Você formou o blefe perfeito em sua linda cabecinha? Você teve mais do que tempo suficiente.

— Não é um blefe. Nik me pediu para ficar no castelo, Annemette também.

Isso me dá uma antiga risada Hansa. — Suas obrigações no festival deixam o garoto tão nervoso que precisa dormir com apoio moral no corredor, não é?

— Algo assim. — Eu digo, embora eu saiba que Tante Hansa não está comprando.

A sobrançelha arqueia mais alto. — Você tem certeza de que o idiota da Rigeby Bay não chegou com promessas nos lábios e uma noite de hospedagem no castelo?

Calor rasteja pelas minhas bochechas.

Nos meus sonhos.

— Iker ainda não chegou. — Eu não tenho certeza se ele vai, eu acrescento em meus pensamentos, mas eu consigo manter minhas características claras apesar da dor que sinto no meu peito. — E Nik solicitou minha — nossa — presença esta noite em seu lugar.

— Oh, ele pediu, agora, ele tem? — Tante Hansa observa seu longo nariz como uma garça azul. — Tão principesco depois de um discurso enlatado que agora ele está pedindo a presença de sua pequena amiga de rato de peixe?

— Você sabe que Nik não é assim. Além disso, você vem quando é chamado de — Agente dos Reis — não é?

— Não faça isso comigo, criança. Eu sei o que estou fazendo. Ela ri de novo quando eu puxo o baú para a porta. Annemette estará

quase terminada com o grand tour agora. Se Nik for expulso por um membro da equipe, a rainha não irá para a cama sem se dirigir a ele.

— Você terminou comigo? — Eu dou um passo em direção à porta que ela está bloqueando.

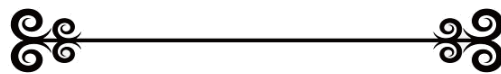
— Não, eu não terminei com você. — Ela cruza os braços por um momento, parecendo severa, mas depois se afasta da porta, deixando uma lasca para escapar. — Mas você é tão teimosa quanto sua mãe, e se você lutar comigo o quanto ela teria, eu vou estar nesta porta até o amanhecer.

Eu dou outro passo em direção a ela e me inclino o máximo que meus pertences permitirem, dando um beijo em sua bochecha.

— Boa noite, Tante Hansa. —

Passo através dela, passando por suas tintas fedorentas e pela porta. Eu não estou um passo além do limiar quando a ouço dizer:

— Não conceda todos os pedidos do príncipe, menina querida. Os homens estão sempre pedindo mais do que deveriam.



Embora eu não esteja com o pai em uma de suas entregas de peixe, parece estranho demais atravessar a entrada principal do castelo de Øldenburg. Existem algumas coisas que não são para mim como uma plebeia. Malvina Christensen e sua turma podem pensar que eu não sei o meu lugar, mas eu sei. É evidente todos os dias.

Eu estou navegando pelo jardim de tulipas, o tronco arrastando aos meus pés, quando ouço meu nome.

É quase meia — noite, mas a rainha Charlotte parece tão real como sempre, ainda no vestido de noite que usava no festival, com a coroa aninhada no cabelo perfeitamente penteado. Eu pego Nik se aproximando atrás dela.

— Evelyn. — Diz a rainha, a aversão em sua voz não é difícil de perder. — Niklas me disse que você iria se juntar a nós. — Ela olha para o filho, e eu sei que ele teve que lutar para eu ficar. — Foi

gentil de Baronesa Annemette sugerir que você ficasse no mesmo quarto.

— Ela é realmente muito graciosa, assim como você por nos ter, sua Alteza. — Eu digo. A rainha acena com a cabeça como se eu tivesse passado por um teste — eu sei como ela prefere ser elogiada.

— Meu prazer. — Diz ela, e se afasta. Mas então ela faz uma pausa e se vira. — Por favor, fique dentro desta ala.

Eu concordo. Sim, eu conheço o meu lugar.

Uma vez que a rainha se foi, Nik corre para o meu lado.

— Deixe — me ajudá — la.

— Eu entendi. — Mas assim que eu digo isso, ele colocou a mão no cabo e içou a coisa em seu peito, o mais fácil que pode ser.

— Você não deveria. Você ainda está se recuperando!

— Estou bem. É prática para o transporte de pedras, tenho que defender meu título.

— Desde quando você se importa em ganhar tanto? — Eu o incito para que não tenhamos que falar sobre a mãe dele.

— Acontece que um gosto de vitória é tudo que eu precisava para me importar.

— Ou a necessidade de impressionar uma garota. Falando dela, onde ela está?

Nik dá um passo em direção à porta e eu corro na frente dele para abri — la. — Mette estava tão encantada com o quarto dela; era tão doce, eu não queria perturbá — la. Além disso, minha mãe...

Sua voz desaparece quando um guarda vem ajudar, tirando o baú das mãos de Nik. Nik agarra a ponta da porta acima da minha cabeça, me livrando do meu dever. Por um momento, fico ali tentando ler o rosto dele, porque não é tão claro e aberto como estou acostumado a ver. Suas emoções são todas confusas, como a tinta mágica de Hansa girando na superfície da água.

Nik olha para o guarda. — Leve seu malão para a Sala Barroca, por favor, Oleg.

Oleg acena e Nik me puxa de volta para fora e para os degraus. Ele se senta no degrau mais alto e eu sigo. Seu ombro se aninha ao lado do meu e sua voz é baixa.

— Aparentemente, atingir a idade significa mais do que dar discursos. — Diz ele sem preâmbulos, com os olhos nas mãos.

Meu coração começa a bater e minha mão encontra seu ombro.

— Nik...

— Mamãe está satisfeita porque Annemette é a primeira de suas 'garotas' a chegar.

Minha boca fica seca. Eu deveria ter visto isso acontecer — entre tantas outras coisas nos últimos dias. Annemette deve ter passado pelo escrutínio da rainha, minha ajuda desnecessária.

— Mandou as damas mandarem cartas para todas as casas altas da Dinamarca, convidando todas as princesas, Condessa e amigos para o Baile Lithasblot e sabe Deus o que mais. Agora que tenho dezesseis anos, eu deveria estar cortejando, mas mamãe achou melhor levar as garotas para mim.

— Oh, Nik... — Eu começo, mas então ele olha para mim, e o olhar em seus olhos faz minha garganta pegar.

— Atraí — las com a presença de Iker também...

Claro: o príncipe playboy, dois anos mais velho, com valentes contos do mar. Aposto que toda a última garota com um título está no vapor agora.

— Dois príncipes pelo preço de um — somos o mercado especial — Diz ele. — Não é de admirar que Iker ainda esteja no mar.

Ele tem o cuidado de sorrir de sua piada — ele está tentando salvar meus sentimentos. Mas eu não posso sorrir de volta, nem um pouquinho. Eu quero tanto me transformar em pedra como as estátuas no jardim de sua mãe. Deve haver um feitiço para isso, não? Pelo menos eu não teria essa podridão de desapontamento crescendo dentro de mim. Acontece que conhecer melhor nem sempre ajuda. Isso piora.

É engraçado, porém, talvez *engraçado* não seja a palavra certa, mas Nik e eu estamos presos. Eu serei a filha do pescador para sempre, presa em uma teia de sussurros e mentiras espalhadas por aqueles que têm muito medo de abrir os olhos e ver além do que está na frente de seus rostos. E Nik — ele será preso pelas tradições reais, forçado a um jogo sem amor com alguém que esteja apenas fora da

coroa. Nik estará sempre na sombra do castelo. E nada que eu possa fazer irá salvá —lo disso.

Exceto que, se a rainha já acredita na história de Annemette, certamente Annemette é melhor do que essas personalidades se aglomerando em nossas terras. Ela parece fazer Nik feliz. Eu sei que tem sido apenas um dia, mas até eu admito que nunca vi Nik sorrir tanto quanto ele com ela. Não é tudo, mas é um começo. E ela não está atrás da coroa dele. Que eu saiba. Ela genuinamente se importa. Ela o salvou. Além disso, talvez sirva a todos nós finalmente ter alguma magia no palácio, talvez para pôr fim aos brutais avisos e queimaduras de bonecas da rainha Charlotte. Talvez como uma amiga de confiança para o príncipe herdeiro e a princesa, eu não seria relegada à porta da cozinha. Minha família não teria que viver em segredo. Se Annemette faz Nik verdadeiramente feliz, ambos podemos ser livres. Pare, Evie. Você está se adiantando. Mas um sorriso puxa meus lábios mesmo assim.

—Vamos para dentro. —Digo a ele. —Tudo ficará bem. Annemette está esperando.



Eu acordo na luz azul da manhã e levante — me.

Eu pensei que uma noite na ala real, no colchão mais confortável que eu já dormi, me faria bem, mas não. Estou ansiosa.

Eu contrabandeei uma sereia para o palácio, pelo amor de Urda!

Na cama do outro lado da sala, Annemette dorme, um ondulado de ondas loiras empilhadas em torno de seu rosto. Um pé escapou da colcha, cinco dedos se estendendo preguiçosamente até o teto.

É fácil esquecer que ela nunca dormiu em uma cama antes. Tiro as cobertas e vou na ponta dos pés até meu baú, deixado por Oleg ao lado do guarda — roupa de dois lados. E lá, debaixo das minhas roupas de baixo, está o livro que eu joguei no último minuto. Embora o nome não seja muito suspeito — *Mitos do Mar* — eu acho que é sorte a gente chegar tão tarde que a empregada não pode descompactar o porta — malas. Eu deveria ter sido mais cuidadosa, no entanto.

Eu rastejo até o assento vermelho da janela e seguro o livro até a luz do novo dia, folheando as páginas para qualquer coisa sobre sereias. Eu conheço todas as tradições da infância, claro. Ainda posso ouvir a voz de Tante Hansa recitando os contos sobre a fogueira.

As sereias chamam marinheiros para tempestades, suas canções de beleza são difíceis de ignorar. Provavelmente um mito. Annemette é linda, mas ela não forçou Nik no mar, e eu poderia dizer se ela estava usando magia nele agora. Eu acho.

Então há *Sereias que podem conjurar tempestades com um piscar de olhos, sacrificando os marinheiros para agradar o todo – poderoso mar.* Espero que Urda não seja verdade. Um arrepio percorre minha espinha quando penso em papai e Iker.

Mas o que sempre fez eu e Anna gritarmos foi: *Sereias roubam crianças travessas e as alimentam com os tubarões para proteção.* Ha! Eu vou deixar Tante Hansa ter essa. Isso me impediu de fazer muitas escolhas imprudentes, embora eu suponha que não seja suficiente. Se apenas Anna e eu tivéssemos realmente escutado.

Nenhum desses conhecimentos está facilitando meus nervos agitados. A única história positiva de sereia que conheço é a que vi com meus próprios olhos: uma sereia gentil pode nadar até a praia.

Mas tem que haver mais escrito sobre sereias do que alguns avisos de infância.

Depois de muita leitura, finalmente encontrei uma seção sobre sereias, após uma intensa discussão sobre o kraken. Não diz muito – há apenas um pouco mais de detalhes do que as descrições que conheço de cor. Eu me concentro em um parágrafo.

Relatos de sereias na superfície geralmente vêm com histórias de resgate – o marinheiro salvo abre os olhos assim que a sereia mergulha de volta nas ondas. As empregadas são sempre descritas como permanecendo dentro da água, incapazes de deixar o mar completamente.

Foi exatamente assim que aconteceu. Talvez haja mais sobre o que acontece a seguir. Viro a página, esperando uma seção sobre a capacidade de uma sereia se transformar em forma humana. Mas não há nada. Nenhuma descrição, nenhuma conta, nenhuma suposição em tudo.

Eu olho para Annemette. Ela não pode ser a primeira sereia a se transformar em pessoa. Ela não pode. Só deve ser tão raro que não há um relato preciso para transmitir.

Possivelmente sentindo o peso dos meus olhos nela, Annemette se move, seus braços se esticando bem acima de sua cabeça. Seus olhos se abrem e ela me vê observando – a. Espero que ela fique assustada, esqueça onde ela está e o que ela é, mas ela não faz. Em vez disso, ela apenas boceja.

– Eu poderia me acostumar com isso. – Ela rola totalmente em minha direção. Um dedo magro aponta para sua

panturrilha. — Mas é normal que esta parte apenas dói? Queimaduras E meus dedos estão... formigando.

— Alfinetes e agulhas? — Eu ofereço.

— Mais como facas. — Ela responde sem hesitação. — Mas eu vou ficar bem. — Ela se levanta um pouco e boceja novamente.

Eu coloquei meu livro entre minha camisola e a vidraça. — Talvez seja um efeito colateral. Você sabe, da sua transformação. — Eu digo. E agora é minha chance: — Outras sereias já se transformaram em humanos antes?

— Eu não sou a primeira. — Ela responde. Ela se levanta e vira as costas para mim enquanto abre o guarda-roupa, revelando um armário cheio de vestidos.

— De onde vêm esses? — Eu pergunto, minha boca aberta enquanto eu ando até o guarda-roupa.

— Eu conjurei eles ontem à noite enquanto você estava dormindo.

Eu quero repreendê-la por fazer algo tão imprudente, mas eles são incríveis. Vestidos de dia de seda em rosa, cerúleo e roxo escuro, cada um com colares brancos e botões de pérola. Eu agarro meu colar e me pergunto se essas pérolas pulsam como as minhas. Os vestidos de noite são ainda mais grandiosos. Saias longas, bordadas de ouro e até mesmo perolização. Eles vão pensar que ela é a irmã mais rica de toda a região.

— Você gosta? — Ela pergunta. — Espero que eles façam o truque.

Eu aceno ansiosamente. — Que truque?

— Permitindo-me ficar. — Diz ela, segurando um vestido azul com incrustações de madrepérola. — Você não quer que eu fique?

— Claro que sim, Mette. — Digo, experimentando o apelido pela primeira vez. E percebo que estou falando sério. Não só ela pode salvar Nik das intenções equivocadas de sua mãe, mas ter uma amiga que sabe magia, que conhece o meu verdadeiro eu. Eu não sabia o quanto eu queria isso até conhecê-la. — Quanto tempo você tem? — Eu pergunto, esperando que ela me dê uma resposta real desta vez. — Eu quero ajudar.

— A magia dura quatro dias inteiros. — Ela responde. — Eu tenho três.

Meu rosto cai. — É isso aí? —

— Mas três dias se tornam eternos se, antes da meia — noite do último dia, meu verdadeiro amor tiver caído por mim também.

Também.

Nik

Para sempre.

— Eu amo ele, Evie. Eu realmente amo. — Annemette cai na cama, não mais a menina que apareceu. Mais como a garota com quem eu costumava conversar sobre garotos e fofocas em seu próprio grande salão. — É por isso que voltei. Eu sei que ele pode me amar. Você não nos viu ontem à noite?

— Mas e se ele não o fizer? — Eu pergunto. Ela se vira e olha pela janela, para o mar lá embaixo.

— O que é isso? — Eu vou até ela e me sento na cama dela. — Diga — me, Mette.

Ela sacode a cabeça e enterra o rosto nas mãos. Quando ela responde, é como se ela estivesse repetindo algo que leu em um livro — e talvez ela esteja.

— Para chegar a terra em forma humana, uma sereia deve completar um contrato mágico — sua vida como sereia por quatro dias em terra. — Ela faz uma pausa e estremece, seu peito arfando um pouco. — Ela não pode retornar ao mar depois desses quatro dias, pois ela nunca mais poderá ser uma sereia.

Meu estômago praticamente cai aos meus pés. — Espera... você morre? — Que tipo de magia negra ela fez? Nik é maravilhoso, incrível, o melhor cara que eu conheço, mas arriscar a vida dela por alguém que ela mal conhece?

Ela se senta e balança a cabeça. — Eu sei. É louco. Mas você não entende. Ele é o que eu tenho sentido falta. Eu sabia que ele era meu quando ele caiu no mar. Nos meus braços. E ser humana? Evie, você não sabe como tem sorte.

Eu nem sei o que pensar. É claro que eu quero que ela viva e quero que os dois sejam felizes, mas como isso funciona?

Apaixonar — se em quatro dias parece... irrealista, para dizer o mínimo.

Eu tempero minhas palavras com cuidado. — Como você pode dizer quando ele realmente te ama?

O rosto de Annemette fica sonhador novamente. — O verdadeiro beijo de amor é tudo que eu preciso.

Eu quase rio. Agora é irrealista e ridículo. Tanto, estou completamente incrédula. — Um beijo, realmente? Sua vida por um beijo? É isso aí? Isso é magia.

— É o sentimento no beijo. Eu saberei. A magia vai saber.

Penso em Nik nos degraus — encantado, sim, mas apaixonado? Não. Ainda não.

Eu ando de volta para o assento da janela. Eu preciso de espaço para respirar, pensar. Se Annemette não arriscasse sua vida nisso, eu não sei como eu me sentiria se Nik realmente se apaixonasse em três dias. A coisa toda parece errada — a vida dela dependendo de Nik de alguma forma despertando magia poderosa, simplesmente por ter amor suficiente em seu coração por uma garota que ele acabou de conhecer. Uma que eu gosto, uma que ele gosta, uma para a qual sou eternamente grata. Mas eu simplesmente não sei... tem que haver outra maneira de mantê-la viva sem forçar Nik a amá-la.

Quando olho para cima, Annemette está correndo na minha direção. Ela aperta o assento da janela ao meu lado e pega minhas mãos. A cor esvaiu — se do rosto dela.

— Evie... Eu não estou invadindo, estou? — Preocupação franze a testa. — Você estava procurando por ele naquela noite... Ele estava esperando por você no palácio na noite passada. Ele não é? Você não...?

— Eu não estou apaixonada por Nik, e ele definitivamente não está apaixonado por mim. — Eu tive que dizer essa frase exata muitas vezes, mais recentemente para Malvina. — Somos apenas melhores amigos.

Ela solta um suspiro, as mãos tremendo enquanto alisa o cabelo. — Você parece tão perto, e eu não questionei... você deve pensar que sou horrível.

— De modo nenhum! Nik e eu temos sido inseparáveis por anos. — Eu me esforço para fazer contato visual aqui, sua proximidade novamente esmagadora. — É um erro comum.

O alívio a lava e ela afunda — se contra as almofadas do assento da janela. — Você tem alguém então? Alguém que faz o seu coração bater com tanta força que você acha que isso vai acabar?

O rosto de Iker pisca na minha memória, um largo sorriso alcançando o gelo de seus olhos. Eu mordo meu lábio. — Eu tenho, eu tinha. Eu não sei. — Annemette está olhando para mim por mais, então eu relutantemente continuo. — Você o viu — o outro menino na praia naquela noite. — Ela balança a cabeça em reconhecimento. — Bem, ele é primo de Nik, o príncipe herdeiro de Rigeby Bay. Mas isso não importa, Mette. Ele está no mar, e temos coisas mais urgentes a considerar. Três dias...

— Oh, Evie, você é uma boa amiga. — Diz Annemette, puxando — me para um abraço.

Três dias para se apaixonar. Três dias para viver. Três dias até o baile que toda dama nobre nos reinos de Øresund participará. Eu sacudo minha cabeça. Encontrar o amor verdadeiro já é difícil sem a concorrência.



Eu não sei como ela age tão calmamente quando caminhamos para encontrar Nik no café da manhã. Deve ser o mar em suas veias, fluindo contra a maré, não importa o tempo. Meu corpo inteiro poderia muito bem ser um pacote gigante de nervos amarrados em um nó de marinheiro em seu nome, mas Annemette entra na varanda ensolarada do salão do terceiro andar, tão encantadora e confiante quanto qualquer um podia, seu vestido azul lançando os olhos uma tonalidade profunda do oceano e seu cabelo loiro manteiga brilhando ao sol.

Nós piscamos na luz brilhante e nos deparamos com uma vista espetacular do porto. Conheço bem o nosso canto do mar, mas é diferente deste ângulo, quase a costa inteira à vista. É uma visão fortalecedora, para poder ver tudo o que você governa. A corrente está se movendo mais rápido do que o normal para esta época do ano, e eu viro as costas, não querendo ressurgir memórias antigas.

— Bom dia senhoras. Vocês não vão se sentar? — Nik se levanta e puxa a cadeira para a direita. — Mette?

Annemette cora e toma o lugar cobiçado. Eu empurro meus nervos e cumprimento — o com uma piscadela quando ele puxa minha cadeira. É então que eu vejo que ele está um pouco vermelho, que cora da noite passada de volta à vista de Annemette. Nik, o romântico. Um bom sinal, com certeza.

Fiel à sua palavra de proteger Annemette dos males de nossa dieta com frutos do mar, Nik pediu às cozinhas do palácio que evitassem o tradicional arenque do café da manhã e trocou por

salsichas de verão, pãezinhos gotejando em manteiga fresca e framboesas com orvalho. Servido com chá preto, quente e perfumado.

Meu estômago ronca com a mera visão de toda essa comida. Ela estava agitada a manhã toda, minha ansiedade me dominando. Eu estou faminta.

— Deus, Evie. Você tem um tigre escondido em seu corpete? — Nik ri na porcelana delicada de sua xícara de chá.

— Você me conhece, sempre contrabandeando animais selvagens para o café da manhã. — Eu brinco.

— Eu não esperaria nada menos de sua magia negra. — Nik ri novamente, e ele tem que colocar a xícara de volta no disco para evitar derramar sobre a camisa.

Enquanto isso, Annemette não consegue esconder sua surpresa. Ela olha para mim, confusa. Depois de todo esse alarde que eu fiz sobre como devemos manter nossa magia em segredo aqui, o príncipe herdeiro, de todas as pessoas, está rindo sobre isso.

— Nik deveria saber melhor do que espalhar boatos perigosos como esse. — Eu gentilmente o acotovelo. Este é um jogo que jogamos, Nik e eu. Brincando sobre a — magia — da minha família, mesmo que sua piada esteja mais próxima da verdade do que ele sabe. — Minha tante, Hansa —

— Ela transforma homens em sapos e faz uma sopa deles. — Diz Nik, levantando suas sobranceiras dramaticamente sob o cabelo. Annemette ri, o que só o encoraja. — É um pouco de sorte você não ter tido sua sopa de ervilha na noite passada.

Os lábios de Annemette se abrem.

— É verde por um motivo. — Eu pisquei para ela.

Nik e eu explodimos em uma gargalhada, e é bom relaxar. Seus dedos se esforçam para tocar a pele nua em seu pulso. Talvez isso funcione.

— Nós somos crianças, Mette. — Nik continua. — Tante Hansa é uma maravilha de uma curandeira — ela salvou meu pai algumas vezes quando nosso médico falhou, e eu nunca esquecerei isso. Ela cuidará muito bem de sua acompanhante, mas ela não pode transformar homens em sapos. — Annemette acena com a cabeça,

um sorriso zombeteiro encostando em suas bochechas rosadas. Nik abaixa a voz, conspiração grossa em seu tom quando ele vira as costas para mim. — Embora eu não tenha passado pelo morcego antigo para conter o jeito de playboy do meu primo para que ele pudesse se apaixonar pela sobrinha dele.

Eu o cotovelo de novo, desta vez bem forte, e ele e Annemette riem. — Se ela tem essa mágica, certamente deu errado, considerando que ele não veio para o festival. — Eu digo.

— Certamente esse é o erro de Iker. — Diz Nik, pegando um rolo doce.

— Eu não cometo erros, primo.

Nós olhamos para cima. Iker está de pé no limiar, suas costas apoiadas casualmente contra o batente da porta. Sua pele é bronzeada de dias passados no convés no sol alto, fazendo seu cabelo parecer mais descolorido que o normal. Ele distraidamente esfrega a nuca borrando o corte de sua mandíbula forte, algo que eu tenho certeza que a rainha Charlotte vai insistir em fazer a barba. Espero que ele recuse.

Meu coração está batendo na minha garganta quando ele olha para mim e nossos olhos se encontram. Ele sorri.

Não sorria. Não se levante. Ele prometeu que voltaria dias atrás. Mantenha – se forte.

Me rendo. Um pequeno sorriso aparece nos meus lábios e, por sua vez, seu sorriso floresce. Ele caminha e, de repente, temo que ele vá me beijar bem na frente de todos. Na frente do Nik. Ele faz uma pausa antes de mim e se inclina para baixo, seus dedos roçando meu queixo enquanto seu rosto se aproxima do meu.

Por favor não.

Deuses, eu gostaria que ele fizesse.

Seus lábios pousam suavemente na minha testa. Eu solto um suspiro, seja alívio ou desapontamento, eu não sei.

— Olá, Evelyn. — Diz ele, em pé novamente. — Desculpa, estou atrasado.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele se aproxima de Nik, roubando o rolo doce direto da ponta dos dedos. — Olá primo.

Fico feliz em ver que você está tão bem. — Diz ele, em seguida, dá uma mordida no rolo.

Nik se levanta e os dois se abraçam. — Mamãe ficou emocionada com o seu atraso — espero que você tenha encontrado a baleia — rei que estava procurando.

— Eu queria. — Iker responde, frustração ecoando em sua voz. É diferente dele não conseguir o que quer. — Nós o perseguimos além da ponta da Jutlândia, mas ele é um bastardo escorregadio.

— Eu suponho que é por isso que ele é chamado de 'rei', primo. Iker sorri e bate em Nik no ombro. — Somos muito escorregadios, não somos? Sempre correndo do chamado do dever.

— E você está sempre atrasado em ambas as direções.

— Nada que não possa ser consertado com uma entrada grandiosa e uma história ousada.

Eu levanto uma sobancelha. — Esse certamente é o lema da sua vida. — As palavras saíram mais difíceis do que eu planejei, e seu sorriso endurece em resposta.

— Eu diria que funcionou bem para mim até agora.

— Funcionou. — Diz Nik. Ele está agora em pé ao lado da cadeira de Annemette, a mão dele roçando seu ombro. — Mas deixe estar, primo. Eu gostaria que você conhecesse Baronesa Annemette.

Annemette se levanta e caminha em direção a Iker. Ela estende a mão como ela fez isso centenas de vezes antes. Ele pega os dedos dela e os beija. — Prazer em conhecê-la, Annemette. Eu me atrevo a lembrar de uma garota tão linda das minhas viagens no Øresund. Diga — me, de onde você vem?

Meu coração na garganta, eu encontro os olhos de Annemette. Ele está apenas sendo gentil, eu sei que ele está, mas ainda assim.

— Odense. — Diz ela, claramente confortável, apesar do meu coração queimando minhas narinas. — Evie e eu nos conhecemos ontem e ela concordou em me mostrar. Nik foi suficiente para se juntar a nós.

— Quem não seria? — Ele responde. — Eu diria sim em um instante. — Iker sorri para ela, mas há suspeita em seus olhos. É apenas um flash, mas está lá — ele nem tenta esconder. Nik e eu notamos isso antes de seus modos cultivados retornarem e ele se curva para Annemette. — Eu viajei por toda parte, e não há duas garotas mais bonitas do mundo do que nesta sacada.

Annemette e eu imediatamente ficamos vermelhas, o elogio é o nível perfeito de grandeza. E, quando olho para cima, Nik está corando ferozmente também — seus olhos nunca deixaram Annemette.

A atenção de Iker gira em torno de nós três.

— O quê? — Eu pergunto.

Então ele balança a cabeça. — Muitos de vocês não sobreviverão à sua juventude se vocês não aprenderem a elogiar ou pedir o que deseja.

Iker vira para Nik. — Primo, claramente você não pode manter os olhos longe da menina. Por que você não pede à belíssima Baronesa para acompanhá-lo enquanto explora as festividades de hoje? Tenho certeza de que há muito o que aprender sobre ela.

Annemette se vira para ele, uma mecha de cabelo loiro enrolada em seu dedo. Nik solta uma risada nervosa.

Iker, não prestando atenção, continua. — Enquanto você está fazendo isso, Evie e eu podemos andar pelos jardins.

— Realmente? — Eu digo. — Você não acha que deveria me perguntar primeiro?

— Perdoe-me, Evelyn. Você me daria a honra?

Eu deveria dizer não. Afinal, qual é o objetivo? Daqui a um dia, ele estará dançando com metade das Condessas convidadas para o baile, uma das quais certamente se tornará sua noiva. Mas não posso deixar de querer o que quero. Eu olho para Annemette, cujos olhos estão me pedindo para ir. Ela precisa dessa vez também. Duas moças com magia e dois príncipes. Quero rir. Talvez seja hora de eu parar de aceitar o que todos os Havnestad consideram apropriado para uma garota como eu e começar a agir como a garota que eles já pensam que eu sou.

— Seria um prazer, Iker. — Eu digo, levantando da minha cadeira.

Nik de repente fica de pé, parecendo muito desconfortável, as orelhas ficando vermelhas também. — Iker, eu não acho que é uma boa ideia.

Os olhos de Iker brilham e depois caem no mesmo olhar desconfiado que ele deu a Annemette. Ele lê o rosto e a postura

de seu primo, claramente tentando descobrir se isso é sobre ele estar sozinho comigo ou sobre Nik ficar sozinho com Annemette ou algo completamente diferente. Suas palavras do navio tocam nos meus ouvidos: *não gosto de pisar nos dedos dos meus primos*.

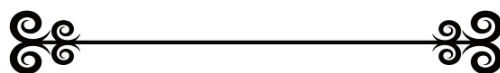
— Eu não vou contaminar a menina, primo, vamos apenas ter um beijo e conversar. — Nik praticamente zomba, mas Iker apenas sorri. — Nada que não tenhamos feito antes.

Os olhos de Nik atiram nos meus e sei que ele sabe. Não é preciso muito para ele imaginar tudo isso — imaginar — me beijando Iker como todas as outras garotas que ele deixa em seu caminho.

Eu olho para baixo — eu queria que não fosse assim. Eu não posso deixar o Nik tão magoado.

Iker faz questão de levantar as sobrancelhas para Annemette, tudo na jogada sugerindo que Nik leve sua garota e fique bem com isso. Uma esperança que tenho também. A garota só tem três dias. O braço de Iker desliza da minha cintura e se agarra ao meu cotovelo. Ele me leva para a porta.

— Siga minha liderança, primo, mas não siga meus passos.



A luz da madrugada está cegando quando saímos da sombra do castelo e entramos no jardim de tulipas da rainha. Nós pisamos no caminho de pedra, tropeçando um pouco até nossos olhos se ajustarem, braços e pernas se tocando momentaneamente — seja por acidente ou de propósito, apenas Urda sabe.

Iker está aqui.

Ele voltou. E ele imediatamente queria estar comigo.

Toda a decepção e medos sobre o que estava mantendo ele parece drenar do meu corpo. Eu tento empurrar pensamentos de Annemette para o lado também. Nem todo mundo é sua responsabilidade, Evie — Tante Hansa me disse isso mil vezes. Annemette está sozinha com o príncipe e eu estou também.

Depois de anos de devaneios, minha fantasia de infância é de alguma forma minha realidade: de mãos dadas em um

jardim com Iker. Apesar do meu status. Apesar do seu. Apesar das vidas que são destinadas para nós. Um flash de calor corre pelo meu pescoço, e minhas bochechas coram de vergonha. Iker nunca pode saber com que frequência pensei nisso.

Mas isso é real? Eu estou presa em um sonho? Ou perdi a cabeça completamente e Annemette é uma invenção da minha imaginação? Iker também?

Eu não o consideraria real se o braço dele ainda não estivesse pendurado na minha cintura, me puxando em direção a ele, nós dois andando em direção a um banco de pedra sob um carvalho sombrio.

Pare de questionar, Evie.

Aproveite o feitiço enquanto durar.

Ele cheira do mar. De fuga. E eu quero estar lá com ele, vendo sua pele ficar rosa e depois marrom, baleias em nossa mira e vento livre em nossos cabelos. Ele se vira para mim, ambas as mãos sobre a minha cintura agora, o rosto inclinado para baixo em direção ao meu. Um sorriso se curva em seus lábios enquanto ele lê meus olhos.

— Você estava preocupada que eu não viria. — Diz ele, e escova um cacho da minha bochecha.

Eu não nego isso.

— Eu me deparei com uma espécie de problema. — Diz ele, os olhos a meia distância, a voz amolecida. — Eu perdi um dos meus homens. O mar o arrebatou em plena luz do dia depois que entramos em Kalø. Passei o resto do dia e boa parte do próximo em busca dele.

Minha respiração pega. É horrível, embora não inesperado em uma expedição baleeira. A resolução definida para o queixo de Iker espelha isso — decepção, mas também aceitação. Mas então seu olhar se ilumina e ele continua. — Eventualmente, nós o encontramos flutuando inconsciente entre duas pedras. Você acredita nisso? Apenas respirando e espancado, mas vivo. Foi tão estranho encontrar algo que você duvidava que fosse possível.

Uma nota de provocação, em seguida, entra em sua voz.

— Assim como você não deveria ter duvidado de mim.

— Eu não duvidei de você. Eu duvidei das minhas expectativas.

Iker levanta uma sobrancelha e seus olhos estão na minha boca.

— E quais foram as suas expectativas?

—Que você queria estar aqui tanto quanto eu queria que você estivesse aqui.

Com isso, ele me atrai até que seu peito toca meu corpete e eu posso sentir suas pernas através das camadas do meu vestido.

—Não duvide disso.

Ele pressiona a boca na minha, roubando minha respiração. Ele é gentil naquele primeiro momento, mas depois nos leva para o banco.

O cheiro de sal e limão gira ao meu redor quando meu coração começa a bater forte o suficiente para que eu tenha certeza de que ele pode sentir através do meu corpete e da camisa dele.

Suas mãos se movem para o meu rosto, os polegares varrendo a curva do meu queixo. Ele me segura lá por um segundo antes de se afastar gentilmente.

—Prova o suficiente, Evelyn.

Ele diz isso como uma declaração, não uma pergunta, um pequeno sorriso astuto retornando.

Eu guardo meus lábios em pensamento. —Honestamente, não tenho certeza se tive uma amostragem grande o suficiente para ter certeza.

O rosto de Iker quebra aquele sorrisinho malicioso em um sorriso de lobo quando encurrala sua presa.

—Estou livre para provar a tarde toda. Nada principescamente planejado até o jantar. —Ele força suas feições em séria compostura.

—Será que isso será tempo suficiente, minha senhora?

Eu me inclino e dou um beijo rápido em seus lábios.

—É certamente um começo.

Quatro anos antes



O visitante estava parado no cais, com os pais agitados atrás dele, cansados de viajar, embora a viagem não tivesse sido longa. Do outro lado do Estreito de Oresund – uma viagem que ele poderia fazer com os olhos fechados e em seu próprio barco, se tivesse a chance.

E ele estava planejando aproveitar a chance dentro do ano, permissão ou não.

O dia estava claro, o sol batendo, secando as tábuas de madeira da doca mais rápido do que o mar poderia deixar sua marca, as ondas zangadas por todo o caminho de Rigeby Bay.

Os homens de infantaria saíram do castelo, afastando os pais, os baús e os deveres do visitante, deixando – o sozinho com a praia e seus pensamentos. Aos quatorze anos, esses pensamentos eram em sua maioria de meninas.

Morenas.

Loiras.

Ruivas.

Todos eles girando em sua cabeça apesar do que ele sabia ser verdade sobre sua posição – sua mãe e suas metáforas constantemente em seu ouvido.

– As tulipas murcham não importa sua beleza; as jóias da coroa brilham para sempre.

– O sangue dura mais do que um capricho.

—O vaso real tem espaço para apenas uma flor, não importa a colheita.

Seus pés o levaram para a areia, os olhos se prendendo em duas garotas que se empinavam ao longo da praia, formas esbeltas se movendo no tempo com uma música que mal chegava aos seus ouvidos.

Mais alguns metros e as garotas pararam, os olhos e os dedos apontando para um banco de areia, de barriga para cima nas águas revoltas. Foi quando ele as reconheceu —duas garotas da vila, melhores amigas sempre em busca de aventura, assim como ele, embora sentisse que a loira era bastante difícil de impressionar. Atrás deles estava um menino, seu primo. Outro príncipe.

Então as meninas começaram a tirar seus vestidos, anáguas repentinamente pegando os raios do sol em todos os seus anjos brancos.

Ele não conseguia desviar o olhar.

Não quando dobraram os vestidos e os colocaram na areia. Não quando elas correram para as ondas. Não quando ele percebeu que a corrente era tão forte quanto estava no estreito, embora ele estivesse muito distraído por devaneios de suas anáguas para avisá-las.

Foi apenas momentos depois, quando o príncipe mergulhou atrás delas, que o visitante foi rudemente despertado.

Os pés do visitante disseram para ele correr. Ajudar. Nenhuma das garotas apareceu — tinha sido muito tempo. Ele deu cinco passos e parou. Seu pai em seu ouvido desta vez, outro governante de Øldenburg em uma terra cheia deles.

—Não seja um herói, Iker; você já é um príncipe.

Seu próprio reino precisava dele vivo. Se algo acontecesse com ele, o futuro de sua casa e sua família estaria em perigo. Ainda assim, outra voz, a sua própria, bateu em seus ouvidos.

—Mas Nik...

Seu primo havia crescido até tarde, pelo menos seis pés, mas ele via tulipas mais grossas do que seus braços, arpões mais largos que suas pernas. O visitante era da mesma altura, mas construído com todo o vigor dos vikings. Ele era forte. Ele poderia ajudar.

Ainda assim, ele ficou enraizado no local. Prendendo a respiração quando seu primo finalmente apareceu, uma boneca de pano de cabelos negros caiu em seus braços. Forte e firme, Nik nadou para a praia.

Quando os dois aterrissaram na areia, o visitante respirou de novo, observando com admiração o menino de doze anos fazer todas as coisas certas para expulsar a água de seus pulmões. Agora os cidadãos se reuniram em torno de seu príncipe, os preparativos da Lithasblot pararam, todos eles dando uma boa olhada na última tragédia de uma história cheia delas, o mar bem alimentado no estreito de Oresund, que é uma baleia selvagem.

Todo o alívio que ele sentiu fugiu no segundo em que sua primo começou a latir ordens para os homens em pé, sua inação frustrando — o. Os homens finalmente mergulharam na água, mas Iker conhecia seu primo. Conhecia seu coração. Sabia o que ele faria. Ele também estava voltando.

Essas garotas faziam parte dele há anos, uma no braço esquerdo e outra no direita. Ambas eram beldades — até Nik admitira isso durante sua última visita. A garota de cabelos negros era mais do estilo de seu primo, mas o visitante sabia que a loira era quem via Nik dessa maneira — era óbvio.

O visitante observou o príncipe mergulhar de novo nas ondas e depois correu, com toda a força do seu sangue viking carregando — o enquanto rasgava a areia.

Ele gritou para os homens nadando de volta para a praia de mãos vazias, encharcados de suas tentativas de encontrar a garota. — Você aí, homens, não deixe seu príncipe herdeiro fazer o trabalho sujo sozinho. De volta à água — sua esperança não se desvanece até que o príncipe Niklas o faça.

Imediatamente, os homens se viraram para as ondas, mergulhando, esperando a última coisa em suas feições. Cada corte de mandíbula travou com o conhecimento de que era assim que as coisas aconteciam nos reinos de Øresund. O mar levava o quanto ela dava.

Mas ele os queria lá, no caso de Nik vacilar. Esses homens eram seguros para o príncipe. Sua família compartilhada não poderia sofrer este golpe, não importa quão heróico.

— Evelyn, você está bem? — Ele caiu ao seu lado, com as palmas das mãos em seus ombros elegantes.

— Iker? — Ela piscou para ele como se ele fosse um fantasma, aqueles olhos da meia — noite dela escuros com terror. — Anna. Nik...

— Eu sei. — Ele disse em sua melhor voz de príncipe, o que ele estava aperfeiçoando na frente do espelho quando encalhado no castelo, seu coração ansiando pelo mar.

Iker se voltou para Evelyn. Lágrimas brotaram de seus olhos, gratidão na curva de seus lábios. Ele sabia o suficiente sobre a garota para saber como ela se sentia sobre ele, como ela queria beijá-lo ali mesmo. Ele sabia o suficiente sobre sua classe — os pescadores, as operárias — para saber que ela não o faria.

Em vez disso, os dedos dela apertaram seu antebraço como se ela ainda fosse forragem para a ressaca e ele a resgatasse.

— Me mataria perder qualquer um deles.

Ela olhou para as mãos como se a resposta estivesse ali, escondida na teia de linhas — coração, vida e destino.

— Há tanta coisa que eu gostaria de poder fazer. — Disse ela, sua voz ainda tão fraca.

Era isso. Havia tanta coisa que ele podia fazer. Nik era seu primo, é verdade, mas ele sempre se sentiu como um irmão. E não importava o nome correto para o relacionamento deles, ele era da família. E a família faz o que precisava ser feito.

Iker apertou os ombros de Evelyn por um momento e depois foi embora, arrancando as botas enquanto corria em direção a água.



— Oh Evie, foi maravilhoso. — Disse Annemette depois de cair no assento da janela em nosso quarto. Suas ondas louras são tão selvagens quanto a maré em uma tempestade, derramando em todos os ângulos ao redor de seus ombros. Seu rosto está corado de pura alegria, com os olhos azuis brilhando.

Estou muito feliz em vê-la assim. Iker e eu passamos a tarde rodando juntos em uma onda de toques e palavras doces, duas pedrinhas em um redemoinho, e só posso esperar que ela e Nik também o tenham feito.

— Nik é maravilhoso. — Eu confirmo, mas ela pega minha mão.

— Mais maravilhoso do que eu poderia ter sonhado, mas você também. Não há nenhuma maneira que eu teria tido o dia que acabei de ter sem você. — Seus olhos incham, a pele ficando rosa.

Eu aperto seus dedos. — Não é nada. — Eu digo, embora eu não possa imaginar que as últimas horas com Iker teriam acontecido sem ela também. Não consigo imaginá-lo chegando ao castelo e depois caminhando até a sombra para me encontrar na pequena casa no final da praia. É difícil imaginar o grande Iker confinado por uma casa menor do que todo esse quarto do palácio — mesmo quando ele

está em sua pequena escuna, sua personalidade ainda tem espaço para irromper ao ar livre do mar.

— Você acha que ele está se apaixonando? — Eu pergunto enquanto troco vestidos para as festividades de Lithasblot de hoje à noite.

— Eu acho que sim. — Diz ela. — Eu espero. Mais tempo ajudaria. Ela sorri fracamente.

— Quanto mais cedo começarmos, mais você terá. Quase pronta?

Ela prende os últimos botões de pérola em seu vestido de seda rosa. — Quase. — Ela diz e olha para o meu vestido azul marinho. — É isso que você está vestindo?

Eu concordo. Eu provavelmente poderia inventar uma série de vestidos também se eu colocasse minha mente nisso, mas isso realmente deixaria a cidade cochichando. Todo mundo sabe o que tem no meu guarda-roupa.

— Não, não. Use isso. — ela insiste, e me entrega um vestido roxo profundo bordado com tulipas douradas. — Eu fiz isso para você. Iker vai adorar. —

Eu pego o vestido, correndo a seda exuberante entre meus dedos. — Obrigada. — Eu digo. — É lindo, mas não posso aceitar. Você consegue imaginar os rostos de todos? Eu nisso? O que as pessoas da cidade vão dizer?

— Talvez algo de bom, pela primeira vez. — Annemette responde com um sorriso.

Eu sei que ela está errada, mas mal consigo tirar os olhos do vestido. É impressionante, a obra tão intrincada, realmente só poderia ter sido alcançada com um feitiço. E então isso me atinge. Nós temos magia. — Annemette...

— Sim? — Diz ela, tecendo seus fios dourados em um coque ornamentado.

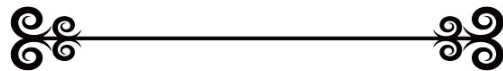
— Você não pode usar sua magia em Nik? Quero dizer, só se as coisas não saírem como planejado. Ele pode amar você; Eu posso ver isso. É apenas... três dias — agora quase dois — não há t—

— Não. — Diz ela, enfiando o último alfinete no cabelo. — Tem que ser real quando o relógio bate meia — noite depois do baile. É

isso aí. Magia pode se mascarar como amor, mas nenhuma nunca satisfaz Urda antes. Essas pequenas coisas, vestidos e coisas do tipo, são tão longe quanto eu vou. Ele tem que me amar como eu sou. Sem truques. Prometa — me que você não fará nada para interferir, Evie.

Eu aceno com a cabeça, meus lábios bem fechados. Claro que ela está certa. Eu também não quero manipular os sentimentos de Nik, mas as consequências são muito altas.

Eu pisei em seu vestido, o tecido frio deslizando sobre a minha pele, sua forma me encaixando perfeitamente. Eu mal me reconheço enquanto olho no espelho, parecendo muito com um dos nobres. Talvez uma fantasia seja tudo que eu sempre precisei.



— Você parece uma princesa. — Diz Annemette, dando — me um beijo na bochecha. — Vamos lá. Nossos príncipes aguardam.

Eu agarro a mão dela e caminhamos pelo palácio e pelos portões. Esta noite, a terceira noite, é o que todo mundo sempre menciona quando surge o Lithasblot. Quando é perfeitamente normal, possivelmente até um elogio, jogar uma fatia de centeio ou um rolo denso no seu vizinho.

Previsivelmente, Malvina Christensen vive para esta noite. Isso dá a ela uma chance de se mostrar, e os deuses sabem que ela nunca se esquivaria disso. Não para bordados ou qualquer coisa que se deva aprender, Malvina preferiu assar em vez de cozinhar quando era menina. Eu admito, ela ficou muito boa, aquela monstruosidade azul de lado, embora eu assuma a responsabilidade parcial pela sua morte. Ela está ansiosa para dizer a qualquer um que a questione que a culinária é um hobby, mesmo que esteja abaixo dela, uma atividade mais condizente com alguém como eu.

— *Se você alimentar um homem corretamente, ele será fiel a você por toda a vida* — Ouvi — a dizer muitas vezes. É estranho, ela me quer fora do seu caminho, muito rude para sua classe, e ainda assim ela está

desfilando suas realizações de baixo nível. Eu acho que quando você tem poder, você pode ser quem você quiser.

Embora o sol ainda não tenha se estabelecido e as pessoas da cidade ainda estejam vagando pelas mesas de oferendas em busca de seus jantares, Malvina se tornou uma local proeminente junto à fogueira. Ao seu redor há um mar de petiscos — petits fours, scones à la Brighton, aebleskiver frito fora de temporada e rolos crocantes de centeio e rolos macios de trigo doce russo, ambos na forma da roda solar. Há também uma enorme torta de mirtilo, sucos brilhando sob uma crosta dourada.

— Malvina, você se superou mais uma vez. — Nik diz com um sorriso real quando nos deparamos com ela.

A garota sorri para ele. — Obrigada, Nik. Seria uma honra se você gostasse de algo antes do início do arremesso.

Nik acena para ela. — Isso não é —

— Eu insisto. Por favor, tome alguma coisa, há mais do que suficiente aqui para Urda.

Treinamento e prática com a natureza de caridade de Malvina são suficientes para impedir Nik de lutar mais uma vez com ela. — Se for esse o caso, então sim. Algo pequeno seria muito apreciado.

Seu sorriso ainda radiante cresce quando ela mergulha no cobertor e escolhe um petit four, feito em perfeito estilo francês. — Há muito para os seus amigos também. — Acrescenta ela como uma reflexão tardia.

Estou chocada. Malvina nunca me ofereceu nada, e então percebo que ela pode não me reconhecer. É o vestido. Deve ser costurado com a mais poderosa feitiçaria para enganar um tubarão como Malvina.

— Que gentileza sua. — Eu digo, pegando um bolinho e observando seus olhos de estanho para reconhecimento. E aí está, um ligeiro grunhido.

— Oh, Evie. — Diz ela. — Meu, isso é bem um vestido. Onde você — —

— Foi um presente. De mim, Baronesa Annemette. — Mette interrompe enquanto arranca um doce. — Por ser uma boa amiga e a anfitriã mais graciosa. — E então ela faz o impensável — ela coloca

os braços diretamente nos meus e nos de Nik, nos aproximando de ambos os lados.

Malvina sorri tão forte que posso ver as veias do pescoço dela.

— Bem, de um Condessa a um Baronesa, uma palavra de conselho. Se você tratar sua ajuda com tal refinamento, eles se acostumarão com isso.

— Espero que sim. — Diz Annemette. — Eu tenho muito mais de onde isso veio. Obrigada pelos doces.

E então nós vamos embora. Bem desse jeito. Nik parece um pouco atordoado, sempre o próprio príncipe, mas nem ele consegue deixar de rir. — Você realmente parece adorável, Evie.

— Apoiado. — Diz Iker, agarrando minha mão.

Eu agradeço a ambos pela provavelmente a terceira vez naquela noite, e então nós levamos os garotos para a plataforma para a celebração da plantação de grãos. Annemette e eu nos sentamos nas pequenas cadeiras de madeira brancas reservadas à nobreza — outra nova visão para mim, tendo apenas sentado na areia antes. Quando o céu escurece, Nik começa a falar, mas não consigo me concentrar em tantas coisas. O festival Lithasblot sempre foi algo que eu conhecia tão bem, todo ano o mesmo, e por um tempo, eu não fui de jeito nenhum.

O Lithasblot... Depois que Anna se afogou, eu nunca saí de casa. Nik, Tante Hansa e meu pai todos tentaram me tirar da minha cama, certos de que um pouco de diversão festiva iria me animar muito.

Mas a música e a dança não podem fechar uma ferida assim. Mais como isso derrama sal sobre ela — vendo outras pessoas cantarem e dançarem como se nada tivesse acontecido, o tempo todo empolado de pesar.

Eu não fui. Não naquele ano nem no próximo.

Eu tentei passar o tempo lendo os livros de feitiços de Tante Hansa — a única coisa que me mantinha sã naqueles dias — mas mesmo isso exigiu muito esforço. Toda a força que eu tive foi parar de rir e cantar.

Foi só no ano passado que eu concordei em ir com o Nik novamente.

Ele também perdeu a amiga, mas teve que fazer uma demonstração de estar no festival imediatamente — no dia de sua morte — com o dever e o título forçando — o a andar em suas roupas bonitas e aceitar as ofertas das pessoas para Urda. Ele não tinha que falar como ele faz mais uma vez hoje à noite, mas ainda era doloroso o suficiente apenas para ficar na frente de todos enquanto estava tão quebrado.

Estamos longe disso agora — não curados, é claro, mas faltando apenas dois dias para a festa, esse festival pareceu o último a que assistimos quando Anna estava viva. Iker chegou naquele ano, chegando com os pais de Rigeby Bay, com catorze anos e de repente muito alto. Anna e eu o víamos todas as noites, sussurrando sobre seus olhos e rindo enquanto nos aconchegávamos no quarto da mansão. Passaria um ano antes que ela me dissesse que de fato preferia Nik a Iker e que minha mente se enchia de sonhos de nós como rainhas gêmeas, dos amores pobre — para — princesa dos reis Oldenburg em ambos os lados da Estreito de Øresund.

Claro, Annemette não é Anna, mas eu não posso abalar a sensação de que isso é o que poderíamos ter tido. Eu olho para Annemette enquanto ela assiste Nik falar na plataforma em frente à fogueira. Lábios rosados ligeiramente separados, ela segue suas palavras com a precisão de um predador, tão decidido a lembrar tudo o que ele diz. Eu nunca vi Anna olhar para Nik como Annemette, mas meninas de onze anos podem esconder seus sentimentos tanto quanto qualquer um de nós.

De repente, os lábios de Annemette se abrem num sorriso, os olhos se afiam para algo duro, e eu sigo seu olhar até Nik. Ele está olhando para ela de volta, mas depois olha para mim, fazendo o seu melhor para se concentrar nas palavras. Ainda assim, suas orelhas começam a corar. Então Iker entrega a Nik o primeiro pedaço de pão cerimonial — grande como uma bala de canhão, trabalhada de centeio escuro e trançada na forma da roda do sol. Nik segura o pão acima da cabeça.

— E então, vamos dar graças a Urda com a vida — pão. Vamos compartilhar nossos dons de cereais com nossos vizinhos. Não deixe ninguém em necessidade ir sem. Deixe os pães voarem para eles

com o mais gentil dos cuidados, uma bênção de Urda por meio da mão de um vizinho.

Nik arranca um pedaço do pão e entrega ao rei Asger. Outra parte vai para a rainha Charlotte e uma terceira para Iker, cujos pais ficaram em casa este ano. Juntos, a família real se alinha em frente ao fogo, pão na mão.

Nik ergue sua parte acima de sua cabeça coroada.

— Deixe o compartilhamento começar.

Com isso, todos os quatro jogam o pão na direção da multidão. As de Nik gentilmente no colo de Annemette. Ela ri, e eu estou tão ocupada rindo também que não estou prestando atenção quando um pedaço de pão de centeio me enrola no peito, saltando do meu corpete para o meu colo. Eu olho para cima e vejo Iker com um sorriso cruel, pairando sobre a mesa real, arrebatando mais.

Eu pego um pão da mesa ao meu lado e fico em pé. Eu rasgo ao meio e dou o restante para Annemette. — Aponte para Iker.

Suas sobrancelhas se juntam com um momento de confusão.

— Eu pensei que o pão era para os menos afortunados? —

Eu gesticulo em direção ao céu.

— Está chovendo pão. Ninguém passará fome, prometo.

Annemette olha para cima para ver que, sim, o pão de cada marca e forma está voando pelo ar. Ela se abaixa quando um doce rola da direção de Malvina. Ela rebate Fru Ulla com um baque surdo antes que um bebê o pegue com duas mãos gordinhas.

— É tudo muito divertido. — Eu asseguro a ela, e jogo o pão. Ele coloca os braços para proteger o rosto, mas os deixa cair rapidamente e é atingido no nariz pela peça de Annemette.

Isso serve apenas para fazê-lo sorrir e pegar duas tortas de cereja da mesa. Ele coloca uma nas mãos de Nik e eles avançam sobre nós, os olhos brilhando.

— Corra! — Eu grito e agarro a mão de Annemette.

Nós serpenteamos através da multidão e em um trecho aberto de praia. Entrelaçados, corremos ao longo da costa. Mas os garotos são mais rápidos e as tortas nos atacam nas costas. Nós caímos na areia em histeria — algo que não fiz em quatro anos.

Os meninos nos puxam para cima — Iker enganchando um braço sob meus joelhos e o outro em meus ombros. Ele corre o dedo pelas minhas costas até que meu vestido que desafia a classe está escorregadio com o recheio de cereja arruinado pela praia e o aponta para a minha boca. — Torta de areia para a senhora.

Eu lacro meus lábios e balanço minha cabeça.

— Para Urda, você deve dar.

O absurdo do olhar em seu rosto separa meus lábios, e ele aproveita sua oportunidade para deixar cair o recheio em minha língua. Eu engasgo tossindo de rir, e caio de seus braços e na areia.

Iker desce também, aterrissando ao meu lado. Seus olhos parecem brilhar quando ele se inclina sobre o meu corpo e abaixa seus lábios nos meus. Eu aprecio o beijo, seu recém — barbeado rosto com pele macia contra meu queixo. Eu acho que Iker não desafia todos os protocolos reais; A rainha Charlotte venceu esta rodada.

— Mmmm. — Diz ele, lambendo recheio de cereja de seus lábios.

— Delicioso, embora um pouco... arenoso.

Eu ri. — Tortas de areia sempre são.

— Um pouco de culinária, de vocês Havnestaders.

— Coma. Nik vai esperar você com força total amanhã. — Eu digo.

Iker levanta uma sobrancelha, travessura nos lábios. — E se eu dissesse a ele que estava guardando minha força para você?

Eu o empurro para longe de mim e fico de costas para ele de braços cruzados.

— Eu estava brincando. — Ele implora. — São todos os jogos de amanhã?

Eu aceno, limpando — me enquanto ele ainda está deitado na areia.

— Isso significa que amanhã é quando você vai deslizar em um tronco?

Quando eu não respondo, ele se levanta e envolve seus braços em volta de mim, arrastando dois dedos pelo meu umbigo, fazendo — me fixar enrijecida.

— Como prometido, meu príncipe. — Eu digo, rindo um pouco.

Por que eu sempre vou?

— Sim.

Um grito interrompe a resposta de Iker. Annemette. Tanto Iker quanto eu balançamos nossas cabeças em direção a Annemette e Nik. Eles estão mais perto da multidão, Annemette se agachando na areia, Nik cambaleando um pouco antes de cair de joelhos, segurando o estômago. Em pé diante de ambos está Malvina, mãos na frente de seu corpo como se tivessem acabado de liberar uma adaga.

Iker endurece, seu corpo todo subitamente rígido de tensão.

— Primo?

Nik cambaleia para uma arquibancada e levanta a mão para acenar para ele, virando — se para nós. Sua camisa branca e deslumbrante casaco real são uma bagunça de preto, como as lágrimas que eu chorei duas vezes antes.

Iker dá um passo em direção à cena, os punhos se formando.

Mas então Nik aponta para suas botas. Na direção da placa da torta, deitada de bruços na areia.

— Urda tem sido bastante generosa com a torta de mirtilo da Malvina. A deusa deve ter decidido que meu guarda — roupa e a praia precisavam de nutrição. — Com isso, Nik começa a rir.

Imediatamente, Iker se junta a ele, e eu vejo os olhos de Annemette quando ela se levanta. Uma pequena risada borbulha de seus lábios, crescendo em uma risada completa quando sua atenção se volta para a forma duplicada de Nik. Estou quase chocada demais por ter ficado sem fôlego esse tempo todo, mas depois me junto.

O único que não encontra humor em tudo isso é Malvina, constrangimento, mas não arrependimento no conjunto de sua mandíbula. Ela não se desculpa quando passa por Annemette, claramente seu alvo, e pega o prato da areia aos pés de Nik.

Ela fica de frente para ele. Nik tenta se recompor o suficiente para olhá — la nos olhos, mas falha miseravelmente, com o riso ainda presente em suas feições enquanto deixa a crosta de glacê e açúcar de mirtilo escorregar de seu casaco de fios de ouro para a praia.

— Espero que você aproveite este presente em nome de Urda.

— Anuncia Malvina, nariz no ar, antes de girar sobre o calcanhar da melhor maneira possível na areia da praia, com os cabelos loiros voando.

Quando ela se foi, nos reunimos em volta dele e examinamos o dano. A camisa, o casaco e até as calças são todas irrecuperáveis.

Mas fiel à sua natureza, Nik apenas sorri e apresenta suas roupas ensopadas.

—Torta, senhoras? Urda insiste.



Eu acordo com o Sol na manhã seguinte, ainda quente com sentimentos de pertencer à algo na noite anterior. Ontem foi um sonho do começo ao fim, e eu queria nunca acordar. Mas na luz branca da manhã, a realidade se torna gritante e meu humor muda rapidamente.

Annemette ainda está dormindo, com os dedos dos pés estendidos para o teto, braços acima da cabeça, emaranhados nas ondas. Eu fico ali por um momento e ouço as gaivotas antes de perceber minha oportunidade. Eu sei como posso fazer algo de bom hoje.

De pés silenciosos, vou até o guarda-roupa e abro-o. O primeiro vestido à direita é um que usei há dois dias quando conheci Annemette. Eu não posso acreditar que é todo o tempo que passou, mas ao mesmo tempo, eu não acredito que muito do nosso tempo tenha desaparecido. Hoje e amanhã até a meia-noite, e então tudo pode acabar da maneira mais horrível possível – ou pode ser o final mais feliz de todos.

Annemette ainda parece confiante, e eu estou obedecendo ao pedido dela de que eu não intervenha, pelo menos não magicamente, mas o pensamento de perder outra amiga para o mar é quase insuportável. Primeiro Anna, depois quase Nik, e agora Annemette, que só esteve na minha vida por um curto período, mas que ajudou a abrir meu mundo de maneiras que eu nunca imaginei. Ela é a amiga que Anna nunca poderia ser para mim, que Nik não pode ser

também. Ela é a única que conhece meus segredos. Bem, a maioria deles.

Eu tenho empurrado esses sentimentos para baixo, dizendo a mim mesma que esta é a sua decisão, que eu deveria, ao invés disso, tentar apreciar a vida ao meu redor, como eu tenho certeza que ela é, mas eu não sei por quanto tempo, eu me sinto tão impotente.

Pelo menos eu ainda posso usar minha magia para uma coisa. Eu pesco no bolso do meu vestido. Meus dedos passam pelo frasco de tinta do outro dia e enrolam — se ao redor da pequena ametista, sã e salva onde a deixei. Só espero que minha manhã longe das docas tenha levado apenas um dia de pescaria ruim, ou talvez nenhuma, a magia é nova o suficiente para que eu não saiba o que acontece se eu não fizer isso.

Eu me visto rapidamente e, minutos depois, chego às docas sem ver uma alma. Os paralelepípedos estão cheios de migalhas cobertas de orvalho, órfãs na noite anterior e até agora negligenciadas pelos pássaros de Oresund.

As docas também são silenciosas, nenhum navio indo ou vindo, embora isso mude em poucas horas. Hoje é o dia favorito entre os festivaleiros. A gula das noites anteriores atrai alguns, o último dia de velejar e dançar atrai os outros, mas não tanto quanto os que fazem fila para participar ou assistir aos jogos de hoje.

Nossos jogos não são exatamente tão sofisticados quanto os Jogos Olímpicos antigos que Fru Seraphine nos ensinou na escola, mas são mais do que suficientes para o povo de Havnestad.

Com a palma para fora e cheia, fecho os olhos e corro a ametista ao longo dos cascos dos navios ancorados, um por um, murmurando em voz alta as palavras que parecem funcionar, principalmente porque, sem ninguém por perto, não tenho que dizê — las na minha cabeça. .

— *Knorr yfir haf, knorr yfir haf, sigla tryggr, fanga írrír.*

Knorr yfir haf, knorr yfir haf, sigla tryggr, fanga írr. —

As palavras me parecem tão infantis, muito mais sofisticadas quando faladas apenas no espaço da minha mente. De repente, gostaria de ter confiado em minha magia o suficiente para criar um comando simples e forte dos nórdicos antigos — como algo que

Annemette faria. Eu faria agora, mas tenho medo do que a mudança trará.

Minhas palavras são como uma canção de ninar — mas vão servir.

Quando termino de embarcar em todos os navios no porto, fico na beira do cais real — o píer mais longo do Porto de Havnestad — e enfrento o estreito.

— Urda, se você quiser, traga minhas palavras ao Pai, onde quer que esteja no Öresund. Mantenha — o seguro; deixe — o para mim. Você não precisa dele. Por favor, não o leve simplesmente porque você pode.

O rosto de Anna cruza minha mente, aberto e livre de risadas antes de ser tomado pelas ondas. Mas eu o empurro para baixo o máximo possível, junto com meus pensamentos sombrios da manhã. Eu preciso viver como Annemette, como Iker, e aproveitar o dia ao máximo.

Eu me viro e volto para o castelo.

Eu não o vejo a princípio, meus olhos nas nuvens que o sol tingiu de rosa com o amanhecer crescente. Mas então eu ouço a plink macio de um violão sendo dedilhada levemente no jardim de tulipas. Essa música de novo, da festa.

— Nik? — Seu queixo inclina meu caminho, os olhos balançando longe do mar. Ele está no banco de pedra sob a sombra da árvore, a versão enrugada de sua estátua amarrada no jardim — roupões de banho de musselina amarrotados, cabelo solto de seus olhos com as pontas dos dedos. — Você veio aqui esta manhã para deixar os pássaros limparem o último pedaço de torta de trás de suas orelhas?

— Eu tomei um banho na noite passada, mas obrigado por perceber.

— Então você deve ter se levantado cedo para meditar em um plano melhor para ganhar de Iker hoje.

Nik levanta um braço e dá um tapinha no seu bíceps magro.

— O único plano que eu preciso, minha senhora.

Eu lhe dou um soco no braço e nos sentamos em silêncio por alguns instantes. O rosa da aurora se transformando em salmão,

o tom já ruminando na direção do amarelo dourado que se transforma pouco antes do céu azul clássico vencer e o sol estar completamente no horizonte.

Nik tira seu cabelo da testa, e seu rosto se volta para as pedras aos nossos pés. Depois de respirar, ele levanta os olhos para mim e tenho a sensação de que eu poderia aprender a resposta real para a meditação matutina dele.

— Evie... — Ele começa e meu coração afunda com o tom triste. Ah não. — Evie, você realmente beijou Iker?

Meu coração escorrega e eu sento lá, a mandíbula tensa. Eu não sei o que dizer. Eu não estou pronta para falar sobre mim e Iker. Não para Nik, de qualquer maneira.

Eu rio e corto — o nas costelas, esperando que uma piada conserte o que há em sua voz. — A verdadeira questão é, você já beijou Annemette?

Espero que ele fique vermelho. Diga sim. Admita que talvez Annemette tenha a chance de ficar — viva! — e preencher o buraco em nossos corações.

Em vez disso, seu rosto se contorce como se ele estivesse cheirando algo estragado. — Claro que não. Eu sou um romântico, mas não sou um cafajeste, não sou...

— Iker? — Minha voz está mais furiosa do que eu pretendia, mas há algo na boca do meu estômago. Algo quente como decepção, não só para ele por seu claro desdém por Iker, mas por qualquer coisa que eu faça com ele.

Ele para e começa, e eu posso dizer que ele não sabe por onde começar. É raro eu ficar brava com ele. Raro que ele não pode trazer ordem com um sorriso principesco ou um olhar de conhecimento, suas únicas ferramentas de conflito, as formalidades reais que sua mãe enraizou nele.

— Eu percebo que é estúpido. — Diz ele finalmente. — Tenho dezesseis anos e um príncipe para começar — eu deveria estar me divertindo. Minha mãe nunca deixaria algo errado chegar tão longe. Ela tem planos para mim, além disso. É apenas... Eu gosto da Annemette. Mas isso não... Não é... — Ele olha para mim, e há algo mais em seus olhos. — Como é nos livros de histórias. Então ele

olha para mim, a mudança em seu foco claro no conjunto de sua mandíbula. — E para ele beijar você... — Nik sacode a cabeça, sua postura murchando. — Deus, eu devo soar uma bagunça.

— Não. — Eu digo, o ar correndo em meus pulmões apenas o suficiente para espalhar a palavra.

Ele ri baixinho em voz baixa. — Sim eu quero. Eu pareço enlouquecido.

— Você parece confuso. Você pode dizer, enlouquecido, nesses livros apaixonados que lemos quando crianças. Aqueles príncipes que trancam as garotas em uma torre para conseguir o que querem, esses são os loucos.

Nik acena para si mesmo. — Sim, Mette é uma garota legal, linda e bonita, e eu lamento que ela tenha que voltar para Odense, mas acho que nunca vou amá-la o suficiente para ser... ser... seu príncipe de conto de fadas.

Meu estômago praticamente desmorona. Mas Nik está falando do coração. Ele não sabe que não há Odense para Annemette. Não... nada. Ela é apenas outra garota que sua mãe forçou a ele. E se eu dissesse a verdade? Talvez isso mudaria as coisas. Evie, do que você está falando? Diga a ele que ela é uma sereia? Mas talvez ele visse como ela é maravilhosa e gostaria de salvá-la, assim como ele tentou salvar Anna. Mas então isso realmente cairia tudo em seus ombros. Toda essa culpa. Pode amar a primavera da culpa? Isso é amor verdadeiro? Eu não sei... Como eu deveria saber o que é amor verdadeiro? Não, se eu lhe dissesse a verdade, poderia arruinar qualquer outro tempo que ela tivesse para conquistá-lo. Isso é tudo culpa minha, por andar com Iker enquanto Nik gasta um tempo precioso se preocupando comigo, afastando sua mente de Annemette. Eu tenho que tentar outra coisa.

— Ela me lembra muito de Anna... — Eu digo, sentindo como se as palavras estivessem na ponta dos pés.

— Sua coloração, sim. — Ele admite, mas não vai mais longe. Não era a resposta que eu esperava.

— E suas características. Sua voz cantando.

Ele encolhe os ombros e se inclina para trás dos joelhos e se endireita. — Mas você sabe o que não é? O jeito que ela olha para mim — Anna nunca se permitiu pensar em mim como bonito.

— Isso é tão falso! Ela tinha uma queda enorme por você, e você sabe disso. — Eu bato o ombro dele, embora pareça estranho falar de sentimentos particulares de Anna como uma piada. Estou quieta por um momento e depois digo:

— Dê uma chance real à Annemette, por favor. Por mim.

— Mas e você e Iker?

— Pare de pensar em Iker, Nik! Eu estou feliz, mas eu não vou deixar ele me arruinar, como eu sei que você tem tanto medo. Eu sou mais esperta do que isso. — Ele fica vermelho por um momento, mas eu continuo. — A única felicidade que eu quero que você se preocupe é sua.

Quatro anos antes



O menino mergulhou de volta. Ele não podia simplesmente deixar para esses outros homens encontrar sua amiga. Ele salvou uma; ele precisava tentar salvar a outra.

O afogamento era comum em Havnestad — o mar levava tanto quanto ele dava — mas isso, não podia ser.

Imediatamente, a água arranhou o comprimento úmido dele, força da água com se fosse mil mãos rasgando seu corpo em direção às areias rodopiantes abaixo.

O refrão constante de seu pai penetrou em sua cabeça. Não seja um herói, Iker; você já é um príncipe.

Ele disse que a qualquer momento Nik tinha feito qualquer coisa particularmente imprudente. Um elogio envolto em um lembrete: você não é apenas um príncipe, você é um herdeiro. O único herdeiro.

E aqui estava a voz de seu pai, tão feroz quanto as ondas.

Ele corou a superfície e sacudiu tudo — as palavras, a água — e encheu seus pulmões. Ao redor dele, homens se debatiam nas ondas. Nenhum deles segurou Anna.

O menino mergulhou de novo, forçando os olhos contra a picada salgada.

Azul. Azul em todo lugar.

Ele piscou, deixando sua visão se ajustar.

Sombras no fundo do oceano tornaram—se culturas de algas, movendo—se no tempo escuro. Algas, detritos e o menor dos cavalos—marinhos flutuavam pelo azul, um mosaico em vez de um corpo solidamente fluido.

Seus olhos balançaram para a esquerda, certo. Seu corpo inteiro girou ao redor.

Ela está aqui. Ela está aqui. Ela deve estar aqui.

Ele emergiu novamente, não longe do banco de areia agora. Nenhum homem gritando. Ninguém cedendo sob o peso de uma loira em uma anágua.

De volta para baixo, mais profundo, mais profundo, a correnteza guiando—o avidamente.

De olhos abertos, ele examinou o fundo. Pulmões queimando para respirar, ele mergulhou.

E lá.

Cem metros de distância. Abaixo em uma fenda. Um flash de branco. Um pé, nu contra um enorme emaranhado de algas e corais.

Com os olhos presos em sua localização, ele atirou para a superfície —ele precisaria de ar para buscá—la. Oito grandes respirações ofegantes.

Eu posso fazer isso. Eu posso chegar até ela.

Ele mergulhou de novo, os olhos abertos enquanto mergulhava, preso ao pedaço de branco. Tão longe. Tão baixo.

Os pulmões do garoto queimaram. Seus ouvidos estalaram. A escuridão penetrou nos cantos de sua visão.

E ainda o pedaço de branco estava lá. Mas não se aproximando. Nunca parecendo ficar maior, mais atingível. Apenas brilhou no fundo do mar, uma estrela que ele não podia tocar.

Sua mente começou a desacelerar, assim como suas pernas e braços, que já não lutavam contra a água.

Você não precisa ser um herói, Iker; você já é um príncipe.

Você não é apenas um príncipe, você é um herdeiro.

O único herdeiro.

Respiração batendo contra seus pulmões, ele fez sua escolha.

O príncipe se empurrou mais fundo.

Sua vida não importava mais que a dela. Ele era o único com a chance de salvá-la, e essa chance não deveria depender do sangue em suas veias.

Pernas queimando, ele chutou, nenhuma respiração deixou em seus pulmões para impulsioná-lo. Mas ele estava tão perto. Ele podia distinguir os dedos dos pés agora. Cabeça batendo sem ar, o sangue subiu com a pressão, ele chutou de novo, os braços puxando contra a água.

Mas então veio uma pressão no pé dele. O puxando de volta. Puxando-o até que, por um instante, o peso se foi. Assim que desapareceu, foi substituído por cotovelos presos sob os ombros. Um peito às costas. E força, tanta força, impulsionando-o à superfície.

Naquele momento, seus pulmões finalmente cuspiam para respirar e ele inalou involuntariamente, a água ainda o rodeava. Um bocado profundo do mar pairou sobre sua traqueia por uma fração de segundo antes de cuspir de volta na água.

Sem fôlego, fora do tempo, a água se fechando, ele quebrou a superfície. O ar estava tão fresco que queimou; Enquanto seus pulmões arfavam, sua língua inchou do sal que ele havia inalado.

Tossindo, respirando — finalmente respirando — ele abriu os olhos novamente, a água fluindo em seus olhos.

Ele não conseguia enxergar bem, mas conhecia o rosto diante dele.

— Não! Iker... — Começou ele tossindo. Forte. Mais água salgada saiu de sua boca. Driblou seu queixo. Ele limpou a boca com uma manga tão molhada, que apenas lambuzou a água com mais água.

— Eu tenho você, primo. Eu entendi você. Não se preocupe. Você está seguro.

— Eu... — Ele tossiu novamente e respirou fundo, longo e profundo. — Eu tenho que pegá-la.

Com ar nos pulmões, ele tentou se livrar da primo.

— Ela se foi, Nik. Ela se foi. E você também ia estar.

— Não! Ela está lá embaixo. Eu vi ela. Você tinha que ter visto ela também. Ela está bem ali, bem abaixo...

— Não seja um herói, Nik. — Bíceps fortes de barco prenderam o príncipe em um abraço — seus braços presos em seus lados, seu

único recurso para chutar, mas isso apenas os impulsionou para perto da praia. Mais longe dela.

— Iker, por favor. Ela precisa de nós. Anna precisa de nós. Nós podemos resgatá-la. Podemos —

— Nós não podemos. — A voz recém—aprofundada do seu primo rachou quando ele disse isso, e houve um engate em seu chute. — Nós não podemos.

— Podemos! Podemos pegá-la! — Ele estava gritando, apesar de sua voz ser áspera e desleixada.

Seu primo apenas apertou com mais força. Seus lábios chegaram ao ouvido do príncipe, sua voz menor do que parecia possível. — Se você morrer resgatando ela, não vai dar consolo para seus pais ou seu povo. Isso só dará a Havnestad outro corpo.

— Mas ela não é um corpo. Ela não é. Ela está lá. Bem ali. — Mas mesmo quando ele disse as palavras, ele sabia que tinha sido muito tempo agora. Dez minutos, embora parecesse cem.

E então ele começou a chorar. Lágrimas salgadas escorrendo pelo rosto e no porto. Ele não as limpou. Ele as deixou correr. Deixe que elas se juntem a Anna no mar.



Os jogos anuais de Lithasblot começam no calor do meio — dia. Cidadãos e espectadores de Havnestad, do outro lado do Estreito de Oresund, transbordam para a praia principal, prontos para jogos de habilidade e esportes que vão desde as montanhas acima até os mares abaixo.

É a primeira vez em dias em que os garotos não são propriamente educados em público. Com certeza, eles estão barbeados, mais fácil de exibir seus rostos de jogos, mas também usam calças de algodão simples e camisas enroladas nas mangas. Essa mudança de roupa é tradição também.

Hoje é sobre demonstrar habilidade. Eu não estava mentindo quando disse a Iker que nossos jogos eram úteis, na verdade, eles nasceram sem utilidade. Escalada e corridas nas montanhas. Toras indo com o fluxo que alimenta o porto. Nadando na boca do mar. Vital para a vida, cada uma delas. Útil — até a rocha carregada ao longo da praia, que imita o trabalho para trazer a carga para terra.

E cada cidadão em Havnestad tem um tiro igual para competir. Se você tem noventa e cinco anos ou ainda está cheio de gordura para bebês, se você pode andar, você pode ter uma chance — com a família real torcendo por você, ou possivelmente agindo como sua competição.

Depois de pratos de samsø, pão de centeio e pêssegos, Nik é instruído por seu pai para supervisionar os eventos da montanha

primeiro. Esses esportes têm o menor número de competidores, e o rei Asger preferiria ver a ação na praia.

E o rei Asger recebe o que o rei Asger quer — até mesmo de seu filho.

Fiel à sua natureza, Nik curvou — se — sem coroa no topo da cabeça — antes de pegar outro pêssego e um frasco de água e puxar Annemette em direção à passagem de Lille Bjerg.

Eu olho para o lado de Iker quando ele não faz um movimento para seguir.

Sua mão forte gentilmente algema meu pulso e me puxa para perto. Em um fôlego, estou a uma polegada de distância de seus lábios. As profundezas de seus olhos estão brilhando no sol alto, claro e alegre depois de uma boa noite de sono em uma cama de verdade e não em quartos úmidos de um navio. — Vamos ficar aqui sozinhos.

Eu mudo meus olhos para a praia. — Sozinhos, com cinco mil dos nossos amigos mais próximos, incluindo sua tia e tio.

Iker ri e gentilmente enfia os cachos que se projetam sobre meu ombro. — Tantas pessoas que nem uma delas está assistindo...

Não, eles estão assistindo. Eu posso sentir isso. Ele está acostumado a isso.

Eu me afasto, movendo o braço que ele está preso, então estou agarrando seu pulso enquanto ele segura o meu. Eu o puxo em direção ao Lille Bjerg. — Existem muitas trilhas ao longo do desfiladeiro, grossas com pinceladas.

Ele levanta uma sobrancelha e finalmente dá um passo à frente.

— Seria uma pena se nos perdêssemos.

— Que vergonha. Nik ficaria tão desapontado.

— Só se ele estiver perdido na mesma moita que estamos.

É verdade. Nik retornou uma pessoa diferente depois da nossa conversa matinal, concentrando — se em Annemette com uma intensidade renovada.

Com as mãos emaranhadas, marchamos pela rua dos mercados. Estamos a vários passos atrás de Annemette e Nik, apesar de estarem se movendo no ritmo de um caracol — Annemette ainda não viu grande parte da cidade fora do festival, e está cutucando todas as

portas e janelas panorâmicas para ver as mercadorias. O homem da confeitaria já lhe entregou um pirulito, que passou a dar à sua língua um tom horrível de vermelho. Ela se atreveu a nos mostrar um bloco para trás, estendendo a língua quase até o queixo. Era uma imagem e tanto, uma boca sangrenta sob o rosto de um anjo. Claro, ela achou que era a coisa mais engraçada. Agradei a Urda que Malvina não estava por perto para ver.

Nik riu também, carinho escrito em todo o seu rosto. Ele não tem ideia de até onde ela viajou para ver essas coisas que passamos todos os dias, para passear pela rua com ele.

— Eu estive em Odense. — Iker começa, linhas de sol enrugando ao redor de seus olhos, e não é Copenhague, mas também não é uma vila de um cavalo. A propósito, ela respondeu ao otário, você pode supor que ela nunca teve um doce em toda sua vida.

— Mostrar prazer não é um crime, Iker. — E não é, embora eu saiba que a resposta não vai compensar o feroz senso de admiração de Annemette. Assim, eu ligo de volta para ele. — Nem todo mundo é tão difícil de se divertir quanto o príncipe de Rigeby Bay.

Seus lábios aparecem e seus olhos piscam no meu caminho. — Eu rio mais do que qualquer um e você sabe disso — se eu vivi apenas com arenque salgado por três semanas ou não. — Seus dedos apertam os meus e eu beijo seu ombro. — O que eu quero dizer é que há algo pouco natural em seu nível de prazer.

Meu coração começa a bater e minhas têmporas ficam quentes. Essa linha de pensamento não é boa. Nada de bom. Eu mudo de tática.

— Imagine do jeito dela. — Eu coloco minha mão livre na frente dele. — Ela chegou a Havnestad com um acompanhante doente, sem conhecer nenhuma outra alma. E apesar de tudo, ela foi levada, dada uma cama em um belo palácio, e o arrojado príncipe que ela veio conhecer claramente acredita que ela seja algo especial. — Eu balanço nossas mãos entrelaçadas para que elas fiquem à vista. — Isso é um redemoinho de prazer, não é? A onda quase foi arrancada do meu cabelo apenas por ser uma espectadora.

Ele me dá uma risada de cortesia e pega uma mecha rebelde com a mão livre, puxando — a completamente lisa. Ele deixa ir e

observa como ele volta em uma espiral. — Isso teria sido desastroso. Até mesmo os salões de Paris não teriam conseguido reproduzi-los.

Minhas bochechas ficam escarlate quando chegamos ao fim dos paralelepípedos e à trilha do Passo Lille Bjerg. Annemette e Nik já desapareceram em uma curva. Eu passo na frente de Iker na pista única, e nossas mãos caem.

— Estou apenas dizendo. — Ele diz. — O que sabemos sobre Annemette? Como sabemos que ela é quem ela diz que é?

Eu rio, tentando fazer parecer que ele está sendo ridículo, e não apropriadamente preocupado. — O que, você acha que ela é uma vigarista em fuga, roubando joias da coroa um Lithasblot de cada vez? — É a coisa mais absurda que posso oferecer, exceto pela verdade.

— Não. Não. Ela é uma menina doce... Há algo nela que eu não consigo colocar no dedo. E eu não gosto desse sentimento, especialmente quando envolve família.

— Eu sei o que é. — Eu digo, na esperança de finalmente colocar isso em repouso — tanto para Annemette quanto para mim. — Ela se parece com Anna.

Seu passo hesita atrás de mim. — Sua amiga que se afogou?

— A própria.

— Certo. Ela tinha cabelos loiros.

— Sim. E olhos azuis. E pele cremosa. Um rosto em forma de coração — tudo isso. A semelhança me derrubou. — E eu não posso evitar: lágrimas nos meus olhos. — Eu pensei que tinha visto um fantasma.

Ele para de avançar. Eu me viro e ele está me observando, sobrancelhas juntas e sério. É como ele estava na varanda, a desconfiança deslizando por sua pele tão feroz quanto a luz do sol.

— Tem certeza de que não tem como essa garota saber disso? Escolheu o nome Annemette de propósito? Ela pode estar atacando vocês dois, usando suas memórias contra você.

A inclinação da trilha nos coloca frente a frente, e ele aperta os polegares nos cantos dos meus olhos, enxugando as lágrimas que se espalharam. Eu coloco minha mão em seu peito. — Quem são esses canalhas que você encontra no alto mar? Alguém no mundo

realmente faz coisas tão horríveis? Você não tem fé em seus semelhantes?

— Evelyn, estou ciente de que você não é ingênua, mas sinto que devo lembrar tanto a você quanto a meu primo que as pessoas nem sempre são quem dizem que são.

— Você não está errado. — Eu dou um passo em direção a ele e toco a minha testa na dele, nossos lábios um suspiro, nossos olhos fechados. — E enquanto eu acho sua preocupação incrivelmente cativante, eu estou falando sobre isso. Annemette pode não ser Anna, mas ela é minha amiga. Eu não fui enganada.

Eu fecho a distância entre nós, nossos lábios se encontrando. Ele afunda profundamente em mim, mãos envolvendo minhas costas, dedos no meu cabelo. Ficamos assim por vários momentos, mas não é até que ele esteja tão absorto que feche os olhos que eu sei que finalmente ganhei essa rodada.

— Tomando o longo caminho até a montanha?

Afasto — me de Iker e vejo Annemette parada a poucos metros de nós, com certeza, Nik ao redor. Sua sobrancelha está levantada, mas há um sorriso em sua boca manchada de cereja preta.

— Você não ouviu? Eu nunca chego na hora. — Ele sorri um pouco para seu próprio golpe modesto, mas eu juro que ainda vejo um olhar cético em seus olhos enquanto ele passa por ela.

Annemette agarra minhas mãos e nós duas desatamos a rir. Realmente parece que Anna está aqui.

Nós caminhamos para os jogos, mas quando chegamos a eles, Nik e Iker já estavam competindo na parte montanhosa dos jogos. O dever real e o jogo decisivo significam que Annemette e eu fomos deixadas para trás para manter a quadra em um tronco caído. Normalmente, eu corria também — eu sou mais rápida do que pareço — mas os pés de Annemette já estão incomodando ela, a queimação que ela sentiu ontem mais dolorosa do que antes. Em vez disso, observaremos os alpinistas de longe enquanto esperamos que os garotos voltem a descer a montanha, suados, empoeirados e cheios de novos contos.

— Como você faz isso? — Ela pergunta baixinho.

— O que você quer dizer? — Eu respondo.

— Para Iker beijar você assim? — Diz ela com mais de uma sugestão de exasperação alinhando sua voz. — É bobo, mas eu estava te observando.

— Para dicas? — Eu quero rir — a ideia de alguém me observando por minhas habilidades sedutoras é ridícula, e eu ainda tenho minhas dúvidas sobre se há algum amor por trás dos beijos de Iker, mas Annemette parece tão desesperada. Ela está desesperada.

As bochechas de Annemette ficam vermelhas, embora o rosa seja temperado pela luz da montanha. — Eu fiz tudo que podia para mostrar a ele como me sinto e ainda não tive um beijo! Mas acho que ele gosta de mim.

— Ele faz. Eu sei que ele faz isso! — Eu tiro essa manhã completamente da minha mente. Nik deu atenção às minhas palavras. Eu sei isso. Vai dar tudo certo.

Ela fica quieta por um segundo, suas feições suavizam com o pensamento. — Meu pai, o rei do mar, diz que quando tudo está como você esperava, você é cego para as imperfeições.

De alguma forma, estou em silêncio que o rei do mar em nossos contos infantis é tão real quanto a sereia antes de mim. Finalmente, eu aceno. — Seu pai é sábio.

— Mas eu não sou cega. Suas sábias palavras soam em meus ouvidos quando eu deveria estar aproveitando cada momento. Em vez disso, olho para o casal perfeito do lado de fora e vejo todas as razões pelas quais Nik não está apaixonado por mim.

— Eu sei o que você quer dizer. — Eu digo.

— Não, Iker ama você.

Eu sacudo minha cabeça. — Eu gostaria que Iker me amasse. Mas Iker tem uma reputação de beijar qualquer garota cujos joelhos enfraquecem ao vê-lo — e eu não sou a única nos reinos de Øresund com esses problemas. Iker e eu não somos para sempre, e estou tentando ficar bem com isso.

Ela olha para os pés dela. — Então, ele tem outras garotas que ele trata como você?

— Sim. Ou ele fez. Eu não sei. — Eu posso sentir meu rosto corar. — O ponto é que Nik não faz! Há apenas um peixe no seu mar e é você...

— Essa é uma analogia ridícula, Evie.

— E aqui eu pensei que era inteligente, dada a sua situação.

Annemette fecha os olhos e me arrependo de fazer uma piada idiota em um momento como aquele. — Minha situação. Sim. — Ela solta uma gargalhada triste. — Tal situação — amor à primeira vista com um garoto que nem vai me beijar. Eu tinha tanta certeza de que ele levaria a uma vida inteira de felicidade, não...

Nenhum de nós quer dizer o que a vida dela será de outra forma.



Quando Nik e Iker voltam, eles estão prontos para provar quem é o mais forte, o mais rápido, o mais ágil, seus egos dolorosamente machucados depois de ambos perderem na montanha. Parece que o filho do alfaiate, o pequeno Johan Olsen, não é mais tão pequeno.

— Eu nunca vi alguém correr como ele. — Nik admite enquanto nós fazemos o nosso caminho para o rio Havnestad, que corta as montanhas antes de esvaziar para o mar. — Foi uma visão e tanto.

— Você quer ver uma visão? — Diz Iker. — Desafie — me a uma corrida de torras, primo. Eu poderia bater dez daquele garoto Olsen e você também.

Eu olho para Annemette, que colocou um sorriso no rosto e está rindo junto com os meninos. E, porque eu adoraria ver Iker mergulhado no rio Havnestad, eu também estou encorajando isso totalmente.

Nik ri — uma risada real, mas uma risada real, no entanto. Quando chegamos à margem do rio, ele ainda está contemplando. Ele apoia um pé no final da cauda do tronco direito. Há um aberto à sua esquerda, pronto para Iker.

— Se eu não me engano. — Diz Nik. — Eu ouvi que você veio a este extravagante Lithasblot com a promessa de uma certa garota de cabelos negros correndo em um tronco, e não era eu, primo.

Nik! Como ele pode? Mas eu rio, cabeça jogada para o céu. Nik também está perdendo — rindo tanto que seu pé escorregou do final do tronco e ele quase se agachou para sentar na coisa.

Annemette, entretanto, tem sua inteligência sobre ela. Eu me endireito assim que ela olha para mim com um sorriso malicioso e um brilho nos olhos. — Que tal este compromisso? Nik e Evie correm. O vencedor enfrenta Iker.

As sobrancelhas de Iker sobem na testa e seus olhos brilham, claros e emocionados. Ele bate palmas fortes e fortes juntas. — Sim. É isso aí. A senhorita teve a ideia perfeita!

Eu sacudo minha cabeça. — Sim, a ideia perfeita para se manter seca.

Annemette encolhe os ombros e de costas para a pequena multidão que se reuniu, alinhada ao longo das rochas e troncos. — Eu sou apenas uma espectadora.

Nik ri e consegue uma longa investida para cutucá — la docemente com o cotovelo. — Isso é o que eu pensava também, minha querida, e agora olha onde está eu.

Eu arqueio uma sobrancelha para ele. — Sim, como minha primeira vítima.

Ei, agora, o que faz você ter tanta certeza de que vai ganhar? — Nik diz para mim, um sorriso brincando em seus lábios, embora seu tom esteja tentando soar indignado.

— Às vezes você só tem um sentimento, meu príncipe. Você com certeza será um perdedor, Asger Niklas Bryniulf Øldenburg III.

Enquanto os espectadores e competidores cantam o nome de Nik, ele planta um pé no tronco na minha frente. Ambos os troncos estão suspensos logo acima da corrente, amarrados por cordas de navios em ambos os lados para mantê-los retos e um pouco firmes — para manter a competição justa, não para criar facilidade.

São vinte e cinco pés de uma extremidade à outra. Temos que correr para o outro lado, tocar no banco e fazer uma viagem de volta. A primeira volta ou a que ficar fora da água ganha. Se nós dois acabamos no rio, então é um empate, não importa quem caiu primeiro.

Nosso colega, Ruyven Van Horn, de cabelos ruivos, orelhas de elefante e tudo mais, está entre nós, o início oficial em seus lábios.

— Em suas marcas... preparem-se... vão!

Nós investimos nos troncos. As pernas de Nik são muito mais longas e ele está à frente em um passo, mas o centro de gravidade dele é muito mais alto e ele oscila imediatamente.

— Instável tão cedo, primo? — Iker ri ao fundo.

Eu não posso vê-lo, mas tenho certeza de que Nik está sorrindo de volta. — Zombe-me, você só serve para me irritar.

No tempo que ele levou para se firmar e responder as dicas de Iker, eu já dei cinco passos. Os troncos estão escorregadios, mas o meu é do tamanho perfeito para os meus pés. Plantando cada pé em uma afluência ao ballet francês, posso me mover rapidamente para o ponto central com degraus rasos. Ao meu lado, Nik não alterou seu passo, ousando a gravidade para levá-lo a cada passo longo, mas usando sua força e coordenação para permanecer firme.

Eu chego ao final do meu e marco o chão do outro lado, ganhando um aumento de bandeira da contraparte de Ruyven.

— Excelente, Evie! — Annemette aplaude.

Eu pego os dois pés de volta no meu tronco, enquanto Nik invade a ponta dele e segura na terra.

— Mette, sua traidora. — Nik grita, montando seu tronco um pouco rápido demais. Seus braços se movem pela minha periferia em um grande arco — a multidão suspira.

— Menos mandão, mais movimento, primo. Evie está ganhando de você!

— Você só torce por mim porque é burro o suficiente para pensar que pode me vencer na próxima rodada. Contra ela, você não terá uma chance e você sabe disso.

Eu ainda estou na liderança, mas apenas escassamente, meus passos são mais lentos e mais cuidadosos agora. Ao longo dos anos, vi muitos competidores caírem no rio a um metro do final porque sua mente já estava em terra. Eu poderia facilmente sussurrar um dos feitiços de Tante Hansa e secar o tronco sem qualquer aviso, mas eu não farei isso. Eu não sou uma trapaqueira. Então meu coração fica quieto enquanto eu me concentro no tronco diante de mim, o som da água correndo é a única coisa em meus ouvidos.

Nik está ao meu lado, mas a minha visão de túnel o afogou, seus braços estão se agitando ou se ele está firme e desacelerando

também, eu não sei. Tudo o que sei é que, quando toco a sujeira, Ruyven levanta meu braço e, quando olho, Nik também está lá, com as mãos nos quadris, respirando a um bom ritmo.

— A senhorita, por uma polegada! — Ruyven diz. Annemette está batendo palmas e Iker também, embora seu rosto de jogo já esteja se encaixando. O resto da multidão está em silêncio até que Nik ergue as mãos acima da cabeça em agradecimento — então elas enlouquecem.

— Muito bem, Evie. — Nik aperta meu ombro. Então ele se inclina, apenas para meus ouvidos. — Ignore — os. Eles só torcem porque precisam. — Então, para a platéia, ele diz: — Vamos ver Evie!

Aplausos levemente mais corajosos perseguem sua exclamação, mas — não é chocante — também algumas vaias. E então todos os olhos se voltam para Iker. Seu olhar está preso no meu rosto, a alegria no azul de seus olhos já endurecendo a concentração. Se Iker competir da melhor forma que ele faz todo o resto, vou precisar de muito mais do que uma polegada.

Eu viro e coloco meu pé no tronco.

— Você tem certeza de que está pronta para se esforçar de novo tão rapidamente, Evelyn?

— Pare de enrolar, Romeo. Vamos lá.

Eu olho para Ruyven, que está se divertindo muito rindo às nossas custas. Ruyven encontra meus olhos, seu rosto normalmente pálido como uma massa agora vermelho e levanta sua bandeira para começar. Iker ainda está a um ou dois passos de distância de seu tronco, virou — se para a multidão. Eu me acomodo, os músculos da panturrilha ficam tensos sob o meu vestido.

— Em suas marcas... — Eu levo quase um segundo para que Iker registre as palavras. Ruyven está na próxima parte antes que o príncipe herdeiro de Rigeby Bay tenha tempo de virar. — Prepare — sem — Iker está a um metro do seu tronco. — Vai!

Eu corro para o meu tronco, mantendo meu peito baixo, quadris ajustados e joelhos dobrados. Estou cinco pés na frente quando Iker finalmente monta seu tronco, mas na verdadeira forma Iker, ele assume a liderança com apenas dois grandes passos.

A madeira ao redor está repleta de vozes, tão fortes que se elevam acima da minha concentração e do balbucio do riacho — Iker é sempre alguém que revela a desordem em qualquer situação.

— Vá buscá — lo! — Annemette grita.

— Você tem isso, Evie! — Nik aplaude.

Mas eu não tenho isso. Iker já está a um metro de tocar no outro lado do tronco, seus passos ousados arriscados, mas não sem recompensa. Eu ainda sou pelo menos dez passos cuidadosos do banco e a chance de me virar. Quando os pés de Iker atingem a terra, ele imediatamente gira e aponta para o homem da bandeira do outro lado e, em seguida, levanta os braços, grande e orgulhoso enquanto se dirige à multidão.

— Ninguém vai torcer pelo cavalo de primeiro lugar? Eu sou tão medonho?

Com isso, todas as garotas no meio da multidão, exceto Annemette, gritam seu nome. É o mesmo refrão que eu imagino quando ele encalha em qualquer lugar dos Reinos de Øresund.

A grandiosidade de Iker custa — lhe, no entanto, e eu retino a sujeira logo depois que ele monta seu tronco. Ele calcula que cometeu um erro no timing e imediatamente corre para o outro lado, meio que pulando para ficar na minha frente.

Estou tentado acelerar e dar passos mais longos, mas me contento, o tronco ainda mais discreto do que antes.

Então eu tomo meu tempo. Passos rápidos, olhos apenas para o tronco, respiração firme e calma.

Eu estou na liderança no ponto médio, uma segunda vitória na minha mira. E é exatamente quando alguém no meio da multidão decide que um príncipe não pode perder mais uma vez, e um galho passa voando pelo ar e me pega pelo pescoço.

A dor é aguda e perco o equilíbrio. Eu estou caindo em direção à água e ao registro de Iker antes que eu possa fazer qualquer coisa física ou mágica para pará — lo. Como estou caindo, acho que por uma fração de segundo do feitiço flutuante de Annemette, e quase digo o comando, mas não posso fazer isso aqui. Ainda assim, eu fico no ar por alguns segundos antes de pegar os olhos de Annemette. Eu

os vejo mudar para o olhar de concentração que vi na Lagoa da Greta. Não faça isso, eu olho. Aqui não.

Eu caio no rio e sou empurrada sob o registro de Iker pela corrente. Há gritos acima da onda de água em meus ouvidos, mas não consigo entender o que está sendo dito. Em seguida, vem um flash de branco e azul marinho seguido por um grande whoosh e gotas de água espirrando no meu rosto.

A multidão está fazendo um barulho forte, mas não é até os dedos fortes enfiarem na gola do meu vestido que eu percebo que Iker pulou na água. Ele está se agarrando com o outro braço ao tronco, em uma tentativa de evitar correr a jusante.

— Você está bem?

Concordo com a cabeça, um tanto chocada com a água tanto quanto com a ferocidade de sua voz.

Iker me dá um empurrão suave, e eu nado os metros finais até a borda, trabalhando duro contra a tração a jusante da corrente. Annemette está se inclinando, estendendo a mão para mim, seu belo vestido cercado de lama.

Nik está no banco, gritando. Mais do que isso, ele está puxando o garoto que jogou o bastão para fora da multidão e jogando — o da competição. Eu nunca vi Nik tão bravo.

Annemette me puxa pelo banco liso. Iker segue, subindo, as mãos afundando na lama. Estamos uma bagunça, nós dois, pingando água e bolas de lama por toda parte.

A multidão está em silêncio e nós também. Nik se junta a nós e nos viramos sem uma palavra para a trilha. Nem Nik diz nada, a raiva ainda fervendo dele.

Enquanto nos afastamos, Nik continua olhando para mim, murmurando para si mesmo. Ele quase parece querer agarrar minha mão, mas o braço de Iker está em volta dos meus ombros, e assim tudo o que ele diz é: — Eu vou cuidar disso, ele nunca vai competir, nunca mais assistir também.

Eu não sei o que pensar — Nik não usa seu poder real, mas eu não vou negar que isso é bom. Claro, isso só fará os sussurros continuarem. Mais razões para as pessoas da cidade dizerem que eu não conheço o meu lugar. Esfrego o hematoma que se forma no

meu pescoço, um presente de despedida do bastão, e olho para Annemette. Sua expressão é retirada, sua boca em uma linha e sua testa franzida. Ela está andando alguns passos do lado de Nik, dando — lhe espaço, deixando — o em paz.

Eu fiz isso de novo, no entanto, não fiz? Encontrar outra maneira de distrair Nik do que é importante. Eu só quero ficar sozinha, deixar todo mundo continuar sem mim, mas quando chegamos à cidade, Iker me puxa de volta, tirando um momento para tirar a lama de suas botas na beira de um pedregoso. Botas limpas e Nik e Annemette fora do alcance da voz, ele agarra minha mão.

— Por que você ficou aqui?

Eu pisco para ele. — O que você quer dizer?

— Quando fui embora para caçar baleias há alguns dias — por que você ficou onde sabia que as pessoas jogavam paus e diziam coisas horríveis sobre você?

Iker poderia dar a Tante Hansa uma corrida por seu dinheiro no departamento de observação, mas suas palavras também soam vazias. — Não é nada diferente de antes. — Eu digo. — Além disso, sua oferta não era real. Você e eu sabemos disso.

Ele balança a cabeça, os olhos ferozes. — Isso não é verdade, Evie. E é real agora, quer você acredite em mim ou não. No momento em que minhas tarefas no baile terminam, vamos sair. Só você e eu no meu barco. E se pegarmos uma baleia, melhor ainda.

Parece perfeito. Meus sonhos passam diante de meus olhos — de liberdade, de Iker, do mar que poderíamos conquistar juntos, uma baleia de cada vez. Mas é perfeito demais. Eu não posso ir, mesmo que seja só por algumas semanas — por que ele não consegue ver isso?

Mas, ao mesmo tempo, Annemette preenche meus pensamentos — ela arriscou tudo pelo que ama e eu não arrisquei nada. Mesmo que ela morra — e dói apenas pensar nisso — ela terá vivido mais nesses poucos dias do que eu jamais tive.

Eu olho para Iker. Meu imperfeito Iker. A escolha certa não poderia ser mais clara.

— Nós vamos pegar uma baleia. — Eu digo.

Iker me puxa para um beijo, e eu me afundo nele, minha mente já cheia de sonhos de dias no mar e noites aconchegadas junto com a minha bochecha em seu peito.

Quatro anos antes



A garota de cabelos negros não podia ficar na praia. Ela não podia simplesmente ficar lá enquanto as pessoas que ela amava como família estavam na água.

Ela se levantou, mas sentiu — se tão pesada quanto se a maré ainda a segurasse. Seus pés tropeçaram e seus pulmões se agarraram, e ela caiu de volta na areia.

As pessoas da cidade que assistiram não a ajudaram, não correram para ajudá-la. Eles sussurraram em suas mãos, mas não ficaram quietos o suficiente. Ela ouviu tudo isso antes, e as palavras tocaram em seus ouvidos como lembranças.

Aquela garota — ela permitiu o acesso ao castelo e é maçante o suficiente para pensar que mora lá.

O príncipe não é seu irmão, garota.

Não passaria por ela por trás de toda essa tragédia — vaca interesseira.

A menina de cabelos negros se forçou a ficar de pé novamente, os olhos na forma de Iker, nadando habilmente pela água. Seus dedos flexionaram em seus lados. Havia tanto que ela desejava poder fazer.

Ela deu um passo à frente. E depois outro. Movendo — se sob seu próprio poder, respirando profundamente para se empurrar. Seu coração batendo no ritmo dos nomes de seus entes queridos — Anna, Nik, Anna, Nik, Anna, Nik.

E Iker. Tão forte. Ele tinha que salvá-los.

Os dedos dos pés dela espierraram na água e ela parou. Dedos flexionando novamente. O que ela não daria pelas tintas e

cristais de sua mãe, pelos livros e conhecimento de sua tia. Para um mundo onde ela pudesse usar sua magia —e não queimar ou ser banida por tentar.

Iker veio à tona. Ele jogou a cabeça para trás, puxando uma longa onda de ar, e então mergulhou, seus pés caindo sobre o topo das ondas agitadas.

Ele encontrou um deles. Talvez os dois. Quanto tempo eles tinham estado sob as águas? Poderia ser tarde demais?

A menina olhou para os dedos dos pés, para os peixinhos girando em torno de seus tornozelos como se a pior coisa do mundo não estivesse acontecendo naquele momento em sua parte do mar.

Como se seus amigos não estivessem morrendo e não fosse culpa dela.

Embora fosse. Ela foi a única a sugerir a Anna que Nik poderia ficar impressionado com sua bravura. Que ele sempre parecia empolgado com o dela —por que não funcionaria para Anna? Anna, que tinha essa queda.

Era culpa da garota. Ela sugeriu a corrida. Ela plantou a ideia de bravura na cabeça da amiga. E agora tudo estava tão errado.

Anna. Nik. Anna. Nik. Anna. Nik.

Mas ela não era impotente, ela era? Uma memória caiu em sua mente e, de repente, as palavras escorregaram em sua língua. Velhas e escuras. E valia a pena tentar. Ela não tinha tintas, poções ou cristais. Mas ela tinha essas palavras. Elas eram um sopro de vida. E elas eram tudo que ela tinha.

E assim, a menina de cabelos negros estava no baixio, recitando o último feitiço que sua mãe havia feito.

Imediatamente, sua pele ficou quente, a água do mar evaporando em estrias de sal secas. Seu sangue cantava com magia, de costas para as pessoas que a teriam queimado ou banido. Ela se ajoelhou nas ondas, colocou as mãos na água —quanto mais ela tocasse, mais poder haveria.

Ela fechou os olhos.

As palavras continuaram e ela começou a tremer. Violentemente. O vapor subia das ondas lambendo sua anágua.

Um respingo. Um grande splash. Vozes masculinas.

Seus olhos se abriram e olharam para a superfície distante.

Nik.

Iker tinha Nik em seus braços.

Eles estavam gritando um com o outro, ambos cheios de vida. A voz de Nik cortou os salpicos, uma única palavra clara subindo acima de tudo, o suficiente para ser ouvida.

— Não!

O estômago da garota caiu. As palavras pararam. Ela estava muito atrasada. Eles estavam todos muito atrasados.

— Oh, Anna. Eu sinto muito. — Ela começou a chorar, o feitiço morto em sua língua, sua pele esfriando.

Ela piscou e viu preto. Redemoinhos de líquido viscoso e escuro se acumularam em seus olhos. Assustada, ela ficou de pé, com grossas lágrimas negras escorrendo pelo rosto e entrando na água.

De novo não.

A menina esfregou os olhos, enxugando as mãos na anágua. E quando ela podia ver claramente novamente, ela olhou para os pés. Os peixinhos mortos flutuavam na superfície da maré, algas marinhas negras.

Ela tropeçou para trás, em terra seca. A magia desapareceu de seus lábios, uma melhor amiga nadando por terra, outra deitada com as lágrimas no mar. Lágrimas que mataram a vida a seus pés.

A garota se virou para a multidão, com listras negras manchando as suas mãos enquanto ela esfregava os olhos novamente. A magia afundando na pele.

O suspiro coletivo foi inconfundível.

— Oh, pare, é apenas areia do mar. Ela quase se afogou! — Tante Hansa. A velha veio na direção da garota de cabelos negros e puxou — a para perto. Sussurrou em seu ouvido: — Devemos sair. Depressa, sua vida é mais importante do que ver esses garotos saírem.



— Você tem certeza de que está tudo certo? — Annemette pede quando saímos do palácio, um pacote de morangos em nossas mãos. Voltamos para que eu pudesse colocar roupas secas e Annemette uma menos lamacenta. Eu sugeri um lanche e uma caminhada para que eu pudesse limpar a minha cabeça. Tudo estava tão confuso — eu na verdade apenas concordei em fugir com Iker? Mas eu não posso falar com Annemette sobre nada disso.

— Estou bem. Não foi um grande negócio. Mesmo.

— Eu simplesmente não entendo por que essas pessoas são tão horríveis com você. — Diz ela. — Você é generosa, inteligente, bonita e é a melhor amiga do príncipe deles!

Eu suspiro e afasto minhas mãos dos meus olhos. — É exatamente por isso. Você vê, eu sou pobre, mas tudo bem porque quase todo mundo é. Mas em Havnestad, e provavelmente em qualquer outro lugar, os pobres não se tornam amigos da realeza. Eles os servem. Ser amistoso quando eram crianças era tudo bem, mas deveria ter terminado há muito tempo.

— Então, por que não?

— Tante Hansa. Ela salvou o rei quando ele era menino, curou — o de alguma doença terrível, e depois novamente anos depois de um acidente de barco. Minha família foi recompensada. Meu pai foi nomeado pescador real e Nik e eu fomos autorizados a permanecer amigos. Não importa o quanto a rainha Charlotte protestasse, mesmo depois que minha mãe morreu da maneira que ela morreu. — Annemette não vai mais longe nesse assunto, e

eu continuo. — A grande ironia é que Tante Hansa também nunca aprovou minha amizade com Nik, mas ela me conhece bem o suficiente para criticar e nunca barrar. Mas as pessoas, eles só pensam que eu estou usando Nik para agir melhor do que eles, para ser mais do que eles. Eles me odeiam por isso. E isso nunca vai mudar.

Passamos por uma fileira de casas de tijolo, cada uma com um pequeno jardim em frente.

— Anna? Anneke? — Alguém chama por trás.

Annemette pisca e eu viro ao redor.

De pé na pista, com peso na bengala de madeira, está Fru Liesel, a avó de Anna.

Um dedo torto aponta para Annemette e um sorriso cruza os lábios da velha. — Anneke, venha, abraça a Oma. Já faz muito tempo.

Annemette olha para a velha e depois para mim.

— Fru Liesel, esta é minha amiga, Annemette. Ela está aqui de Odense.

A velha me ignora. Como ela sempre faz. — Anneke, venha, abraça o Oma. Já faz muito tempo. — Ela repete.

Annemette dá um passo em direção à avó de Anna.

Assim como eu me senti tantas vezes esta semana, é como se eu estivesse olhando através de um espelho em outro presente. Um onde Anna está viva, bem, linda e cantando sobre meninos e morangos antes de abraçar sua amada avó na rua.

Mas para Annemette, esta não é uma cena de reunião.

— Fru Liesel, meu nome é Annemette, é tão adorável...

Mais forte do que parece, Fru Liesel deixa a bengala e puxa Annemette contra o peito com a força de ambas as mãos. Annemette vai sem lutar, o rosto enterrado no coração da velha.

— Anna, minha Anneke, por que você não visitou? Onde você esteve? Seu pai está preocupado, estou preocupada.

Annemette se levanta e coloca as mãos gentilmente nos ombros da velha. A bondade envolve seus traços. — Eu estive fora, Oma. Eu sinto muito. Como você tem estado?

Minha garganta aperta quando vejo Annemette dar à velha o que ninguém em Havnestad permite a ela — compaixão.

— Oh, eu estou tentando ser boa, mas na minha idade, eu prefiro voar com as bruxas.

— Uma aposta segura, Oma.

Fru Liesel ainda está segurando Annemette com as duas mãos. Annemette se inclina um pouco e pega a bengala da mulher e segura para ela.

— Aqui está você, Oma. Agora, onde você estava indo?

Fru Liesel agarra a bengala com a mão direita, mas fica segurando Annemette com a esquerda, todo o seu peso pressionado contra o lado da garota.

— Casa, querida. Eu estava indo para casa.

Annemette me chama a atenção. — Vamos ajudá-la, Oma.

Eu ando alguns passos para trás enquanto Annemette e Fru Liesel andam de braços dados pela pista do mar, até o castelo e ao redor de uma fileira de grandes casas senhoriais no lado ensolarado dos terrenos do Castelo de Øldenburg. Fru Liesel está certamente guiando Annemette, o caminho para casa sendo uma das poucas coisas que ela provavelmente não esqueceu, mas Annemette parece tão à vontade, é difícil não pensar que há algo mais chamando — a para frente.

A casa da infância de Anna fica a três da direita — de tijolos vermelhos e linhas limpas. Era o lar de infância de Fru Liesel e ela se recusou a deixá-lo quando o resto de sua família fugiu para a Jutlândia. Observo o rosto de Annemette, enquanto Fru Liesel aponta para ele, e sigo a pequena vibração dentro de mim que espera que ela reconheça — que essa garota nascida do mar é realmente minha velha amiga em um pacote brilhante e impossível. Mas se Annemette reconhece as grandes linhas da casa, não pisca.

— Aqui estamos, Oma. — A voz de Annemette é clara e doce enquanto elas manobram as pedras dos pés para a porta da frente.

— Obrigado, criança, minha Anneke. — Ela descansa a bengala contra o limiar e abre a porta. — Vamos ter um pouco de portvin e falar de suas viagens. Eu quero ouvir tudo, especialmente sobre os rapazes na fila da sua mão.

Annemette ri suavemente. — Sim, Oma, nós devemos. Mas podemos fazer isso depois? Eu tenho planos com Evie.

— Oh, você e Evie, sempre correndo por aí. Apenas dois peixes na sua escola. O menino de Asger sempre tentou se juntar, mas até uma coroa pode ser uma terceira roda. — Ela ri para si mesma.

— Isso mesmo, Oma. — Annemette dá um tapinha no braço de Fru Liesel, finalmente libertando — se completamente do aperto da mulher no processo. Mas essa liberdade dura apenas um momento antes de Fru Liesel pegar sua mão novamente.

— Mas tenha cuidado com aquela garota, Anneke. Coisas ruins a seguem. Morte negra. Vairões flutuando a seus pés. — Annemette chama minha atenção, e eu não sei o que dizer. — Aquela pequena bruxa será a sua morte se você não for cuidadosa.



Nós não estamos nem um pouco fora da vista da casa de Anna, quando Annemette me interrompe, agarrando minhas duas mãos, me puxando para uma local cheio de árvores do lado de fora do jardim de tulipas da rainha.

— A primeira vez que você me viu, você me chamou de Anna. E Tante Hansa mencionou uma Anna também. Agora esta mulher insiste que sou neta dela. Quem é essa garota? Como você conhece ela?

— Conheci ela. Ela está morta.

O olhar de Annemette se suaviza.

Eu engulo, mas seguro seus olhos. O cabo — de — guerra no meu coração acabou — a pequena voz em minha cabeça recebeu uma chance de ser ouvida.

— Ela é a pessoa que eu acho que você era antes de ser uma sereia.

Ela lança uma sobrancelha. — O que você quer dizer antes de eu ser uma sereia? Como minha alma? O que é que eles acreditam nessas terras... reencarnação?

— Não, não reencarnação — a pessoa que você era antes, a pessoa de quem você foi feita.

— Eu fui feita apenas da minha mãe e pai. — Diz ela com certeza. — Não há outra maneira de fazer uma sereia.

— Mas e se houver? — Eu pego meu aperto, e agora estou segurando seus pulsos. — Eu sei que é loucura, mas minha melhor amiga, Anna Liesel Kamp, se afogou há quatro anos. Ela se

parecia com cada centímetro de você, mas mais jovem — cabelos loiros, olhos azuis profundos, sardas na ponta do nariz. Além dos olhares, ela adorava cantar. Ela estava animada, ela estava...

— Evie, quantas loiras vimos aqui nos últimos dias? Cem? Mil? Tenho certeza de que Malvina tem três irmãs loiras sozinha. Há mais loiras em Havnestad do que sob todo o mar. Quantas garotas têm olhos azuis? Gosta de cantar? Dar respostas insolentes?

— Eu sei mas —

— Isso não é prova, é coincidência. — Annemette sai do meu alcance e aponta na direção das hordas na praia. — Todas essas pessoas devem se lembrar de Anna, mas, exceto por aquela mulher antiga, sua velha Tante e você, ninguém me confundiu com ela o tempo todo.

— Porque eles acham que você está *morta*!

Annemette abaixa os braços, cerrando os punhos. A frustração também me trouxe o melhor de mim e sinto que não tenho medida alguma para o quão altas são minhas palavras. Não sei se gritei ou sussurrei. Tudo o que sei é que o rosto de Annemette mudou de irritado para preocupado. Eu abro minha boca para dizer que Nik e Iker também vêm a semelhança, mas ela já está falando.

— Você acha que sou ela — você tem esse tempo todo...

— No começo sim, e depois, não. Foi com você que eu me tornei amiga, Annemette, mas uma parte de mim esperava — acreditava — que você sempre era Anna? Claro!

No segundo em que as palavras saem, percebo o quão fortemente essa crença tem me guiado. Eu não estava imaginando como seria um futuro alternativo com Anna; Eu realmente acreditava que estava acontecendo. E está acontecendo agora.

Viro as costas para o jardim de tulipas. — Anna se afogou. Seu corpo nunca foi recuperado. E então, de repente, você sai da mesma água, a imagem cuspida dela. O que devo pensar?

O rosto de Annemette está completamente fechado. Seus lábios estão cerrados, os olhos fechados, uma parede de cabelo protege seus ouvidos. Eu percebo que ela está se preparando para me responder, mas eu não posso tirar o silêncio.

— Como você se lembra bem da sua infância? — Pergunto. — Você se lembra de tudo? O que você estava fazendo há cinco anos? Dez? Quem é sua amiga mais antiga?

Finalmente, quando ela abre os olhos, há raiva ali, embora seu tom seja subjogado e suas palavras ignorem completamente minhas perguntas.

— Sinto muito pela sua perda, Evie, mas não sou sua amiga. Eu não sou ela. Eu sou Annemette. — Ela abaixa a voz aqui, sua voz embargada de dor. — Além disso, o seu sonho não é possível por quase a razão pela qual estou aqui.

— O que você quer dizer?

Ela está agora na minha cara, o conjunto de sua mandíbula está com raiva, seu nariz em um reflexo sutil. — As sereias não têm alma, Evie, não como seres humanos. Eu não poderia ser criada de alguém que fez. Sua amiga Anna está em um lugar melhor, não neste corpo que se transformará em nada além de espuma do mar.

Suas palavras esmagadoras me atingiram, uma a uma, diminuindo quase toda a minha esperança. Então um dos ditos de Tante Hansa flutua em minha mente: *a única coisa que a magia não pode fazer é conhecer seus limites*. Tudo é possível. Abro a boca para dizer mais, para discutir esse outro ponto, mas Annemette levanta a mão.

— Pare, Evie. Simplesmente pare. Você está apenas se machucando.

Eu olho para ela de perto. Ela é realmente Anna? E então eu ouço suas palavras ecoarem de um momento antes: *seu sonho não é possível por quase a razão pela qual estou aqui*. Meu sangue começa a subir.

— Por que você está aqui? — Eu pergunto, meus olhos olhando para ela cada centímetro.

— O que você quer dizer? Eu amo Nik. — Ela diz.

— Não. — Eu balancei minha cabeça. — Você está aqui por uma alma. Não é? Qualquer alma. Então este é o seu plano, você consegue que Nik te ame, te beije, e então você rouba sua alma? Isso tudo é algum tipo de jogo sombrio e doentio? — Meu coração está batendo tão alto que mal posso me ouvir falar.

Seus olhos ficam macios. — Não, Evie. Você entendeu tudo errado. Eu amo o Nik. E sim, se ele me ama e me beija, eu tenho uma parte de sua alma. Eu vivo como humana, e quando eu morrer, mais. Mas a generosidade de Nik não é diferente de você dar um pedaço de si mesmo a ele e a todas as pessoas que conhece e tratar com gentileza, tornando — as melhores. Eu não tenho que dar, mas eu não acho que querer isso também é um crime.

Meu ritmo cardíaco diminui, mas estou respirando como se tivesse completado uma corrida. Como eu poderia ter dito o que acabei de dizer? Foi horrível. Annemette agarra minhas mãos e me puxa para um abraço, o cheiro do mar em seus cabelos, me acalmando. Eu olho para cima quando ouço botas clicando nos paralelepípedos. Iker e Nik estão andando pelo caminho. Eu me afasto de Annemette, e tenho certeza que meu rosto parece com o dela, bochechas coradas e olhos vermelhos.

— Sorria. — Eu digo, enxugando os olhos. — Nossos príncipes nos esperam.

Annemette aperta meu ombro, um sorriso já floresce em seus lábios. — Obrigada, Evie.

Com isso ela se vira e passa por mim e nos braços de Nik, apertando — o e pegando uma tulipa rosa da mão dele quando é apresentada. Ele também mudou, suas botas sujas de lama e roupas suadas trocaram por uma edição quase idêntica, nítida e limpa.

— Quando você não estava onde te deixamos, pensamos que você tivesse fugido com outros marinheiros.

Iker pisca. — Bem, ele pensou isso. Eu sabia que você não encontraria nada melhor.

Ele me entrega uma tulipa vermelha e eu imediatamente afundo nele. Impossivelmente, esta nova camisa cheira a sal e limão e ao mar, apesar de estar limpa e arranhada com amido.

Nik olha para o caminho para as casas do tribunal, a casa de Anna em pé no final. Seus olhos se fixam no tijolo vermelho e depois se movem para mim.

— Essa foi a casa de nossa amiga, uma vez. — Diz Nik, com o queixo balançando a cabeça em sua direção. — Evie lhe contou sobre Anna?

Annemette acena com a cabeça. — Nós conhecemos sua adorável avó agora. Coitada achava que eu era ela.

Seu polegar roça sua bochecha em um arco delicado. — Devo admitir que você se parece com nossa velha amiga, mas considerando que Fru Liesel acusou a todos, incluindo eu, de ser Anna nos anos seguintes, eu diria a você para não se preocupar com o que ela pensa.

Nik e eu nos permitimos uma pequena risada com os outros, apesar de quão difícil ainda é falar sobre Anna. E enquanto meu corpo está drenado de discutir com Annemette, eu não posso deixar a esperança de que em algum lugar dentro dela esteja aquela velha amiga. Eu posso sentir isso nos meus ossos. No meu coração. Estou certa sobre isso.

Eu estou certa sobre ela.

Amanhã não pode ser seu último dia, e se Nik não puder ou não me ajudar a alcançar o que ela precisa, eu vou encontrar uma maneira de fazer isso sozinha.

Quatro anos antes



O herói era grande demais para o quarto. Isso acontecia muitas vezes ultimamente, sua nova altura causando problemas em qualquer batente ou teto do lado de fora do castelo. Abaixo, os navios de seu pai eram definitivamente os piores, irônicos, considerando o sangue Viking grosso em suas veias.

Fazia uma semana e ele precisava vê-la novamente. Ela perdeu todo o festival Lithasblot naquele ano, engolida em cobertores e desespero. Ele a visitava todas as noites antes de suas tarefas, entrando em uma sala repleta de garrafas e incenso, as famosas habilidades curativas de Tante Hansa no trabalho. Ele nunca tinha ido a esta sala antes, ela sempre vinha a ele. Sua casa parecia um outro mundo — e era.

Semanas depois, agora, agosto caindo. E ainda assim ela ficava em casa, com dores de coração limitando — a a seu quarto.

Naquela tarde, ela melhorou um pouco, sentou-se de costas para a parede, lendo algum livro velho e sujo na luz fraca. Ela olhou para cima quando ele se abaixou sob o limiar, sentando-se no final de sua cama — sua mãe adequada e suas opiniões sobre meninos e meninas longe daqui.

— Como está o mundo lá fora?

— Ainda está se movendo?

Ela se encolheu. Ele não a culpou, ele quase se encolheu também.

Sempre que alguém o chamava de herói por salvar a vida na frente dele, seu estômago se encolhia com o conhecimento de que ele não era suficientemente heróico. Todos tinham visto Iker puxá —

lo da água. Ele tinha sido parado, mas todos assumiram que ele falhou. Todos, incluindo Evie. Ele viu nos olhos dela, poços debaixo deles tão escuros quanto este quarto.

A culpa estava lá também. Encheu o espaço onde Anna estivera, tão grande e desajeitada quanto uma menina de onze anos. Sua culpa estava em seu fracasso em salvá-la, sua culpa no fato de que ela colocara Anna em perigo em primeiro lugar. Em alguma outra parte do mundo de Havnestad, havia desapontamento lá também — que ele salvou a descendente do pescador em vez de um Baronesa. Ele era um herói, mas em salas escuras e conversa silenciosa, ele era um traidor de sua classe também.

— Assim como você, Evie. Você está aqui. Há muito fora dessas paredes.

Para colocar um ponto sobre ela, ele deu um passo hesitante para a frente no pequeno quarto. Ela o observou como se ele pudesse estourar pelo telhado. Mas ele foi cuidadosamente até a janela, puxando para trás a cortina que ela havia colocado ali, deixando um raio de luz entrar, cegando e branco. A garota piscou com tanta força que seus olhos ficaram fechados. Ele esperou para falar de novo até que ela tivesse a vontade de abri-los.

— O mundo está lá fora. Está com saudades de você.

— Isso é uma mentira. — E poderia ter sido. Mas ele não se importava com o mundo. Ele sentia falta dela.

Demorou mais quatro dias dessas visitas, mas ele puxou — a para fora.

Evitaram a praia e a enseada, aderindo às ruas do mercado — a princípio. Mesmo que ele estivesse lá para protegê-la o máximo que podia, comprando pãezinhos de mel e os doces saltaders com toda a alegria de um dia de verão. Olhares não paravam. O julgamento irradiava de cada esquina e porta.

— Aga como se fosse ela quem se afogou.

— O mar leva tanto quanto dá; é só o jeito das coisas, mocinha.

— Salva por um príncipe e ainda não pode colocar um sorriso no rosto de sorte.

Os olhos de Evie se mantiveram nos paralelepípedos. Não havia como ela aproveitar o sol com aqueles olhares — mesmo com ele ao seu lado.

Então ele a levou embora.

Ele puxou o pulso dela em direção às montanhas. Subiram e subiram, a trilha se contorcendo em direção a Lille Bjerg.

Lá, em uma clareira, a uma milha dos paralelepípedos, ele encontrou um tronco robusto. Um com uma visão particular das terras agrícolas que se estendem no vale abaixo, o mar e seus problemas nas costas. Eles nunca estavam verdadeiramente sozinhos assim. Não desde que eram crianças, e mesmo assim Anna esteve lá quase a cada momento.

Sacudindo o saco de papel, ele ofereceu — lhe salgadinhos e um sorriso.

— Alcaçuz salgado para seus pensamentos?

Ela não tocou na bolsa.

— Eu sabia que era assim que eles reagiriam. — Ela gesticulou sem direção atrás dela, a cidade inteira em uma varredura de sua palma.

Não havia nenhum uso em negar isso — ele tinha visto e ouvido também. Ele assentiu. Ela continuou.

— Eles foram os mesmos depois que minha mãe morreu e meu pai me levou ao mercado, sem saber como comprar uma casa com Tante Hansa ainda longe.

Ela tinha seis anos na época, o herói sabia. Idade suficiente para que as memórias realmente se estabelecessem. Ela olhou para longe dele, para os pastos queimados de verão abaixo.

— Eu só quero roubar um navio e deixar tudo. Eu só quero ser eu... — Ela quase disse mais, mas depois ele pegou a mão dela e juntou as guloseimas na outra.

— Venha então para as docas. Vamos lá.

Ela saltou ao lado dele, sua urgência alegre mais perto de igualar a dele a cada passo.

— Onde nós devemos ir? Copenhague? Estocolmo? Oslo? Amsterdam? Brighton? Nomeie o lugar que você quer ir.

— Qualquer lugar exceto aqui.

— Então, em qualquer lugar.

O herói e a garota atravessaram o estreito e Rigeby Bay naquele dia. A tia, o tio e o primo do herói cumprimentaram — os primeiro com surpresa — tanto na chegada como em que vieram sozinhos — e depois com o jantar.

Sua mãe ficou mais nervosa quando ele chegou ao castelo dois dias depois, vestindo roupas de primo — solta nos ombros, curta nos braços.

Ainda assim, sua mente vagou pelo tempo que tinham — Evie, Iker e ele mesmo, do outro lado do estreito — mesmo quando seus pais o vestiam nos apartamentos reais, longe de onde qualquer empregado pudesse ouvir.

Beach caminha com o hvidtøl (seu primeiro gosto), as histórias sobre o mar de seu primo e o cabelo de Evie sobre seus ombros no famoso vento da baía. Foi a primeira vez que todos estiveram juntos desde o dia em que Anna morreu. Seu primo bebeu o suficiente para ficar vacilante em pé; o herói parou antes de um copo cheio.

— Você tem doze anos e um herdeiro, o que você estava pensando?

Os três coletando seiva para xarope nas florestas profundas, as sombras mais grossas do que as nuvens sob um monte de pinheiros.

— Você tem deveres em Havnestad com seu povo e seu pai. Você está velho demais para estar fugindo. Muito inteligente, importante demais para esses caprichos.

Seu sorriso, migalhas em seus lábios, a insistência da rainha em biscoitos amanteigados em cada refeição para engordá-la.

— Evelyn é uma menina doce, mas você se importa demais. Acredite em mim quando digo que você só vai se machucar.

Seu primo escoltando os dois para casa, ordenando a sua mente para baixo enquanto os três corriam as velas, capazes de todas as mãos.

— Nik, me escute. Eu era jovem uma vez. Eu sei o que é amar alguém que você não pode ter.

O herói piscou então, os olhos focados na rainha. — Ela é minha amiga, mãe. — Embora soubesse que as palavras soavam planas, não como ele se sentia.

— Eu não acho que você deveria vê-la mais. É o melhor. É o único...

— Não! — Gritou o herói.

— Deixe-o. — Disse seu pai, saindo de uma sombra no quarto.

— Ela é uma boa menina, Evelyn. Nem eu nem Nik nem você, minha querida esposa, estaríamos aqui se não fosse por Hansa. Eles podem ser amigos. Apenas Amigos. Não está certo, filho.

O herói assentiu. — Sim, Pai.



O Sol se estabeleceu com apenas luzes de ouro para pulverizar a praia, na hora de finalizar os jogos de hoje.

A multidão está vibrando com entusiasmo e empolgação pelo final — o campeonato de transportar pedras. A salmoura de corpos suados se mistura com o almíscar do vinho de verão do rei e o cheiro adocicado de torta fresca.

Annemette e eu pegamos os restos de um prato de frutas e queijo — uvas, algumas fatias de centeio deixadas ao lado de migalhas de samsø e Havarti que de alguma forma escaparam de nossos lábios. Compartilhamos também uma xícara de chá de mel — algo que preciso desesperadamente para acalmar meus nervos.

Iker e Nik estão se aquecendo no círculo interno, percorrendo a pista a cem metros de distância. Com eles estão seis vencedores das eliminatórias anteriores, prontos para correr mais uma vez hoje, depois de vencer duas eliminações anteriores para chegar a este ponto. Os príncipes, claro, começam a correr apenas na rodada final. Nik odeia o tratamento especial, mas faz as pessoas felizes em vê-lo correr, então ele concorda.

As pedras que eles devem carregar são todas encalhadas no final mais próximo de onde estamos sentados. Elas são pesados, cada um com aproximadamente cinco pedras de peso, embora variem de forma.

O pequeno Johan Olsen está se preparando para competir novamente também. Nik estava certo: ele é uma visão. Ele é tão

grande que rivaliza com Nik em altura e força. O mais antigo dos finalistas é o pai de Malvina, Greve Leopold Christensen. Suas filhas sentam – se do outro lado da arena, Malvina nos ignorando, sua atenção tanto no pai quanto na mão. Os outros quatro competidores são pescadores que vejo nas docas pela manhã – nos seus vinte e trinta anos, todos eles.

– O que acontece se eles soltarem a pedra no pé ou algo assim?

– Annemette pergunta, observando Nik praticar sua largada repetidamente arrastando a pedra para o ombro direito. Ela tem estado quase em silêncio desde que os meninos nos deixaram.

– Eles pegam.

– E então o que? Arrastam – se para casa com um pé quebrado?

– Muito provavelmente. – Eu rio, embora seja cruel. – Não se preocupe, Mette. Nik fez isso antes. Ele ganhou no ano passado, na verdade. Ele certamente terá dois bons pés para dançar com você amanhã à noite.

Ele também terá, infelizmente, dois bons pés para dançar com as pretendentes que chegaram uma hora atrás em um navio tão grande que poderia rivalizar com o do rei. As docas estavam cheias de garotas, seus acompanhantes e alguns pais. Cada marca da nobreza de Øresund era representada por reinos iguais aos proprietários de terras de cada forma – hertug, markis, greve, friherre e similares.

É impressionante, e agora que eles lotaram as salas do castelo com seus troncos e demandas, eles lotaram o rei e a rainha na plataforma real. A expressão do rei Asger é ilegível, mas a rainha Charlotte está absorvendo a atenção, esvoaçando entre as mulheres como se cada uma fosse uma tulipa mais linda que a outra. E Nik, como de costume, está sendo um cavalheiro, repetindo seus nomes, beijando cada mão, mas ainda conseguindo roubar alguns olhares em nossa direção. Iker está sendo Iker – alto, grandioso, principesco – mas posso ver em seus olhos que seu coração não está nele.

Afasto – me, finalmente, depois desta tarde me sentindo confiante no que Iker e eu temos. Annemette, no entanto, continua a assistir a conversa. Especialmente a da rainha.

— O que você acha que a rainha faz de mim? — Os olhos de Annemette mudam para os meus. — Ela é amiga minha... mas então ela é a mesma com todas essas garotas. — Ela abaixa a voz até um sussurro. — E ela não pode ser tão alta que a fofoca não chegou aos seus ouvidos — Malvina certamente não é a única a perceber o tempo de Nik comigo.

Com isso quase sorrio por experiência. Todo mundo é notado, confie em mim.

Com a corrida quase pronta para começar, a rainha Charlotte mudou — se para desprezar os concorrentes, mas sei que ela só está realmente buscando Nik para uma última onda de boa sorte.

— Ela só tem olhos para o filho. E ela quer vê — lo devidamente combinado.

A mão de Annemette pressiona meu ombro. Eu me viro para ela e encontro um flash de raiva nas profundezas de seus olhos.

— Devidamente combinado? Eu sei que brigamos mais cedo, mas não há necessidade de ser cruel, Evie. Tenho tantas chances quanto as outras garotas.

— Eu não queria que fosse cruel, Mette. Mesmo. Eu quis dizer isso como uma verdade. Para conquistá — lo, o que você sabe que espero, você deve saber o que ele está enfrentando. Ela é uma grande adversária. — Eu me movo em um sussurro. — Seu pai é um rei; ele ficaria satisfeito se você chegasse em casa com qualquer menino?

A raiva recua. — Bem, não — O rosto de Annemette está cheio de cor. — Então, não importa se eu ficar... ela descobriria eventualmente que eu não posso reivindicar o título que eu disse a ela. — Ela olha para as pretendentes, todas em finas sedas e fitas de cabelo. — Não é como as outras garotas.

— Eu não disse que era escolha dela. — Eu espero até que seus olhos encontrem os meus e então os segure com um sorriso. — Se Nik estiver apaixonado, ele lutará por você. Mas não faria mal impressioná — la mais. Você precisa mostrar a ela e a essas garotas no baile que tipos de amiga você é.

Annemette ri. — Oh, eu posso definitivamente fazer isso.

A dura ligação de uma concha interrompe qualquer conversa e a corrida começa. Nossas cabeças se voltam para uma onda de areia e corpos, descendo o curso. Iker já está na liderança, Nik e

Johan bem na sua cola. Surpreendentemente, Leopold Christensen é o quarto, a experiência compensando sua falta de juventude.

Meu coração está acelerado quando eles se afastam, seguindo um em linha com outro até que estejam tão distantes e tão a passos que é impossível discernir do nosso ângulo quem exatamente está na liderança.

Nós saltamos para os nossos pés junto com todos os outros, nossas mãos entrelaçadas em um aperto de nervos, nossos rostos tensos com gritos acima do barulho e alegria.

—Vá, Nik!

—Vamos, Iker!

E à minha direita... —Johannnnnn!

Do outro lado, Malvina e suas irmãs têm as mãos acima de suas cabeças loiras, cantando: —Papa! Papa! Papa! Papa! Papa!

Quando eles cruzam a linha, primeiro há silêncio. Então um aplauso sobe e o rei e a rainha estão aplaudindo. Os braços de Nik estão acima da cabeça. Ele pula em cima de sua rocha.

A vitória é dele.

Os outros competidores circulam em torno dele, dando tapinhas nas mãos e dando tapinhas nas costas dele com palmas fortes o suficiente para ele checar seu equilíbrio. Iker é o último a parabenizá-lo, puxando-o para fora da rocha, prendendo seus braços em um abraço de urso, e correndo de volta para a linha de largada.

As meninas na plataforma gritam e a multidão ri. E a paixão das pessoas é tão grande que leva vários minutos para conhecermos os primos. Ambos ainda estão respirando com dificuldade, o suor escorregando as sobrancelhas, as mãos nos quadris. Iker chama minha atenção e sua respiração rápido o suficiente para definir suas futuras intenções. —No próximo ano, eu vou levá-lo. Canalha.

A respiração de Nik ainda está chegando rápido o suficiente para que ele possa apenas sacudir a cabeça.

—Estava perto. —Admite Annemette, corada de excitação.

—Eu acho que sua beleza deve ter feito a diferença, Annemette. Precisava impressionar você.

Eu estremeço, embora só um pouco. — Suponho que isso significa que passamos do ponto em que você trabalha para me impressionar.

— Dificilmente. — Iker se inclina para mim, respiração quente no meu ouvido. — Eu estava apenas planejando impressioná-la de outras maneiras esta noite.

Antes que eu possa rolar meus olhos — ou melhor ainda, dar um tapa nele — Nik puxa Iker para longe de mim e recupera sua voz.

— Iker, se você quiser uma noite para nós mesmos, eu sugiro que saíamos agora. — Nik aponta o queixo para as escadas, onde um bando de meninas com fitas e a rainha estão descendo.

— Bem falado, primo. — Iker agarra minha mão e empurra Nik para frente. — Deixe — nos ir embora.



Eu vagueio sobre as areias da enseada de Havnestad.

Acima, as estrelas cintilam, a Lua contempla Lithasblot, nessa quarta noite, a luz cintilante forte apenas graças ao reflexo das águas suaves da enseada. Mas é a lanterna perfeita para a noite — banhando tudo em uma piscina de prata.

Iker está deitado ao meu lado. O corte de seu queixo mal barbeado, a luz risonha de seus olhos, os pedaços de cabelo bronzeados em suas têmporas preenchem meu olhar. Tudo isso em estreito relevo e perfil — minha visão vem de onde estou aconchegada contra o peito dele. É um momento perfeito, e ainda assim minha mente se dirige para o outro lado da parede de pedra da enseada. Onde Nik e Annemette estão. Ela está cantando, seu soprano etéreo se elevando em direção às estrelas.

Por favor, Nik, apenas beije ela.

Eu não quero, mas a voz dela me leva de volta ao dia em que Anna se afogou, a música que estávamos cantando antes de mergulharmos no mar. As palavras de Fru Liesel tocam em minha mente: *Coisas ruins a seguem. Morte negra. Vairões...* Não, eu paro de cair mais fundo naquele buraco. Eu cheguei muito longe desse dia para assumir a culpa por isso e por tudo o que se seguiu. Eu tenho o suficiente para viver.

Eu mudo minha atenção de volta para Iker. Ele está falando sobre a nossa viagem de caça às baleias. As cidades em que vamos atracar; a vida marinha que vamos pegar. Aparentemente, não fui a única fantasiando.

— O que você acha? — Ele diz, sua mão inclinando meu queixo para que nossos olhos se encontrem.

— O que é isso? — Eu pergunto

— Hirsholmene ou Voerså Havn? —

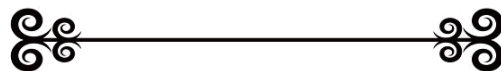
— Oh, o que você achar melhor. — Eu digo.

— Onde você está, Evie? Você não quer isso? — A vulnerabilidade em sua voz é um choque, mas estranhamente reconfortante de ouvir.

— Claro que sim! — Digo, e estou falando sério. — Estou pensando em como dizer ao pai e a Tante. Você sabe como eles podem ser.

— Diga a eles que um príncipe quer te levar embora. Isso deve ser suficiente. — Os lábios de Iker abaixam até que eles parem um suspiro do meu.

— Se ao menos fosse só isso. — Eu sussurro. Ele fecha a distância e eu afundo nele, tudo dele. A ponta de seu polegar percorre toda a extensão da minha bochecha e ele se desloca de novo até que as duas mãos segurem meu rosto contra o dele, nossa respiração se misturando e os olhos fechados para qualquer coisa, exceto para este beijo.



Annemette cai na cama em uma chuva de ondas louras. Pedacos de areia caem também, saltando suavemente no ar, com força suficiente para que eu possa vê-los pular e se acomodar à luz das velas enquanto sacudo a praia dos meus próprios cachos na penteadeira. Mas algo está errado. Seus olhos estão vermelhos e seu rosto ficou pálido.

— O que há de errado? — Eu pergunto. — Nós saímos quando as coisas ficaram quietas ao seu lado. Eu pensei que talvez...

Seus sapatos estão soltos, as mãos correndo ao longo de seus pés, o rosto se encolhendo de dor.

— Posso te dar alguma coisa? Existe um feitiço que pode facilitar a queimação? Eu posso ter encontrado algo no livro de Hansa. Aqui, eu vou te mostrar...

Mas quando Annemette olha para cima, percebo que os pés dela não são o que realmente a incomoda.

— Eu falhei, Evie. Eu vou falhar. Eu sei isso!

Eu engulo em seco, porque lá no fundo, no poço da cobra da minha barriga, temo que eu também saiba. Eu tenho carregado comigo o dia todo. — Mas ainda há amanhã. — Eu ofereço, mantendo a esperança. — Você não pode desistir, Mette.

Mas ela balança a cabeça, quase como se eu tivesse piorado com a minha insistência.

— Eu nunca deveria ter feito isso! Como eu pude ser tão estúpida?

Eu começo a chorar, as lágrimas escorrendo dos meus olhos. Eu seguro minha garganta para que as empregadas não ouçam meus soluços. Eu olho para ela — uma expressão perdida no rosto, os olhos inchados e secos. E de repente eu percebo que ela não pode chorar.

Sem alma. Sem lágrimas. Nenhuma maneira de realmente sentir. Como é que isso é uma maneira de viver?

Mas se não tivermos sucesso, ela não viverá de jeito nenhum. E o tempo está se esgotando.

Falta um dia.

Quatro anos antes



A pessoa que sobreviveu estava começando a sentir como se tivesse vida nela.

A maior parte disso foi graças ao menino arrastando — a para o sol, para a escola, para as montanhas.

Mas havia mais na mudança das coisas.

Tempo. Pessoas. Ela própria.

O inverno chegava à porta, a temporada da caça às baleias chegava ao fim, o pai dela em casa para sempre, tomando café e lendo em sua cadeira. Eles falavam em velejar, a cabeça da jovem sobrevivente girando com maneiras de tornar isso mais fácil, maneiras de tornar o próximo ano mais próspero. Formas de seu futuro ser bem sucedido em seu próprio navio, em seu próprio tempo, longe das memórias deste lugar.

Ela também passou tempo com Tante, absorvendo todo o conhecimento mágico que a velha pensava compartilhar e roubando qualquer coisa que ela não compartilhasse — sair na ponta dos pés em seu quarto e pegar um livro de cada vez do seu peito desgastado. As lições não podiam ser rápidas o suficiente para tudo o que ela queria saber sobre o que ela eventualmente seria capaz de fazer.

Às vezes, ela se via encarando suas mãos, desejando, como ela teve naquele dia horrível, que ela pudesse salvar sua amiga perdida com magia. O fracasso ainda a corroía.

Ainda assim, mesmo com as regras arcaicas de Havnestad contra magia — estabelecidas pela mesma geração de Øldenburgs que enviou bruxas fugindo de Ribe mais de duzentos anos antes — a sobrevivente sentiu necessidade de se armar para nunca mais se sentir tão desamparada novamente.

Ela sabia que, com poder, a coragem de agir viria. A magia certa viria no momento certo.

E então ela leu tudo o que pôde. Implorou sua tia por mais lições, mais feitiços. Naquele inverno e além, sua educação mágica aprofundou — se novamente, impulsionada por um desejo não apenas de conhecer a si mesma e seu poder, mas o que ela poderia fazer.

A garota até tentou encontrar as palavras da mãe e a história por trás delas. Vasculhando os baús de livros que seu pai havia guardado por anos. Tante finalmente descobriu sobre eles e os adicionou à sua extensa coleção de tomos mágicos. E então a garota os roubou de volta, um de cada vez, suas cobertas empoeiradas entortadas o suficiente para que pudessem ser facilmente escondidas nas rugas de seus lençóis de leito de doente.

E então ela estudou. E à noite, ela praticava feitiços rápidos com a sua Tante enquanto faziam o jantar. E então, aconchegada diante de uma fogueira, ela ouvia histórias aos pés de seu pai.



Três horas depois somente eu e a Lua prateada estamos acordadas.

A meia — noite chegou e passou há muito tempo, mas o sono continua indefinido, minha mente se agitando como o mais agitado dos mares. Menos de vinte e quatro horas permanecem até que o tempo de Annemette acabe, mas eu me recuso a ficar de pé e observá-la se tornar mais espuma no mar. Eu não vou ficar sem poder novamente.

Eu deslizo dos lençóis e passo na ponta dos pés até o meu baú. Eu abro devagar, revelando minhas anáguas. Escondido embaixo estão a ametista e o frasco de tinta preta de polvo. Eles estavam no bolso do vestido que eu usava na corrida de troncos, e eu os escondi aqui para que o vestido pudesse ser enviado para as empregadas e limpo — Nik insistiu. Eu recolho os dois itens e fecho o baú, me visto rapidamente, então pego minhas botas na porta. Em vez de colocá-las, saio para o corredor, sentindo o mármore frio em meus pés descalços.

Fecho a porta o mais silenciosamente possível e saio para o jardim de tulipas. Apesar da ala de hóspedes completa, nenhuma alma passa por mim, e Nik, Iker, o rei e a rainha estão felizmente a dois andares de distância.

Lá fora, o ar é quente, mas o céu é negro, nuvens agora cobrindo a lua. À frente, um guarda fica de vigia no arco. Eu

não posso deixar ele me ver. Eu não quero nem pensar nos rumores que se espalhariam se sáísse a notícia de que eu saí na madrugada, então eu vim preparada. Com a minha mão em torno da ametista no meu bolso, eu me concentro, deixando a magia subir no meu sangue. Quando estou pronta, pego a tinta de polvo e pego a pequena rolha de cortiça. O cheiro do mar enche meu nariz e eu paro antes de levar o frasco aos meus lábios. Greíma, eu acho, então despejo o conteúdo do frasco na minha garganta, o líquido salgado fazendo minha língua formigar.

Eu permaneço tão quieta e imóvel quanto possível, esperando o feitiço se firmar. Mas nada acontece. Não funcionou. Meu estômago se afunda. Passei a noite inteira na cama passando por cima desse feitiço, tentando fazer exatamente do jeito que eu sei que Annemette faria. E agora eu bebi todo o frasco de tinta e não posso tentar novamente. Eu me viro para voltar para dentro, mas agora meu corpo não se move. Meu coração começa a bater e sinto uma grande pressão esmagando meu peito. Minhas pernas ficam dormentes e minha visão se confunde. Quando o sol nascer, Nik certamente me encontrará deitada aqui morta, outro amiga desaparecida.

Então, em uma fração de segundo, tudo para tão rapidamente quanto começou. Eu sugo um pouco de ar e trago minhas mãos para o meu rosto para me recompor, mas percebo que posso ver através delas. Funcionou! Mexo os dedos diante dos meus olhos, mas tudo que vejo são as tulipas da rainha do outro lado. Eu sou invisível – ou melhor, estou me misturando, meu corpo e roupas se camuflando com o mundo ao meu redor.

Eu prendo a respiração e ando o mais silenciosamente que consigo além do guarda e fora do portão, sem arriscar um olhar atrás de mim. Depois que eu saio do terreno do castelo, eu vou direto para a minha casa, apenas parando para colocar minhas botas, um sorriso satisfeito descansando em meus lábios.

Em casa, tiro minhas botas na varanda, pés descalços e, ainda assim, muito mais eficiente para o que devo fazer. Na ponta dos pés, com os sapatos na mão, passo por cima da porta e entro na casa.

Cheiros familiares de café, a salmoura de conserva de Tante Hansa e restos de tinta de polvo cozido saúdam meu nariz. Do quarto de

Tante, posso ouvir seus roncos estrondosos. A porta do pai está aberta, a cama ainda vazia até amanhã à noite. Meu quarto fica em frente ao dele, a porta está bem fechada, mas não é lá que preciso ir.

Eu me pressiono contra a porta de Tante, o cheiro de rosas secas saindo com um som ainda mais pesado. A maçaneta gira e empurro a porta apenas o suficiente para o meu corpo. Eu coloco um pé silenciosamente de cada lado, abrindo a porta para uma fenda de luz.

Olhos se ajustando, eu entro no quarto. Tante Hansa está deitado de frente para o céu. Seus olhos estão fechados e seus roncos inalterados, então volto minha atenção para a razão pela qual estou lá.

O baú dela.

Para que Annemette ficasse, eu devia dar a magia e a Urda algo em troca — palavras, presentes ou a combinação perfeita de ambos. Eu só preciso do conhecimento certo para me orientar.

O baú de Tante está no canto, alces antigos se escondem por cima, exatamente como quando eu encontrei minha ametista — se ela notou a pedra faltando, ela guardou para si mesma. Assim como ela fez desde a morte de Anna, muito provavelmente ciente de que eu andei na ponta dos pés quase todas as semanas, pedindo livros para me informar sobre tudo o que ela se recusou a me ensinar.

Com dedos cuidadosos, levanto a pele e levanto o porta — malas. As dobradiças rangem com um bocejo e os roncos soluçam no ritmo. Eu congelo por um momento antes de me virar lentamente para checar Tante Hansa. Ela se move um pouco em direção à parede, a luz fraca da porta captando os fios de prata trançados firmemente contra sua cabeça.

Quando o ritmo correto retorna, eu me movo novamente, abrindo o baú até que a tampa se encoste na parede.

O conteúdo é exatamente como eu me lembro — garrafas de poções à direita, pedras preciosas empilhadas à esquerda. E abaixo de ambos, o que eu preciso.

Tomos mágicos.

Eu pego as garrafas uma a uma, colocando — as no couro, depois as gemas também. Quando o baú se esvazia lentamente, os livros aparecem.

Não tenho certeza de qual deles pode ter a sabedoria que preciso para manter Annemette aqui permanentemente, mas tenho um palpite decente — o que Tante Hansa mantém escondido na parte inferior. Eu pego quatro livros sobre poções — todos perto do topo, dadas as inclinações de Hansa — antes que os livros com os espinhos mais velhos e mais delicados apareçam. Eu me inclino no porta — malas dos ombros para cima, meu nariz a poucos centímetros das capas para que eu possa ler seus títulos.

O Grimorio Spliid.

Eu puxo o tomo para o meu colo e posso sentir seu peso denso nas minhas coxas. É pesado com páginas, mas também com poder. Dentro estão centenas de feitiços coletados através de gerações. Eu corro minhas mãos ao longo da capa, pastando sobre as flores, plantas e símbolos que foram gravados em sua superfície. Eu fecho meus olhos e respiro profundamente, o cheiro de couro velho, pergaminho e tintas antigas enchendo meu nariz. Há uma onda de calor branco no meu pescoço, e é a mesma sensação deliciosa que pulsou em minhas veias quando Annemette me ensinou a soletrar as ostras — líf. O livro está me puxando, me chamando, me provocando para abri — lo, quando, de repente, percebo que o quarto ficou em silêncio. O ronco de Tante Hansa se acalmou.

Eu roubo um olhar atrás de mim. Tante Hansa rolou para o outro lado, mas ainda está dormindo. Eu não sei quanto tempo o feitiço de mascaramento vai durar, mas eu estou perdendo muito tempo. Eu coloco o volume na frente do meu corpete, contra a parte plana das costelas debaixo do meu braço. Ela salta, mas a escuridão deve escondê — la se eu me tornar visível. Então eu devolvo os outros livros em ordem e vou trabalhar nas garrafas e pedras.

Eu estou apenas substituindo a última pedra quando sinto uma umidade quente no meu ouvido.

— Sua criança malvada e insolente. Roubando de mim no meio da noite.

Eu recuo, tão atordoada que meu coração se recusa a bater, mas Tante Hansa aproxima seu rosto do meu. Suas sobranceiras estão arqueadas, e seus lábios estão puxados em uma carranca azeda, as linhas régias de seu nariz e mandíbula forte marcada por uma expressão de raiva que eu nunca vi.

— Estou apenas pegando emprestado. Como você pode ver...

Ela agarra meu pulso com força e eu jogo a pedra no chão.

— Emprestar é roubar aos olhos de um dono deixado no escuro.

Em suas mãos envelhecidas, minha pele entra e sai, visível para invisível, até que finalmente meu braço pálido e todo o meu corpo se destacam da escuridão tão forte quanto a luz da lua. O feitiço foi levantado.

— Uma bruxa sempre pode sentir a magia que vem de seu próprio sangue.

A culpa puxa minha garganta. O quarto dela e as coisas não são uma confeitaria, e eu tenho idade suficiente para não presumir isso.

— Eu nunca roubaria de você, Tante. Estou apenas tentando fazer o bem — usar seu conhecimento para sempre.

— Se houver algo bom a ser feito, eu mesma farei isso. Orgulho e ignorância não podem aprender um feitiço e salvar o mundo; eles só podem combinar por danos. — Seus dedos torcem a pele em meu pulso enquanto ela continua. — Por quê você está aqui? O que você está tentando fazer?

Eu não posso dizer a ela. Eu sei que ela vai acreditar em mim, mas esse é o problema. Eu prometi a Annemette que nunca contaria a ninguém quem ela é. — Eu te disse, estou tentando fazer o bem!

— Não. — Tante balança a cabeça. — Isso tem a ver com aquela garota. A garota que cheira mais a magia negra do que um marinheiro cheira a peixe. Annemette, é isso

Eu não digo nada. Eu nem sequer respiro porque seria uma traição.

Eu tento ficar de pé, mas ela resiste. — Você não é cega, criança, nem idiota — embora eu ainda acredite que você seja perversa e insolente no plano desta noite. E acredito que tenha muito a ver com ela. Quem é ela? — Seus olhos se enrugam nos cantos enquanto se auto — corrige. — O que é ela?

— Eu —

— Você não pode esconder muito desta bruxa velha, Evelyn.

Não, não posso. Mas eu posso desviar. — Eu só não quero que ela vá.

— A solidão é a desculpa mais fraca para a magia que existe e mistura — se horrivelmente com orgulho e ignorância. — Eu estremeço. Ela joga a pedra ao meu lado no chão. Aquela que caiu. — Só porque você acredita que você roubou de mim antes e teve sucesso não faz de você uma bruxa; isso faz de você uma ladra de sorte.

Eu deveria estar me recuperando de seu conhecimento de toda a magia que eu fiz — e do fato de que ela conscientemente me deixou fazer isso — mas minha mente está presa em uma única palavra nessa frase.

Sucesso.

O que eu tenho feito nas docas realmente funcionou! Era verdadeira magia. Minha magia. Feito sem as lições de ninguém.

Eu fiz isso.

E eu posso fazer isso de novo.

Meu coração incha. Confiança passa pelas minhas veias. O grimório queima — se contra a minha pele.

Eu posso fazer isso.

Eu posso salvar Annemette. Se eu puder reverter o Tørhed, se eu puder ficar invisível, posso fazer qualquer coisa. Eu só preciso dos meios certos.

Eu pressiono meus lábios na bochecha seca de Tante Hansa e coloco a pedra caída em sua mão. — Tante, me desculpe. Eu prometo que não vou tratar suas coisas com tão pouco respeito nunca mais.

— Oh sim, você vai, criança. Eles são familiares. Não se pode ter respeito com o familiar. Nós esquecemos nossos limites. — Ela move as duas mãos para o meu rosto, agarrando meu rosto e me forçando a olhar profundamente em seus olhos. — Esquecemos nossas fronteiras com pessoas conhecidas também.

Eu concordo. — Sinto muito.

— Como eu estou, criança.

Ela me deixa ir, e não é até que eu estou escorregando minhas botas no luar do lado de fora que eu percebo que ela não quis dizer apenas a si mesma ao discutir o familiar.

Ela queria dizer todo mundo familiar em jogo — Iker, Nik e, mais especialmente, Annemette.

Quatro anos antes



Nas profundezas da superfície, onde os homens vinham um após o outro estimulados pelas ordens do garoto, cinco garotas com cabelos dourados circulavam em torno de uma curiosidade vinda de cima.

Uma garotinha, alta, mas sem sinais de feminilidade, flutuava entre elas. Olhos fechados. Ela era bonita. Assim como elas eram.

Uma das cinco, a mais velha, tinha prendido a garota pelos pés quando a força das águas trouxe para baixo. Não havia como trazê-la em segurança. Não com os homens acima. Não com a chance de ser vista.

Ela só poderia trazer a garota para baixo.

A comoção reuniu suas irmãs. Logo, o pai deles seguiria. E levaria cada uma delas se eles fossem salvá-la.

—Lida, você deve levá-la de volta. —Disse a segunda mais velha. —O banco de areia está ali e...

—É muito perigoso.

A mais nova não entendeu. As sereias não podiam derramar lágrimas, mas esta testou o limite, sua pequena mão envolvendo o dedo da menina. —Você a trouxe aqui para morrer?

A mais velha balançou a cabeça de um jeito determinado. —Ela já se foi. Eu a trouxe aqui para morar.

—Oh, Lida. —Seu pai explodiu, decepção em sua voz. Todas as garotas se viraram. —Nós não podemos —

—Podemos salvar esta aqui. Por favor, pai. —Ele não se aproximou.

—Basta olhar para o rosto dela.

Seu tom, seu rosto —tudo isso forçou— o a nadar para a frente, um rei governado mais frequentemente do que não pelos caprichos de suas filhas. Assim como sua mãe em espírito, como a sua Mette, que ela possa descansar na maré.

O rei olhou para o rosto da menina. Pele cremosa. Cabelo loiro. Seus olhos estavam fechados, mas seus cílios estavam cheios e escuros, e ele sabia que eles seriam encantadores, não importando a cor.

Ele olhou para suas filhas, cada uma delas implorando, cada uma delas tocando a garota de alguma forma. Seus espíritos a levantaram, impedindo— a de se tornarem ossos em sua doce areia azul. Ele não queria desapontá—las, mas ele conhecia os limites de sua magia. Ele os alcançou quando fez a mãe deles, Mette, e ele não conseguiu salvar ninguém desde então. Mas talvez, com a ajuda das meninas, tivessem energia suficiente para o sucesso. Talvez.

Ele esperava que elas o fizessem.

Com um suspiro, ele assentiu.

As garotas, todas menos as mais jovens, aplaudiram. As pessoas mais próximas a ele usaram uma mão para dar um tapinha no braço ou no ombro com aprovação, mas nunca permitiram que a garota fosse embora. A mais nova estava confusa. Ela manteve sua atenção na menina, quase da mesma idade que ela, observando a quietude.

—Mas como?

Seu pai sorriu. —Magia.

A menor não piscou —há muito tempo acostumada com os truques das garotas mais velhas. Ela sabia o que sua magia poderia fazer e não era isso.

—Magia?

A mais velha respondeu por seu pai, já movendo para o espaço entre as irmãs em intervalos iguais ao longo do corpo da menina. Eles tinham que estar certos. Eles tinham que fazer isso perfeitamente, ou a garota se transformaria em ossos apesar do esforço. Apesar do fato de que todas, exceto as mais jovens, conheciam a história de sua mãe e o

presente que ela recebeu de uma grande tempestade há muitos anos. Ela estava pior do que isso, mas não muito. — Sim, venha aqui.

A mais velha mudou — se para a cabeça da menina, apontando o pai para os pés da menina. Isso o fez rir de novo — o rei do mar, tomando ordens. Suas filhas não gostaram disso, seus rostos sérios inabaláveis da dificuldade em mãos. Elas não viram o quanto eles eram como a mãe deles.

Quando elas foram colocadas, a mais velha finalmente cedeu e ele deu a ordem, deu — lhes o comando para dizer: *verða*. Então ele virou seu tritão sobre a garota, tocando a ponta dos dedos dos pés. Imediatamente, a luz brotou, subindo pelas pernas até o torso, subindo até alcançar o topo da cabeça.

E parou.

A luz explodiu como se nunca tivesse existido.

O rei do mar suspirou. A pele pálida da menina começou a ficar cinza. Não havia muito tempo. Se isso fosse funcionar, eles só tinham mais uma chance.

— Vamos tentar de novo. — Ele olhou para cada uma delas. Tentou colocar confiança em suas feições. Embora ele soubesse como a magia funcionava. A permuta significava uma vida por uma vida, a menos que houvesse a quantidade certa de energia mágica. Se ele pudesse completar a transação sozinho há muito tempo, ele poderia fazer isso com suas garotas. Certamente. Talvez. — Concentrando.

Mais uma vez, ele tocou seu tritão na ponta dos dedos das garotas. Encarou até que tudo que ele podia ver era o rosto grisalho da menina.

— Vera. — As garotas repetiram, todas tocando a garota, os olhos apertados. Poder em suas vozes.

E mais uma vez, uma luz brotou, subindo pelas pernas até o torso, subindo até alcançar o topo da cabeça. Então, quando subiu em suas bochechas, algo escuro e velho pareceu infiltrar — se na água ao redor deles, como o ar gelado atingindo a superfície e formando gelo. O rei tritão vacilou.

Mas então veio — um flash de luz tão nítido e brilhante que teria sido confundido com um raio no alto. E, pela primeira vez desde Mette, foi feito.

O peito da menina subiu. Seus olhos piscaram abertos — azuis e bonitos como o rei do mar suspeitava. Ela levantou a cabeça apenas o suficiente para ver seus rostos, seu novo corpo, antes que a confusão e a exaustão a levassem e ela caísse em um sono profundo.

A mais pequena sabia que ela não era mais a mais nova. Que essa garota seria uma irmã. Ela correu os dedos ao longo da cauda da menina, maravilhada com as escamas frescas de cor turquesa, cintilando nas águas profundas.

— Como vamos chamá-la, pai?

— Mette. — Disse ele sem perder uma batida.

As garotas sabiam o que isso significava. Fez o arrepio e os dedos da mais velha tremer. Ela tinha que dizer alguma coisa.

— Na superfície, eles a chamam de Anna. Os homens estão gritando o nome dela várias vezes.

O rei do mar leu os rostos de suas filhas. Olhou para a mais nova sereia do mar. A menor das garotas dele. Ele sorriu.

— Annemette. Vamos chamá-la de Annemette.



Embora suave e sutil, a luz azul do início da manhã me deixa acordada, e o som do mar ecoa em meus ouvidos. O mar.

Meus olhos se abrem. Velas ainda piscando. O livro com suas páginas espalhadas no meu colo. Minhas costas encostadas na parede de pedra.

Eu adormeci na minha caverna. Meu covil, penso com um sorriso. Mas rapidamente eu volto à realidade. Isso não fazia parte do plano.

Eu giro o grimório e cuidadosamente viro para a página direita, o pergaminho delicado e fino. Estou procurando por aquele com o tritão. Eu não acho isso. Está muito escuro aqui. Com um mau humor frustrado, eu pego o livro

O amanhecer está a poucos minutos de distância, para chegar ao horizonte. Eu vou me deixar com uma vela.

Por sorte, encontrei o que estava procurando antes. Eu não posso querer arriscar, lembrando o pânico que senti anteriormente quando pensei que o feitiço de mascaramento tivesse dado errado.

À luz mais brilhante, concentro meus olhos nas páginas que estão virando.

Onde é isso?

Depois de alguns minutos, há o tritão. Gravado na página, o símbolo do rei do mar. Eu me aconchoo na página e leio.

O mar é sempre definido por sua maré, dar e receber a medida de seu escambo. Na magia, como na vida, o mar não dá a seus súditos, o pagamento é mínimo, o valor equivalente, não importa o pedido. Uma

concha, um peixe, uma pérola do maior brilho – pode ser tomada sem uma dívida a ser paga.

O conhecimento da troca mágica. Eu conheço minha vida toda. Eu vi nos olhos da minha mãe, o momento antes dela morrer, dando a vida pela minha. Se houver uma maneira de sair do feitiço, eu o encontrarei.

Eu olho para o sol nascendo.

Em dezoito horas será meia – noite.

Em dezoito horas, o tempo de Annemette acabou.

Eu não posso perdê – la novamente.

Soprando a vela, eu escondo meu livro na parede e deslizo o engradado do livro na frente dele.

Meus dedos tocam a pérola na minha garganta – a luz da pérola de Annemette me mostrou o caminho para a minha própria magia. Sou grata a Annemette e agora, espero, que possa retribuir o favor.

Eu faço o meu caminho para as docas, os ventos das profundezas do Estreito de Öresund arejando a multidão de navios com brisa fresca e salmoura. O barco sairá pela manhã. Metade dos barcos, incluindo Iker, está comigo a bordo. Um calor cresce no meu coração quando sua pequena escuna fica presa no porto.

Nos navios, eu toco todos eles, movendo – me rapidamente, repetindo minhas palavras. Essa magia precisa ser feita antes de testar o tipo que manterá Annemette em casa.

Em uma hora, terminei. O amanhecer subiu completamente, escarlate e salmão. Eu sou brilhante o suficiente para estar na beira da doca real.

Meu coração começa a bater, uma pontada nervosa subindo pela minha espinha. *Dezessete horas.* Eu sei trocar palavras pelo que eu quero, mas não itens, então agora é a hora de resolver isso. Eu coloco uma mão na pérola e seguro minha ametista na outra. Meus dois bens materiais mais valiosos. Itens pelos quais eu lutaria, embora seja uma discussão sobre qual deles devo usar. Eu fecho meus olhos e faço a minha escolha.

Então, convoco a confiança de Annemette. Magia da minha mãe. Minha própria teimosia.

Não há razão para isso não funcionar.

Eu posso fazer isso.

Eu posso fazer isso.

—*Skipta.*

Das pontas dos dedos dos pés ao topo da minha cabeça, a magia mais antiga crepita através de mim como gelo nórdico rasgando o casco de um navio. O mar derrama em minhas veias.

Eu jogo a ametista nas águas e vejo a água afundar.

Então eu espero. Meu coração bate em meus ouvidos, o medo se mistura com o frio da magia. Na minha garganta, a pérola palpita congelada. Eu digo a mim mesma para ser paciente. Lembrar — me da noite passada. É assim que funciona, mas depois de cinco respirações, o pânico é tão grande no meu coração que caio de joelhos.

Mar inconstante sem nada para dar.

Eu me arrasto para o lado da doca, os dedos esticando contra as tábuas desgastadas pelo tempo enquanto coloco meu rosto o mais próximo possível da superfície da água, a visão esforçando — se por qualquer sinal da minha preciosa pedra preciosa.

Mas tudo que vejo é meu reflexo. Pálida e nervosa, exaustão e preocupação revestindo minhas feições.

—O que eu fiz?

A vergonha morde meu coração. Calor sobe em minhas bochechas, mas um arrepio percorre toda a minha espinha. Eu levanto minha cabeça para cima e caio de volta na doca real, com cachos presos nas tábuas. Meus dedos tocam a pérola.

Tante Hansa estava certa — eu era uma ladra de sorte, mas com truques baratos. Eu não sou uma bruxa ainda — não como minha tia, minha mãe ou Maren Spliid. Eu sou apenas uma —

O borrito do mar corta meus pensamentos, atirando para cima da água como um bico de baleia logo abaixo da superfície. Meus olhos se arregalam enquanto eles examinam um objeto dentro do fluxo. Eu me esforço para sentar — me rápido o suficiente para colocar as palmas das minhas mãos em posição enquanto começa sua descida.

Quando chega, fecho meu aperto, protegendo — o. Protegendo a esperança que surgiu em meu coração.

Eu respiro e abro a mão.

Uma pedra tão azul quanto o céu do meio — dia e lisa como o vidro, o mesmo peso e tamanho da minha ametista.

Tão certo quanto a maré, funcionou.

Eu dei. Demorou. Deu. Eu tomei.

Assim como eu esperava.

Agarrando a pedra preciosa azul, pulo de pé e encontro o olhar do mar.

— *Skipta* — Troca.

Eu deixo cair a pedra preciosa de volta na água e prendo a respiração, pensando na minha ametista. Eu espero que você possa fazer isso no meu coração que eu posso.

— *Skipta* — Repito, e então sussurro a única palavra do Velho Nórdico que sei que está perto do que quero. — *Bjarg* — Pedra.

Colocando minhas mãos, eu fico ali, olhos no horizonte. Duas gaivotas brincam na superfície da água, mergulhando, salpicando e voando.

Enquanto elas sobem logo acima da minha cabeça. Maior e mais forte, enraiza a doca real e eu com ela, mas eu seguro meu chão, as mãos estendidas.

Outro item chega às minhas mãos. Palmas ainda juntas, eu pisco a falta de nitidez e, em seguida, reinício. Meus dedos se abrem e revelam não minha ametista, mas algo ainda mais radiante.

Uma pedra de cristais vermelhos e escarlate, uma crosta na superfície. Seu coração é como o meu, aparentemente iluminado de um fogo dentro.

Não é o que eu tinha em mente, mas é cegante de beleza. Mas pode fazer o que a minha ametista pode fazer? Ou vai destruir o feitiço?

Eu não posso me preocupar com isso agora. Está claro. A troca será a mesma quando Annemette estiver no lugar da pedra. Eu não tenho um corpo para dar ao mar.

Isso é um problema.

Mas talvez a solução já tenha passado quatro anos antes. Talvez agora eu possa promover o comércio final.

— O que é isso com você e eu e as manhãs?

Nik.

Eu me viro, segurando a pedra contra as dobras no meu vestido, desejando que eu tivesse o ângulo certo para cair no meu bolso sem ser óbvia.

O brilho nos olhos de Nik. Ele está completamente vestido e barbeado, ombros quadrados e mãos nos quadris.

— Eu prometo que não persegui você para ter beijos de novo.

— Mm — hmm, é o que todos dizem.

As bochechas de Nik ficam vermelhas, e eu sei que ele está imediatamente desejando que ele não tivesse se barbeado antes do sol. — Eu realmente sinto muito. Não é da minha conta.

Eu sorrio para Nik. — Claro que é da sua conta — você é meu melhor amigo.

Ele dá dois passos e afunda — se no cais. Eu encontro um pedaço seco de madeira e me sento ao lado dele.

— Alguns dos melhores amigos que eu tenho. — Diz ele. — Sempre te mandando para o dever. E você não pode me falar sobre garotos, uma palavra sobre beijar e eu me torno uma gárgula de beterraba vermelha.

Eu coloco minha mão em seu cotovelo e uso a outra nas dobras do vestido. — Para ser justo, estamos falando de sua melhor amiga, beijando o primo, que você trata como um irmão.

Ele acena com a cabeça. — É verdade. Por que você não poderia ir por alguém um pouco menos? Tipo para Ruyven ou Didrik ou Jan?

Eu não posso evitar: meu nariz se contrai imediatamente.

— Porque Ruyven ou Didrik ou Jan... Acredite, acho que sou boa demais para eles.

— Não Iker? — Nik ergue uma sobrancelha.

Agora são minhas bochechas que ficam em chama e eu aponto para elas, rindo. — É assim que você parece quando falamos em beijar.

Nik ri e apenas a palavra beijar o faz corar também. Quando nossos olhos se encontram, algo em seu rosto se suaviza. Ele tira um cacho rebelde da minha bochecha — não do jeito romântico de Iker.

Seu polegar e indicador permanecem no meu cabelo, e eu rio de novo porque não sei mais o que fazer. Depois que o som morre, não

consigo respirar. Eu não posso fazer nada além de segurar seus olhos.

— Indo para o meu território, primo?

Nós giramos e lá está Iker, uma corda de navio enrolada em um braço.

— Não posso evitar se minha melhor amiga é a garota mais bonita de Havnestad.

Iker não ri. Sua voz é tão forte quanto seu navio. — Não diga isso muito alto.

Eu forço minhas feições a fazer um beicinho excessivamente dramático.

— Alguém se queimou uma vez?

Um sorriso diabólico se espalha pelas profundezas geladas de seus olhos. — Sim, e ainda está doendo. — Então ele engancha uma sobancelha. — Minha mãe sempre me disse para beijar pode fazer melhor.

Eu fico de pé. Os dedos de Nik no meu cabelo. — Há muito tempo para isso depois.

— Há — Acrescenta Nik, colocando — se entre mim e Iker. — Agora, vamos voltar ao trabalho. Seu navio não se preparará sozinho.

— Eu não quero voltar para o cais.

— Onde você está indo? — Pergunto de repente, preocupada que Iker possa estar prestes a sair sem mim.

— Meu pai quer levar os trabalhadores do castelo no navio para a Celebração do Mar hoje.

Eu esqueci da Celebração do Mar, a tarde antes do grande evento. É divertido, todo mundo em Havnestad com pequenos barcos na água. Pode ser usado mais perto do mar e, ainda assim, olhando para a costa, podemos ver como a nossa casa é realmente bonita.

— De qualquer forma. — Nik continua. — A minha mãe planeja ter suas convidadas especiais e suas acompanhantes a bordo das três velas de idade. E Iker não quer que nosso partido vá com qualquer um.

— Estúpido como um cavalo engessado, isso seria. — Resmunga Iker.

— Então nós tomamos a decisão real de pegar a escuna.

É bobo, mas minha respiração fica presa. — Só nós quatro?

— De fato. — Nik acena. — Enquanto pudermos fazer antes que meus pais saibam o que fizemos.

Meu coração se eleva. O dia todo em um barco. Rindo, cantando, comendo, antes de se vestir e dançar a noite toda — um final apropriado para o nosso labirinto e um começo fabuloso para o novo jeito que as coisas serão. Meu peso me diz que isso está certo.

— Perfeito.



Annemette está acordada e vestida quando eu volto, olhando para o mar. O céu e o sol entrando, há um peso em sua silhueta, como deveria haver. Este dia — as próximas dezesseis horas — significa vida ou morte.

Se ela ouve a porta e meus passos, ela não se vira. Não pergunta onde estive. Depois de um momento, ela finalmente fala.

— É tão bonito. — Ela diz, agora de frente para mim. — Mas eu nunca vou poder voltar e não posso ficar aqui. Evie. Eu não deveria ter vindo! — Um soluço agacha em sua voz.

Não há tempo para falar assim. Não há tempo para desejos.

— Eu sei o que fazer. — Eu digo.

— Não. — Ela levanta o rosto, furiosa com a nova luz, mesmo quando sua voz se quebra. — Eu te disse. Você não pode usar magia de amor, Evie. Você não entende como isso funciona! O que eu fiz. O que eu tenho —

— Sim, eu sei. — Eu dou um passo mais perto, teimosia em quadratura em meus ombros. — E se Nik não tem a resposta, eu faço. Eu encontrei o feitiço certo. Entre nós dois, podemos mantê-lo aqui. Eu sei isso. Eu tenho figurado...

— Não. Você. Não. — Ela se lança na minha direção e agarra meus pulsos. Seu rosto angelical floresce em vermelho profundo.

— Qualquer pequeno feitiço que você criou não importa. A magia não leva mais nada. Não vai, não vai, não vai... — Toda a luta sai dela em uma inundação, e seu corpo balança e começa a afundar. Eu a

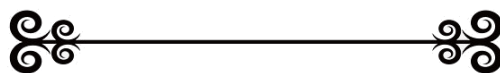
pego no caminho e tento suavizar o golpe quando batemos no chão de pedra em um monte de sedas e fios de ouro.

Sua cabeça mergulha no meu colo, seus ombros se sacodem em sacudidelas, e ela geme. Sem lágrimas, claro. Eu sei disso agora. Eu coloco minhas mãos suavemente na parte de trás de sua cabeça, penteando meus dedos pelos cabelos dela. Eu respiro fundo e deixo minha voz se acalmar.

— Estamos passando o dia todo em um barco com o Nik. Apenas nós quatro. E então tem o baile hoje à noite. Os bailes são o local mais romântico do mundo — o amor verdadeiro é praticamente uma decoração.

Annemette joga a cabeça de um lado para o outro no meu colo, mas ela não diz nada.

— Se depois da última dança, a magia ainda não tiver sido satisfeita, nós faremos do nosso jeito. — Eu envolvo meus braços ao redor de seus ombros e coloco minha cabeça sobre a dela. — Eu não vou deixar você ir.



Os nervos de Annemette são tão óbvios quanto suas sardas quando aparece à luz do sol.

Ela está nervosa com o tempo restante.

Sobre os sentimentos de Nik.

E quase mais do que isso, ela está nervosa por estar na água. Eu sei agora que quando ela se transformou, ela teve que deixar o mar ir em todos os sentidos possíveis, e ele não vai levá-la de volta, nem mesmo para desfrutar de um dia deslizando nas suas costas.

Eu pego sua mão e aperto quando vemos os garotos pela escuna de Iker. Iker e Nik têm uma tulipa na mão — rosa para Annemette, vermelha para mim.

— Senhoritas. — Diz Iker. — Vocês estão bonitas hoje, as sereias estarão fumegando de ciúmes.

Eu faço uma pequena reverência e Annemette balança comigo.

— Conveniente, então, que tenhamos dois príncipes arrojados para nos manter a salvo de suas garras.

Iker ergue uma sobrancelha e me atrai para um beijo na bochecha. — Você está destinada a minhas garras, não as delas. — Seus braços apertam minha cintura em um abraço de urso.

Corando levemente nas orelhas, Nik revira os olhos. — É assim que vai ser o dia todo com vocês dois?

Iker encontra meu olho. — Provavelmente.

Outro revirar de olhos de Nik, e então ele puxa o braço de Annemette. — Vamos, antes que fique tão lotada, não podemos deixar o cais. — Eu levanto minhas sobrancelhas em encorajamento para Annemette, murmurando. — Você vai ficar bem. — Ela dá um sorriso nervoso em direção a Nik.

Iker e Nik entram na escuna primeiro e estendem as mãos para nós — não há prancha disponível. Entro no barco e imediatamente me arrependo de não ter esperado para ajudar Annemette. Sua coloração não melhorou, e agora ela está sozinha no cais, ambas as mãos segurando sua tulipa com os nós dos dedos brancos.

— Você está bem? — Nik pergunta, dando um passo à frente.

Annemette acena, mas não tem credibilidade.

— Ela está um pouco nervosa — acidente de barco quando ela era criança.

A gentileza no rosto de Nik me faz derreter. — Eu sei o que é isso. Eu não te contei sobre o meu incidente recente, contei? Foi assustador, mas a melhor maneira de vencer o medo é voltar para a água. E você está com um marinhaeiro especialista hoje, Mette. — Diz Nik, batendo Iker nas costas. — O melhor que existe. Você está segura aqui. Eu prometo.

Annemette acena, mas não se move para ir a bordo.

— Aqui, pule para mim. — Diz Nik. — Eu vou pegar você.

Annemette respira fundo. Depois de vários segundos, ela pula em seus braços.

Eu tropeço de volta para fora do caminho a tempo de dar — lhes mais espaço. O excelente equilíbrio de Nik os mantém em pé, e Mette pousa o mais suavemente possível na popa da pequena escuna, um

sorriso agradecido em seus lábios enquanto ela sorri para ele, agarrada no peito de Nik. Exatamente onde ela precisa estar.

— Vinho de verão, Mette? Isso acalma os nervos. — Diz Iker, sentando — se no banco ao meu lado. Annemette sacode a cabeça com a oferta dele.

Eu encontro os olhos de Nik. — Talvez um pouco de água? — Nik acena para Iker para recuperá-lo do peito que ele encheu com gelo lascado.

Nós chegamos à foz do porto com facilidade e agora estávamos agradavelmente flutuando. Bem, agradável para todos, exceto Annemette, que mal consegue olhar por cima do corrimão.

Iker retorna e desliza a cantina para Nik, que a despacha para Annemette.

Ela toma com um puxão ganancioso. — Melhor? — Nik pergunta, e ela dá outro aceno não convincente.

Iker pega um jarro grande e enche um copo de lata com o conteúdo — do cheiro, hvidtøl.

— Começando cedo, Iker? — Um brilho surge nos olhos de Nik, e ele toma um gole da água de Annemette.

— Começando na hora certa. E quem você pensa que é, adivinhando o capitão em seu próprio barco?

— Alguém que está sempre no comando e permanece sóbrio por seus deveres.

— Este é um festival, e tenho bebido muito pouco para o meu gosto. Eu tenho dezoito anos e um príncipe. Eu posso me divertir no meu próprio navio como quiser.

— Iker, posso tomar um pouco de água? — Eu pergunto, porque eles não podem continuar assim. Não que eu tenha certeza de que posso pará-los, mas vou me contentar em distraí-los como um meio de mudar isso. É suposto ser um passeio romântico.

Iker se joga no banco e toma um longo gole de sua xícara de lata.

— Se o seu príncipe sóbrio quiser compartilhar, é claro que você pode.

Eu olho o frasco — provavelmente o jarro de água pessoal de Iker e nada mais. Fica ligeiramente na mão de Nik, um terceiro desaparecido com dois míseros glugs.

— Não para adivinhar o capitão, mas é tudo o que você trouxe para beber?

Iker sacode a cabeça no copo. — Como eu disse, há vinho de verão. — Diz ele antes de levantar o jarro na mão. — E hvidtøl também. Eu não sou um idiota, eu sei que é quente.

Eu reviro meus olhos. — Que tal comer?

Iker se levanta e abre outra caixa de gelo, mergulhando a mão livre nas profundezas. — Ah, sim, queijo e frutas e nada mais. O que é isso? Uma festa no jardim? Não há nem arenque.

— Mette é alérgica. — Diz Nik. Ele estava encarregado de embalar a comida.

— Bem eu não sou. E alergia, minha bunda. Ela está apenas sendo especial para assistir você cair em cima de si mesmo para acomodá-la.

Annemette estremece e o calor cresce nas bochechas de Nik, um verdadeiro argumento se formando em suas veias. Embora eu tenha o prazer de ver o fogo de Nik em relação a Annemette, não adianta nada se os garotos jogarem um ao outro no mar.

Eu coloco minha mão no antebraço de Iker. A briga é demais e quase tão ruim quanto a falta de água e comida. Se continuar, este dia realmente não irá como planejado. Ele se vira para mim e eu dou — lhe um sorriso calmante.

— Nós temos o sol e o céu azul e um ao outro. Nós temos o suficiente.

Iker me atrai para o peito dele — o cheiro ali é mais do que sal e limão, uma nota azeda do hvidtøl arruinando a balança. Nik olha para baixo.

— Evie e sua boca rápida. Sempre certa, mesmo quando ela está muito errada. — Diz Iker.

— Eu estou sempre certa. — Eu bati nele no braço, mas deixei ele me segurar contra seu peito, seu coração desacelerando enquanto a luta drena dele.

— Não tropeçe nesse orgulho, Evelyn. Vai doer ainda mais quando você tomar uma queda. — Ele brinca.

Demora várias horas, mas Annemette fica à vontade o bastante para se despir de Nik e, ousa dizer, aproveitar nosso tempo no mar. Ela fica perto dele, com certeza, mas fica confortável o suficiente para compartilhar algumas frutas e queijos comigo e conversar com todos nós.

Iker e eu nos sentamos de costas contra o casco, encarando Annemette e Nik no mastro principal. Nik adormeceu, tendo um pouco de vinho demais, confortável com Annemette no ombro. Iker ainda não diminuiu o ritmo, e não o deixou sonolento tanto quanto o deixou mais gato, aproveitando um raio de sol com as garras para fora.

— Você está se sentindo melhor, Baronesa Mette? — Iker pergunta.

Annemette responde com um aceno régio.

— Boa. Sobre seus medos, então? Uma mulher mudada agora que seu príncipe está dormindo?

Eu cotovelo Iker duro. — Chega. — Eu digo. — Eu não sei porque você está assim. Assim... indelicado.

— Perdoe — me, Evelyn. Não é educado, é verdade — eu sou um príncipe e, embora eu não prefira, eu sigo as normas sociais a maior parte do tempo. Mas minha família é outra questão. — Seus olhos brilham, azuis e quentes. — Quando se trata deles, eu nunca sou educado. É inútil ser educado quando algo tão importante está em jogo.

Annemette engole em seco, e estou certa de que todos nós três demos uma olhada em Nik a dormir.

Eu deveria falar e afastar Iker, mas não posso. Nik é tão importante para mim quanto é para Iker, e uma defesa inoportuna de Annemette pareceria equivocada. Também pode colocar mais pressão neste dia — o suficiente para levar a nossa expedição às baleias.

Com o coração de covarde, fecho os olhos e deixo que ele ataque.

— Então sim. Eu quero saber tudo sobre você, Baronesa Mette. Começando com a forma como você veio aqui — e por que você chegou à frente de todos os outros convidados. E tanto quanto eu quero saber essas coisas, eu quero saber ainda mais como você sabia que seria amiga de Evie para ter acesso a Nik.

Eu estremeço. Porque ele está certo. Mas estou com muito medo de abrir meus olhos e ver a reação de Annemette. Tanto para o seu interrogatório bêbado como para o meu silêncio covarde.

— Obrigado pela sua preocupação, primo. — Meus olhos se abrem, e Nik está acordado e endireitando — se do sono. Annemette se encolhe contra ele enquanto os dentes de Iker se abrem em um sorriso — mas a intenção é muito mais feroz. — Mas interrogar nossa convidada não é o caminho a percorrer.

— Ela não foi devidamente investigada.

— Quem é você, minha mãe? Quando paramos de levar as pessoas à palavra?

— Você nunca tem essa opção.

Iker se levanta e Nik está logo atrás dele. Eles se inclinam um para o outro, as mandíbulas tensas e apresentam vermelhidão.

— Você é o único herdeiro da jóia dos Reinos de Øresund, a mais rica vila de pescadores no estreito. — Cuspiu Iker. — Você não pode simplesmente jogar seu futuro em uma estranha.

— Como isso é pior do que você faz? Jogando o seu navio em todos os cantos do oceano, deixando para trás qualquer garota que você pegar?

— Se eu sou tão horrível, por que, em nome de todos os deuses, você me deixaria ser doce com alguém que você ama?

Meu coração palpita com a palavra amor, embora não exista uma palavra melhor para nossa amizade. Nik olha para Iker por um longo tempo antes de responder. — Eu pensei que Evie seria o suficiente para resolver você. E, considerando que você está pensando em levar ela à sua caça às baleias de manhã, acho que ela conseguiu.

Meus olhos atiram para Annemette. Há uma surpresa neles, tanto quanto eu imagino no meu de Nik sabendo nossos planos. Há algo mais lá também, mas eu não posso olhar por muito tempo

porque os garotos começam de novo, com as mãos ao lado do corpo, a cor nas bochechas, os rostos a uma polegada de distância.

— Isso não é sobre Evie. Isto é sobre o fato de que você está tão cego por aquela coisa em seu peito que você não pode ver essa garota pelo que ela é — uma completa e total estranha sem nenhuma prova de que ela é quem ela diz. — Um aperto firme. — Sua história é magra e suas credenciais são inexistentes — isso faz com que seus motivos sejam suspeitos. Eu conheci muitas pessoas em minhas viagens e —

— O fato de que você é bem viajado não me faz ingênuo. — Nik dá de ombros para Iker e dá um passo para trás, fora do alcance fácil. — E eu prefiro ser governado pela coisa no meu peito do que a coisa na minha calça.

Um estrondo de trovão rasga o céu, alto o suficiente para matar as palavras e a raiva nos lábios de Nik. Todos os quatro de nós tensos e se movem na direção do som, para o nordeste. Uma nuvem tão grande e negra parecendo uma noite sem fim vem pesada no horizonte. Assim como no aniversário de Nik, essa tempestade surgiu do nada — tão repentina, é estranho.

Mas é uma tempestade e nós três sabemos exatamente o que fazer.

Sem outra palavra, os meninos e eu estamos em movimento, trabalhando ao redor de Annemette, que se encolhe contra o mastro principal enquanto o barco começa a balançar em um clipe pesado.

Há muitos navios no porto, e estamos um pouco além, no estreito e quase no mar — muito mais longe do que estávamos na noite da festa e em um barco muito menor.

Os três de nós pegam o navio, a comida e a bebida guardadas, os longos remos prontos. Finalmente, não há nada mais que possamos fazer além de nos agachar e avançar — exatamente o que todo outro barco no estreito está fazendo no mesmo momento. Bem, salve o vapor do rei, que está soprando alegremente em direção ao cais, abrindo caminho através de embarcações de movimento mais lento.

Navios entopem o porto, e onde o progresso é lento na água, é rápido no céu. A tempestade bate nas nossas costas, o vento sopra na

direção geral correta, mas também serve como uma advertência. Quanto mais forte o vento, mais perto a tempestade.

— Evie! — Nik grita entre respirações pesadas enquanto ele e Iker rezam por isso. — Ajude Mette!

Deixo meu lugar ao mastro e passo para o posto principal, onde Annemette está encolhida, esperando por sua vida. Eu me afundo ao lado dela e pressiono meu corpete contra as costas dela, protegendo — a da tempestade o máximo que posso.

A chuva começa a bater, e eu a sinto estremecer embaixo de mim.

— Eu só quero ir para casa.

— Eu sei, Anna — Mette. Mette, eu sei.

Ela não reage ao meu tropeço. Ela apenas se repete. De novo e de novo.

Como relâmpagos, algo duro e mordaz me agride na parte de trás da cabeça. Eu sacudo e viro para onde o objeto caiu no chão.

Pedras.

Meu coração cai e eu levanto minha cabeça. Pedacos brancos estão voando pelo ar, mergulhando no porto em um dilúvio, pedras caindo tão rápido e juntas como gotas de chuva gordas.

Eu examino o horizonte. Estamos a pelo menos quatrocentos metros, e mais de duas dúzias de barcos resistem à nossa segurança. Somos pequenos o bastante para cortar os navios maiores, mas mesmo com os garotos remando com força total, não estou convencida de que somos ágeis o suficiente para não sermos esmagados no processo.

Eu olho para a esquerda. Para a enseada — o abrigo natural. Está completamente aberto, não há navios lá.

— A enseada! Podemos ancorar na enseada?

Atrás de mim, a voz de Iker explode sobre a chuva, pingando granizo e outro trovão. — É uma boa chance como qualquer outra. Primo?

Nik ergue a cabeça, sem estremecer quando duas pedras de granizo batem em seu cabelo molhado. — Não tenho certeza das obstruções. Mas é nossa melhor chance.

Tomando isso como um sim, eu aperto Annemette antes de correr para o mastro para ajudar a dirigir enquanto Iker ajusta a vela para mudar de rumo.

Nós seguimos na direção certa, e Iker se vira para mim. — Evie, fique. Precisamos que você segure o curso contra o vento.

Eu dou uma olhada para Annemette. Um olhar para Nik. Iker está certo.

Cortamos em torno das três velas da rainha, pulamos duas outras escunas, uma chalupa e o menor dos barcos a remos de um homem só, e nos alinhamos com a enseada. A parte cega da praia aparece primeiro, depois a parede de pedra e, finalmente, o Picnic Rock.

Entramos na enseada e eu dou um profundo suspiro de alívio, meus braços tremendo enquanto seguramos nossa linha, vergões vermelhos do granizo subindo na minha pele exposta.

Então Annemette começa a gritar.

— Virem! Virem! Virem!

Eu sigo seus olhos, mas não vejo nada. Não há nada além de água bruta à frente, nosso barco ainda está muito longe para as ilhas de passo para ser um perigo. — Barras de areia!

Assim que as palavras escapam de sua boca, nós estremecemos — encalhamos com água por todos os lados.

Eu encontro seus olhos e sei exatamente como ela sabia que o banco de areia — submerso e escondido da vista — estaria lá.

Ela é a única de nós a nadar tão longe na enseada.

Eu espero as perguntas começarem. Mas elas não vêm. Em vez disso, Iker fica em silêncio enquanto se inclina sobre o arco para examinar a situação — tanto como estamos presos quanto qual o dano. Eu realmente espero que não haja nenhum dano. — Hora de nadar por isso, tripulação.

Nik se inclina e confirma. — Sim.

— Não! — Mette grita, ainda agarrada ao poste do mastro. — Eu não posso.

Mas Nik não está aceitando isso. — São cem metros. Vou nadar com você. Você vai ficar bem.

Iker lança âncora para que seu barco não flutue quando a tempestade termina e o banco de areia solta. Ele vem ao meu lado e escova algumas pedras de granizo semi – derretidas do meu cabelo.

– Pulamos juntos? – Ele pega minha mão e nós caminhamos para a beira do arco. A água está viva, ondas ásperas, revelando o polvo que assombra a enseada desde o início do verão, além de cardumes de peixes grandes e vários golfinhos. A enseada está praticamente transbordando de mais animais do que deveria nela – animais incomuns. Minha mente relembra meu feitiço, meu apelo diário por abundância.

Não, não pode ser. Eu não fiz isso. É a tempestade, empurrando a vida marinha para fora do lugar.

Antes que eu possa pensar mais, Iker está puxando a minha mão para ir e saltamos para a água fria.

O granizo parou e o trovão rola para as montanhas que cercam Havnestad. Os tentáculos do relâmpago ainda brilham no céu, e a chuva continua firme, mas a natação não é a pior que já tive. Rochosa, áspera e cansativa, mas chego à praia apenas alguns segundos atrás de Iker, puxando – me para a pilha de areia mais próxima com uma grande respiração ofegante. Eu rolo e encho meus pulmões de novo e de novo com ar salgado, a areia endurecendo as dobras molhadas do meu vestido.

Ele me ajuda até que eu esteja sentada e tenha uma visão da enseada, onde eu vejo Nik puxar Annemette para a segurança. Ele segura a cabeça dela acima da água, o corpo dela contra o dele. Meu coração se enche de amor por ele mais uma vez, sabendo que não faz muito tempo, eu era a garota em seus braços, nadando para a praia numa maré terrível.

O golpe de Nik não perde o ritmo e eles estão em terra em breve. Sua respiração é grossa com esforço, dela com medo. Aos seus olhos, tenho certeza de que vejo uma centelha de amor – algo que espero que o baile de hoje realmente acenda – e que Annemette finalmente esteja em casa.

Três anos e meio antes



A mais nova sereia simplesmente se tornou outra irmã real, sua memória em tal estado que ela acreditava que sempre estivera lá. Todos disseram isso. Mesmo que ela tivesse a sensação incômoda de que sua vida parecia uma grande conversa, entrou anos atrasada demais.

Ela era apenas uma pequena sereia, nadando na sombra coletiva de suas cinco irmãs mais velhas — Lida, Clara, Aida, Olena e Galia. Loira e de ossos finos, cheias de alegria e boas maneiras. Juntas, as seis garotas eram o orgulho de sua avó, a rainha mãe Ragnhildr, ou como ela preferia, Oma Ragn.

A pequena sereia amava Oma Ragn com uma ferocidade especial — ela se sentia em casa quando estava com ela. Em casa, dobrada nas longas ondas brancas de seu cabelo, contra o calor de sua pele, a canção que ela cantarolava em voz alta, mais alta que o batimento cardíaco coletivo delas.

Mas Oma Ragn era mais do que um colo confortável e uma voz suave. Ela era a guia deles para a vida no palácio. Sua tutora. Seu exemplo. Objetivo delas. Os dias começaram com lições de política, lições sobre como governar, seguidas pelas ciências e artes. As noites eram cheias de música e magia, as lições mudavam com as sombras na água, tornando — se menos definitivas, mais oníricas.

Para a pequena sereia, era assim que sempre fora. Como sempre seria. Até que algo aconteceu que ela não previu.

Certa manhã, houve uma grande confusão, sua irmã mais velha, Aida, no centro de tudo. Seu quarto tinha sido coroadado com guirlandas de algas retorcidas com conchas brilhantes entremeadas por toda parte. A pequena sereia nadou, admirando cada detalhe, mas ela não sabia o que era.

A pequena sereia encontrou o ouvido de sua irmã mais próxima em idade, Galia, de doze anos de idade. Ela se acomodou de modo que elas estavam ombro a ombro e sussurrou enquanto as outras circulavam em torno de Aida, ajustando fitas em seus cabelos. — O que é isso?

Galia abriu a boca como se falasse e depois fechou — a, encontrando as palavras corretas alguns momentos depois.

— É o décimo quinto ano desde o nascimento de Aida.

A pequena sereia achou que isso poderia significar uma celebração. Galia leu a confusão no rosto dela. Mais uma vez, Galia pareceu escolher suas palavras com cuidado, puxando a pequena sereia mais para as sombras.

— No décimo quinto aniversário do nascimento de uma sereia, ela pode ir para a superfície.

Os olhos da pequena sereia ficaram grandes. — A superfície? — Nunca lhe ocorrera que isso era mesmo uma opção — ela tinha ouvido muitas histórias dos perigos acima, seres humanos com seus arpões e redes uma realidade aterradora. Não era algo que ela queria se aproximar. Nunca. Mas Galia estava sorrindo.

Sorridente.

Assim como todas as suas irmãs e Aida. Irradiante pode ter sido uma palavra mais apropriada.

A sereia menor teve a sensação distinta de que isso era algo que ela deveria ter lembrado — duas de suas outras irmãs já teriam comemorado dessa maneira. Em vez disso, sua mente mantinha — se interminável escuridão sobre escuridão, sem lembranças brilhando.

Ainda assim, ela afastou sua própria pergunta como se soubesse o tempo todo.

— Ah sim, claro.



Nik e Iker despedem – se no salão em uma confusão encharcada, cansada, chamando pelas cozinhas e um banho quente. Vamos vê – los em três horas – de pé nas portas do salão, recebendo os convidados no Baile Lithasblot.

É um grande final para o festival, mas não é só para os nobres. Todos são convidados a participar da música, da dança e do grande banquete – todos os Havnestad são iguais por uma noite.

Normalmente, Nik só tem que escolher entre mulheres nobres locais e garotas comuns para dançar, sempre o príncipe igualitário, dando a cada garota uma chance. Mas as coisas serão diferentes este ano. Além de Annemette, haverá dezenas de garotas da rainha esperando, brigando e aproveitando a chance de dançar com ele.

Essas meninas ainda devem estar a bordo das três velas, provavelmente abaixo, protegidas do granizo e da chuva.

Protegidas, diferente de nós.

Annemette e eu percorremos o salão de hóspedes o suficiente para que eu realmente não queira saber como eu estou. Agradeço a Urda que a rainha não está aqui para julgar. Mas o que vejo de Annemette não me dá esperança. Suas ondas estão emaranhadas; vergões vermelhos cobrem seus braços, cada pedaço de granizo deixou sua marca; e o sol da pré – tempestade tornou – se conhecido também, deixando a testa e o nariz rosados como o rubor natural de suas bochechas.

Só posso esperar um banho e as três horas que temos para nos vestir vão melhorar esses assuntos para nós duas. É difícil ter a noite mais romântica da sua vida enquanto se assemelha a fantasmas da peste bubônica.

Chegamos ao nosso quarto e Annemette imediatamente cai na cama, com roupas encharcadas e tudo. Ela pula tanto quanto o colchão de penugem vai permitir antes de se acomodar em um monte de cabelos e farrapos.

— Você está bem? — Eu pergunto, sentada na minha cama em frente a ela.

Ela responde com um sorriso. — Eu estou mais do que certa — Nik me pediu para abrir o baile com ele.

Eu suspiro. Todos os anos, o rei e a rainha fazem a dança de abertura do baile. E agora que Nik é maior de idade, faz sentido que ele dançasse ao lado deles — algo que nem eu conhecia. Algo que talvez Nik não soubesse até que os convidados de sua mãe chegassem.

— Não para sempre, mas tempo suficiente para Iker ter problemas para lembrar. — Ela boceja. — Eu vou fazer um novo vestido depois. Agora preciso dormir.

— Mette, você não pode, temos menos de oito horas até meia — noite e eu preciso te ensinar a dançar.

Annemette fecha os olhos. — Eu vou descobrir. Sereias dançam mais do que nadam.

Não. Não. Não. O que há de errado com ela? — Dançar com as pernas é muito diferente, Mette. Quer dizer, eu sei que você é graciosa, mas você conhece a valsa do Havnestad? Toda garota na sala saberá de trás para frente. Se você não fizer certo, todos saberão que sua história é falsa. O rei, a rainha... Nik. Tudo pode desmoronar antes do tempo acabar.

Annemette se senta e sorri. — Tudo certo. Você ganhou. O sono pode esperar até que eu tenha o coração dele. — Ela levanta os braços para eu segurar suas mãos e eu a puxo para o centro do nosso quarto dourado. De alguma forma, ela se muda sem eu ver, sua pele brilhando, seu cabelo caindo em cascata perfeitamente sobre os ombros de seu vestido, agora seco. O meu continua molhado,

mas eu não vou pedir para ela mudar. Ainda não. Eu não posso distraí — la disse. Estamos quase na linha de chegada. E o baile é mais importante do que qualquer momento que já tivemos.

Eu coloco a mão no meu ombro e levo a outra para o lado. Minha mão vai para o quadril dela. Estou intensamente feliz por a rainha Charlotte nunca ter conseguido fazer das les lanciers a dança de escolha no baile — eu nunca seria capaz de ensinar um quadrilátero a uma sereia sozinha.

E nós começamos. — Um, dois, três... Um, dois, três.

Ela ajusta a mão no meu ombro, claramente incomodada pelo seu estado úmido. — *Purr klædi*.

Meu vestido seca instantaneamente enquanto giramos pela sala. Annemette pisa nos meus pés e corrige, mas não se desculpa.

— Só espere o vestido que eu vou fazer para você hoje à noite. Se eu soubesse que o último seria coberto na torta de Malvina, eu não teria feito um tão bem, mas vou ter que dar um jeito nisso. Realmente mostrar a cidade e as meninas da rainha também. Iker não conseguirá tirar os olhos de você.

Eu sorrio para ela enquanto giramos em círculos. — Obrigada.

— Eu digo. E eu sou grata. Esta tarde com Iker foi difícil, e eu adoraria nada mais do que voltar para onde estávamos esta manhã.

— Você vai parecer uma princesa.

— Mas você já fez isso uma vez. — Eu rio.

— Oh, agora estamos ficando exigentes, estamos nós? Tudo bem, vou fazer você parecer uma rainha!

Eu ri tanto que é praticamente uma risada espalhafatosa. Então eu nos conduzo para outro turno, segurando a mão dela com força.

Quatro dias antes



O aniversário de Aida tinha desbloqueado algo dentro da escuridão da mente da pequena sereia. Ela não podia ver o que estava lá, não podia acessá-la, mas ela sentia o clique da chave se estabelecendo. Ela sabia que algo estava no preto infinito, escondido. Esperando para consumi-la inteira, como um tubarão em um recife.

E com essa mudança, ela percebeu outra coisa. Uma obsessão fatalista.

Humanos.

Ela sabia que eles eram perigosos. Que eles atormentavam o mar, roubando vidas com abandono. Perturbando o equilíbrio das coisas, matando muitos ou poucos. O natural dar e receber para sempre arruinado por sua ganância, seus navios, suas redes, seus arpões.

Se a —lenda— das sereias fosse alguma vez provada, eles seriam caçados impiedosamente por humanos. Fazendo um shows. Vendidos pelo maior lance.

A confirmação de sua existência seria a morte deles.

No entanto, ao se aproximar de seu décimo quinto ano, ela começou a sonhar mais e mais em observar os humanos acima da água. Ela frequentemente deixava os confins do castelo de seu pai à noite, à procura de navios para flutuar ao lado, ouvindo e observando quaisquer sinais de como as pessoas eram, essas viagens se tornando mais frequentes quanto mais perto chegava seu aniversário.

Poucos dias antes do dia especial, ela encontrou apenas seu tipo de barco. Um sem lugar para ir —um monolito simplesmente flutuando na maré. Melhor ainda, este tinha pequenas janelas

engraçadas no casco. Ela as viu algumas vezes antes, levando a pequenos espaços abaixo da água onde os humanos jogavam cartas ou guardavam seus tesouros, dependendo do tipo de navio.

Mas essas janelas estavam escuras. Todas as pessoas estavam acima, tocando a música alto o suficiente para que o som flutuasse abaixo. A pequena sereia sempre amou a música e nadava para as notas persistentes, girando e rolando pela água logo abaixo da superfície.

Mas depois de algumas horas, uma luz apareceu atrás das janelas. Mais brilhante do que a sereia já tinha visto. Luz feita por mais que uma vela comum. Talvez várias velas. Ou algo maior — uma tocha.

A pequena sereia parou de derivar sobre a música e correu para a janela mais próxima. Ela apertou o rosto o mais próximo possível do vidro.

E viu seu passado.

A garota além da janela a atingiu como um relâmpago.

De repente, toda a escuridão de sua mente estava iluminada e ela podia ver tudo. As lembranças em sua mente surgiram através da escuridão, uma após a outra em rápida sucessão, fisicamente derrubando — a com sua força.

Mas não antes de ela ter feito contato visual.

A garota a tinha visto.

A garota a reconheceu.

Evie. O nome da garota era Evie.

E o nome dela — não era Annemette. Era simplesmente Anna. Anna Kamp. Baronesa Anna Kamp.

E o filho do rei.

Nik.

Nik, com seu rosto doce e olhos escuros. Imponente apesar de ser magro, elegante e gracioso. Um amante da música e das artes. Tão gentil. As primeiras lembranças dele vieram para ela em uma nuvem dourada, como se ele tivesse filtrado a luz do sol e se banhado nela.

Ela tinha que vê-lo.

A sereia reuniu todas as suas forças e empurrou para frente, de volta para a pequena janela. Evie e Nik estavam sempre juntos. Se Evie

estava neste navio, Nik também estava. Ela sabia disso no fundo de seus ossos.

Mas ele não estava lá. E Evie subia as escadas. Deixando ela sozinha.

Se Nik estava lá, ele estava acima.

Onde eles estavam rindo e dançando e cantando.

Sem ela.

E é aí que as memórias sombrias se arrastam para frente. Queimando tão dolorosamente ela teve que apertar seus olhos fechados.

Aquele dia. Evie e as ondas pesadas. O desafio. Ela ainda estaria viva se Evie não tivesse sugerido a corrida.

A pequena sereia começou a soluçar —desta vez muito consciente de que não podia derramar lágrimas como uma sereia como ela fora capaz em uma vida passada. E como ela ansiava por esse lançamento.

Ela se afogou naquele dia.

Ou quase se afogou —ela estava claramente viva, embora sua vida tivesse sido roubada. Seu pai —o rei do mar —deve tê-la salvado, ou ele não a teria mantido por conta própria.

Ele mentiu para ela. Todos eles mentiram para ela. Disse a ela que ela era uma delas. Manteve —a no escuro.

A pequena sereia chorou de novo, seus olhos ardendo enquanto observava o navio flutuar, a vida que ela poderia estar vivendo acontecendo acima.

E então o último pedaço de escuridão evaporou. As últimas imagens que ela viu como um ser humano surgiram.

Evie desceu na direção dela.

A forma ágil de Nik correndo em direção ao corpo flácido de sua amiga, arrastando Evie para a superfície e para longe. Evie primeiro. Sempre primeiro.

Então, vários minutos depois, sua sombra retornando, seus olhos pousando em seu próprio corpo, propensos perto do fundo do mar. Ele voltando para a superfície.

Ele nadando de volta para baixo, mas depois parando. Pegou nas ondas por outro garoto. O que Evie gostava —Iker. Outro príncipe.

Nik poderia ter lutado, mas ele deixou Iker puxá — lo para cima. Ele desistiu.

A amizade deles, a maneira como ela se sentia em relação a ele, sua vida — nada disso importava.

O brilho dourado em torno de suas memórias de Nik e sua vida humana com ele evaporou. Suas boas lembranças de Evie, a garota que era como a irmã que ela nunca teve, foram embora. Suas lembranças felizes de Iker, sempre uma bela distração, não mais.

Tudo o que restou foi raiva.

Fúria.

Ira.

Ela queria quebrar tudo. Quebrar tudo. Arruinar tudo.

Ela queria retribuição por tudo o que havia sido roubado dela.

Ela não era mais humana por causa das escolhas desses três. Ela era mágica, no entanto. Um ser de magia intensa e bonita. Não havia lugar onde a magia terminasse e ela comesse. Ela não tinha sua vida legítima, sua alma, mas ela tinha sua magia e sua raiva.

E ela queria usá — los.

— Veðr.

Tempestade. Sim. Tempestade.

— Veðr. — Ela repetiu, sentindo a onda mágica em suas veias, saturando sua pele, formigando por trás de seus olhos.

Ela era mágica. Ela era a tempestade.

— Veðr. — Acima um trovão soou, alto o suficiente para sacudir suas ondas. Era a música mais linda que ela já ouviu. No entanto, ela queria ver isso acontecer. Ver a destruição. Ondas sem fim e, no entanto, de repente, ela se sentiu tão confinada.

Mas ela não era. Uma luz se acendeu na escuridão e ela sabia que poderia subir.

O dia em que ela teria o aniversário dela — três dias a partir de agora — não era seu aniversário. Foi o dia em que ela perdeu sua vida legítima e renasceu, mas não o dia de seu verdadeiro nascimento. Ela compartilhou aquele dia com Nik, então se este era o aniversário dele, era dela também. Ela tinha quinze anos. Ela poderia ir acima.

A pequena sereia repetiu seu comando enquanto ela empurrava a superfície. O raio estava crescendo, o vento estava aumentando

e as ondas balançavam. O casco do barco balançou e de repente se encheu de luz. Pessoas correndo de seu poder. Escondendo abaixo.

Mas nem todo mundo.

Enquanto corria a superfície, viu as três pessoas de suas memórias — daquele dia — em cima. Ela sabia que eles estariam lá — sempre agindo como heróis.

Exceto quando veio a ela. Sua bravura tinha um limite.

E ela os faria sofrer.

O barco balançou quando Evie e Iker tentaram segurá-lo. Nik recebia ordens de seu primo — é claro que sim — e foi para o lado do navio para soltar uma pequena escuna anexada.

Era a sua chance.

— Veðr.

As ondas balançaram o navio e o príncipe vacilou, aguentando — se com todas as suas forças. E quando ele pareceu se equilibrar, a pequena sereia enviou a maior onda até agora — maior do que a parede de memórias que a atingiu, maior do que qualquer outra que ela tinha visto com olhos humanos — direto para o garoto que não tinha salvado ela.

O navio deu uma virada. E Nik foi para o mar.

Seus olhos estavam fechados quando ele apareceu diante dela — sua cabeça batendo no casco da escuna na descida. Nenhum sangue. Apenas Nik, flutuando diante dela, parecendo quase como se estivesse dormindo.

Pacífico.

A pequena sereia pegou o rosto dele nas mãos dela. Ele parecia mais velho agora, o início de uma barba raspando contra as pontas dos dedos.

— Por que você não lutou por mim? Por quê?

Nik respondeu em bolhas, seus pulmões falharam.

Ela pensou em deixá-los falhar.

Ela pensou em deixá-lo se tornar ossos na areia. Sua vingança. No entanto, de alguma forma, isso não parecia certo. Não era bom o suficiente. Não iria conseguir o que ela queria de volta.

E então ela o trouxe ao ar. Pondo—o em terra. Sua mente se agitou com a possibilidade quando seu peito subiu e caiu em seus braços.

O rei do mar a fez uma sereia —não sua escolha, não o que ela queria. A pequena sereia queria viver acima do mar. E ela encontraria a magia para se transformar de volta.

Então ela iria se vingar.



A fila de recepção para a família real parecia ter uma milha de comprimento — ela se curvava através dos corredores, descendo as escadas e saindo do Castelo de Øldenburg. Não descia as escadas exteriores e entrava no jardim de tulipas, mas teria ido se tivessem esperado mais cinco minutos para abrir as portas do salão de baile.

Estamos no final da fila. Vários colegas meus estão mais próximos de nós — incluindo Ruyven e Didrik. Malvina está à nossa frente. Como de costume, os olhares vêm de todos os lados, frios e desdenhosos, sussurros de conspiração em lábios quentes. Todos acham que tenho um plano — que tudo que faço é afirmar meu lugar no palácio, aonde não pertença.

Desta vez eles estariam certos, suponho. Eu tenho um plano. Mas não é para mim.

Se um beijo não fizer isso, eu vou. Vou levar Annemette para Havnestad Cove e dizer ao mar o que quero. O que a magia me deve — nos deve. O mar levou Anna. Eu mereço Annemette.

E Annemette, bem, ela acha que mereço parte da magia que ela tem esta noite. Ela fez o vestido que eu estou usando — um encantador azul de Havnestad, com renda preta no corpete. O dela é da mesma cor, mas acentuado com marfim. Com nossas pérolas e tranças combinando, nós somos um estudo em contraste — claro e escuro.

Eu tento respirar fundo, meus nervos se empilhando, mas meu corpete é um pouco mais apertado do que o normal. — Orgulho deve sofrer dor — Annemette sussurrou em meu ouvido

enquanto ela amarrava o corpete. Eu pensaria em quão apertado o corpete da rainha deveria estar, mas rir só doeria mais.

As pessoas se alinham atrás de nós enquanto avançamos em um movimento constante mas lento, a fila serpenteia para frente em um movimento constante, mas com a velocidade de uma centopéia. Quando descemos pelo corredor, a entrada do salão de baile real está finalmente à vista. Eu localizo a forma alta do Rei Asger, a coroa sobre a cabeça escura, safiras brilhando sob os grandes lustres que iluminam o salão com um brilho dourado.

Eu olho para a esquerda e vejo Nik e sua coroa de príncipe menos ornamentada. Mais um ponto e dois centímetros abaixo e lá está Iker, vestindo, pela primeira vez nesta viagem, sua própria coroa, decorada com os rubis de Rigeby Bay.

Quase lá.

Na frente, as garotas visitantes demoram, finalmente chamando a atenção de ambos os príncipes. A rainha é toda sorrisos, assim como Nik – ele nunca deixaria essas pessoas para baixo. Nem em um milhão de anos. Iker tem em seu rosto de Príncipe Encantado, jogando até a sua reputação com piscadelas e arcos e beijos para a mão de cada menina.

Depois de outro longo período, chegamos a nossa vez com o rei.

– Evelyn , você está mais bonita do que nunca hoje à noite.

– Obrigada, sua graça. – Eu digo, apertando sua mão.

– Sim, muito bonita. – Acrescenta a rainha Charlotte, estreitando os olhos. – Seu vestido é adorável.

Tenho certeza de que ela está se perguntando onde eu consegui algo tão extravagante, se Nik comprou para mim, ou pior, eu roubei de uma de suas preciosas garotas visitantes. Ela é cuidadosa demais para dizer qualquer coisa aqui, embora eu tenha certeza de que qualquer rumor que ela espalhe chegará a mim mais tarde.

Eu pego sua mão e faço uma reverência.

– Evie, você está fantástica. – Nik diz quando eu desço a linha para ele, e estou surpresa que sua atenção está em mim quando Annemette está atrás de mim, parecendo ainda mais impressionante.

Quando me volto para ele, ele pega minha mão e a beija. Minha respiração pega.

— Sim, ela está. Apresse — se, primo. — Diz Iker, irritado.

Eu pego Nik e dou — lhe um beijo em uma bochecha corada antes de apertar sua mão. Ele está simplesmente elegante em seu terno preto, cabelo penteado e deitado perfeitamente sob sua coroa.

Ao nosso lado, Iker limpa a garganta. Nik dá a minha mão um último apertão quente antes de nos separarmos, e ele se curva para Annemette.

Nik e eu brincamos sobre o status de Iker como o Príncipe Encantado, mas Iker certamente faz jus a esta noite em todos os sentidos. Meu coração já estava batendo forte, mas vê — lo agora faz o sangue em minhas veias ficar quente.

As calças de marinheiro arrebatadoras estão no topo das botas pretas de alto brilho. Uma camisa branca surrada por debaixo de um casaco prensado que brilha com fios dourados e a crista de Rigeby Bay. Os brilhos beijados pelo sol em seus cabelos brilham de uma maneira que só servem para tornar o gelo azul de seus olhos mais impressionante. A coroa de rubi é um símbolo de seu status, sim, mas mesmo em trapos — mesmo em nada — ele se pareceria com um príncipe.

Iker pega minha mão e a beija, como ele fez com todas as garotas da fila. Seus lábios são gentis; o roçar de barba no queixo faz minha pele formigar e o rubor se aprofundar.

Ele se endireita em toda a sua altura, ombros largos para trás, um sorriso puxando os cantos da boca — um movimento sutil que faz meus joelhos fracos. — Estou muito ansioso para dançar a noite toda com você, minha senhora.

Há um olhar travesso em seus olhos quando ele se inclina em meu ouvido. — Esta noite você está a cara de uma Condessa, mas você tem a graça de uma rainha. E no seu sangue está a mulher do mar por quem eu me apaixonei.

É tudo que posso fazer para não beijá — lo ali mesmo, na frente de todos. Mas haverá tempo para isso depois de tudo isso. Depois desta noite e o resto de nossas vidas. Juntos.

Seis dias antes



A dificuldade não estava em sobreviver aos humanos —era ao voltar para o castelo do mar, entrando em sua antiga vida como se nada tivesse acontecido, quando tudo tinha mudado.

A pequena sereia sabia quem ela era. E enquanto ela nadava através das portas ornamentadas de coral do castelo do mar, passando por cardumes de peixes novos para essa água, ela só conseguia pensar em uma coisa.

Como se recuperar.

Ela não tinha magia em terra. Isso ela lembrava. Mas Evie tinha. Ela não tinha visto quando era uma menina, mas agora que a magia corria através de suas próprias veias, era fácil identificar na casa de sua amiga, especialmente com aquela tia peculiar dela.

Oh, que segredo delicioso que Anna teria conhecido. Sempre a amiga leal, ela não teria contado a ninguém.

Magia existia, mas era ilegal. Um perigo para o equilíbrio e a ordem das coisas —pelo menos aos olhos dos Øldenburgs.

O que tornou a vingança da pequena sereia mais fácil. Óbvio.

Ela usaria a magia de Evie contra ela. Forçá-la a fazer mágica em público. E, melhor ainda, forçar as pessoas com quem ela mais se importava a sacrificar a punição.

Nik era mais complicado. O castigo de Evie iria atormentá-lo, ela sabia, mas não era suficiente. O castigo de Evie seria o começo dele, mas não seria tudo.

E Iker, bem, sua confiança poderia matá — lo antes que qualquer coisa que ela fizesse o tocasse, o imbecil.

Mas antes que qualquer um de seus planos pudesse se formar completamente, ela precisava aprender a subir. Ela conhecia as histórias de — sua — mãe. Ela também já foi humana — uma bruxa que eles tentaram afogar na costa de Hirtshals.

Mas o pai — o rei do mar, não seu pai verdadeiro — chegara primeiro a ela. Fez dela sua rainha. Ele disse que foi algo que ele nunca conseguiu fazer antes e que não tinha feito desde então.

Ele mentiu.

Eles todos mentiram.

O que significava que havia mais segredos. E ela sabia exatamente onde procurar.

No dia em que suas irmãs completaram quinze anos, o rei do mar fez um grande espetáculo sobre como escrever seus nomes no grande livro de contabilidade que ele mantinha em sua mesa — a lista oficial do reino de todos os personagens que podiam ir ao topo. O rei do mar governou com ordem e regulamentos como forma de proteger seu povo da descoberta.

A profundidade era sua rede de segurança e, até agora, funcionara.

Ele anotou todas as transações mágicas. Assim, se houvesse uma maneira de obter vantagem, era provável que ele tivesse registrado.

E assim, com o cheiro de Nik ainda em sua pele, a pequena sereia retornou ao castelo e imediatamente entrou nos aposentos do pai. Ele mantinha seus papéis de negócios em uma sala particular, uma com vista para o grande recife abaixo, as milhões de cores de seu reino mudando à luz do oceano.

Seus roncos saíam do quarto. Ela não sabia como ele conseguia dormir tão profundamente. Não só porque ele mentiu, mas por causa do caos que tomava conta de suas águas. Magia tinha perturbado o curso natural das coisas. Um feitiço de abundância estava empurrando criaturas distantes em seus mares, criaturas que devoravam os escassos recursos já corroídos por uma doença estranha que atacara as águas há apenas alguns anos. A praga negra, eles diziam. A maioria acreditava que também tinha sido magia.

Mas a pequena sereia sabia que logo os problemas do mar não seriam mais dela.

Passando silenciosamente pelas imensas estantes de livros do rei do mar, a pequena sereia puxou — se com força para sua grande escrivaninha. Com dedos hábeis, ela abriu o livro e consultou quatro anos antes.

Não fazia quinze anos naquele dia, então não havia nome. Apenas algumas inscrições do rei do mar sobre as atividades mágicas regulamentadas daquele dia. Na linha de fundo daquele dia, escrita tão claramente que a chocou, estava seu nascimento.

Annemette se juntou a nós neste dia, seu décimo primeiro aniversário. Suas irmãs e eu a trouxemos para o reino com a mesma magia que me trouxe Mette. Pela primeira vez em trinta anos, esse feitiço encontrou sucesso.

Se isso foi escrito, por que eles mentiram? A verdade estava lá e todos no reino sabiam disso. Por que eles não disseram a ela?

Assim que a fúria começou novamente a subir em sua espinha, a pequena sereia percebeu exatamente por que eles mentiram para o rosto dela.

Eles sabiam que eu iria querer voltar.

Então, há um caminho de volta. Tem que haver.

Ela pulou para a frente, parando para qualquer entrada mais longa, esperando por detalhes de como ele tinha feito isso.

Mas ela não encontrou nada. Apenas página após página de negócios monótonos — derrubar um navio, o registro é de vinte e dois homens, cinco barris de petróleo, dezessete barris de vinho e dez paletes de seda.

A pequena sereia atormentou sua mente por um palpite melhor. Qualquer palpite.

Um tiro no escuro: ela virou as páginas para trinta anos antes, procurando a entrada que marcava o — nascimento — da rainha morta, Mette.

Ela encontrou a passagem datada de 17 de fevereiro de 1833 — uma época terrível para afogar alguém. A hipotermia poderia tê-la matado antes que a água exigisse seus pulmões. Na entrada de três páginas, o rei do mar continuou falando sobre como a magia que

ele usou para salvar Mette havia funcionado, mas quase o matou, deixando — o tão fraco que mal conseguia segurar uma pena com tinta para documentar tudo. A magia tinha sido de fato uma troca típica — ele perguntou e ele recebeu — mas o pedágio era tão grande que ele quase morreu.

E em sua fraqueza e crescente amor, ele disse a Mette como ela se tornou uma sereia. Ele queria que a bela estranha reconhecesse sua despesa pessoal por tê-la salvado — talvez isso a fizesse amá-lo também. Em vez disso, sua admissão iniciou uma inundação de memórias — memórias que a deixaram ansiosa para voltar imediatamente.

Ela foi uma bruxa. Ela conhecia a magia acima. E ele sabia magia abaixo.

E porque ele já a amava, ele disse que ela poderia ir.

O coração da pequena sereia começou a bater forte. Com os dedos tremendo, ela virou as páginas.

Finalmente, depois de longos parágrafos documentando semanas da recuperação do rei, ela encontrou o que queria.

Hoje a rainha Mette começou a testar um feitiço para trazer sereias para aterrissar em forma humana. Nas semanas anteriores, a rainha fizera testes com súditos leais, mas não conseguiu enviá-los para o lado de cima, enquanto a magia se estendia, esgotando — a e atormentando — os, apesar de todo o seu conhecimento das formas de troca mágica. Mas esta manhã, ela teve uma epifania.

Este feitiço é diferente de qualquer outro. A magia precisa de ajuda — a energia que ela usa é muito grande e mortal de outra forma.

Apenas uma vida adicionada à troca preencherá o vazio. Eu era forte o suficiente para salvá-la sem me sacrificar — e o amor pode ter me ajudado —, mas outra tentativa poderia me matar. O que significa que para ir acima, ela precisa tirar uma vida — uma vida humana.

Não houve entradas por três dias.

E, depois disso, nenhuma entrada sobre isso. A pequena sereia olhou à frente.

Mais de um ano depois, uma nova entrada com escrita instável.

Uma tempestade trouxe um homem em nosso caminho hoje. Mette viu sua oportunidade – embora ela tivesse vindo me amar, ela sentia falta de casa. Ela queria tentar o feitiço.

Minha rainha não conseguiu matar um humano. Mas a vida deste homem acabou. Colocando as mãos sobre ele, ela repetiu seu feitiço.

—Lif. Dauði Minn líf. Minn bjóð. Seiðr. Seiðr. Seiðr.

Os olhos do humano se abriram quando seus pulmões se soltaram. Sua pele brilhava onde ela o tocava, e logo o brilho era brilhante o suficiente para que eu não visse nenhum deles.

Num piscar de olhos, a luz se foi, o homem estava completamente morto e lá estava Mette, assim como eu a encontrara – com pernas e pulmões, lutando por ar. Eu nadei na parte de cima dela, encontrei um pedaço do barco quebrado do humano e depois a joguei na praia mais próxima. Não tenho certeza de quanto tempo a magia vai durar, ou o que vai acontecer quando acabar. Ou se alguma vez a recuperar. Mette está à caça de uma bruxa para ajudar. Ela sabe de uma poderosa em Havnestad – alguém que manterá nosso segredo.

Eu temo que vou perdê-la. Temo que nosso povo sofra.

A pequena sereia virou a página. Nada.

Ela virou a página novamente. Nada. O rei do mar deve ter passado dias esperando por sua rainha para retornar. A pequena sereia sabia que ela tinha, pois ela era a verdadeira mãe das meninas que ela mesma chamava irmãs.

No quarto dia, uma nova entrada.

Eu ouvi da minha querida Mette! A bruxa de Havnestad deu a ela quatro dias no máximo. Depois disso, eu precisaria mudá-la de volta para uma sereia ou ela estaria perdida para o mar e a terra. Eu disse a ela que estava fraco demais. Que eu não poderia, mas a bruxa simplesmente sorriu e me disse que eu subestimei o efeito do amor na minha magia. Mette não me amou quando eu a transformei pela primeira vez, mas ela me amava agora. E isso fazia toda a diferença.

A pequena sereia desnatou o resto. Deveria haver uma maneira de manter as pernas por mais de quatro dias. Não poderia ser isso. Se

ela tivesse que matar um homem, ela precisava saber que poderia ficar na terra para sempre.

Ela saltou à frente. Nada. Nada em qualquer lugar.

Frustrada, ela fechou o livro, tomando cuidado para não deixá-lo bater, embora quisesse batê-lo. Ela queria jogá-lo através do quarto. Ela levantou o braço para fazer exatamente isso quando viu a estante da rainha no meio do caminho. Ela pulou para a prateleira. Manuseado pelas espinhas. E parou quando viu o que queria. O diário da rainha.

Com o coração batendo, ela virou para aquele ano. Para aquele dia. O dia em que a rainha retornou com a ajuda do rei do mar.

A rainha escreveu que sabia o que seria necessário para permanecer em terra. O amor não era apenas a resposta para retornar; era a resposta para ficar. O verdadeiro amor quebraria a magia, a bruxa dissera.

Mas o mesmo aconteceria com outra coisa —a morte. Um sacrifício tão digno que faria a magia se levantar e ouvir tempo suficiente para criar uma vida humana.

Estava bem ali no roteiro de looping de Mette. A resposta para a busca da pequena sereia. Uma maneira de recuperar a vida e a vingança perfeita.



O salão de baile está cheio de alegria. Além das portas, um mar de pessoas — jovens e velhas, de Havnestad e não — se aproximavam, seus risos e gritos de alegria aumentam o zumbido geral quando a banda do rei faz um gingado animado no canto.

Pela primeira vez, Nik não está com os músicos, roubando seus instrumentos e o show. Hoje à noite, ele faz isso da pista de dança.

Rei Asger acabou de terminar um discurso — um que ele não impingiu a Nik — e pega a mão da rainha Charlotte. — E agora, a primeira dança.

Nik dá um passo à frente, alinhado com seus pais. O peso da sala está sobre ele quando uma melodia de alto — desempenho é iniciada. Wilhelm van Horn, pai de Ruyven, fica em frente à orquestra como locutor oficial do rei. Ele lê de um pergaminho, estampado com o selo do rei. Tudo isso é tão formal, tão diferente de nós. Um príncipe de idade é um assunto sério.

Wilhelm limpa a garganta. — O príncipe herdeiro Asger Niklas Bryniulf Øldenburg III convida para sua primeira dança... — A bateria chuta por um minuto. Annemette agarra minha mão. — Baronesa Annemette de Odense.

Eu aperto os dedos de Annemette antes que ela entre em um mar de aplausos. Todos os olhos da sala estão sobre ela, esta linda criatura. Fru Liesel está proclamando em voz alta em algum lugar atrás de mim: — Minha Anneke, minha Anneke.

Annemette faz uma reverência graciosa. A rainha parece satisfeita. O rei também. Nik parece um pouco envergonhado, com as orelhas vermelhas. Ele olha para mim, mas não tenho certeza de como ele consegue tirar os olhos dela. Ela é o sol e o resto de nós são estrelas comuns.

Ela desliza em direção a Nik. Ele estende a mão e toma a dela e eles ficam de lado, uma imagem quase idêntica aos monarcas ao lado deles. Uma geração e depois a seguinte. Meu coração se arrepia. Depois desse dia exaustivo e decepcionante, podemos ter um final feliz. Para todos nós.

Iker avança em seguida. Meu coração palpitante começa a bater, vibrando como um trilho de trem sob um trem que se aproxima.

Esse é o momento.

Wilhelm pigarreia mais uma vez. Eu já posso sentir os olhos se fixando na minha silhueta.

— O príncipe herdeiro Christian Olaf Iker Navarre Øldenburg convida para sua primeira dança... — A bateria começa, e eu não posso separá-los dos meus próprios batimentos cardíacos. — Baronesa Oda de Kalø.

Meu coração pula uma batida.

Quem?

Iker estende o braço na direção de uma estranha loira.

A garota se aproxima, as mulheres ao seu redor congeladas de excitação. Iker não olha mais do meu jeito. Ele observa a garota como se ela fosse um pônei premiado, andando para a frente. A rainha parece satisfeita. Tão satisfeita. Pela primeira vez, o príncipe trapaceiro fez seu lance.

Minhas bochechas queimam enquanto meu coração e sangue esfriam com estagnação. Eu deveria saber o tempo todo. Iker nunca poderia dançar comigo aqui. Assim como ele nunca poderá dançar comigo em Rigeby Bay ou em qualquer outro lugar. Se a nossa viagem de caça às baleias é real ou não, não será mais do que essas poucas semanas. Eu fecho meus olhos e deixo a onda de vergonha passar por mim.

Quando eu os abro, o rosto presunçoso de Malvina brilha diante do meu, como se houvesse um holofote sobre ela do outro lado da sala. Isso é o que pessoas como ela têm esperado desde que Nik, Iker e eu nos tornamos amigos — minha ambição caiu na frente de todos eles.

E aqui estamos.

Eu sou tão ruim quanto as pessoas da cidade dizem que eu sou. Sempre esperando algo desses príncipes, quer eu mereça ou não. Nik solta a mão de Annemette e dá um passo à frente. Como se ele pudesse me salvar. Mas eu encontro seus olhos e espero que nossa linguagem especial cubra a distância e o peso de tantos olhos.

Meu coração está partido, mas o dele é mais importante neste momento. Esses próximos momentos podem significar vida ou morte.

Ainda Nik ainda está chegando para mim, até que Annemette agarra sua mão e sussurra algo em seu ouvido. Ele imediatamente se move de volta na linha, seus olhos a meia distância.

Quando a música começa e a dança começa oficialmente, tudo que eu quero fazer é fugir, mas estou presa, forçado a assistir os três casais reais, um sorriso falso emplastrado no meu rosto.

A coroa de Nik é um farol no centro, todos os outros flutuando ao redor dele. O sorriso em seu rosto é inevitável, a coisa mais brilhante na sala. Mais brilhante que os diamantes da rainha. Mais brilhante que a coroa de safira do rei.

As longas ondas de Annemette se movem ao redor, balançando a cada giro, um lampejo de loiro amanteigado movendo — se num clipe feliz sobre o mármore incrustado.

Muitos dos moradores da cidade mais velhos se penduram na pista de dança com mais entusiasmo do que os jovens, ficando perto o suficiente para absorver o amor jovem em sua forma mais encantadora.

A música termina, e cada casal faz uma reverência antes que outros casais invadam o chão, batendo palmas enquanto uma nova música começa. A realeza é engolida pela multidão, quase todo mundo dançando. Eu afundo mais no fundo, finalmente me

estabelecendo em uma cadeira empurrada contra a parede. Quase imediatamente, há uma mão no meu ombro.

— Eu não dei ao locutor o nome dessa garota. — A voz de Iker é baixa e silenciosa. Tenso. — Por favor, dance comigo. Por favor, Evelyn.

— Eu —

Ele pega minha mão em ambas as suas. — Deixe — me corrigir isso. Por favor. Aquela garota não significa nada para mim.

A garota loira não está em lugar nenhum. Ela não está pendurada no ombro dele. Ela não está em lugar nenhum. Sua demissão após uma música deve ter sido mais do que decepcionante.

Eu cometi o erro de olhar em seus olhos. Ele me pareceu tão profundamente sincero quanto qualquer magiaa que eu já conheci, usando memórias tanto quanto o presente. Mas eu não posso dançar com ele. O embaraço da rejeição duplicará se os habitantes da cidade virem isso como uma dança de pena. Eu sacudo minha cabeça.

— Por favor. — Ele implora. — Eu não suporto dançar com nenhuma dessas garotas. Eu preciso de você, Evie. Só você.

Eu olho em volta para todos curtindo a noite. Dançando, girando, rindo. Por que eu não deveria ter isso? Deixe — os falar.

Finalmente, eu aceno, e ele me puxa para cima e coloca uma mão na minha cintura. Minha mão se encaixa perfeitamente na outra palma dele. Como se fosse para estar lá. A banda toca em um clipe arrebatador, e nós fazemos o nosso caminho para o chão. Sinto como se o mundo inteiro tivesse desaparecido e apenas Iker e eu ficássemos sozinhos, pressionados juntos em uma maré invisível e turbulenta.

— Minha tia deve ter colocado o nome daquela garota no pergaminho. — Iker sussurra em meu ouvido. — Tem que ser. O seu foi o que eu pedi.

Eu quero acreditar nele. Eu acredito. Mas eu conheço sua reputação. Seus hábitos. E em algum lugar no fundo do meu estômago eu me pergunto se ele e aquela garota se conheceram antes. Ele não olhou na minha direção quando o nome dela foi chamado. Não é como o Nik. Iker apenas olhou para ela — como se ele a conhecesse.

— Por favor, Evie. — Iker se inclina para trás para que eu possa vislumbrar seu rosto enquanto varremos o tráfego na pista de dança. A tensão em sua voz atingiu seus olhos.

— Iker, tudo bem. — Eu digo. Mesmo que não esteja.

Ele me gira passando pelo rei e se esquiva de Malvina e Ruyven. Passamos por Nik e Annemette, e uma pontada de magia atira no meu sangue. Eu me pergunto se Annemette usou um feitiço para impedir que seus pés tropeçassem. Por toda a sua graça, mesmo depois de uma hora de prática, suas pernas não estavam fazendo o que ela queria, sua exaustão era muito grande.

Iker segue meus olhos. — O quê? —, Pergunta ele.

Não há muito que eu possa dizer com o que ele concordará.

— Nik e Annemette — eles são assim... isso é só isso...

— Questionável?

Essa não era a palavra que eu estava pensando. O espectro de sua raiva no navio aumenta. Eu não o vi tomar um gole de leite hoje à noite, mas seus verdadeiros sentimentos estão em exibição naquela única palavra. Eu sorrio, esperando que isso amoleça a borda do olho dele. — Romântico. Essa foi a palavra que eu estava indo. Romântico.

Iker ri, atrevido, em seu caminho. As poucas cabeças que não assistiram ao nosso drama se desdobram no som, e ele faz uma demonstração de arrancar um cacho rebelde do meu rosto antes de se inclinar para trás para sussurrar em meu ouvido. — Não há uma única porcentagem de romance real nesse relacionamento. — Sua voz é leve, mas sei que ele não está brincando.

— Você já viu? — Eu atiro de volta, minha voz tão alegre quanto possível, embora haja irritação rastejando em meu coração. Por que ele não aceita que Annemette poderia deixar Nik feliz — que todos nós poderíamos ser incrivelmente felizes?

— Evie, você é tão brilhante quanto bonita, forte e digna de um navio; sua sagacidade é uma maravilha... mas... — E meu coração cai aqui, agravado pelo fato de que parece que seus olhos estão vendo através de mim. — todo esse tempo com Nik, e você ainda não entende que o dever real é dever do povo? Nós estamos andando em círculos — aqueles que podem dançar e cantar e executar. Fazemos

essas coisas para o nosso povo, quer queiramos ou não — os círculos não têm escolha.

Nós giramos em outro círculo, e ele se move para o outro lado do meu rosto, pressionando sua bochecha na minha. — Aquele romance que você vê está apenas passando. Não pode ficar — a coroa não permite isso.

E assim, Iker confirma tudo o que eu sabia o tempo todo. Ele pode estar com raiva de Annemette, mas suas mesmas regras se aplicam a mim. Tem estado lá embaixo da superfície o tempo todo em que estivemos juntos. E em cada chance que eu tive que ir embora, eu voluntariamente me enganei em negação, seus sorrisos ou promessas mudando minha mente.

Mas o mais cruel é que ele acha que eu deveria aceitar isso, e é por isso que as palavras caem de sua boca como se fossem uma frase passageira. Ele pode me implorar para dançar, para ir embora com ele, estar ao seu alcance e chamar, seja dele... um brinquedo. E eu devo aceitar isso porque ele tem responsabilidade, ele tem seu dever? Não.

Eu quero me libertar, mas nós estamos girando, uma vez após a outra, enquanto suas palavras dolorosas giram ao meu redor. Seu aperto é tão forte.

— Você não vê como ela é excepcionalmente perigosa, Evie? — Iker continua.

— Não há nada perigoso sobre o amor, Iker — Digo, as palavras acaloradas soando frias.

— Tudo sobre amor é perigoso. Quando olho para Annemette, vejo uma pessoa que não conheço e que tem um interesse incrível em meu primo. Considerando seu status, suas responsabilidades e seu coração, isso não é inocente. É predatório.

Predatório? Talvez apenas no sentido mais simples: Annemette precisa conquistar o amor de Nik para ficar. Mas considerando que ela investiu sua vida nisso, considerando que minha magia é segura, considerando que ela pertence aqui — eu sei que no fundo ela é uma de nós — predatória é a palavra errada.

O destino é o caminho certo.

Isso é o destino. É o destino para isso ter sucesso. Para o nosso mundo ser corrigido novamente.

— E você me vê como uma predadora? — Eu finalmente pergunto. — Sou uma garota sem título. Mas eu queria estar com você.

Com isso ele sorri, e pela primeira vez não tenho certeza se é para mim ou para os casais que nos rodeiam, girando sobre o mármore. Iker como um símbolo — o príncipe encantado. O papel dele.

— Claro que não, porque eu perguntei a você. E eu sei que você, de todas as pessoas, vê como isso funciona.

Ele tem razão. Eu sempre tive. E sob a luz das centenas de velas decorando os candelabros acima, não há mais espaços escuros para esconder essa realidade.

E assim como eu nunca posso realmente estar com Iker, Nik nunca pode estar verdadeiramente com Annemette. Quando ele descobrir que ela não é realmente nobreza, vai acabar, e não importa se ele descobrir o que ela realmente é. Se ela fosse verdadeiramente Anna, talvez. Talvez. Mas Anna está morta e nenhum feitiço pode consertar isso. Eu não sei o que eu estava pensando, pedindo a Annemette para acreditar que Nik lutaria por ela. Que ele seria capaz de desafiar a rainha. Eu acho que eu só queria acreditar por ela tanto quanto eu queria acreditar por mim mesma.

Eu os procuro, girando no centro da sala. Embora ela só precise de um beijo de amor verdadeiro, e não uma proposta de casamento, eu me preocupo que Nik nunca se deixe dar um sem o outro.

Eu tento pegar o olho de Annemette. Nós devemos ir. Eu posso fazer meu feitiço e ela pode ficar, e nós podemos ser amigas. Um novo amor acabará por encontrar cada uma de nós. Mas em vez disso, eu pego Nik. Por alguma razão, ele quebra o ritmo e leva Annemette à nossa maneira, cortando os casais, contra a melodia.

— Primo, como está a dança? — Iker os cumprimenta, tão alegre como sempre.

— Magnífica. — Nik responde. — Embora eu me perguntasse se poderíamos trocar de parceiro por uma música.

Ele não dá uma razão. Apenas encontra meus olhos novamente. O mesmo peso está em suas profundezas marrom — escuras como quando meu nome não foi chamado.

Meu estômago floresce com o calor durante o mais curto dos momentos antes de um som minúsculo de Annemette interromper o aperto que Nik tem em mim. Eu me recomponho e olho para ela. Cor correu para suas bochechas, seus lábios corados se abriram — é claro que a última coisa no mundo que ela quer é o tempo com Iker.

— É tão inútil. — Diz ela, soluçando no ar.

Ela recolhe suas saias e ombros passando por nós, em direção à varanda. Em direção a privacidade para lágrimas que não virão.

Sem pensar duas vezes, eu corro atrás dela.

Quatro dias antes



A pequena sereia sabia que ela não seria tão sortuda quanto sua rainha homônima. Ela sabia que a morte de outro era a única maneira de recuperar sua alma.

A única maneira de ficar.

O amor não era uma opção. Não para ela. Não com o ódio crescendo a cada momento em seu coração. Seu ódio havia se replicado até que não houvesse espaço para outra emoção. Tornou-se seu sangue e respiração e carne e osso. Isso a envolveu, a pressão se enchendo sem liberação. Se ela pudesse chorar, ela sabia que suas lágrimas transbordariam o mar. Destrua tudo em seu caminho. Lave as costas do mundo de uma só vez.

Ela queria a destruição – não apenas do mundo acima, mas do mundo abaixo.

Todos os envolvidos em tirá-la da vida que ela amava mereciam punição. Ela iria arruiná-los. Todos eles.

Ela tinha um plano de vingança – em Nik, em Evie, até mesmo na realeza do mar.

E o primeiro passo estava bem diante dela.

Ela perseguiu a costa de Havnestad nos dias desde sua descoberta, esperando por sua chance. Sua família achava que ela deixava o castelo muitas vezes porque estava nervosa por subir pela primeira vez – que precisava nadar para clarear sua mente. Ela os deixou pensar isso.

Na manhã de seu suposto aniversário, sua família a viu com canções e alegria. Galia, a irmã mais próxima a ela, ofereceu — se para acompanhá — la pelo bem da companhia. A pequena sereia disse que não, ela faria sozinha. Galia não empurrou.

E então ela estava livre.

A pequena sereia foi até Havnestad Harbor, procurando por navios em movimento. Corpos fáceis de arrebatam. Não era uma questão de tirar uma vida. Ela sabia que poderia fazer isso. Era uma questão de não tomar muitos.

Ela espiou Evie no cais naquela manhã, magia no rastro da garota, como perfume seguindo um nobre vestido de seda e renda.

A sereia se livrou disso. Ela precisava que Evie estivesse viva para que isso funcionasse.

Mas o pai de Evie... Ela observou o homem preparar seu navio, pronto para navegar. E ela pensou que poderia ser a resposta — algo mais para causar dor a Evie — mas então ela viu uma opção melhor.

Iker.

Iker, que estava beijando Evie a céu aberto. Como se ela não fosse uma camponesa. Como se ela tivesse uma chance.

A morte iria encontrá — lo poderia ser mais doloroso para Evie do que a morte para encontrar seu pai — o amor era estranho assim.

Foi Iker que impediu Nik de alcançá — la no dia em que ela se afogou. Ele foi a morte dela.

E ela seria dele.

A pequena sereia seguiu — o a bordo do mesmo navio que ela havia percorrido naquela noite — aquele com as pequenas janelas. Seu pequeno navio estava sendo consertado. Era simples ficar na esteira do grande navio, seguindo pelo Estreito de Oresund e subindo a Jutlândia, esperando sua chance.

O segundo dia chegou.

O navio atracou na ilha de Kalø. Não havia muito além de um castelo em ruínas, ela sabia. Por que uma pescaria vai parar aqui?

Mas logo ela entendeu o porquê.

Uma menina embarcou, seu acompanhante e atendentes seguindo, carregando vários baús. As memórias da pequena sereia estavam cheias de sua própria família nobre e parentes — ela sabia

que esta era a filha de uma casa alta. Ela sabia que os baús estariam cheios de roupas, algo que ela precisaria quando chegasse a terra, quando ela estaria muito fraca em sua transformação para lançar a sua própria.

A moça elegante conheceu Iker da mesma maneira que Evie o abandonara —com um sorriso e um beijo. Apenas um doce na bochecha, mas um beijo mesmo assim. Eles se conheciam. O príncipe playboy, fazendo jus à sua reputação.

A moça elegante o deixou para descer, olhando para trás como se esperasse que ele o seguisse. Ele não —e a sereia se perguntou se Evie realmente teria uma chance. Em vez disso, Iker orientou seus homens a levantar âncora.

A sereia esperou. Pensou em usar seus poderes para provocar mais uma tempestade. Ela esperava que Iker ficasse bêbado. Oscilações muito perto do trilho. Torne isso fácil para ela.

E assim que ela perdeu a esperança, uma idéia melhor surgiu.

O beijo de Iker significou alguma coisa. Mesmo que ele não seguisse a garota abaixo. Isso significava que ele seria capaz de ferir Evie mais viva do que morta.

E Evie merecia dor.

Iker pagaria depois.

A pequena sereia roubou um baú. Ela poupou o capitão do navio, por enquanto. Então ela partiu para encontrar o pai de Evie.



Eu sigo o Annemette para fora na varanda e puxo — a para me encarar. Ela parece prestes a se transformar em soluços sem lágrimas. Eu aperto suas mãos. Estamos perto o suficiente agora que nossos colares de pérolas pegam o mesmo brilho de lanterna, e eles se acendem como faróis gêmeos durante a noite.

— Por favor, Evie. Vá. Deixe — me ter essa paz.

Eu não vou. Ela sabe que eu não vou.

A distância e os sussurros não nos garantem privacidade, mas são o melhor que posso fazer. Eu mantenho minha voz tranquila, mas confiante. — Lembre — se, eu tenho um plano.

Annemette tira as mãos das minhas e as pressiona contra o rosto. — É inútil! Nem você nem eu temos magia poderosa o suficiente para afastar o que está por vir. Apenas vá!

Minhas palavras são quase inaudíveis. — Eu sou forte o suficiente. — Eu digo, as palavras saindo fortes e claras. — Por favor acredite em mim.

Ela soluça e ri. — Você é tão ridiculamente teimosa. — Annemette bate nos olhos, mas não continua. Eu tomo seu silêncio como um convite.

— Você sabe que mágica é permuta — apesar de quão diferentes nós somos, nós duas sabemos disso. Magia com o mar não é diferente. Nós damos para o mar, ele retorna para pousar em espécie.

— Annemette não diz nada, seus traços se fecham, tentando entender

isso. Eu silenciosamente me apresso com mais de uma explicação.

— Eu testei isso. Eu sei que a minha magia é rígida e é um livro aprendido, mas está certa. E hoje à noite, na última noite do festival de Urda, nossa magia é forte. Mais forte que qualquer noite do ano. Você não sente isso? — Eu toco meu colar de pérolas, cuja pulsação cresceu com o passar dos dias. — Estamos em um com Urda; somos equilibrados, e é disso que trata a magia — equilibrando nosso poder interno com as forças ao nosso redor, dando e recebendo. É o caminho de Urda, e ela e o mar precisam de coisas assim. Eles levaram Anna...

— Eu não sou Anna. — Diz Annemette claramente, claramente irritada. — Se você continuar acreditando, o que você planejou não vai funcionar!

Eu sacudo minha cabeça. — Eu sei que você não se lembra. Talvez você nunca vá, mas isso é algo que eu posso sentir. Eu posso sentir Anna dentro de você. Mas isso não importa, Annemette — eu me importo com você assim como você é. Nossa amizade pode ser muito mais do que a minha com a de Anna. Você e eu somos iguais!

— Olha — Prossigo, tentando manter minha voz o mais firme possível. — O mar tirou Anna de mim há quatro anos. E mesmo que essa menina viva apenas como uma lembrança em você, o mar levou sua alma. Você não guardou. — Neste Annemette recua. — E é disso que você precisa para sobreviver. A alma de Anna é uma parte da troca. O mar nos tirou e agora me deve — uma alma em troca.

Mas ela não considera uma palavra do que eu digo. Ela só se vira e levanta a voz, e percebo que os dois príncipes nos seguiram — o que eles ouviram, eu não sei.

— Eu devo sair hoje à noite, Nik. — Diz ela.

Nik olha para mim, mas depois volta sua atenção para Annemette, dando um passo na direção dela. — Agora? Mas o baile ainda não acabou. — Nik diz, tristeza em sua voz. Atrás dele, Iker ergue uma sobrancelha.

— Eu tenho que ir. Eu sinto muito.

Nik está prestes a dizer mais, mas Iker invade a conversa, dando alguns passos até que ele esteja acima de nós dois.

— Eu não tinha conhecimento de um trem da meia — noite para Odense, e nenhuma carruagem vai te levar tão longe. Certamente você não vai andar.

Nik lança Iker um olhar de advertência, mas não diz uma palavra. Em vez disso, ele pega as duas mãos de Annemette.

— Se você precisa ir, então vá. Compreendo.

— Então, você vai desaparecer no meio da noite? Que plano! — Os olhos de Iker brilham e ele se afasta da parede. — Quebre seu coração, mas não seu espírito, volte em alguns meses e ele ficará tão feliz, ele simplesmente se jogará em você — título e tudo? Pena que você falhou no primeiro passo...

— Chega, Iker! Se ela precisar sair, ela precisa sair! — Grita Nik. Eu não sei porque Nik não é suspeito também, mas eu tenho a sensação de que é porque ele confia em mim. E confio em Annemette.

— Eu realmente tenho que ir. — Diz Annemette, correndo para o lado de Nik. — Eu sinto muito. — Ela se move para beijá-lo na bochecha, quando Iker a agarra pelo braço.

— Bruxas são criaturas da noite. É isso, não é? Seu caldeirão está prestes a ferver? Você tem sapos que precisam fervendo? Infusões para engarrafar?

— Iker! — Nik grita e empurra — o para longe dela.

Mas Iker continua indo, se tornando cada vez mais um monstro do que o homem que eu amo. — Ou é simplesmente que sua vassoura chegou e você não deve deixar seu meio de transporte favorito esperando?

A calma de Annemette se abre, seus dentes à luz da lua. — Eu não sou uma bruxa, seu boi!

— Então o que você é? Uma fada? Um fantasma? Ou talvez apenas uma vigarista, como Evie sugeriu uma vez. Lixo estrangeiro encontrando uma marca fácil em nosso Nik. — Os dentes de Iker estão cerrados naquele sorriso feroz enquanto ele torce a faca.

Eu me seguro no antebraço de Iker, e Nik se move protetoramente na frente de Annemette, mas nenhum de nós pode parar o ímpeto de Iker.

— Quantos rapazes solitários se apaixonaram pelos seus truques? Cinco? Dez? Vinte? Seja qual for o número, tenho

certeza de que este aqui faria a pena em seu pequeno chapéu pontudo. Ele definitivamente tem ouro suficiente para se aposentar.

— Pare! — Nik empurra Iker para longe, e embora Iker mal se mexa, eu perco meu aperto sobre ele e tropeço na mesa.

Iker se mantém firme, mas estende a mão para me levantar. Seus olhos brilham para Nik. — Olha o que a bruxa fez você fazer. — Eu empurro a mão dele e fico de pé.

— Ela não é uma bruxa. — Eu digo.

— Eu não sou. — A voz de Annemette é firme. Ela acabou de recuar. — E eu devo ir.

— Ele não merece saber por quê? — Diz Iker, apontando para Nik.

— O homem que você tem se jogado por amor por três dias seguidos? Se você não está saindo no meio do maior baile de Havnestad para fins nefastos, certamente você pode dizer a ele o motivo. Pelo menos dê ao homem isso.

Annemette não olha para Iker. Não olha para mim. Ou até Nik. Ela apenas gira para a porta. Os garotos congelam em choque — os dois não acostumados a não receber uma resposta para suas perguntas — mas eu começo a andar, correndo atrás dela, pegando sua mão antes que ela abra as portas francesas.

— Evie, é quase meia — noite! Me deixar ir. Não há nada que você possa fazer. Nada Nik pode fazer!

Mas eu não vou deixar ela morrer assim, e eu seguro o braço dela com força. Em sua luta, Annemette se vira o suficiente para que eu possa olhá-la nos olhos. — Se você não me deixar ajudar, diga a ele o que você fez. Ele vai entender. Talvez ele te ama e só precisa de um empurrão. Não vale a pena uma chance? Diga à ele —

— Diga — me o que? — Nik pergunta atrás de mim.

Annemette fecha os lábios e balança a cabeça enquanto tenta se afastar do meu aperto.

Ele coloca a mão no meu ombro. — Evie, o que é isso?

Annemette me chama a atenção, implorando.

— Eu não vou deixar você, Annemette. Eu não vou. — Eu choro. Sua respiração engata, mas eu sou forte e sei que isso está certo. Eu

levanto a minha voz apenas o suficiente para que os meninos possam ouvir, mas ninguém além da varanda.

— Ela é uma sereia. — Eu me viro para Nik. — Ela salvou você no seu aniversário — arrastou você do mar.

O choque se registra em seu rosto enquanto seus olhos se encontram com os de Annemette.

Iker solta uma gargalhada. — Claro que ela é. E eu sou o fantasma de Leif Erikson.

Eu seguro seus olhos sorridentes. — Não, eu a vi. Antes que você subisse na parede de pedra. Ela estava em terra com ele. Ela era —

— Cantando... — Um sorriso toca os lábios de Nik quando ele diz isso. Um sorriso só para Annemette, cuja expressão só mostra uma raiva crescente. — Você estava cantando. Eu pensei que era Evie, mas ela não canta. Foi você.

— Eu não posso acreditar que você fez isso —, Annemette rosna para mim. — Nós tínhamos um acordo.

Meu estômago afunda, minha traição rasgando minhas entranhas.

— Annemette, não! — Eu grito, mas a fúria brilha em seus olhos quando ela se vira para os meninos. — Eu sou uma sereia, é verdade. Mas Evie... Evie é uma bruxa! Sua tia é uma bruxa! Sua mãe era uma bruxa! Ela faz magia todos os dias debaixo dos seus orgulhosos narizes Øldenburg!

Ela arranca minhas mãos com um empurrão que me manda para o chão.

Nik está olhando para mim, seu rosto em estado de choque total. — Uma bruxa, Evie?

Mas antes que eu possa responder, Iker se move na minha frente. Meu Iker Iker forte, protetor, teimoso e leal. O olhar em seu rosto é um que eu nunca conheci. Então, sem mais que uma pausa, ele mostra os dentes e grita: — Guardas!

Quatro dias antes



O navio pertencente ao pescador real do reino soberano de Havnestad foi fácil de encontrar. Logo acima de Østerby Havn – longe o suficiente do Estreito de Oresund para avistar as melhores baleias, mas perto o suficiente para que o capitão do navio voltasse para Havnestad na última noite de Lithasblot.

O sol estava acabando, o crepúsculo se aproximando tarde, como de costume para uma noite de verão tão ao norte. Apesar da hora, houve uma onda de atividade a bordo do Pequena Greta, a equipe limpando após um longo dia. O pai de Evie também estava se mudando, não deixando o trabalho para sua tripulação – em um navio tão pequeno, todos tinham que carregar seu próprio peso, acima de tudo o capitão.

Nas sombras, a pequena sereia considerou o melhor curso de ação.

Ela poderia chamar uma onda grande, como ela teve que reivindicar o peito de roupas agora a arrastando pela água, manteve em reboque com um feitiço simples de encadernar magia. Ou talvez uma tempestade mais poderosa do que a que ela usou para derrubar Nik – destruir o navio e reivindicar toda a tripulação. Mas não, ela queria que Evie sentisse a agonia de seu pai morrer quando outros facilmente sobrevivessem. Uma dor mais aguda, isso.

Ela sabia em primeira mão.

E então, a atenção da pequena sereia pegou uma maneira de conduzir a faca ainda mais. Uma maneira de machucar Evie mais.

Sem um momento de hesitação, ela alcançou a distância, enviando sua magia serpenteando através das profundezas nórdicas.

— Hvalr. Hvalr. Koma Hvalr.

Em pouco tempo, as bordas de seu poder tiveram sucesso, e seu plano começou a se desenrolar, uma gorda baleia piloto vindo em sua direção como uma locomotiva em pista nova.

Quando a baleia chegou, estava com os olhos vidrados sob o comando dela. Mas os marinheiros não veriam isso. Eles não podiam sentir o cheiro de magia — eles só sentiam o cheiro de uma chance em outra captura para Sua Majestade.

Ela olhou o grande animal nos olhos. Sua atração. E prometeu que seria seguro. Então, ela reuniu sua magia novamente.

— Risa, hvalr. Risa.

A baleia fez o que lhe foi ordenado, subindo à superfície como um presente do próprio rei do mar.

A pequena sereia saltou a baleia pela água, dançando em toda a superfície.

Atormentando. Fazendo o truque. Peguem o peixe grande.

A comoção acima foi o suficiente para que ela pudesse captar os sons de homens correndo e gritando do seu lugar abaixo. Sorrindo, ela emergiu à sombra da proa do porto e viu que, sim, o peixe mordera a isca.

Os homens correram em volta, preparando redes, lanças e, otimisticamente, uma enorme faca — um mǫnustingari — para cortar a medula espinhal. Em meio a tudo isso, o pai de Evie fez exatamente o que a pequena sereia esperava.

Ele preparou o arpão. A inovação que Evie criou para uma matança melhor. Eles discutiram isso naquele dia no cais. Ela estava claramente tão orgulhosa. E ele dela.

O orgulho deve sofrer dor, Evie.

Quando a baleia dançou na ponta dos dedos, a pequena sereia chamou uma tempestade com outro fio de seu poder. — Veðr.

A tempestade se acumulou, o vento soprando sobre a tripulação enquanto eles se moviam, ignorando o relâmpago que crepitava no horizonte, suas vistas apenas na captura.

A pequena sereia ficou em posição, observando e esperando enquanto o pai trabalhava na arma de dardos, enfiando o arpão no cano. Transportando — o ao redor, para que ele pudesse mirar a baleia.

Apontando direto para a tempestade.

E naquele momento, o pai atirou na arma de dardos. O arpão explodiu no ar áspero, avançando em direção à baleia, enquanto corria outro pulo. Uma corda arrastava o arpão preso ao suporte da arma, para que fosse mais fácil transportar, a baleia e tudo mais.

Mas não lançaria baleia.

Com uma varredura da mão da pequena sereia, a tempestade desencadeou uma rajada de vento forte o suficiente para mudar o curso do arpão. Ele saltou da água, balançou, passou pela baleia, atravessou o ar, revertendo o curso até que disparou de volta para o convés do navio. Fim mortal apontando de volta o caminho que veio.

Foi tão surpreendente, tão antinatural, que seus reflexos falharam no pai de Evie.

Ele não se mexeu. Não recuou. Nem chorou antes que o arpão o atravessasse no estômago.

Outra onda da mão da pequena sereia, e o arpão empinou descontroladamente, puxando o próprio pai de Evie para o fundo.

A pequena sereia moveu-se então, surgindo abaixo da superfície para pegá-lo antes que sua tripulação recuperasse seu juízo e tentasse puxar seu capitão pela corda da arma.

Ela o puxou da lança, o sangue inundou a água e, ao fazê-lo, abriu os olhos. Ainda não completamente morto, apesar da ferida aberta.

Neles brilhou o menor indício de reconhecimento. Que ele não estava apenas morto, que não estava apenas vendo uma sereia, mas que estava vendo a amiga morta de sua filha antes dele.

— Anna... — Ele disse, sua voz, mas um sussurro e um gorgolejo.

— Sim. — Ela respondeu.

A luz em seus olhos tremeluziu, e a pequena sereia enfiou a mão no cabelo, tirou a faca de coral que ela usara em um pente

decorativo e enfiou – a no peito dele, bem no ponto macio entre as costelas e o esterno, onde perfuraria seu coração.

Mais sangue na água.

A luz deixou seus olhos.

Finalmente, a pequena sereia sentiu um alívio. Apenas uma pequena quantia. Uma migalha não poderia satisfazer tal fome.

Ainda não.

Ela recolheu o cadáver, chamou o baú de roupas que estava flutuando abaixo enquanto trabalhava e nadou o mais rápido que pôde até Havnestad.

A pequena sereia chegou perto da meia – noite, com o coração acelerado depois de tantos quilômetros. Ela imediatamente se abaixou na enseada, colocando seu tronco no raso atrás da grande parede de pedra que dividia a praia, deixando Havnestad cega para sua captura. Ela procuraria mais tarde pelo vestido perfeito e depois jogaria de volta no mar.

Ela voltou para o pai de Evie, a quem ela deixou sob o olhar atento de um gigante polvo preto que fez da enseada sua casa.

– Mais tarde, besta. Ele é meu para começar.

O polvo se afastou em uma nuvem de tinta índigo para uma pequena caverna na rocha. A pequena sereia voltou sua atenção para o homem morto. Sua pele cor de oliva estava tingida de branco e ele começara a inchar.

Ela esperava que o feitiço ainda funcionasse sem que ele acabasse de morrer. Esperava que, porque foi ela quem o matou, ela já possuía o que a magia precisava. Que foi engarrafado dentro dela com seu ódio, pronto para explodir. Pronto para aprovar seu plano.

A pequena sereia pegou – o pelas duas mãos. Fechando os olhos. E pediu sua vida de volta.

– *Líf. Dauði Minn líf. Minn bjóð. Seiðr. Seiðr. Seiðr.*

Um calor encheu – a imediatamente, correndo das pontas dos dedos até a cabeça até o coração, descendo pelo comprimento de sua cauda e barbatana. Ele se espalhou como a boca do vinho de verão que ela roubou com Evie em seu décimo primeiro aniversário. Ele se espalhou como a maneira que Nik a fez sentir naqueles dias, seus olhos escuros iluminando sua alma.

Ela se espalhou como a vida. Líf.

Em um flash e choque de dor, a pequena sereia sabia que uma mudança havia sido feita. Onde uma vez ela teve uma cauda e barbatana, ela agora tinha pernas novamente. Mas ela não tinha sua alma de volta. Ainda não.

Ela largou o pai de Evie e abriu caminho até a superfície, com os braços cansados. E quando ela pegou ar, seus pulmões não conseguiram o suficiente. A noite fresca corria através dela, quente e livre. Derrubando um pouco do ódio que compunha seu tecido. Mas não muito. Havia muita coisa sobrando.

E quando ela encontrou suas pernas nadando, ela espiou uma menina em terra. Deixando a praia para a ponte de degraus de pedras que levam à enseada.

Evie.

Ela sorriu de seu lugar na maré e ajustou o pente em seu cabelo, a ponta da faca escondida entre as ondas úmidas.

Sim, meu plano funcionará.



Estou para fora das portas do palácio e do jardim de tulipas, quente nos calcanhares de Annemette. Eu tirei o comando de Iker e não olhei para trás, mas posso ouvi-los chegando.

— Annemette, por favor! — Eu grito. Eu sei que a traí, mas mesmo que ela me despreze por compartilhar seu segredo, ela não pode negar que fiz isso por amor. Embora sua própria traição tenha sido mais como rancor do que como amor, ela não morde. Na verdade não. Porque tudo que consigo pensar é como posso consertar isso. Eu posso fazer isso. Eu farei.

Se eu puder salvá-la, podemos usar nossa magia para fugir, longe daqui. Dói-me, mas é a única escolha a fazer.

Meus pulmões se levantam para acompanhar meu ritmo, pura adrenalina me impulsionando enquanto corro atrás dela. Eu corro firmemente através de um portal de rochas negras e rígidas e na areia macia da enseada.

A lua brilha pesada aqui, refletindo em todas as superfícies em um brilho perolado. Annemette parou de correr, ajoelhada na areia, a um centímetro da maré ondulante. O fio de ouro de seu vestido prende o luar enquanto seus ombros se levantam em um soluço seco. Ela não está longe de onde resgatou Nik — no lado da praia da enseada, a parede de pedra projetando-se sobre o lado cego.

— Annemette. — Eu chamo hesitante. A areia diminui meu progresso, já inibida pelo meu pesado vestido de baile. Ela não se move — o queixo inclinado para a maré — nem parece me

ouvir. Estou prestes a me repetir quando ela deixar claro que ela sabe que estou lá.

— Vá embora.

— Eu sinto muito. — Eu me estabeleço na areia ao lado dela, deixando mais distância entre nós do que antes. — Eu deixei a esperança tomar conta das minhas palavras. Pensei em dizer que Nik nos ajudaria a satisfazer a magia.

Ela não olha para mim. — Isso não aconteceu. Acabou. Eu acabei.

Nós duas acabamos se não formos agora. — Os guardas estão chegando. Deixe — me ajudá — la, por favor.

Quando ela não responde, eu me movo para ficar de pé. — O mar vai me dar o que eu quero. E eu quero que você fique.

Aqui, ela finalmente olha para mim. O olhar em seus olhos é tudo, mas ela parece aliviada. Eu acho.

Eu entro na água. O mar está fresco e, de imediato, minhas botas, meias, tornozelos e bainha — tudo isso — são de sua autoria. Aterrando — me em seu poder.

Uma sombra cai sobre nós e eu olho para o céu. Outra tempestade repentina engoliu a lua, toda a enseada banhada em uma escuridão prata cintilante — a cortina desenhada antes da magia começar.

Eu medi as nuvens. Há raios à distância. Isso é bom. Vou precisar de toda a energia que posso aproveitar. Meu coração começa a bater quando esse crepitar familiar cintila em minhas veias, me aquecendo dos dedos dos pés até o topo do meu crânio. Eu levanto minhas mãos acima da minha cabeça, sentindo a carga da tempestade na ponta dos meus dedos.

— Evie, pare!

Eu viro. Mas só porque a voz é de Nik.

Ele está de pé na areia, a menos de três metros de nós, toda a elegância tecida em sua jaqueta e a coroa em cima de sua cabeça brilhando intensamente ao luar. Deslocando seu peso, Nik ergue o queixo, sua postura é muito parecida com a que ele usa em aparições públicas. É a sua armadura praticada e reconheço — a num instante.

As próximas palavras não são dele — são da coroa.

— Os guardas estão a caminho. Annemette, se você não for embora de Havnestad antes que eles cheguem, eles a obrigarão a retornar à água. Você é uma ameaça para Havnestad e todos os reinos de Øresund.

Nik acreditou em mim. Ele lembrou. Assim que minhas palavras caíram, ele deve ter visto o resgate dele — a cauda dela.

E isso arruinou Annemette. E eu também.

Não há uma oração dele nos ajudando agora. Mesmo que minha mágica seja capaz de mantê-la aqui, ele não vai querer nada com ela de qualquer maneira. Mas se ele acreditasse na minha verdade sobre ela, ele deveria acreditar na verdade dela sobre mim. E eu sei que ele faz, no fundo. Ele vai querer me proteger, mas ele não pode.

Há botas nos paralelepípedos pretos agora — baque, baque, baque — os guardas do rei Asger se aproximando. Vindo para nós. Os olhos de Annemette voltam para o mar. Seus ombros começam a se levantar novamente, soluços secos se aproximam rapidamente, mas ela se recusa a se mover.

Eu dou uma última olhada para Nik, de pé lá tão régio, tão bom, tão gentil, mas eu já fiz a minha escolha. Eu me viro para Annemette, minha mão estendida. — Levante-se! Vamos lá! Você não quer viver?

Nik corre para mim, sua fachada desmoronando. — Evie, por favor, não faça isso. — Ele pega minha mão, e eu sou puxada para encará-lo tanto pelo desespero de seu movimento quanto pelo olhar em seus olhos. Ele sabe que se ele me ver fazendo mágica — confirmando a acusação de Annemette — então ele não poderá me proteger. Estamos verdadeiramente em lados opostos.

Mas nós temos sido o tempo todo — eu era apenas a única de nós a saber disso.

— Evie, por favor, não faça isso. — Ele repete, e eu quase empurro um dedo em seus lábios para acalmar o tremor lá, apesar da minha frustração.

— Nik, você me forçou a fazer essa mágica. Annemette vai morrer se eu não fizer isso, eu choro. — Se você tivesse dado a ela seu coração, teria sido tão simples.

— Evie, você não entende. Meu coração não é meu para dar.

Sua mão aperta e, apesar da carência em seus olhos, espero que ele diga alguma coisa a respeito de nobreza, dever — todas as coisas que os Øldenburgs possuem mais caros que seus próprios sentimentos. Mas ele não diz.

— Meu coração tem sido seu, Evie — sempre. Desde a morte de Anna. Desde castelos de areia e princesas de pau. — Sua voz racha e lágrimas ameaçam seus olhos. — Eu sempre te amei. Todo dia. Meu coração não é meu para dar porque já é seu.

A verdade cai sobre mim como uma onda de inverno.

Todo esse tempo, eu sei. Mas a verdade é que a verdade é sempre algo com o qual tenho lutado, quer esteja mentindo para Nik ou para mim, ou ambos. Mas a verdade dele é a verdade no meu coração também.

Então eu estou beijando ele.

Rápidos como um relâmpago, eu pressiono meus lábios nos dele o suficiente para que ele dê um passo para trás para nos impedir de cair na praia.

Nesse breve momento, tudo o que nos rodeia para — a tristeza, a magia, a bota bate nos paralelepípedos, a totalidade dela.

Seus lábios são quentes, suas mãos suaves enquanto se dobram sobre as minhas. Ele é delicado e forte ao mesmo tempo, combinando carinho com intensidade de uma forma que eu não sabia que era possível. De certo modo, não quero terminar.

Eu amo ele. Eu o amei desde que ele me amou. Eu passei a maior parte da minha vida, tanto da semana passada, fingindo que não era verdade. Para que não fôssemos feridos. Que não sofreríamos nas classes e expectativas.

Mas o amor não funciona assim.

E com um súbito mergulho no meu coração trêmulo, percebo que estou condenando Annemette desde o começo. Eu tomei o beijo de amor dela.

— Afaste — se dele, bruxa.

A voz de Iker corta meus pensamentos, e é Nik quem se afasta, embora a ordem tenha sido feita para mim. Iker não precisa de

provas para saber o que sou; ainda o abandono corta profundamente.

O mundo vem de volta – vinte soldados fuzilados na praia, em pé atrás de Iker. Atrás do único outro garoto que eu beijei. Iker tem vingança em seus olhos e homens armados que podem fazer algo sobre isso.

As mãos de Nik apertam as minhas novamente enquanto ele planta seus pés para me proteger de seu primo. Eu olho rapidamente para Annemette. Ela está de pé agora, na água. Novas nuvens se contraindo, o vento aumentou, jogando o cabelo em longos emaranhados, o pente de coral aninhado dentro deles mal segurando nada no lugar. Há algo em seu rosto – medo, raiva, urgência – que endureceu o que havia sido apenas uma poça resignada.

– Termine seu feitiço sobre ele! – Os olhos de Iker são gelo. É como se ele já estivesse esquecido de quem eu sou. Ou que ele não se importou em primeiro lugar. Eu me recuso a acreditar também – e entrelaço meus dedos em torno de Nik, então ele não está apenas me segurando, eu estou segurando ele.

– Ela não tem um feitiço em cima de mim! – Nik grita. – Você sabe tanto quanto eu!

Iker não pisca. Não reconhece ele. – Bruxa, o rei deu ordens para atirar em você no local.

Eu olho para Annemette. Espero que ela entenda o que precisamos fazer. Que ela não vai nos atrasar.

Aperto as mãos de Nik, querendo que meus dedos se lembrem do toque dele, não importa o que aconteça.

Então eu sussurro em seu ouvido.

– Eu te amo, Nik.

E assim que seu nome atinge o ar, eu o enfio na areia com todas as minhas forças. Eu pego a mão de Annemette e mergulho na água.

– Para o banco de areia.

Quando digo isso, vejo a sombra de um estremecimento, mas então Annemette respira fundo e avança. Anna e eu nunca chegamos ao outro banco de areia, mas eu sei que Annemette e eu vamos chegar a este.

Nadamos para fora do Picnic Rock, entrando na água aberta da enseada enquanto Iker e os guardas puxam Nik a seus pés, todos

chocados em inação. Eles demoram para colocar seus rifles, balas sem controle — ninguém estava esperando uma caça às bruxas hoje à noite.

Eu suponho que Annemette vai se agarrar a mim, como ela fez com Nik no início do dia. Mas a situação lhe deu força e ela tem nova determinação, o medo se foi. Ela chuta as pernas, nadando como se ela realmente soubesse como.

Nós cruzamos a distância em um minuto, os guardas finalmente dando tiros, balas pingando na água. Uma única bala roça meu ombro, queimando o calor e o sangue drenando na água enquanto eu pulo para frente.

Mas sou mais forte que a dor.

Chegamos ao banco de areia. A lua está certa e eu sei que só temos momentos agora. Meu coração está batendo e meu braço esquerdo está inundado de sangue de onde a bala me atingiu, mas eu tento ficar calma. Eu me arrasto na fina tira de areia e puxo Annemette para cima. Metade dos soldados atacaram a água agora, com os punhos cerrados enquanto seus colegas recarregam.

Colocando minhas mãos em seus ombros, meus olhos vão para o céu. — Pronta?

Ela balança a cabeça, observando — me, espero ousar rastejar em seus olhos azuis.

— *Skipta*. — Eu canalizo Urda e o poder das ondas se agitando embaixo de nós. Troque esta vida pela alma que você pegou.

Uma brisa se eleva e um clarão de respostas distantes de raios.

— *Skipta*. — Um trovão.

A carga da tempestade parece irradiar das minhas mãos, o zíper da energia subindo todo o caminho até o meu coração.

— *Skipta*. — O vento pega. O trovão e o raio se aproximam. Eu posso sentir a magia em meus ossos. Annemette consome meus pensamentos, toda a minha concentração nela. Ao mudar a mão do mar — forçando — o a entregar meu pedido.

— *Skipta*.

— Criança, o que você acha que está fazendo? — Tante Hansa grita da praia. Eu a ouço sobre as armas. Sobre os homens chapinhando na água. Sobre o trovão. É como se ela tivesse um

amplificador direcionado diretamente para meus ouvidos. Ainda não me viro.

Annemette. Eu quero a Annemette. Eu quero minha Anna de volta.

— Criança! Evelyn, me escute. Escute minha idade e erros. Mágica nascida do orgulho e do despeito é difícil. É demais para suas pequenas mãos!

Minhas mãos não são pequenas — são poderosas.

Eu não sou nenhuma dessas coisas, Tante Hansa. Eu venho de um lugar de amor.

O trovão bate e a magia canta minhas veias com cada estalo de relâmpago acima. A magia está nas minhas palmas.

Isso está certo — será o suficiente.

Da praia, Tante Hansa grita novamente, embora suas palavras não mais se registrem em meus ouvidos. Os homens com adagas estão quase em cima de nós, as ondas carregadas da tempestade os mantendo afastados apenas o tempo suficiente.

Eu ordeno a magia pela última vez.

— *Skipta.*

Eu vejo o rosto de Anna. Eu vejo Annemette no meu futuro.

Estou focada em tudo isso com tanta força. Toda a minha concentração. Todo meu poder.

Tudo o que tenho é destinado a Urda. Determinada. Pronta.

A tempestade se enfurece. Minha concentração é impecável.

Mas então um relâmpago se espalha pelo céu, tão brilhante que meus olhos se abrem.

E vejo Annemette sorrindo.

Não apenas sorrindo.

Rindo.

Suas mãos seguram meus pulsos e os tiram de seus ombros. Sua força é surpreendente. Seus lábios se torcem em um sorriso.

— Você estudou, testou, planejou, e sua solução é simplesmente pedir a magia por uma troca? Como se você quisesse um vestido azul em vez de um vestido vermelho?

Mágica surge até que esteja girando em torno de nós. Ela acende e ondula. Eu percebo que não é minha. Nem toda minha, de qualquer maneira. A tempestade nunca foi minha — tem a

mesma sensação da tempestade no aniversário de Nik. No barco da Iker mais cedo naquele dia. As tempestades são de Annemette.

Eu estou cega por um breve momento, e então sinto sua magia fria surgindo da boca do meu estômago, através dos meus pulmões e agarrando meu coração. Quando minha visão retorna, um cone de água nos cerca — nos protegendo da praia.

Eles vão pensar que eu fiz isso.

O aperto de Annemette aperta quando ela se inclina em meu ouvido, tão perto quanto Nik apenas alguns minutos antes.

— Você sabe o que eu penso? Eu acho que você não queria realmente me salvar. Você não queria mais me salvar dessa vez do que você queria que eu sobrevivesse quatro anos atrás.

Um suspiro escapa dos meus lábios. Anna. Minha Anna. Mas há um toque de faca nas palavras dela que a minha Anna não tinha.

Entre o amor de Nik e o ressentimento de Anna, meu coração para de bater por um momento.

Ele bate de volta à vida, lágrimas ardem nos meus olhos enquanto eu tento pegar seu rosto, seu cabelo, minha amiga. Eu senti sua falta por tanto tempo. Mesmo com toda a minha perda pessoal, não consigo imaginar a dor dela. Mas seu aperto só aperta mais e eu não posso tocá-la. — Anna. Oh, Anna, queria que você sobrevivesse. Eu fiz um feitiço naquele dia, mas eu ...

Esse sorriso torce em um sorriso de escárnio. — Falho. Você falhou porque você não entendeu, e você destruiu isso também. Seus dentes estão arreganhados — eu não reconheço mais o rosto dela. O toque de suas mãos está cortando minha circulação. — Em vez de proteger minha vida, você causou a praga negra com essa magia.

O Tørhed. Os peixinhos aos meus pés, virados para cima e pintados de preto, brilham em minha mente. Mortos pelas minhas lágrimas. Minhas lágrimas negras. O olhar no rosto de Hansa enquanto ela me salvou. O Tørhed não começou naquele verão; começou comigo naquele dia.

Eu fiz isso.

Ela está certa. Eu sei que ela está certa. Eu sei disso no fundo.

— Eu tentei consertar isso. Este ano, a vida marinha voltou...

— A vida marinha que você arrancou de onde eles realmente pertencem? Os feitiços de abundância que você

desencadeou no mar, matando mais rápido que a morte negra? Se eles não estão morrendo em redes, eles estão morrendo de fome. Porque há muitos. — Suas mãos apertaram mais, sua magia fria tocando meus pulsos junto com seus dedos. — O mar não aguenta mais sua gentileza, bruxa.

— Deixe — me tentar —

— De novo para falhar? Ah não. Não. Hoje à noite é sobre o sucesso. — Apesar do cone de água, um soldado nadador pega uma mão no banco de areia, mas com um braço erguido, Anna o envia de volta para o fundo. Não podemos ver o resto dos guardas, mas posso sentir a magia dela surgindo, empurrando — os para trás e para longe, com uma simples palavra em voz baixa. Ela nem sequer quebra o contato visual. Seus olhos brilham e o corte dos dentes finalmente se assemelha a um sorriso.

— Hoje à noite, Anna Liesel Kamp recupera sua vida.

Eu tento me mover, tento tocá — la, implorar, mas ela fez alguma coisa e eu não consigo mexer meus braços. Meus pés. Qualquer coisa. Até a minha magia não se move, congelada nas minhas veias. Meu coração começa a afundar, a única coisa que Anna não consegue controlar.

— Anna, por favor!

— Oh, não, você não vai ter pena de mim. — Mais uma vez, ela ri. O som é gutural, sem alegria. — Você roubou minha vida. Você roubou com o seu desafio. Você roubou com aquele aperto estúpido que você tem sobre Nik. Ele escolheu você. Ele salvou você. Ele falhou comigo. Por sua causa.

— Anna...

— Nada que você possa dizer vai devolver. Nada que você possa fazer vai devolver.

Ela tira a mão do meu ombro e a empurra atrás dela na direção da rocha que divide a enseada. Embora apenas uma mão permaneça, ainda estou impotente para me mover. Minha magia parece uma lama debaixo da minha pele. Se eu soubesse mais sobre como tudo funcionava. Se ao menos eu tivesse estudado mais. Praticado mais. Eu me senti tão poderosa momentos atrás, e agora estou completamente desamparada.

A parede de água que nos rodeia partes e algo explode em nosso espaço. Não é um guarda, não... é deformado, cinza, inchado, um buraco escuro no meio.

Mas então, num piscar de olhos eu reconheço. Eu suspiro e começo a lutar contra as restrições de Anna. Eu preciso tocá — lo. Eu preciso ter certeza. Mas eu sei quando ela começa a rir de novo que o pesadelo antes de mim é real.

A coisa diante de mim é meu pai. Era meu pai.

— Embora sua solução fosse um feitiço extremamente juvenil, a ideia estava certa. Uma vida para eu estar aqui, uma vida para eu ficar.

Eu vejo tudo tão claramente agora. O amor verdadeiro nunca salvaria Anna — não com o que ela se tornou. Se foi mesmo uma solução para começar. Tem havido tantas mentiras.

Há um estrondo de algum lugar nas nuvens, e algo surge dentro da água que nos rodeia. E conheço minha parte em sua vingança antes de poder ver o contorno da parede de água.

Nosso mar não me reivindicou naquele dia, embora a escolha de Urda estivesse lá. Agora, Anna está dando à água outra chance.

— E eu devo ser a vida que você leva para ficar. — Eu me forço a olhar para ela quando digo isso. Meu pai pagou o preço pela vingança de Anna e agora devo fazer o mesmo.

Ela sorri — a coisa mais sem graça que eu já vi. — Ah não. Sua vida não é valiosa o suficiente para isso.

A aderência de Anna é liberada. De repente, estou no alto, ao lado do meu pai, flutuando. Eu ainda estou imóvel. Meus músculos, luta, magia, tudo inútil.

Com um giro de sua mão, uma rajada tão forte quanto uma bala de canhão me atinge no peito. O corpo do pai e eu sou atirada de volta através da parede de água, arqueando em direção à agitação tempestuosa da enseada.

Enquanto caio, inalo meu último suspiro. Fecho meus olhos.

E então eu sou uma com o mar.

Na superfície



A pequena sereia estava sorrindo. Sorrindo e chorando — a água salgada era a fraude perfeita para as lágrimas.

Ela estaria chorando lágrimas de alegria em breve.

— Segure os seus fogos! — O menino falou enquanto os guardas erguiam seus rifles para a pequena sereia que passava por cima dos pés em seus próprios pés. Atrás dela em algum lugar, Evie tinha dado seu último suspiro. Os guardas que se aproximavam também estavam mortos nas profundezas; ela não podia deixá-los arruinar a próxima parte. Ela não tinha muito tempo, mas não havia muito a ser feito.

Ela só tinha que segurar para a parte final do seu plano.

— Nik! Nik! Ela fez! Ela fez isso! — A pequena sereia caiu na praia — os príncipes e os guardas restantes eram os únicos nas proximidades, mas na boca da enseada havia um baile inteiro de curiosos. Uma audiência. Isso foi perfeito. — Ela fez isso, e eu lembro!

A pequena sereia agarrou a mão dele. Apontou seu sorriso praticado em seu rosto atordoado. — Eu sou Anna. Anna Liesel Kamp. Eu sou a Anna!

Da faixa do mar acima, a pequena sereia ouviu seu velha e mal — humorada, certo de uma vez. — Anneke. Minha Anneke, você está ensopada! Fora da água você! Fora!

Alguns títulos surgiram depois da explosão da velha, mas depois a voz de Iker trovejou sobre todos eles. — Primo, recue. Ela não é melhor que uma bruxa e você sabe disso. Ela é pior. Afaste-se.

— Não desta vez, Iker — Disse Nik, tocando o rosto da pequena sereia. Lendo isso. Confirmando as suspeitas que ele deveria ter tido desde o momento em que pôs os olhos na, viajante de Odense.

— Se você é realmente Anna, me diga o seguinte: o que aconteceu em Lille Bjerg Pass quando eu tinha dez anos?

A pequena sereia não piscou; antes, sua resposta transbordou de alegria e urgência. — Você bateu com a perna direita em uma pedra, você tem uma cicatriz no osso da canela. Evie e eu tivemos que levá-lo montanha abaixo.

Aqueles olhos escuros dele se arregalaram e ele sorriu. — É você, é realmente você. — Mas então ele quebrou o olhar dela, seus olhos procurando as ondas para a garota que ela nunca seria. Ele não podia nem dar a ela esse momento de atenção. Sim, ele merece isso.

— Onde está Evie? Houve uma onda e... — Os olhos dele se separaram dos dela, examinando a água.

— Niklas, o que você está fazendo? Afaste-se dela! — A rainha, a pequena sereia, quase sorriu de novo. A rainha e sua piedade. O rei e sua nobreza não ficariam muito atrás. — O que você está esperando, covardes? — Ela gritou para os guardas, com as feições de porcelana rachando em fúria.

— Vocês tem armas, use-as.

Os guardas avançaram, mas Nik estava preparado. — Fique atrás. Isso é uma ordem. — Ele se virou para a mãe, olhando por cima da cabeça da pequena sereia. Segurando-a com força. — Você também, mãe.

— Ignorem. — Respondeu o rei, com voz severa. — Você é maior de idade, meu filho, mas enquanto eu estiver vivo, suas ordens ainda serão as de uma criança. — Ele enfrentou os guardas que foram deixados. — Agarre o príncipe e mate a menina.

Desta vez, os guardas não hesitaram em avançar, os fuzis de baioneta apontados diretamente para a pequena sereia. O príncipe entrou na frente da pequena sereia, protegendo-a dos guardas. De vista.

A hora finalmente estava certa. E não com um momento para poupar.

A pequena sereia pressionou as costas dele como se estivesse se encolhendo. Então ela passou uma mão pelo cabelo. Seus dedos envolveram seu pente, o ponto brilhando com a água do mar.

—Nik! —Essa voz. Evie, ela sobreviveu, a pequena bruxa.

O príncipe virou—se para a água. Olhou para o seu verdadeiro amor.

A pequena sereia sorriu então —o príncipe mais uma vez fizera a escolha errada.

Seria o seu final.

Com toda a força restante em seu corpo, a pequena sereia mergulhou a faca nas costas do príncipe e em seu coração.



Meus olhos abrem para a escuridão. Tudo sobre mim é meia —
noite. Triste e sem cor. O tempo não existe.

Então esse é o mar.

O verdadeiro mar.

A única luz de cima é a lua. Enquanto meus olhos se ajustam,
isso dá à escuridão um pouco de cor — uma sugestão de azul em tão
escuro quando eu afundo sob as ondas em areias frias. Meu pai está
ao meu lado, seus olhos afundados e desaparecidos. O buraco no
meio dele — é do tamanho de um arpão. Da minha arma de dardos,
com certeza. Eu quero gritar enquanto meu coração dói. O polvo da
enseada aparece à vista, ainda maior do que eu pensava.

Pensamento. Pensamentos. Tenho pensamentos.

Eu estou viva.

Meus pulmões gritam.

Espera.

Estou viva e preciso de ar.

Eu testo meus braços. Meus pés. A magia de Anna de alguma
forma se foi — eu posso me mover.

De repente, meus pés estão chutando e minhas mãos estão
arranhando a água em um movimento para cima. A dor irradia meu
braço de onde o sangue penetra na água.

Eu fui baleada. Sim, fui baleada pelos homens do rei. E eu
sobrevivi.

Eu sobrevivi ao que Anna tinha planejado também.

E agora devo avisar Nik. Anna não é mais nossa amiga, ela é outra coisa completamente diferente.

Ela é raiva.

Meu coração acelera, batendo mais forte com cada pé ganho em direção à superfície. Nuvens de sangue a cada golpe, meu ombro ameaçando falhar.

Minha visão quebra a superfície e, com uma respiração ofegante, já estou avançando, nadando e depois me lançando em direção à praia, assim que meus pés ganham força na areia submersa. Eu tento respirar profundamente, mas meu colar é muito apertado, a pérola ainda latejando. Com cada grama de energia que me resta, eu rasgo o fio mágico até a pérola irromper livre, aterrissando com um baque na água abaixo.

Eu estou livre agora também. Eu posso sentir minha conexão com a velha Annemette desaparecer com as ondas. Ela deve ter tido um feitiço em mim esse tempo todo, ou talvez eu tenha colocado o feitiço em mim mesma.

Água corre do meu cabelo para os meus olhos. Nik. Eu tenho que encontrá-lo.

Ele está em pé alto e real na praia, protegendo Anna de avançar guardas. Meu coração bate rápido. Ele está vivo. Mas não por muito. Eu sei agora que é a vida que ela planeja levar.

Ele está muito perto.

—Nik! — Eu grito.

Eu chamo a atenção dele. Mas também recebo a de Anna. E os guardas.

Tiros soam, e uma súbita explosão de foguetes de dor no meu peito. Eu me agito de volta, mas consigo manter meu impulso. Eu trago meus dedos para a ferida ao longo das minhas costelas e estremeço. Está quente e úmida, e minha respiração fica rasa, cada ingestão trazendo uma pontada de dor. Mas eu tenho que continuar me movendo, me arrastando pela água, agora quase na altura da cintura.

Nik ainda está atordoado, mas Anna não está. Sua mão alcança seu cabelo.

Uma faca está nessa mão, a lâmina se movendo diretamente para Nik, que está me observando.

— Não! Você não vai levá — lo! Você não vai!

Agora Iker está gritando — correndo. Ele também vê isso.

Apesar do sangue. Apesar da dor. Apesar da distância, subo o mais rápido que posso. Molhada, meu vestido pesa mais do que o resto de mim, mas isso não vai me afastar dele. Nada será.

Cinco jardas de distância. Quatro. Três.

Mas é tarde de mais. A lâmina de Annemette já está em um arco descendente. O coral afiado perfura as costas de Nik assim que Iker o agarra, puxando — o para a areia.

O sangue de Nik está na praia.

Derramando uma trilha de onde ele estava para onde ele caiu, manchando a areia.

Ah, Urda. Não, não Nik.

Mesmo depois de tudo, não posso acreditar que Anna tenha feito isso, mas não tenho pena dela. Se ela acha que é a única que vai se vingar, ela estará muito errada.

— Niklas! — A rainha grita e avança. O rei também corre, finalmente chegando ao auxílio de seu único filho.

Os espectadores ficam imóveis — reconhecimento, terror e medo congelados em rostos que conheci toda a minha vida. Malvina. Ruyven. Todos os membros da equipe da cozinha do castelo.

Os belos traços de Anna giram quando ela afunda os dedos dos pés no sangue derramado de Nik, rindo. Rindo. — Você arruinou minha vida e eu arruinei a sua, *meu príncipe*.

Eu mergulho por seus pés, jogando — a na areia. Eu me movo em cima dela, prendendo a mão dela que ainda segura a faca, vermelha com o sangue de Nik. Eu grito pelo meu tante. — Hansa! Nik, você deve curá — lo! — Mas dois guardas seguram Hansa de volta, minha magia o suficiente para condená — la também. Eu alcanço a única pessoa com o poder de mudar de ideia. — Iker, deixe ela fazer o trabalho dela. Por favor! Ela pode salvá — lo!

Meu coração gagueja enquanto Iker imediatamente faz o que eu digo — família sobre tudo. — Deixe a velha mulher ir! — Ele comanda.

Os guardas cumprem. Mas eu não posso assistir ela agir. Meu coração não aguenta se ela falhar. Ela é conhecida como a curandeira dos reis, mas esta noite ela terá que salvar meu príncipe.

Enquanto Hansa trabalha, a magia de Anna puxa as pontas da minha força. Acima, nuvens de tempestade se juntam. Presa debaixo do meu corpo, Anna de repente rindo de novo. Eu quero dar um tapa nela, mas não quero perder o controle. — Cale a boca! — Eu grito.

— Como você pode? Ele amava você! Eu te amei!

Ela cospe no meu rosto. Essa pessoa que eu não conheço mais. Essa pessoa eu não reconheço. Essa pessoa que tentou levar Nik. Essa pessoa que levou meu pai.

O vento aumenta, e relâmpagos crepitam na minha visão periférica. Trovão ressoam. Sua magia rola sobre nós, e eu faço tudo que posso fazer para mantê-la para baixo, minha magia faiscando em jorros enquanto eu sangro.

Agora ela está rindo tanto que está chorando. *Lágrimas reais.*

Elas fogem pelas suas bochechas salpicadas de sangue, molhadas e reais. Garras de terror no meu coração enquanto ele se esforça para trabalhar sob o peso do sangue que sai do meu ombro e peito.

Não, ela não pode ser humana. Essa pessoa não merece uma alma. Ela não pode ter vencido. Nik não está morto.

Ele não pode estar.

No entanto, as lágrimas dela estão lá. E com eles, seus olhos rolam dramaticamente até onde eu tenho suas mãos presas na areia. Onde a faca está presa — *não*.

Não.

Gritos soam da pista do mar. Uma massa de corpos corre. Os guardas também. Tudo para um único corpo, deitado na praia. Uma faca saindo de uma garganta — a última magia de uma sereia, que Annemette costumava acertar o alvo.

Não Nik.

O pai dele. O rei, morto na areia.

Deve ser apenas sangue real que é importante para a magia — sangue de Øldenburg, transmitido pelo rei caçador de bruxas — porque antes dele está Iker, levantando — se de um agachamento.

Ele estava baixo o suficiente para que a espada de Anna

perdesse. Era para ele — o jogador final no dia em que Anna se afogou, mas o rei faria.

A voz da rainha, estridente e alta, ecoa acima do caos enquanto ela afunda na areia. — *Matem elas!*

Os guardas emergem. Anna continua a rir, suas pernas humanas chutando as minhas. Meu sangue manchou seu vestido, sua pele, seu cabelo. Isso só a faz rir mais. É tão difícil que ela nem tente escapar — ela está se divertindo muito com isso.

Sobre o barulho — o riso, o fechamento dos guardas, os gritos da cidade, eu ouço. A voz que eu sempre conheci bem como a minha.

— Evie.

Nik.

Ele está rastejando em minha direção com a ajuda de Hansa. O olhar em seus olhos me diz que sua cura não pode ajudar — ele logo estará morto, como seu pai. Nik também sabe disso, sua voz tremendo.

— Evie, eu te amo. Me desculpe, eu não disse até hoje. Eu sinto Muito...

— Tante, segure Anna ainda. Por favor. Não a deixe em paz. — A magia de Hansa é forte e ela usa um feitiço de ligação como Anna usou em mim. Eu nunca aprendi.

Ainda assim, somente quando eu sei que o Hansa tem Anna presa eu deixo ir. Anna está gritando comigo, lutando contra a magia de Hansa, mas eu a afoguei. Minhas mãos encontram Nik e eu trago seu corpo sangrando para o meu peito. — Eu também te amo. E eu não vou deixar isso ser o fim.

Confusão cruza seu rosto. A pele lá perdeu sua cor. Sua respiração vem aos percalços, seus pulmões lutando contra o meu corpete. O sangue de nossas feridas correm juntos.

Fecho os olhos, as palavras da minha mãe vêm para mim. Eu não preciso de tinta de polvo. Eu não preciso de pedras preciosas ou poções ou encantos. Eu só preciso das palavras e da vontade.

Eu sou uma bruxa. Eu sou e sempre serei. A magia está em mim e é o suficiente — suponho que Annemette tenha me ensinado isso.

— Eu amo você, Nik. — Eu repito, e então eu começo o feitiço da minha mãe. As palavras vem como eu as conheço toda a minha vida, e talvez eu tenha.

— *Lif. Dauði Minn líf. Seiðr. Minn bjóð. Seiðr. Seiðr.*

Minha pele começa a queimar, ficando quente, calor irradiando dos meus ossos para fora, vapor no ar. Lágrimas vêm aos meus olhos, e eu sei que elas são negras — os olhos da mamãe não fizeram isso, mas eu sou meu próprio tipo de mágica. Elas pingam na pele de Nik quando eu começo a tremer. Meus olhos reviram por um momento, e a última coisa que vejo é a cor retornando à sua pele, suas bochechas rosadas como se estivéssemos juntos o dia todo no mar.

Eu forço minha visão a clarear. Eu preciso ver ele. Eu preciso.

Seus olhos se abrem. Ele sabe o que está acontecendo. Ele sabe como eu fiz no dia em que minha mãe morreu.

Eu cuidarei para que ele esteja seguro.

Que ele viva uma vida longa.

Que ele possa governar seu povo sem medo.

Eu cuidarei disso.

Com a última das minhas forças, eu deixo Nik e empurro meu corpo fracassado para Anna, apertado como um espartilho. Mais apertado que a magia que Hansa costumava paralisar. Minha Tante recua, lágrimas nos olhos e ajuda Nik a ficar de pé. Ele está quase completamente curado. Ele vai ficar bem.

Anna é a única ameaça que resta, mas tenho planos para ela.

Com meu último suspiro, tomo conta dela — essa garota que eu amava, essa garota que voltou para mim. Me usou. Arruinou — me. Arruinou todas as pessoas que a amavam para que ela pudesse ser humana novamente. Arruinada por vingança.

Eu me levanto e a levanto em direção à água. Minhas mãos queimam impressões digitais em sua pele enquanto ela tenta se afastar.

— O que você está fazendo? — Ela grita. Eu posso sentir seu coração batendo descontroladamente contra seu corpete. Contra o meu coração — ainda no meu peito.

As nuvens estão limpas. O vento baixou. O relâmpago desapareceu. Sua magia está deixando este mundo, e logo ela também irá.

Seus olhos azuis se arregalam. Ela percebeu que tinha conseguido o que queria. Ela é apenas uma garota, como ela era antes, e isso a torna vulnerável a pessoas como eu.

Eu sorrio para ela, e não há pena nisso. Sem alegria. Nada além de raiva.

— Esta vida não é sua para viver.

Com isso, faço a única coisa que posso para reverter o ato mágico final de Anna. Para manter meus entes queridos seguros. Para parar sua ameaça fria.

Eu devolvo Anna ao mar.

Abaixo da Superfície



A maré reclamou as duas garotas, uma com cachos negros e a outra com ondas de louro — manteiga. Sua água estava fresca, apesar da noite de verão. Todas as veias de magia rodavam sob a superfície, misturando — se com o sangue e a morte que uniam as meninas.

O coração da garota enrolada em corvo estava falhando. Seu tempo acabou, gasto com o garoto acima. O que ela sempre amou. Sempre protegida — até de si mesma.

Mas ela venceria — os pulmões da loira estavam se apoderando. A garota enrolada de corvo podia senti—las cuspindo e fechando enquanto ela segurava firme no peito da garota, empurrando as duas para baixo, para baixo, para baixo. Tão profundo quanto a enseada permitiria. Ao fundo, o lar daquele polvo enfeitado, do cadáver de seu pai e dos corpos frescos dos guardas que a loira havia matado com uma varredura de seus dedos.

Tantos mortos, mas o príncipe estava vivo. O menino dela. Sua própria respiração emprestada em seu peito. Ela se sacrificou por ele novamente.

Enquanto os resquícios de magia rodavam ao redor delas, as garotas mergulharam no fundo arenoso. As costas da loira se alojaram no chão da enseada, o corpo da garota de cabelos negros despejando correntes de sangue na água, mais de sua vida fugindo através de buracos de bala.

A luz estava falhando tão rápido quanto seus corpos, a lua forte mal alcançando essas profundezas. Ainda assim, a menina de cabelos negros não cedia à escuridão. Seu coração mal estava batendo,

mas seus olhos estavam abertos, observando a loira lutar e não conseguir se libertar.

Ela não morreria primeiro. Ela não podia.

Antes que o coração da garota de cabelos negros finalmente parasse, a loira ficou imóvel. Seus olhos azuis estavam bem abertos, vazios. Seus lábios de botão de rosa para sempre se separaram, a água se infiltrando.

A garota realmente se afogara dessa vez. Não haveria volta.

A garota de cabelos negros abriu a boca e aceitou o oceano. Deixando—o entrar e reivindicá—la junto com a magia que ainda canta em suas veias. Ainda deslizando sobre sua pele, viveria mais do que ela.

Então, uma escuridão caiu sobre a luz de sua visão. O final, fechando as cortinas.

Não.

O polvo. O gigante. Aquele que assombrava a enseada. Sua besta —um produto de seu feitiço de abundância. Um erro. Uma aberração.

O animal foi rápido. Vingativo. Rancoroso.

—Lif.... — A garota começou, as palavras morrendo em sua boca, afogadas em água salgada. Ela não tinha certeza do que dizer além de dizer ao polvo para ir. Viver. Viver longe deste campo de batalha. Deixando— a descansar com o pai em paz.

Mas o polvo cheirava a tinta em suas veias e a magia que mantinha, e começou a se alimentar. Os tentáculos da fera tremiam de poder enquanto deslizavam por suas feridas, misturando— se à água, com seu sangue, com seu feitiço que controlava sua vida nos últimos meses. Os olhos da garota reviraram em sua cabeça quando a magia fresca entrou em suas veias.

—Lif. Líf.

De repente, um grande espasmo de luz branca surgiu entre eles. Conectado eles. Magia tão antiga quanto o próprio mar enredou a vida do polvo e dela.

A luz atraiu a grande fera para perto da forma inclinada da menina, quase sem vida. Quase nada. Os tentáculos se divertiram em seu sangue. Tentando capturá—la. A magia entre eles era um imã, puxando tudo para ela.

—Lif... —Repetiu ela novamente sem respirar. A água do mar lavou a palavra pela sua traqueia, empurrando o oxigênio de seu coração, seu sangue. Até que ela era uma com o mar. Sua alma.

A luz cintilou e cresceu, envolvendo a menina e o polvo em seu calor, passando pela superfície da água, até a lua e a magia ainda pairando no ar acima. Com a luz veio uma escuridão igual, atravessando a enseada em uma folha de preto.

As pessoas na areia se espalharam, sabendo que não era seguro. Todos, exceto o menino e seu primo, ainda observando a água como se as meninas pudessem ressurgir. Tantas perguntas em seus lábios enquanto a água negra se projetava em direção ao Estreito de Oresund.

E embaixo da superfície, a água se agitava e girava até que grandes redemoinhos retorciam de baixo para cima. Gás escaldante do fundo da terra subiu pela areia amortecida, gêiseres violentos se formando entre os redemoinhos. A areia da enseada começou a apodrecer, toda a cor lavando—se até que restasse apenas cinza. E quando a luz se reduziu a nada além da obsidiana do oceano, algo peculiar aconteceu.

A garota com cachos de corvos não era mais uma garota.

Ela ainda tinha seus cachos negros, sua beleza e a parte superior do corpo de uma mulher, mas onde suas longas pernas haviam sido havia oito tentáculos, ônix preto e brilhante como seda. Eles mergulhavam de sua cintura, ao contrário de qualquer coisa que o oceano já tivesse visto.

E, com a magia girando em torno dela, através dela, a criatura abriu os olhos.

Epílogo

Cinquenta anos depois



O rei do mar e o resto das pessoas me chamam de bruxa do mar – embora eu ainda esteja surpresa em ser qualquer coisa.

Eu estava preparada para morrer naquele dia.

Eu dei minha vida por Nik. Eu sabia o que esse feitiço faria.

Mas algo aconteceu no turbilhão de magia – minha, da minha mãe, de Hansa, o que sobrou de Annemette. O polvo assombrando a enseada tinha algo a ver com isso também. Tudo combinado para me deixar com o corpo que tenho agora.

Não o corpo de uma sereia.

Não o corpo de qualquer outra coisa vista nessas águas.

Eu sou minha própria magia.

Eu estendi meus tentáculos embaixo de mim: oito, brilhantes e pretos, e tão volumosos quanto um dos vestidos da rainha Charlotte, cada um arrancando um camarão do fundo do mar. Eu sou bem a visão, embora muito poucos tenham colocado os olhos em mim. Estou amarrada à enseada, algo me mantendo aqui. Magia ou memórias, ou ambos.

Meu covil é uma caverna afundada, cercada por lama borbulhante, e redemoinhos violentos. A água aqui é de um preto liso

– Havnestad Cove agora é uma mancha solar no mar.

Ao redor da minha caverna, estranhas árvores cresceram dos ossos de Anna e dos guardas, embora os ossos do meu pai nunca tenham mudado, enterrados gentilmente como estão. Essas árvores — polypi — são meio — planta, meio animal, como serpentes enraizadas na areia do estanho, com cabeças onde os galhos deveriam estar.

O Tørhed morreu na magia que me fez assim, o mar se livrou da seca e da abundância. E assim, os redemoinhos puxam os peixes para as garras do polypi, mantendo — me bem alimentada sem nunca ter que caçar.

Alimentando — me da captura da minha estranha floresta, eu estudo magia. Eu aprendi tudo o que posso sobre a feitiçaria sob as ondas, apesar de novos mistérios se apresentarem para mim diariamente. E assim meu poder cresceu, mas também minha reputação.

O povo do mar está com medo de mim — tempo e contos construindo um sobre o outro. Disseram — lhes para ficar longe da bruxa poderosa o suficiente para arruinar o mar. O rei do mar sabe da magia que eu fiz — da morte negra e depois da fome — e ele também sabe de mim e de sua Annemette, lembranças dela ressurgindo quando meu nome é pronunciado em voz alta. Mas isso é raro. Ninguém se atreve.

Também foi longo o suficiente para que ninguém em terra me conhecesse como Evelyn. Evie. Aquela garota.

Eles conhecem a história da sereia, da bruxa e do rei Niklas. Eles sabem — e se atrevem a visitar — a estranha enseada com tinta para água e areia cinza como aço. Agora eles abandonam a fogueira e jogam suas pequenas bonecas de madeira na enseada de cada Sankt Hans Aften. Presentes para a bruxa que salvou seu reino.

Mas eles não me conhecem.

Meu pessoal já se foi há muito tempo, ou pelo menos ouvi falar de conversas flutuando de cima ao longo dos anos.

Tante Hansa foi tomada pela idade, tendo vivido o resto de sua vida em Havnestad, apesar de sua magia. Segura de banimento por causa de seu papel em salvar Nik naquele dia horrível. Hansa me enviou presentes até o final — encantando seus próprios tomos mágicos para serem à prova d'água antes de jogá — los nas

profundezas. Todos os segredos que ela não ousou me ensinar quando eu era uma garota, agora na ponta dos meus dedos. Quase como se ela soubesse que eu estava viva sob a sujeira. E talvez ela tenha feito — embora eu não possa aparecer.

Iker: perdido no Mar do Norte. Vítima do rei das baleias, que se cansou de ser sua presa.

Nik também se foi, mas ele viveu seus dias como deveria. Como eu esperava que ele fizesse. Casamento, filhos, um reinado bem sucedido e amado por todos.

Sinto falta dele. Sinto falta de todos. Eu estranhamente sinto falta dela às vezes também — Anna, Annemette, quem quer que fosse.

Sozinha, há uma quietude nessas águas que ninguém acima jamais saberá. Um silêncio que me faz sentir falta do mais doloroso dos sons.

Mas um dia recebo um visitante. Não da terra, mas pelo mar.

Uma pequena sereia. Menina corajosa, com cachos dourados, coberta com uma coroa de lírios — do — mar e uma tez clara como leite fresco com as bochechas coradas. Seus olhos são de um azul ardente — tão gelados quanto os fiordes do norte.

Tão gelado quanto os de Iker.

Mas ao invés da confiança que brilhou na sua, seus olhos mantêm uma determinação guerreando com medo. Para uma criatura tão temível que eu me tornei.

Então imediatamente eu sei.

Sim, apenas uma coisa faria uma sereia como ela enfrentar a minha presença.

Eu olho para ela quando ela se aproxima, os tentáculos se amontoam embaixo de mim — um trono, se é que houve um — uma teia de cachos cinza — fantasma rodopiando em volta do meu rosto. Sua cauda se agita sob o peso de oito ostras, cada uma mostrando sua posição. Por um momento, acho que ela vai recuar, mas, em vez disso, estende os braços, que estavam segurando um buquê de rosas vermelhas.

— Por favor, aceite estas flores cultivadas no meu jardim, um presente para a grande bruxa do mar.

Tudo o que preciso é um aceno de cabeça, e sua voz imediatamente corta. Eu deslizo em direção a ela e, para seu crédito, ela fica parada.

— Eu sei o que você quer. — Eu digo, e os olhos da garota piscam com as minhas palavras. Seus braços se agitam, as rosas afundando no fundo do mar. — Você quer perseguir o amor de um menino humano nas suas próprias pernas.

Sua resposta é imediata. — Ele já me ama, isso eu sei.

Duvidoso. — E você conhece o nome desse menino?

— Não é o nome oficial dele — é longo e prolongado, cinco nomes em um — mas os outros marujos o chamam de Niklas.

Príncipe herdeiro Asger Niklas Bryniulf Øldenburg V.

Neto de Nik.

Eu cerro meus dentes em minha mandíbula, olhando para o nariz da garota diante de mim. Uma princesa. Uma das meninas cantando doces que realizam frequentemente no palácio. Shows para os quais eu nunca fui convidada. Eu posso ouvir a música, no entanto, o castelo do rei do mar não está longe. Se eu olho para além da minha estranha floresta, posso ver o brilho azul peculiar que circunda os terrenos do palácio. Parece quase como se um pedaço de céu claro caísse dos céus para as profundezas do mar e se misturasse com a salmoura.

— Por favor. — A menina começa quando eu não digo nada. Embora ela esteja desesperada, há uma qualidade ponderada em seu rosto — tanto a cabeça quanto o coração estão alimentando sua bravura. — Você é a única com a magia para me mudar — foi banida por tanto tempo. Por favor, mesmo que seja só por um dia, preciso vê-lo. Meu coração não suporta ficar longe do meu Niklas.

Olhando nos olhos dela, eu tenho dezesseis anos novamente, aprendendo sobre o amor de Nik pela primeira vez naquela praia. Beijá-lo antes que nossas vidas mudassem para sempre.

Mas agora tenho idade suficiente para saber melhor do que ouvir minhas memórias.

E eu sei que ela não sabe o que está perguntando. O preço: o custo para sua família, seus entes queridos, a magia. A dor: física, mental, familiar, mágica. É muito.

—O coração pode ter muitas coisas, criança, e o amor é uma delas.

A pequena sereia pega minha mão, mas pensa melhor no último momento. Como se meu toque fosse queimar. Talvez seja.

—Por favor, eu farei qualquer coisa.

Eu novamente penso em Nik. Sua risada. Seu amor. Quanto tempo tinha estado lá, esperando por mim para ver isso. Lá em seus olhos escuros.

Antes de ele passar, Nik me visitava algumas vezes, andando na beira da enseada, botas chiques marcadas pela minha água negra. Então ele me contava histórias do mundo acima, confiando na maré para levar sua história. Talvez ele soubesse que eu também estava viva. Uma amiga, um amor, até o fim.

Eu mantenho o olhar da garota. Seus olhos não estão mais com medo, determinação e precisam preenchê-los com pressa. É impressionante, suponho, ninguém nunca enfrentou meu covil com tal pedido. Ela quer isso, mais que tudo.

Mais do que tudo, ela pode me prometer.

Mas vou precisar de algo mais em troca. A magia pode não exigir mais uma vida, mas ainda exige um sacrifício. Desde então, aprendi isso e muito mais.

E eu sei o que devo levar.

—Eu devo saber que você só vai dizer a verdade acima. —Eu digo finalmente.

A pequena sereia fica tão surpresa que leva um momento para entender o que quero dizer: que vou ajudá-la. Quando ela faz, sua resposta é imediata.

—Eu vou —

—Não responda tão rápido. O que você pede é um pedido sério.

—A menina admite, seus lábios se fechando, a consideração costurada firmemente em sua pele. Bom. —Depois de se tornar uma humana, você nunca mais poderá se tornar uma sereia. Você nunca pode ver o palácio novamente. Seu pai. Sua mãe. Suas irmãs. Tudo o que você conhece e ama —exceto por esse príncipe — não será mais seu.

A garota empalidece. Seus olhos azuis desaparecem a meia distância. Durante todo o tempo que passou pensando antes de

fazer seu pedido, arrancando aquelas flores de seu jardim, invocando a coragem de nadar além do polypi, isso é algo que nunca lhe passou pela cabeça. Ouvi dizer que o rei do mar destruíra os livros — contadores com a história da rainha Mette, escondendo a história para que ela não se tornasse o futuro. Essa garota prova isso. Se ela pudesse ter pesquisado mais, ela teria.

Depois de vários momentos, seus olhos voltam para o meu rosto. Resoluto

— Eu farei.

— Muito bem. Mas também devo ser paga — e não é uma bagatela que eu pergunto.

A garota se ilumina. — Eu posso dar o que você quiser — Diz ela. — Pedras preciosas, jóias, as melhores pérolas, por favor. — Privilégio e coisas definem a vida que ela espera deixar.

Eu não preciso de pérolas. Aquela de muito tempo atrás tinha realizado falsas promessas suficientes por toda a vida.

— Eu só peço uma coisa: sua voz.

Os dedos da garota imediatamente voam para sua garganta.

— Minha voz?

— É imperativo que você não diga uma mentira acima.

— Eu não vou mentir.

Eu levanto uma sobrancelha para ela. — Você não vai sem voz, vai? E se você escrever uma mentira enquanto estiver acima, seus dedos cairão.

A garota engole em seco. — Se o preço é minha voz — embora eu não conte uma mentira, como... como?

— Você terá sua forma bonita, sua caminhada graciosa e seus olhos expressivos. — Eu digo, abaixando minha entonação no caminho de Tante Hansa há muito tempo. — Certamente, se você estiver disposta a enfrentar a minha magia negra e deixar sua família e amigos sem uma palavra, você pode se comunicar com seu amor verdadeiro sem uma palavra também.

Os pequenos lábios da sereia se fecham, sua mente trabalhando furiosamente por outro caminho.

Minha sobrancelha arqueia mais alto. — A menos que você tenha medo de que o amor dele não seja verdadeiro?

— Isto é! Isto é. Ele é meu amor verdadeiro. Tome minha voz! Pegue! Vale a pena o custo!

Eu deslizo um tentáculo para o rosto e levanto o queixo. Há algo mais nos olhos dela — não apenas medo, desejo ou amor. — Você realmente o ama ou ama a idéia de ser humana?

As pupilas da garota desabrocham e sua mandíbula endurece. Finalmente, corajosa, ela fala sem desviar o olhar. — Como é ser humana?

Eu não darei a ela uma bolsa de salgadinhos e contarei a ela uma história magnífica — eu não sou sua avó.

Se eu fosse, poderia dizer a ela que é como o sabor do vinho de verão e o toque de vozes quando um novo navio atraca. Como o cheiro de sal e limão e o brilho dos olhos de um menino pouco antes de um beijo ao luar.

Mas eu não digo isso. Eu não posso.

Se ela perde a voz em provar seu amor, então que seja.

— Muito bem. — Eu deslizo meu tentáculo para sua cintura e a puxo para mais perto. E de repente é como se a voz da garota já tivesse desaparecido, seus lábios se abriram, nenhum som escapou. Eu coloco meus dedos em sua garganta nua, luminosa e elegante, mesmo na luz sombria da minha casa — uma pérola brilhando nas profundezas sombrias. Seu pulso ressoa sob sua pele quente, o primeiro verdadeiro batimento cardíaco que eu senti desde que Anna desapareceu ao meu alcance. — Diga — me exatamente o que você ama sobre esse Niklas.

— Você... você só quer que eu fale?

— Você terá sua voz por apenas mais alguns momentos, minha querida. Use o tempo com sabedoria.

A menina engole novamente e depois respira fundo.

— Eu vi Niklas pela primeira vez no dia em que completei quinze anos. Poderia ser chamado de amor à primeira vista, mas eu já tinha visto o rosto dele antes. Em uma estátua que eu tenho no jardim do meu castelo desde que completei dez anos. Aquelas flores vermelhas que eu te trouxe, elas crescem...

— Sim, os Øldenburgs amam suas estátuas. — Eu digo, parecendo mais uma vez com Hansa. — Ainda há amor nesta história.

Apenas coincidência e horticultura.

A garota lambe os lábios e se reformula. —Fiquei ao lado do barco a noite toda, observando esse garoto. Então, depois da meia —noite, veio uma grande tempestade, ondas quebrando com tanta força que o navio tombou de lado. Os marinheiros estavam na água, mas eu não vi o menino. —Aqui, a voz dela engata. —Eu mergulhei até encontrá-lo. Seus membros estavam falhando e seus olhos estavam fechados. Eu o puxei para a superfície e segurei sua cabeça acima da água. Ficamos assim a noite toda. E quando o sol voltou e o oceano se acalmou, beijei sua testa e o joguei para terra.

Reflexivamente, meu tentáculo aperta em torno de sua cintura, como eu me lembro de Annemette, embora eu tenha lido o suficiente para saber essa história de cor. Uma tempestade, um naufrágio, um salvador.

—E? —Eu pergunto.

—Eu o coloquei em uma praia ao lado de um grande prédio. Fiquei olhando, escondendo-me entre algumas pedras, coberta de espuma do mar. Logo, uma linda garota o encontrou e soou o alarme. Eu sabia então que ele viveria. Ele acordou e sorria para a garota.

—Nenhum sorriso para você?

—Não. —A determinação retorna à sua voz. —Mas eu queria aquele sorriso —quero agora. Eu quero que ele saiba que eu o salvei. Que eu o amo. E eu quero que ele me ame.

Ah. Ela mentiu para mim.

—Mas você disse que ele já amava.

A garota olha para longe, pega. Finalmente, ela continua. —No ano passado, eu o observei. E eu sei que se eu pudesse ser humana, ele me amaria. Ele acha que está apaixonado pela garota da praia, mas eu o salvei. Eu salvei Niklas.

Como Anna, essa garota acredita que merece algo e está disposta a arriscar sua vida e tudo o que ela sabe por isso. Mas essa garota não anseia por vingança.

Ela quer um feliz para sempre.

E por isso, não posso culpá-la. Mesmo depois de todos esses anos, ainda desejo o meu.

—É muito estúpido vindo de você. —Eu digo finalmente. —Mas você deve ter o seu caminho.

E assim, lembro — me do feitiço da morte da minha mãe. O que ela usou para me salvar de mim mesma.

— *Gefa*.

Os olhos da pequena sereia se abrem. Ela se esquiva — não chegando a lugar nenhum no aperto do meu tentáculo, dedos pálidos voando para sua garganta. Um peso invisível se instala em minhas mãos — sua linda voz pesando nas linhas que se estendem pelas minhas palmas. Coração, vida, destino.

Eu a solto e viro para o meu caldeirão, feito de areia e magia.

E se vai a voz da garota, uma luz branca brilhante no escuro.

O caldeirão brilha. Eu pego uma lança de espadarte da minha caverna e a seguro, esterilizando — a. Eu estou sozinha, mas estou limpa. Então, inclinando — me sobre o caldeirão borbulhante, corto a pele do meu peito, logo acima do meu coração. Uma vida não é mais necessária, é verdade, mas essa magia negra ainda se alimenta de sacrifício. Como qualquer coisa de poder.

Sangue negro como a meia-noite escorre para a escuridão. Melaço lento, ele entra no pote, deslizando através da luz branca da voz da garota. Enquanto eles se misturam, eles aquecem a panela juntos, empurrando a temperatura até que o próprio caldeirão seja uma bola de fogo, e um cometa descansa no fundo da enseada.

O vapor sobe, curvando — se acima do brilho. Quando isso acontece, ele gira e dança, formando sombras como o pior da noite. As partes da floresta polypi para as formas horríveis, querendo nenhuma medida de sua magia.

Eu preparo as palavras que aprendi, as que Anna usou para recuperar as pernas e buscar vingança. Aquelas que não vão trabalhar para mim, magia estranha que eu sou, amarrado a esta enseada.

— *Lif. Dauði Minn líf. Minn bjóð. Seiðr. Seiðr. Seiðr.*

O caldeirão começa a tremer, o conteúdo girando e girando sob grande pressão. Vindo como a própria vida.

Uma explosão como uma estrela morrendo se agita, ondulando através da enseada com tal calor, a água evapora em uma nuvem de fumaça e vapor. Espuma branca se instala em torno de nós em uma faixa que percorre toda a extensão da minha casa. Tudo cheira a enxofre, o cheiro forte o suficiente para queimar meu nariz e o fundo da minha garganta. Quando a espuma e a luz clareiam,

vejo que a pequena sereia se virou, braços jogados sobre a cabeça em proteção. Eu não a culpo.

Eu mergulho uma garrafa pequena — outro presente antigo de Tante Hansa — no tanque. O frasco brilha como o brilho da lua e a luz do sol presa sob o vidro.

— Não é para você. — Eu digo, segurando — a para a menina. Ela deixa cair os braços ao som, girando ao redor, com tanto medo que não percebeu o que estava acontecendo até que eu falei. — Beba e você ganhará pernas por quatro dias. Se o seu amor é verdadeiro, tanto que o seu príncipe o ama com toda a sua alma, você permanecerá na forma humana pelo resto de seus dias. Se você não conquistar seu amor, você se tornará espuma na maré.

Os lábios da garota se abrem para responder e sua língua começa a se mover. Demora alguns instantes antes que ela se lembre de que nenhum som sairá de sua boca novamente. O arrependimento afunda em meu peito, mas meus tentáculos flutuam à vista e a sensação se dispersa imediatamente.

Mentiras arruinaram minha vida tanto quanto arruinaram Anna. E Nik.

Com os dedos trêmulos, a garota pega a garrafa. O medo voltou aos seus olhos, mas a ação está terminada. Apenas sua determinação e amor farão.

— Pegue o calado no raso. Seria um desperdício se você se afogasse antes que pudesse pousar. — A garota concorda. — Vá agora. Visite sua família uma última vez. Você não vai se arrepender do adeus. — Novamente, ela balança a cabeça, e eu sei que ela vai fazer isso. Perder eles foi mais uma surpresa do que perder a voz. Talvez até a vida dela.

Ela se vira para ir, mas eu chamo ela para parar.

Ninguém me conhece, é verdade, mas ainda sou Evie. E por toda a minha reputação assustadora, por todos os meus anos e solidão, eu não sou sem coração.

Eu recuperei da minha caverna um vestido de muito tempo atrás — de um baú que encontrei submerso na enseada depois que cheguei. Naquela época, o aroma legal da magia de Annemette ainda se espalhava pela madeira e trincos, e talvez por isso o tecido

permanecesse intacto. Eu rapidamente sussurro um feitiço que irá mantê-lo seco até que ela surja.

— Leve isso com você. Ajudará na sua chegada.

É tudo que posso fazer.

Espero que a magia seja gentil.

Eu conheço a magia bem o suficiente agora para não esperar um final feliz. Os contos de fadas da minha infância são a exceção, não a regra. É uma maravilha, não há mais criaturas como eu neste mundo.

E assim, volto para minha caverna, o novo silêncio ecoando em meus ouvidos. De alguma forma, é mais doloroso do que antes. Como se ouvir uma nova voz, recuperando o momento mais curto da humanidade, abrisse a ferida que é a minha solidão. Deixando—a escancarada. Purificando. Infectando.

Mas, na verdade, não estou sozinha. Não, os polypi estão vivendo e respirando neste lugar obscuro, formado pelos espíritos que tentaram me matar. Minha vida sombria atada às suas almas.

O forro do caldeirão é uma mancha de luz cintilante, o que resta do meu pagamento. A voz da garota. Apenas uma gota era necessária para o rascunho, seu corpo pagando o preço pelo restante da magia.

Eu vasculho minhas mãos pela barriga do caldeirão, coletando a voz até que o peso retorne às palmas das minhas mãos. A luz branca dança, seu brilho refletido na enseada, iluminando minha floresta, minha caverna, minha própria forma escura.

É verdadeiramente algo especial.

Talvez seja o novo silêncio, ou as memórias que circulam na frente da minha mente. Talvez seja simplesmente o tempo suficiente.

Mas sei exatamente o que farei com esse presente.

E então, eu volto para o maior polypi. Aquele plantado ao lado da minha caverna. O último corpo a se mover abaixo.

Quando eu dou o comando, sei que a magia vai ouvir. Ela vai saber o que eu quero. Eu sinto seu poder subindo das pontas dos meus tentáculos para as raízes do meu cabelo.

— *Lif. Líf.*

A voz da garota se espalha, flutuando para cima, para cima, até que se instala no topo do estranho tronco da árvore, onde os galhos caem na escuridão negra.

Ele se instala e se torna um com o polypi. E, depois de um momento, há uma respiração profunda, todas as cabeças nos galhos inalando a água do mar a tempo. E então a voz da pequena sereia fala com os pensamentos de outra pequena sereia de muito tempo atrás. Uma presa a mim aqui silenciosamente, cinquenta anos desde que eu brotava tentáculos da minha cintura.

Quando a voz chega, é direta e focada no que acaba de ocorrer. Ela tem séculos para desvendar o que aconteceu quando éramos humanas.

— Ela irá falhar. Ele ama outra. Aquela montanha não se moverá em quatro dias.

— Eu sei. — E eu sei. Espero que ela não fracasse, mas também não posso esquecer o que minha mãe fez por mim. O que eu fiz para o Nik. O que a família de Anna teria feito por ela, foram eles que tiveram a chance. — Mas a família dela não a deixará ir tão facilmente. — Eles vão implorar por uma maneira de salvá-la.

Quando volto do meu lar com um coral mortal, Anna entende. — Torne afiado. O sangue deve cair em seus pés, se ela vai usá-lo em tudo.

E assim, eu preparo a faca. Porque embora a magia possa moldar a vida e a morte, o amor é a única coisa que não se pode controlar.